

**PATERNIDADE NO CONTEXTO DA SEPARAÇÃO CONJUGAL:
REPRESENTAÇÕES E SENTIMENTOS DE PAIS DE CRIANÇAS PRÉ-
ESCOLARES**

Carolina Milner Druck

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia
Sob orientação do
Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Julho, 2019

AGRADECIMENTOS

Traduzir em palavras os aprendizados e os sentimentos que vivenciei durante esta longa trajetória não é uma tarefa fácil. A construção deste estudo se deu a partir de importantes experiências pessoais e profissionais que me constituíram na profissional que sou hoje. O encontro com diferentes pessoas durante este percurso, foram essenciais para a construção desta história. Por isso, quero poder transmitir minha enorme gratidão a cada uma delas.

Agradeço ao meu orientador, Cesar Augusto Piccinini, pela forma generosa e cuidadosa como me recebeu, desde o início. Foi uma honra e um prazer ter escutado teus ensinamentos e orientações nas diversas etapas deste estudo. Tua forma afetiva, criteriosa, ética, humilde e interessada de ensinar são um exemplo para mim e ficarão para sempre na minha memória.

Às professoras da minha banca examinadora, Milena na Rosa Silva, Rita de Cássia Sobreira Lopes e Vera Regina Röhnelt Ramires. Obrigada pelo olhar cuidadoso e pelas valiosas contribuições para o aprimoramento deste estudo e de minha trajetória. Em especial, à relatora deste trabalho, Rita, por teres me recebido de forma tão afetiva e pelos aprendizados que tive contigo ao longo desta trajetória, contribuindo para meu desejo de continuar estudando, enriquecendo meu crescimento profissional.

Agradeço aos colegas do Núcleo de Infância e Família (NUDIF/UFRGS) por me servirem de inspiração, pelas trocas e aprendizados e pelo apoio ao longo dos dois anos do Mestrado.

Aos colegas do Mestrado por tornar esta experiência ainda mais gratificante pelas trocas afetivas que tivemos, pelo companheirismo e pelos aprendizados pessoais e profissionais que tive com vocês ao longo do Mestrado, das quais vou sentir saudades.

Agradeço imensamente aos pais participantes deste estudo por sua disponibilidade em compartilhar suas experiências comigo e pela confiança que tiveram em mim. Sem eles, esta dissertação não seria possível. Obrigada por terem me ensinado tanto a partir de suas vivências.

À todos os meus amigos que foram fundamentais nesta trajetória. Em especial para Marcela e Marina por acreditarem na minha capacidade, por não me deixarem abater pelas dificuldades e por torcerem sempre por mim. Também pelos momentos de lazer, risadas e trocas de experiências que permitiram que esta experiência se tornasse mais leve para mim.

Ao meu namorado Alonso por teres sido meu companheiro, acreditado na minha capacidade e me incentivado nos momentos mais difíceis. Te agradeço por teres me dado conforto, amor, carinho e apoio. As experiências ao teu lado são sempre mais gratificantes e bonitas.

À minha família, em especial, minha *abuela* Ella Moskovics de Milner (*in memorian*), por continuar presente em minha memória como exemplo de mulher guerreira, por teres me dado os meus primeiros livros e pelo teu colo e amor, que sempre sentirei saudades.

À minha mãe, Jenny Milner Moskovics, por serem minha maior representação de força, garra, determinação e afeto. Obrigada por estar sempre ao meu lado, ter acreditado em mim e a ter me fornecido tudo o que eu precisava. Tenho a honra e o orgulho de dizer que sou tua filha e de compartilharmos da mesma profissão. Tu é o meu maior exemplo, na qual sempre me espelho.

À meu pai, Paulo Druck, por seres minha inspiração para este estudo. As experiências que tive como tua filha, moldaram a pessoa e a profissional que sou hoje. A escuta sensível e disponível que tive para os pais participantes deste estudo só foram possíveis a partir do meu entendimento sobre as experiências que tivemos juntos. Por isso, te agradeço.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
CAPÍTULO I	9
INTRODUÇÃO	9
1.1 Apresentação	9
1.2 Aspectos históricos da paternidade	11
1.3 A experiência da paternidade	14
1.4 Separação conjugal e paternidade	27
1.5 Justificativa e objetivos	34
CAPÍTULO II	37
MÉTODO	37
2.1 Participantes	37
2.2 Delineamento e procedimentos	37
2.3 Instrumentos	38
2.4 Considerações éticas	39
CAPÍTULO III	40
RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
3.1 Caso 1: Roberto	43
Experiência da paternidade antes da separação conjugal	43
Experiência da paternidade após a separação conjugal	49
Entendimento dinâmico do Caso Roberto	59
3.2 Caso 2: Fernando	71
Experiência da paternidade antes da separação conjugal	71
Experiência da paternidade após a separação conjugal	80
Entendimento dinâmico do Caso Fernando	104
3.3 Caso 3: Leonardo	115
Experiência da paternidade antes da separação conjugal	115
Experiência da paternidade após a separação conjugal	127
Entendimento dinâmico do Caso Leonardo	144
DISCUSSÃO GERAL	159

Considerações finais	186
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	198
ANEXO B - Ficha de Dados Demográficos	199
ANEXO C - Entrevista sobre a paternidade no contexto da separação conjugal	200
ANEXO D - Entrevista sobre a história da família no contexto da separação conjugal	202

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Características sociodemográficas dos pais, características dos filhos e dados da separação conjugal	37
--	----

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo investigar a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, em particular as representações e sentimentos de pais de crianças pré-escolares sobre a paternidade. Participaram do estudo três pais primários, com idades entre 33 e 40 anos, com ensino superior completo, com filhos únicos (dois meninos e uma menina), com idades entre 3 e 6 anos. Todos os pais estavam há, pelo menos, um ano e meio separados das mães de seus filhos. Antes da separação, os filhos residiram com seus pais por, pelo menos, 1 ano. Foi utilizado um delineamento de estudo de caso múltiplo, de caráter transversal. Os pais responderam à entrevistas estruturadas realizadas de forma semidirigida. Os relatos dos participantes foram apresentados em forma de relato clínico, com base na teoria psicanalítica, utilizando-se eixos teóricos interpretativos. Os resultados revelaram que, mesmo apresentando distância emocional com os filhos antes da separação conjugal, tendo relações conflituosas e dificuldades no contato com as ex-esposas após a separação, os pais conseguiram estabelecer uma boa relação com os filhos, apesar de ainda apresentarem sentimento de frustração e descontentamento com alguns aspectos da paternidade. Os fatores que dificultaram a experiência envolveram a desorganização psíquica dos pais, com sua libido mais ligada a seus objetos internos e ao vínculo com a família de origem, do que à construção de um narcisismo parental. A dificuldade de diferenciação entre os conflitos conjugais e a parentalidade, a desvalorização social dos pais como cuidadores, o tempo reduzido das visitas e as representações negativas sobre suas ex-esposas como mães, também foram aspectos dificultadores da experiência paterna. Os fatores que facilitaram a experiência dos pais envolveram o seu afastamento dos conflitos conjugais e a entrada dos filhos na fase pré-escolar e edípica, em que as trocas afetivas e as novas formas de interação permitiram que eles se tornassem referências de cuidado para os filhos, assim como as mães. Além disso, a aproximação com seus genitores e a resignificação das relações estabelecidas na infância, assim como a busca dos pais por novas referências sobre a paternidade, através do grupo de amigos, do atendimento psicoterápico e das redes sociais também facilitaram a experiência dos pais participantes e a construção de novas representações sobre a paternidade. Os resultados trazem contribuições importantes para os profissionais que atendem pais vivenciando a separação conjugal com filhos pequenos e para a construção de intervenções voltadas à estes pais.

Palavras-chave: Paternidade, separação conjugal, relação pai-criança.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the experience of paternity in the context of conjugal separation, in particular the representations and feelings of parents of preschool children about paternity. The study included three primiparous parents, aged 33-40 years, with full tertiary education, with only children (two boys and one girl), aged between 3 and 6 years. All the parents were at least a year and a half separated from the mothers of their children. Before the separation, the children lived with their parents for at least 1 year. A cross-sectional, multiple case study design was used. The parents responded to semi-structured structured interviews. The reports of the participants were presented in the form of a clinical report, based on psychoanalytic theory, using interpretive theoretical axes. The results revealed that, even though they had emotional distances with their children prior to marital separation, having conflicting relationships and difficulties in contact with ex-wives after separation, the parents managed to establish a good relationship with their children, although they still had feelings of frustration and dissatisfaction with some aspects of parenting. The factors that hindered the experience involved the psychic disorganization of the parents, with their libido more linked to their internal objects and the bond with the family of origin, than to the construction of a parental narcissism. The difficulty of differentiating between the conjugated sets and parenting, the social devaluation of the caregivers, the reduced time of visits and the negative representations about their ex-wives as mothers were also observed in the difficulty of the paternal experience. The factors that facilitate the experience of the parents involve their separation from conjugal conflicts and the entrance of the children in the preschool and oedipal stages, in which affective exchanges and new forms of interaction allow them to become references of care for their children, as well as mothers. In addition, the approach to the parents and the renunciation of relationships in childhood, as well as the search for new paternities about paternity through the group of friends, psychotherapeutic care and social networks is also an experience of the participating parents and the construction of new representations on paternity. The results were important for the professionals who lived the experience of a conjugal session with small children and for the construction of disciplines for these parents.

Key words: Paternity, marital separation, father-child relationship.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

A elaboração desta dissertação e a escolha pela temática da paternidade e da separação conjugal teve início a partir da minha aproximação com crianças pré-escolares durante a graduação em Psicologia e a especialização em Psicoterapia Psicanalítica da Infância. Minha vivência de atendimento com crianças nesta fase do desenvolvimento e de suas famílias, nos contextos clínico e escolar, escutando-as e estabelecendo uma aliança terapêutica com elas trouxeram-me diversas indagações. Neste percurso, uma das maiores dificuldades encontradas foi a aproximação dos pais¹ a estes espaços da criança. Especialmente, nos casos em que tinha ocorrido uma separação conjugal do casal parental, observava que estas dificuldades, em diversos casos, eram particularmente intensas para alguns pais. Desta forma, a busca por apurar minha escuta e compreender melhor as vivências e as dificuldades pelas quais passavam estes pais me levou a escolher este tema para minha dissertação de mestrado. Além disso, meu interesse pela compreensão de questões tão atuais como as novas concepções de gênero e de parentalidade me fizeram mergulhar na temática escolhida.

Nas últimas décadas, as mudanças sociais ocorridas no estabelecimento de funções e papéis parentais e de gênero, e as reconfigurações familiares trouxeram à tona a discussão sobre o papel do pai no desenvolvimento emocional infantil. O pai tornou-se cada vez mais presente nos cuidados e na criação dos filhos, deixando de exercer apenas o tradicional lugar de provedor do lar, particularmente nas sociedades ocidentais. Entretanto, ainda percebem-se dificuldades por parte da família, das mães e dos próprios homens sobre qual seria o espaço ocupado pelo pai e qual seria sua participação efetiva na família contemporânea. O processo de subjetivação deste homem neste novo papel e funções torna-se um desafio que merece ser investigado e compreendido.

Em particular, as modificações nas configurações familiares que envolvem separações conjugais trouxeram uma nova mudança que é a experiência da paternidade na ausência de uma relação conjugal com a mãe de seus filhos. Desta forma, tem havido um aumento expressivo de pais que não residem com seus filhos e que tendem a apresentar dificuldades no estabelecimento de relacionamentos com eles. Assim, é importante que se investigue e reflita sobre o pai e sua experiência em relação à paternidade nesse contexto.

¹ No presente estudo, o termo “pais” será empregado apenas para se referir ao genitor masculino, já os termos “pai(s) e mãe(s)” e “genitores” serão utilizados para se referir a ambos.

Sem minimizar a participação do pai desde a gestação e nascimento do filho, durante a idade pré-escolar, a paternidade torna-se ainda mais relevante, já que o contato com o pai tem um grande impacto no desenvolvimento emocional infantil nesta fase crucial da vida da criança e apresenta desafios e peculiaridade que merecem ser compreendidos. Neste contexto, é importante que se compreenda que sobre este sujeito pai, incidem diferentes processos intergeracionais, intrapsíquicos, intersubjetivos, bem como o contexto sociocultural no qual ele se insere e sua história familiar.

Desta forma, o presente estudo buscou investigar, através de uma abordagem qualitativa, a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, em particular as representações e sentimentos de pais de crianças pré-escolares sobre a paternidade. Inicialmente, será examinada a literatura existente sobre os aspectos históricos da paternidade e, em um segundo momento, a experiência da paternidade. Em seguida será abordada a paternidade no contexto da separação conjugal e a experiência de ser pai.

1.2 Aspectos históricos da paternidade

O lugar e as funções do pai no desenvolvimento infantil são temas que têm sido abordados cada vez mais pela Psicologia, principalmente nas últimas décadas (Bueno & Vieira, 2014; Oliveira & Silva, 2011; Vieira et al., 2014). A presença constante da mãe como a principal responsável pelos cuidados dos filhos esteve, implicitamente, associada à ideia de que a relação pai e filho teria um impacto menor no desenvolvimento da criança do que a relação mãe e filho (Cabrera et al., 2000; Ramires, 1997). Desta forma, torna-se importante compreender as modificações no conceito de paternidade e a sua construção até os dias atuais.

A evolução histórica da paternidade se deu, inicialmente, pela descoberta do papel do pai na procriação, sendo isto responsável por uma revolução social que trouxe modificações profundas na humanidade (Dupuis, 1989). O reconhecimento de uma relação entre o ato sexual e a procriação trouxe aos seres humanos a consciência da paternidade, modificando a estrutura das famílias. Segundo Dupuis (1989), estas passam a se estabelecer em um modelo patriarcal, consequência principalmente do desencadeamento das guerras. Os homens, passam a assumir o lugar de líderes e guerreiros e as mulheres o lugar de cuidadoras dos filhos.

Assim, segundo Lamb (2010), até o início do século XIX, nas sociedades ocidentais, a família se constituía como fundamental para o funcionamento do sistema social e o pai era aquele que determinava as regras, sem espaço para. Entretanto, como o chefe de família, a função do pai não se definia como educativa, mas ficava incumbido do papel de sustento da família, de treinamento para o trabalho e de disciplina dos filhos, não cabendo a ele a tarefa de cuidado dos infantes. Para Lamb (2010), neste período, havia a crença de que um pai excessivamente afetivo levaria a uma indulgência paterna e corromperia o caráter da criança. Nesta perspectiva, um dos resultados mais marcantes da constituição das sociedades patriarcais foi o rebaixamento social da mulher pela tomada do homem da organização familiar e da sociedade (Dupuis, 1989). Assim, a participação do homem na criação dos filhos passa a ser apenas o de exercer um papel de autoridade, enquanto que as mulheres tornam-se as principais responsáveis pela criação das crianças (Roudinesco, 2003).

Porém, a partir dos anos 60 e 70, do século XX, ocorreram importantes mudanças sociais, principalmente com os movimentos feministas, e as subseqüentes exigências de novas definições de papéis sexuais, além do aumento do número de divórcios (Cabrera et al., 2000; Dessen, 2010; Wallerstein & Kelly, 1998). Desta forma, o contexto em que as crianças se desenvolviam sofreu importantes alterações (Cabrera et al., 2000; Dessen, 2010). Nesta nova realidade, o papel reduzido do pai no desenvolvimento infantil e seu lugar como apenas provedor do sustento econômico passou a não fazer mais sentido (Parke, 1996, Roudinesco, 2003). O pai, antes chamado de “chefe da família”, passa a ter que dividir com a mãe o cuidado e o poder sobre os filhos (Roudinesco, 2003).

Consequentemente, a percepção da sociedade sobre a paternidade, dos filhos sobre o pai e dos pais sobre si mesmos se modificou (Lamb, 2010; Dallos & Noke, 2011).

Neste sentido, pode-se dizer que a parentalidade e, em particular, a paternidade está em constante redefinição, já que acompanha as mudanças sociais, tecnológicas e ideológicas ocorridas nas sociedades. Sendo assim, novas formas de paternidade passam a coexistir com o pai tradicional, normalmente, menos envolvido nos cuidados dos filhos. Muitos pais passam a ser mais participativos na vida das crianças, dividindo esta tarefa com as mães (Eggbeen & Knoester, 2001). Entretanto, no Brasil, até 2013, existiam 5,5 milhões de crianças sem o nome do pai em seu registro de nascimento, sendo necessária a criação do programa Pai Presente para fomentar o reconhecimento da paternidade no país (CNJ, 2015). Desta forma, é importante destacar o fato de que estas modificações ocorreram, principalmente, em sociedades ocidentais mais desenvolvidas e com um nível de escolaridade mais elevado, não sendo caracterizada da mesma forma em outros contextos sociais (Guzzo, 2011). Além disso, apesar das mudanças ocorridas na dinâmica e na estrutura das famílias, com implicações no desempenho dos papéis parentais (Cúnico & Arpini, 2013), isto nem sempre tem sido absorvido pelas normas, leis e políticas sociais atuais.

Um exemplo disso é a diferença estabelecida entre as licenças maternidade e paternidade, existente no Brasil. Atualmente, após o nascimento do filho, a mãe tem o direito a 120 dias de licença, extensíveis por mais 60 dias, enquanto que ao pai, são concedidos somente cinco dias, extensíveis por 15 dias. A extensão dos dias das licenças maternidade e paternidade foi possível a partir do Programa Empresa Cidadã, instituído em 2016, pelo governo federal (Lei nº 13.257/2016). Porém, as empresas não são obrigadas a aderir ao programa, sendo que as que aderem recebem uma dedução fiscal em seu imposto de renda.

A partir da diferença existente entre os dias de licença concedidos à pais e mães, Arpini et al. (2015) questionam se as possibilidades dadas aos homens estão de acordo com as responsabilidades inerentes ao exercício da paternidade ativa e o quanto isto não reforça a ideia de que apenas a mãe é responsável pelos cuidados iniciais dos filhos. Desta forma, mesmo após as transformações ocorridas nas últimas décadas, nas famílias e na sociedade, muitos homens continuam a desempenhar um papel secundário em relação aos cuidados dos filhos e às tarefas domésticas (Arpini et al., 2015; Pereira, Prola & Silva, 2015).

Além disso, é importante ressaltar que a paternidade corresponde a uma posição e uma função construídas socialmente. Sendo assim, mais do que os aspectos biológicos, o pai deve ser compreendido desde um contexto sócio-histórico e cultural (Pereira, Prola & Silva, 2015). Desse modo, a forma como a paternidade se delineia poderá ser experimentada de diferentes jeitos, dependendo da cultura, da etnia e das crenças daquela sociedade em um determinado momento da história. Atualmente, coexistem em uma mesma sociedade diferentes arranjos familiares juntamente com o modelo tradicional, como das família recompostas, monoparentais, homoparentais e com

nascimentos por reprodução assistida. Nesta perspectiva, Ceccarelli (2007) destaca que o papel paterno irá responder muito mais a uma história individual do que a funções pré-estabelecidas e poderá ter significados diferentes ao longo de seu ciclo vital.

Nesse sentido, vários estudos sobre paternidade foram sendo desenvolvidos. Inicialmente, buscando-se adaptar conceitos de estudo sobre a maternidade, por haver uma escassez teórica sobre o tema da paternidade. Entretanto, nem sempre é possível usar conceitos da maternidade no estudo da paternidade, sendo necessário se buscar conceitos específicos sobre o pai (Coutinho & Morsch, 2006). Entre os objetivos destes estudos destacam-se a busca por compreender as mudanças relativas à paternidade e seus efeitos sobre a relação pai e filho, através da observação e descrição do comportamento dos pais e das crianças (Parke, 1996; Lamb, 2010). Porém, Bueno, Gomes e Crepaldi (2015) ressaltam que, apesar do aumento do número de publicações sobre a paternidade e o desenvolvimento infantil, poucos estudos privilegiam as percepções e o discurso do pai sobre seu papel e o lugar que ocupa em relação aos filhos.

Um destes poucos estudos foi realizado por Houzel (2004), a partir da década de 80. Segundo o autor, as funções e os papéis maternos e paternos deveriam ser reagrupados sob a denominação de parentalidade. Este conceito compreende, além das funções, os aspectos subjetivos do processo de tornar-se pai e mãe. Desta forma, de acordo com Houzel (2004), na transição para a parentalidade, o pai não pode se caracterizar apenas como um genitor nem pode ser designado como pai, mas sim, deve tornar-se pai na completude deste papel, sendo que o lugar do filho só poderá ser conferido a partir da subjetividade parental. Durante esse processo, o pai e a mãe buscam alcançar as condições para dar conta desta tarefa, o que envolve complexos aspectos conscientes e inconscientes do funcionamento mental.

A parentalidade, segundo Solis-Ponton (2004), pode ser definida como o estudo dos vínculos de parentesco e dos processos psicológicos que se desenvolvem a partir das relações familiares. Este processo está calcado em um modelo de assimetria e complexidade da relação entre os genitores e filhos, que se constitui ao longo do tempo. Na medida em que esta noção é interiorizada pelos membros da família, este modelo torna-se para os sujeitos referência organizadora das representações de mundo, de si mesmo e do ambiente. Desta forma, a parentalidade tem o papel de organizar os sentimentos e pensamentos dos genitores diante de si e de seus filhos e de ordenar os sentimentos e pensamentos dos filhos sobre as diferenças de papéis entre eles e seus genitores. Este conceito corrobora com a ideia de rompimento de um modelo familiar tradicional, pautado apenas pelo vínculo biológico entre genitores e filhos, ao priorizar o processo de construção psíquica deste vínculo.

Os estudos de Houzel (2004) sobre parentalidade, realizados sob os auspícios do Ministério do Trabalho e da Solidariedade francês, tiveram o objetivo de compreender as consequências de rupturas dos laços entre pais e filhos. Desta forma, foram estabelecidos três eixos da parentalidade: o exercício da parentalidade, a prática da parentalidade e a experiência da parentalidade. O exercício da

parentalidade se refere ao direito, próximo ao sentido jurídico, de ser pai e ser mãe. Este eixo organiza a parentalidade, designando os indivíduos nos seus laços de parentesco, assim como em seus direitos e deveres dentro da estrutura familiar. Desta forma, o exercício diz respeito aos interditos que organizam o funcionamento psíquico humano. Este eixo está em constante transformação, já que sofre impacto dos diferentes costumes e configurações da parentalidade contemporânea. O segundo eixo, chamado de prática da parentalidade se refere aos cuidados parentais praticados pelos pais e mães em seu cotidiano na relação com seus filhos. Estas práticas não se restringem somente aos cuidados físicos, englobando também as interações comportamentais e afetivas. Finalmente, a experiência da parentalidade se refere à experiência do que é vir a ser pai, dividindo-se entre o desejo do pai pela criança e o processo de parentificação propriamente dito. Os eixos da parentalidade estabelecidos por Houzel (2004) são uma contribuição importante para se compreender as dimensões do conceito de paternidade. Tendo em vista o foco do presente estudo, que é a experiência da paternidade, este eixo será discutido em mais detalhes, a seguir.

1.3 A experiência da paternidade

Um dos eixos da parentalidade, a chamada experiência da paternidade, proposto por Houzel (2004), se refere à experiência subjetiva do que é vir a ser pai e preencher os papéis parentais. Esta dimensão serviu como ponto norteador no presente trabalho, considerando também outros estudos sobre a paternidade, particularmente de orientação psicanalítica. A experiência da paternidade é um processo que ocorre por meio da transição para a parentalidade, envolvendo processos tanto conscientes quanto inconscientes de funcionamento mental. Segundo Houzel (2004), essa experiência abrange inúmeros aspectos, em especial, o desejo pela criança e o processo de transição em direção à parentalidade ou parentificação.

Para Freud (1914/2004), o desejo pela criança pressupõe a ideia de que a maturidade psíquica dos genitores implicaria no anseio pela transmissão da vida recebida, como parte de um desejo inconsciente de imortalidade. Assim, o amor parental pelos filhos seria a revivência de seu próprio narcisismo inicial que renasce em forma de amor objetal. Desta forma, para Freud (1914/2004), os indivíduos levam uma dupla existência, como sujeitos e como membros de uma cadeia geracional.

O superego parental é transmitido de geração em geração, através das lembranças sobre os cuidados parentais, as interdições e as obrigações, permitindo o desenvolvimento de uma subjetividade no bebê (Kaës, 2014; Solis-Ponton, 2004). Entretanto, o filho, ao ser fruto do desejo de seus pais, passa a correr o risco de ficar aprisionado aos ideais narcísicos deles, e a relação de objeto presente neste vínculo inicial pode se constituir pautada por este narcisismo. Desta forma, o sujeito estará sempre sendo confrontado a apropriar-se e a reconhecer-se em seu lugar, como pai, filho, irmão (Kaës, 2014). Assim, pode-se dizer que a parentalidade é a decorrência de duas histórias, do encontro

de dois desejos, materno e paterno, que possibilitam o surgimento de um terceiro desejo, a criança (Szejer, 2002).

Entretanto, atualmente, entende-se que a parentalidade nem sempre é a principal finalidade da estrutura familiar, sendo que tornar-se mãe ou pai, na verdade, depende do desejo subjetivo e da história de cada sujeito (Zornig, 2010). Além disso, segundo Szejer e Stewart (1997), para alguns homens que tem filhos, a paternidade faz parte de um plano de vida, enquanto que para outros, não há um desejo consciente de ter um filho, já que não conseguiram atingir a maturidade psíquica citada por Freud (1914/2004). No entanto é fundamental para a vida do filho que seu nascimento tenha sido desejado, já que a sensação de ser filho do pai é necessária para o desenvolvimento do indivíduo (Aberastury & Salas, 1984).

O desejo de ter um filho consiste na projeção imaginativa do futuro da criança, enquanto o projeto de ser pai consiste na forma como o homem se vê como pai no futuro. (Szejer e Stewart, 1997). Assim, a forma como cada homem se projeta como pai está diretamente relacionada aos seus modelos parentais, tanto positivos quanto negativos. Entretanto, quando há um desejo dos pais em exercer sua paternidade de forma diferente de seus genitores, pode surgir o medo de repetir esta mesma vivência com seus filhos. Neste sentido, a busca por tratamento psicológico com o objetivo de compreender este desejo de paternidade pode ser uma saída para muitos homens, enquanto outros preferem evitar totalmente esta vivência (Szejer e Stewart, 1997).

Desde a infância, o filho percebe a realidade interna do pai, da mãe e de seus sentimentos frente a ele (Cramer & Palasio-Espasa, 1993). As experiências vividas pela criança com os pais e com o mundo externo são determinantes para sua forma de desejar, de se subjetivar e de receber seu próprio filho no futuro. Sendo assim, para Cramer e Palasio-Espasa (1993) o pai necessita reorganizar seus investimentos narcísicos e libidinais, a partir da inclusão do bebê em sua organização psíquica, depositando-os na criança. Diferente de antes da paternidade, quando sua libido se ligava a seus objetos internos e do vínculo com sua família de origem.

Assim, o desejo de ter um filho reatualiza as fantasias da infância e do cuidado parental que os pais experienciaram (Zornig, 2010; Cherer, 2014). Logo, o lugar simbólico em que o bebê é colocado pelos pais está associado à sua própria história de perdas, sofrimentos e vivências (Fraiberg, Adelson & Shapiro, 1994). Além disso, as expectativas que o casal tem sobre o bebê e a interação que estabelecem com ele começam desde a gestação (Brazelton & Cramer, 1992). O desejo de ser pai ou ser mãe, portanto, pode surgir precocemente tanto nas mulheres como nos homens (Lebovici, 1987).

Desta forma, pode-se dizer que o processo de parentificação inicia muito antes do nascimento do filho, já que a história individual de cada um dos pais influencia a qualidade de sua parentalidade (Oliveira & Farias, 2015). Nesse sentido, as identificações primárias com as figuras parentais são o alicerce para o exercício da paternidade, já que influenciam a forma com que as interações irão ocorrer entre o pai e o bebê, favorecendo a construção de uma relação afetiva ou dificultando este processo.

Assim, as fantasias, os medos e as expectativas paternas são importantes para a formação do vínculo entre pai e filho (Oliveira & Farias, 2015; Stern, 1997).

A importância dos aspectos identificatórios e representacionais dos genitores na transição para a parentalidade foram destacados por Stern (1997), podendo funcionar como um complemento ao conceito de Houzel (2004) sobre a experiência da paternidade. Apesar destas representações parentais terem sido descritas pelo autor (Stern, 1997) na perspectiva materna, ele salienta que existe um paralelo entre os mundos representacionais de pais e mães. Desta forma, no presente estudo, este conceito será compreendido pela perspectiva paterna, assim como realizado em pesquisas anteriores (Medeiros, 2012; Henn, 2011; Silva, 2007).

Os “*novos pais*” destacados por Stern (1997), que acreditam, buscam e obtêm a igualdade nos cuidados dos filhos na relação com suas companheiras, se diferenciam dos “*pais tradicionais*”, que não buscam nem vivenciam esta mesma igualdade. Ambos os pais podem dar o apoio prático que sustenta a díade mãe-bebê. No entanto, os “*novos pais*”, também participam de todas as tarefas de cuidados junto com a mãe.

Mesmo assim, apesar de serem bastante similares, existem duas diferenças na experiência de pais e mães que Stern (1997) destaca, especialmente, nos casos em que a mãe exerce a função de cuidadora primária durante o primeiro ano de vida do bebê. Primeiramente, nos homens, as mudanças em seu mundo representacional, após o nascimento do filho, podem ocorrer durante um período maior de tempo do que nas mulheres, podendo estender-se até os primeiros anos de vida do filho. Este “atraso” do pai, em alguns casos, pode levar à uma falta de sincronia entre o casal parental, podendo acarretar em conflitos conjugais.

A segunda diferença está no papel apoiador que o pai precisa desempenhar, fazendo parte da matriz de apoio da mãe, ao auxiliar na sustentação e na estruturação da díade mãe-bebê, durante o primeiro ano de vida. Esta função envolve um conjunto diferenciado de representações, oriundas de seu passado individual e familiar, bem como aspectos culturais que dizem respeito à sua paternidade (Stern, 1997). No entanto, ao fazer parte da matriz de apoio, o pai não consegue dar conta de toda a sustentação da díade, já que não pode funcionar como um modelo para a mãe, dando-lhe informações e técnicas de cuidados, por ser tão inexperiente quanto ela. Desta forma, o pai torna-se inadequado para este aspecto da matriz de apoio. Segundo Stern (1997), este papel costuma ser desempenhado pela mãe da mãe ou por outras figuras femininas, mais próximas da experiência que a mãe está vivendo, que podem validar e apreciar o seu papel como cuidadora.

Apesar da participação equilibrada dos “*novos pais*” nos cuidados com os filhos, muitas mães tem dificuldades em abrir mão do relacionamento especial com o bebê, deixando o pai com um número menor de tarefas e funções. Quando isto ocorre, alguns pais sentem-se pouco gratificados, ao serem colocados no mesmo lugar dos “*pais tradicionais*”, ao ficarem apenas com a função de apoio da mãe, podendo acarretar em conflitos entre o casal. Outro complicador, em relação à matriz de apoio da mãe,

ocorre quando a família ampliada não encontra-se disponível ao casal, fazendo com que o pai fique com toda a responsabilidade de encorajar, instruir, apoiar e validar a experiência da mãe. Desta forma, o pai pode tornar-se um substituto materno falho, trazendo sofrimento à família como um todo (Stern, 1997).

Assim, ao reorganizar sua identidade, o pai precisará alterar seus investimentos emocionais, além de seu tempo, sua energia e sua rotina. As representações parentais são baseadas em experiências interativas, de “estar com” outra pessoa, que podem envolver tanto fantasias quanto eventos reais e se formam de dentro para fora, a partir do que ocorre no *self* parental. Estas interações subjetivas foram chamadas por Stern (1997) de “esquemas-de-estar-com”, sendo divididas em: *esquemas sobre o bebê*, *esquemas sobre si mesmo*, *esquemas sobre a esposa* e *esquemas sobre seus próprios genitores*.

Os *esquemas do pai sobre o bebê* dizem respeito às representações do pai sobre o filho, como seu filho, como filho de sua companheira, como irmão de seus outros filhos e como neto de seus próprios pais. Nestas representações estão incluídas as previsões do pai sobre o bebê como pessoa, tendo uma personalidade ou caráter, incluindo sua história pré-natal até as fases posteriores de seu desenvolvimento. Estes esquemas baseiam-se nas interações que o pai tem com o bebê. Ao longo do crescimento da criança, as representações do pai sobre ela também vão se desenvolvendo em sua mente, influenciadas por fatores sociais, psíquicos e biológicos (Stern, 1997).

Durante a gestação os pais também podem desenvolver um bom envolvimento emocional com seus filhos (Bornholdt, Wagner, & Staudt, 2007), vivenciando a gravidez em conjunto com a mãe (Parke, 1996). Pode-se dizer que a gestação afeta a família como um todo (Martini, Piccinini & Gonçalves, 2010), no entanto, o pai irá se relacionar com o bebê durante este período de forma diferente da mãe (Piccinini, et al. 2009). Assim, para muitos pais este período pode ser permeado por um amadurecimento da ideia de paternidade, tendo fantasias e idealizações sobre si mesmo como pai e sobre a criança (Krob, Piccinini & Silva, 2009). Entretanto, segundo Brazelton (1988), alguns pais podem ter dificuldades de imaginar e de se preparar para a chegada do bebê real, por não contarem com a mesma realidade concreta que as mães, que sentem os movimentos e o crescimento do bebê em seu ventre.

Em estudo realizado por Krob, Piccinini & Silva (2009), foi observado que, nos primeiros meses de vida do bebê, muitos pais experimentam sentimentos ambivalentes sobre a experiência da paternidade. Alguns pais tem sentimentos positivos e de satisfação, enquanto outros percebem a nova realidade do casal e a convivência com o bebê com desagrado. Assim, um período de adaptação mostra-se necessário para aprender sobre o bebê, já que após o nascimento, alguns pais chegam a conclusão de que o que imaginavam durante a gestação não ocorre da mesma forma que na realidade. Para Dallos e Noke (2011), tornar-se pai implica em ter o bebê como prioridade em detrimento de seus próprios interesses. Assim, para alguns homens esta mudança de prioridades pode ser sentida como frustrante (Premberg, Hellström & Berg, 2008).

Ao longo do desenvolvimento da criança, que adquire novas capacidades e necessidades, a paternidade também sofre modificações (Palkovitz & Palm, 2009). A menor dependência do bebê em relação à mãe torna a maternidade e a paternidade mais igualitárias, aumentando a participação do pai na criação dos filhos (Shirani & Henwood, 2011). Pode-se dizer também que a criança participa ativamente da construção da paternidade (Moro, 2005) e que o estatuto de filho só se constitui a partir da subjetividade do pai, influenciando as interações pai-bebê (Iaconelli, 2007). Desta forma, o pai necessita encontrar uma forma de comunicar-se com o filho e realizar sua paternidade de acordo com as necessidades desta criança singular, em cada etapa de sua vida (Aberastury & Sallas, 1984).

Os *esquemas do pai sobre si mesmo* consistem na reorganização psíquica do pai sobre os diferentes papéis que ele desempenha, como marido, como pai, como filho, como profissional e quanto ao seu lugar na sua família de origem e na sociedade. Desta forma, a identidade do pai passa por modificações, fazendo com que ele precise reavaliar suas prioridades. Estas mudanças vão sendo trabalhadas constantemente em sua mente, a partir das diferentes realidades da vida cotidiana com a criança, ao longo de seu desenvolvimento. Neste sentido, também os papéis primários, na relação com seus objetos originais, também passam por reavaliações, que podem desestabilizar o pai, já que, ao mesmo tempo, ele necessita colocar os interesses da criança antes dos seus (Stern, 1997).

Durante o processo de parentificação, o pai pode mudar o modo como pensa sobre si mesmo, podendo ajudar a reavaliar valores e a estabelecer prioridades (Parke, 1996). Para alguns homens essas mudanças são sentidas como uma grande reviravolta e para outros como uma transição suave. Segundo Bradley, Mackenzie e Boath (2004), alguns dos fatores que podem determinar esta transição seriam: a preparação do pai antes do nascimento, as expectativas criadas em relação ao filho, o propósito de vida do pai, além das características comportamentais do bebê. Lidar com estas questões durante o pré-natal, envolvendo o homem durante todas as etapas da gravidez, pode ter um impacto positivo no suporte entre o casal.

Em revisão de literatura com estudos sobre pais de crianças, do nascimento até o primeiro ano de vida, realizados nos últimos vinte anos, Genesoni e Tallandini (2009) concluíram que as mudanças psíquicas decorrentes da paternidade são essencialmente as mudanças de autoimagem, a transformação da relação de casal em uma relação triádica, com a inserção do bebê, e as modificações no ambiente social. Assim, segundo Fägerskiöld (2008), as responsabilidades adquiridas ao tornar-se pai implicam em diversas mudanças na vida do homem e em sua auto-imagem, valores e prioridades.

Após o nascimento do bebê os novos pais costumam sentir um aumento em sua autoestima e maturidade, descrevendo-se orgulhosos ao verem o bebê após o parto (Greenberg & Morris, 1974). O pai libera uma intensa energia psíquica provocada pelo nascimento do filho ao sentir o prazer de ter se tornado pai e de ter sido capaz de produzir um bebê (Lebovici, 1987). Além disso, no processo de tornar-se pai, principalmente nos pais primíparos, ocorre um remanejamento psíquico que possui características diferentes das paternidades subsequentes (Parseval, 1986). Desta forma, para Parke

(1996), tornar-se pai é um processo gradual de ocupar uma nova identidade e papel dentro da família. Este processo causa mudanças profundas no homem, tendo repercussões em todos os outros aspectos da vida do sujeito (MacAdam, Huuva, & Berterö, 2011). Segundo Darchis (2000), durante esta jornada o homem confronta-se com sua própria história, ressignificando seu passado e a forma como se constituiu ao longo do tempo.

Segundo Halle et al. (2008), a transição para a paternidade pode ser considerada como o período mais estressante da vida de um homem. Entretanto, segundo Houzel (2004), a compreensão das modificações psíquicas decorrentes deste processo ainda precisam ser mais investigadas. Apenas recentemente começaram a ser realizadas pesquisas que examinam o sofrimento psíquico que os homens podem experimentar com o nascimento dos filhos (Dallos & Nokes, 2011). Durante o processo de parentificação, alguns homens podem apresentar, inclusive, distúrbios psicopatológicos, decorrentes do estresse experimentado (Houzel, 2004). Uma destas alterações psíquicas é a chamada Síndrome de *Couvage*, em que os pais apresentam sintomas físicos e emocionais associados à paternidade (Martini, Piccinini & Gonçalves, 2010).

O estresse, o cansaço e a ansiedade podem permear a experiência do pai pelas exigências da paternidade na criação dos filhos, em relação ao tempo dispendido, não tendo a mesma disponibilidade de antes para as atividades pessoais (Bradley, Mackenzie & Boath, 2004). Ao mesmo tempo, as horas de trabalho podem aumentar, já que os ganhos financeiros tornam-se uma preocupação nesta nova fase (Biggart & O'Brien, 2010), necessitando também de um envolvimento maior com as obrigações profissionais (Parke, 1996). Assim, os homens, atualmente, com a maior participação paterna no cotidiano das crianças passam a experimentar os dilemas vividos comumente pelas mulheres, ao ter que administrar a criação dos filhos e a vida profissional ao mesmo tempo (Genesoni & Talladini, 2009).

Os *esquemas do pai sobre a esposa* tratam da mudança do casal de díade para tríade, após o nascimento do bebê. Durante o puerpério, segundo Stern (1997), o pai tem novos desafios ao, muitas vezes, deparar-se com um afastamento por parte da mãe do bebê, que pode passar a ver a ele e as outras pessoas de forma mais negativa, logo após o nascimento até o terceiro mês de vida do filho. Desta forma, muitos pais podem sentir-se excluídos da relação mãe-bebê já desde a gestação. Nos primeiros meses o pai pode sentir-se de fora, ao não ter a mesma participação que a mãe sobre a rotina, como por exemplo na amamentação. Os aspectos relacionados aos esquemas sobre pai sobre a esposa serão melhor explorados na próxima sessão.

Os *esquemas do pai sobre seus próprios genitores* dizem respeito às representações do homem em relação à sua própria mãe e à seu próprio pai, incluindo as representações dos genitores durante a sua infância, como cônjuges, como homem e mulher e como avós de seus filhos. Uma identificação primária importante no desenvolvimento da paternidade é a experiência do pai com o próprio pai ou com figuras paternas com quem tenha convivido. Pereira, Prole & Silva (2015) relatam

que pais cuidadores, que expressam prazer em estar com os filhos e a sua importância na vida deles e que mantêm um contato físico e afetivo intenso, tendem a fazer com que estas crianças, quando se tornarem pais, possam ter uma participação mais ativa na vida dos filhos. Dessa forma, estes homens puderam internalizar um pai mais afetuoso e participativo do que aqueles que não tiveram estas experiências.

Neste contexto, a teoria winnicottiana também mostra-se muito valiosa para a compreensão deste processo. Segundo Winnicott (1965/1985a), o conhecimento sobre os aspectos que permeiam o processo de parentificação é importante, pois o primeiro vínculo humano estabelecido ocorre na inter-relação do bebê com sua mãe ou com algum substituto dela, que tenha condições de amparar, alimentar, cuidar e dar o afeto de que ele necessita. Desta forma, a compreensão sobre a qualidade dos vínculos que vão se estabelecendo é fundamental. Além da mãe, parte dos ideais constituídos pela criança baseiam-se nas características atribuídas ao pai. A mãe, diante do desamparo do bebê e de sua dependência absoluta, necessita do apoio paterno para realizar esta tarefa (Winnicott, 1965/1985a).

Para Winnicott (1960/1983), a constituição do psiquismo da criança depende das funções de cuidado da mãe, ou de seu substituto, e do seu caráter. Esta funcionaria como um ego auxiliar que facilita a interação de suas pulsões, instintos, capacidades perceptivas e motoras e os estímulos ambientais. Isto será a base para a representação que o sujeito tem de si mesmo e do tipo de vínculo que ele estabelecerá com as pessoas. Neste contexto, as falhas ambientais são percebidas como uma ameaça à própria existência da criança.

No entanto, Winnicott (1965/1985a) ao construir sua teoria a partir de um modelo social, entre as décadas de 40 e 60, pautado por arranjos familiares diferentes dos atuais, baseou-se em um modelo de pai distante dos encontrados na contemporaneidade. No contexto em que viveu Winnicott, os homens trabalhavam, enquanto as mulheres permaneciam em casa, sendo as responsáveis pelos cuidados das crianças e do lar. Apesar disso, o autor destaca que, na ausência da mãe, a função designada para esta figura poderia ser desempenhada por uma pessoa substituta, como o pai ou outro cuidador (Winnicott, 1964/2012a). Além disso, o autor reitera que o compartilhamento de tarefas entre pais e mães seria extremamente importante, tanto para o casal quanto para a criança, que desenvolve um vínculo mais profundo com ambas as figuras (Winnicott, 1985/1965a).

Sendo assim, na teoria winnicottiana, o pai inicialmente faz parte do ambiente, assim como auxilia na sustentação deste ambiente. Desta forma, ele faz parte da relação mãe-bebê não apenas como um interditor (Rosa, 2009). O genitor assume diferentes papéis ao longo do desenvolvimento do filho, que variam de acordo com a crescente maturidade do bebê. A participação efetiva do pai na vida da criança e a qualidade da sua presença e de suas ações nas experiências iniciais, são determinantes para a relação que será estabelecida entre pai e filho nas fases posteriores e para a própria experiência do pai (Rosa, 2009).

Durante a fase de dependência absoluta, nos primeiros meses de vida do bebê, a mãe e bebê formam uma só unidade e o pai assume dois diferentes papéis. O primeiro deles seria o de “mãe substituta”, exercendo a função de maternagem (Winnicott, 1958/2012). De acordo com Rosa (2009), o pai consegue desempenhar esse papel por ter, dentro de si, um aspecto materno internalizado a partir de sua experiência com alguém que exerceu uma função materna nas fases iniciais de sua vida. Assim, podem-se encontrar tanto mães mais paternas quanto pais mais maternos, possibilitando um desenvolvimento igualmente saudável para o bebê (Rosa, 2009).

O segundo papel desempenhado pelo pai nessa fase seria o de estabelecer um bom relacionamento e uma presença apoiadora em relação à mãe (Winnicott, 1985/1965a). Isto se mostra necessário pelo fato de a mãe estar regredida e identificada com o bebê, devido a seu estado de preocupação materna primária. Assim, o suporte do pai do bebê vem como uma proteção à mãe (Winnicott, 1965/2001).

Segundo Rosa (2009), na teoria winnicottiana, a mãe e o pai compõe o ambiente total que o bebê precisa encontrar para desenvolver-se. Assim, pode-se dizer que o colo da mãe é composto pelo pai, mas também pela família extensa como os tios, avós, irmãos e amigos da família. Desta forma, quando o pai está ausente nesta fase, não acolhendo a mãe e distanciando-se dela, todo o colo pode ser atingido, não oferecendo a segurança na qual a mãe e o bebê necessitam. Nos casos de morte do pai, a mãe tem o papel de evocar ao bebê a memória do pai e de sua relação e presença em sua vida.

Já durante a fase de dependência relativa, entre os seis meses e os dois anos do bebê, o pai ajuda a mãe a sair do estado de preocupação materna primária, auxiliando-a no início do processo de separação do filho. Os limites que o bebê recebe por parte da mãe tem o objetivo de reorganizar a vida doméstica e protegê-lo. Entretanto, o “não” também pode ser considerado como o primeiro sinal de uma vida exterior à relação mãe-bebê. Esta seria a primeira visão que o bebê tem de um mundo externo e da existência do pai não mais como parte do ambiente de apoio da mãe, mas como um terceiro nessa relação (Winnicott, 1993/1960b). Estas mudanças ocorrem de forma gradual e a partir das possibilidades que o bebê tem de suportar as falhas maternas. O pai também auxilia a mãe a reencontrar-se como mulher e esposa, retomando o interesse sexual entre o casal (Winnicott, 1993/1960a).

A seguir, durante o estágio de concernimento, em torno dos dois anos e meio do bebê, o pai, finalmente, entra na vida do filho como um terceiro indivíduo. Entretanto, esta elaboração só irá se completar por volta dos cinco anos da criança. Esta é a etapa chamada de Fase Fálica na teoria Freudiana, quando a criança descobre a diferença entre os sexos, levando-a a discriminar entre a mãe e o pai. A agressividade e as experimentações da criança presente nessa fase antecipam e preparam a situação edípica posterior. Assim, é importante o bom vínculo entre o pai e a mãe, pois traz para a criança uma segurança social nessa etapa. Isto se dá pelo fato de que a união dos pais permite que a criança construa suas fantasias e sinta uma solidez na qual possa, inclusive, desferir sua agressividade,

sem sentir ter causado uma destruição total. Este vínculo forte fornece a base natural para a resolução da triangulação edípica em fases posteriores (Winnicott, 1985/1965a).

As crianças, entre os três anos e meio e cinco anos entram no Complexo de Édipo a partir da percepção da diferença entre os sexos e da fantasia de castração. Com a percepção de que existem seres humanos com pênis e sem pênis, meninos e meninas reagem de formas diferentes. O menino sai do Complexo de Édipo, a partir da interdição do incesto e da ameaça da castração, identificando-se com o pai e desejando, no futuro, possuir uma mulher como a mãe (Freud, 1921/1996). Já a menina, entra no Complexo de Édipo quando se depara com as diferenças sexuais. Para sair, precisa se resignar ao fato de que não possui o pênis, mudando seu objeto de amor da mãe para o pai, já que este não sofreu a castração. Desta forma, a menina volta-se, novamente, para a mãe como seu objeto de identificação e passa a desejar ter, no futuro, um homem como o pai (Freud, 1931/1996). É importante ressaltar que estas configurações edípicas se dão a partir de uma concepção de sexualidade de orientação cisgênero e heterossexual, podendo se diferenciar na orientação homossexual e/ou transgênero, em que o Ego Ideal e o Ideal de Ego podem se estabelecer de outras formas. Além disso, na ausência do pai e/ou da mãe, outras figuras podem desempenhar estas funções.

O Complexo de Édipo tem um papel primordial na estruturação psíquica do ser humano e na orientação do seu desejo. Durante este estágio, a criança manifesta tanto sentimentos hostis quanto amorosos na relação com suas figuras parentais. Estas pessoas serão as responsáveis pelas representações inconscientes e pela troca de afeto na relação com a criança (Ferrari, Piccinini & Lopes, 2013). Segundo Winnicott (1965/1985b), para a entrada da criança no estágio edípico propriamente dito é necessário que ela tenha conquistado uma identidade separada da mãe e uma integração de seus institutos tanto agressivos quanto amorosos. Espera-se nesta fase da criança que o pai já tenha estabelecida uma relação com ela nas fases anteriores, já que a presença e o apoio que o pai fornece são fundamentais. Nesta etapa a criança percebe que existe uma relação especial entre o pai e a mãe, na qual ela não faz parte. Ou seja, o pai constitui-se como o parceiro da mãe, e não mais a criança, que passa a ter sentimentos conflituosos em relação à eles (Winnicott, 1946/1982).

Desta forma, se nas etapas anteriores o pai conseguiu manter-se como uma presença firme e confiável em relação à criança, esta consegue experimentar-se, depositando sua agressividade, mas também seu amor em relação à ele (Winnicott, 1946/1982). O medo de sentir-se desleal ao progenitor e a própria angústia de castração faz com que o pai precise estar maduro o suficiente para compreender e tolerar estas experimentações e a “deslealdade” momentânea da criança (Winnicott, 1988). Assim, nesta etapa, o pai fornece apoio moral à mãe, no sentido de ajudá-la a sustentar a lei e a ordem. Os dois juntos dão conta dos elementos de autoridade e de amor de que a criança necessita (Winnicott, 1985/1965b).

As dificuldades podem estar presentes, no caso dos meninos, quando o pai é imaturo e não consegue compreender a rivalidade do filho em relação a ele, entrando em disputa direta. No caso das

meninas, segundo Winnicott (1985/1965a), há um problema específico por estas amarem o pai, se tornando rivais da mãe, seu primeiro amor, que lhe dá segurança. Assim, rivalizar com a mãe traz um sentimento de insegurança na menina. Nos dois casos o pai precisa auxiliar a criança a distinguir entre o fato e a fantasia, não desautorizando a segunda, mas estabelecendo alguns limites objetivos (Rosa, 2009).

Diversos estudos demonstram os desafios apresentados pelos pais de crianças pré-escolares, principalmente, relacionados ao desenvolvimento físico e à sexualidade nesta fase. Como já citado, este período é permeado de curiosidade e de experimentações por parte das crianças a partir da descoberta das diferenças sexuais e da entrada no Complexo de Édipo. Em estudo realizado por Silva & Piccinini (2007), a questão do gênero da criança foi salientada nos casos em que os participantes eram pais de meninas pré-escolares. A função de educar a criança para a vida tornou-se mais desafiadora para estes homens quando surgiram questionamentos da menina sobre a sua própria sexualidade e identidade de gênero. Na mesma direção, Freitas et al. (2008) salientam a preocupação por parte dos pais de proteger as filhas dos meninos, orientando-as.

O sentimento de tranquilidade dos homens entrevistados atribuído aos meninos pré-escolares em relação à sexualidade foi destacado por Bustamante (2005) na comparação que os pais faziam com as meninas. Além disso, a pesquisadora destaca a imagem de ternura dos homens sobre as filhas e a expectativa de uma proximidade maior com a família no futuro, diferente dos meninos. Entretanto, outros pais expressaram a percepção de que as meninas teriam mais proximidade com as mães e os meninos com os pais, também pelas questões da sexualidade e do corpo da menina ser mais delicado e vulnerável, segundo os entrevistados. Os pais demonstraram um desconforto maior em ter contato com as meninas nos momentos de higiene e arrumação do que com os meninos. O sentimento de insegurança e constrangimento por parte dos pais nos cuidados com a filha também foi destacado em pesquisa realizada por Jardim e Costa (2009). Sobre estas dificuldades, Flores e Kruehl (2013) discutem a contradição existente entre um pai que tem a exigência de exercer também a função materna, mas que ainda tem concepções antigas sobre os papéis de gênero.

Entretanto, pode-se pensar também no impacto das questões edípicas na continuidade destas concepções de gênero nos dias de hoje pelos homens. As relações estabelecidas, comumente, entre pai e filha, nesta etapa, são permeadas de amor e ternura, sendo o pai um objeto de amor a ser conquistado. Enquanto isso, muitas vezes, nos meninos a relação com o pai é permeada pela rivalidade, agressividade, mas também pela admiração e identificação (Freud, 1921/1996; Freud, 1931/1996).

A partir do exposto, é importante ressaltar o quanto a presença do pai na relação com os filhos, buscando conhecê-los, enriquecendo seu mundo com brincadeiras e reconhecendo suas habilidades e gostos pessoais, segundo Winnicott (1985/1965b), é uma sorte na vida da criança. Assim, o pai real é aquele protege, intervém e sustenta as relações familiares a partir de suas ações, participando das

brincadeiras e dos jogos de seus filhos e conhecendo-os a fundo. Além disso, o pai ajuda a criança a estabelecer seu lugar dentro da família e sua potência, de acordo com a maturidade do infante (Rosa, 2009). Apesar disso, foram encontrados poucos estudos empíricos que demonstraram de que forma a experiência paterna, os sentimentos e percepções dos homens sobre a paternidade está presente entre os pais, focando-se especificamente, de crianças pré-escolares.

Um estudo encontrado foi o realizado por Brotherson, Dollahite e Hawkins (2005), através de uma pesquisa narrativa, com 16 pais norte-americanos de famílias nucleares com filhos, em sua maioria, pré-escolares e escolares. O objetivo do estudo foi compreender a forma como os pais se conectavam e cuidavam dos filhos. Os resultados encontrados demonstraram que alguns elementos são essenciais para que esta conexão se estabeleça: a sensação de conexão física e emocional do pai com a criança, a percepção de seu papel em relação às necessidades de orientação e cuidado da criança em desenvolvimento, as interações pessoais centradas no apoio e nas atividades em conjunto e as práticas de cuidado do pai em relação à criança. Da mesma forma, em estudo realizado por Paquette (2004) com homens com filhos nessa mesma faixa etária, os pais disseram que sentem-se mais conectados aos filhos nas atividades realizadas em conjunto em um ambiente semi-estruturado que permita o contato físico e o compartilhamento de interesses, como por exemplo, nas brincadeiras ou no contexto de aprendizagem. Estas atividades pareceram ser mais interessantes para os pais do que as envolvendo a expressão de emoções.

Em pesquisa realizada por Scaglia, Gomes e Barbieri (2018) sobre a experiência da paternidade de pais de meninas com idades entre quatro e sete anos, em diferentes configurações familiares, os únicos pais que se diferenciaram foram os de famílias monoparentais, em que os pais residiam com as crianças. Estes homens tiveram que repensar suas funções com a separação conjugal, segundo as pesquisadoras. Uma das estratégias adotadas para enfrentar este desafio foi pedir ajuda a outras pessoas da família, principalmente da avó paterna da criança. Desta forma, nesses casos, diante da falta materna foi outra figura feminina quem fez a mediação do contato entre o pai e a filha (Scaglia, Gomes & Barbieri, 2018).

Além disso, as pesquisadoras (Scaglia, Gomes e Barbieri, 2018) destacaram como aspectos principais da experiência de todos os pais estudados: a influência materna e da família extensa, a valorização da instituição familiar, a ênfase na provisão financeira e as dificuldades de expressão dos afetos. Os pais que se diferenciaram foram os que tiveram uma percepção de seu papel real e não ideal, tendo uma compreensão mais atual sobre sua paternidade. Estes homens demonstraram ter mais facilidade em compreender suas funções e se relacionar de forma mais próxima com as filhas, favorecendo esse vínculo.

Entretanto, diversos pais no estudo de Scaglia, Gomes e Barbieri (2018) mostraram-se ambivalentes, não compreendendo sua real função. Os participantes diferenciaram a função feminina como a correspondendo ao papel de cuidado e masculina como a função de autoridade, demonstrando

uma concepção tradicional de família e de gênero. Ao mesmo tempo, a função paterna destacada pelos participantes também não se sustentou, já que os pais citaram dificuldades em impor limites para as crianças. Além disso, apresentaram problemas em conseguir oferecer um ambiente suficientemente bom para as filhas, descrevendo sua relação como distante, principalmente nas famílias monoparentais em que as meninas ficaram com a mãe após a separação conjugal.

Sendo assim, a compreensão sobre a experiência com filhos pré-escolares e, além disso, separados das mães das crianças, não residindo com os filhos, mostra-se especialmente interessante, pelos desafios adicionais que os pais vivenciam nesse contexto. Desta forma, a seguir, este eixo será discutido mais detalhadamente.

1.4 Separação conjugal e paternidade

Para se compreender as questões individuais do pai no contexto da separação conjugal não basta apenas conhecer suas questões intrapsíquicas e sua relação com as figuras parentais. É necessário que se busque também informação sobre o espaço intersubjetivo da relação entre pai e filho (Moreno, 2014) e a história familiar e da conjugalidade vivenciadas por este homem (Pujet & Berenstein, 1993). Além disso, as questões sociais relacionadas à identidade masculina e à “nova paternidade” também devem ser levadas em consideração.

Entretanto, é importante ressaltar que o presente estudo deteve-se na compreensão da temática da paternidade e da separação conjugal de homens heterossexuais, cisgêneros, que residiram com as mães de seu filho e com a criança durante um período antes da separação. Além disso, buscou-se compreender o contexto de pais com filhos biológicos e em uma realidade urbana. Esta delimitação foi necessária, pois a paternidade em diferentes contextos pode refletir em resultados diferenciados em termos empíricos, não podendo ser generalizada (Guzzo, 2011).

Para que se possa compreender a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal é importante entender, primeiramente, de que forma se configura o vínculo entre o casal e a chegada do filho. O vínculo de aliança matrimonial ou de casal marca a união de dois sujeitos ocupando cada um à sua maneira o lugar de marido e esposa e, do ponto de vista do filho, de pais, que tem o papel de ampará-lo e narcisizá-lo (Pujet & Berenstein, 1993). Esta ação se refere ao investimento libidinal, que através de atos e ações verbais, carregados de emoções, transmitem a noção de que o bebê é um ser desejado.

Pode-se dizer que o filho é uma prolongação do próprio casal e este sentimento de pertença se integra ao eu do bebê como algo próprio (Berenstein, 1990). A representação dos pais como modelo de casal se constitui como uma identificação, que poderá levá-lo a desejar constituir, no seu tempo, um vínculo de aliança com outro sujeito, de outra família. Assim, o casal, para Pujet & Berenstein (1993), transmite ao filho seus valores, suas ideologias, seu lugar, seus conflitos resolvidos e não

resolvidos e um modelo de estrutura de parentesco, onde cada um ocupa o seu lugar. Estes vínculos são pautados tanto pelo ponto de vista individual, quanto pelo sociocultural.

Neste contexto, Weissman (2008) ressalta que o ideal é que a interferência das famílias de origem do casal possa ir diminuindo ao longo do tempo para que o vínculo se estabeleça da melhor forma possível. Quando isto não ocorre, o vínculo de aliança enfraquece e os integrantes da estrutura familiar perdem sua movimentação e seus lugares, não conseguindo mais elaborar as separações, os lutos e as perdas e não permitindo o crescimento dos membros da família.

No momento em que o casal decide separar-se, cada ego sai da estrutura vincular matrimonial e pode levar bastante tempo para deixar de ver-se dentro deste vínculo de aliança que já não existe mais. Em alguns casos, inclusive, este processo torna-se interminável (Pujet & Berenstein, 1993). Segundo Piva (2001), o término de um casamento representa o fim de um ideal de insolubilidade, deixando o ex-casal com sentimentos de desamparo, frustração e solidão. Desta forma, de acordo com Abelleira (2006), os aspectos vinculares e individuais de cada sujeito, que estavam depositados na união, brotam com violência e intensidade após a separação, podendo resultar em uma perda de identidade e de continuidade pelos indivíduos.

Ainda segundo (Abelleira, 2006), a separação altera a vida dos ex-cônjuges e sua relação consigo, com o ex-companheiro, com os filhos, com as famílias de origem de ambos, com os amigos e com o entorno social. Além do casal, toda a família sofre impacto pela separação conjugal. Neste sentido, Pujet & Berenstein (1993) destacam que os cônjuges devem ter a oportunidade de expressar seus sentimentos e os motivos que os levaram à separação. Segundo os autores, quando isto não ocorre é possível que haja um deslocamento destes afetos para outras instâncias, como nas disputas judiciais por bens, pela guarda dos filhos e pela pensão alimentícia.

Nesse contexto, alguns autores (Houzel, 2004; Solis-Ponton, 2004) destacam que a participação equilibrada entre os pais na vida dos filhos pode ter dificuldades quando a parentalidade e a conjugalidade não são diferenciadas pelos sujeitos. A manutenção das atribuições da dupla parental visando ao bem estar dos filhos e seu relacionamento com eles, não deveria sofrer abalos por aquilo que motivou a separação do casal. Entretanto, esta diferenciação pode levar um tempo para ocorrer (Pujet & Berenstein, 1993). Nos casos em que isto não ocorre, a carga afetiva oriunda da situação traumática da separação não consegue ser elaborada pelo sujeito (Moreno, 2014). Desta forma, uma nova significação ao evento traumático não é possível, inscrevendo-se, muitas vezes, em um sintoma (Freud, 1893/1996). Segundo Lamela, Castro e Figueiredo (2010), o período do divórcio pode representar um período de desestabilização emocional e risco patológico. Nos casos em que não há uma evolução adaptativa dos sujeitos a esta transição esta experiência pode trazer repercussões para o resto de suas vidas.

Entretanto, segundo Lamb (2010), existe uma variabilidade de reações por parte tanto de homens quanto de mulheres em relação ao divórcio. Em alguns casos esta experiência pode ser

estressante, mas em outros pode ocorrer de forma mais apaziguadora. Por exemplo, o pesquisador destaca que o cônjuge que toma a primeira iniciativa para a separação tende a se ajustar mais facilmente à nova realidade. Da mesma forma, tanto para os cônjuges, quanto para os filhos, o término de um casamento conflituoso pode ser experimentado como benéfico, em longo prazo.

Porém, de acordo com Puget & Berenstein (1993), não se pode desconsiderar a incidência de um contexto social em que há uma prescrição de manter a continuidade da sociedade, ao ocupar os lugares determinados dentro das estruturas familiares. Além disso, a conjugalidade permite a inclusão dos sujeitos em contextos sociais no qual interagem. Assim, no momento da separação, o afastamento destes espaços do casal e a reorganização da própria estrutura familiar também são fatores estressores à se considerar.

Além disso, de acordo com Abelleira (2006) outro desafio enfrentado é a própria ressignificação da paternidade. O pai precisa descobrir e apresentar aos filhos uma nova maneira de exercer o seu papel. O pai passa a estar sozinho no cotidiano do filho, durante as visitas, necessitando realizar mudanças no exercício de suas funções. Em especial, no caso de pais com filhos pequenos, maiores explicações são necessárias como, por exemplo, a explicação sobre a diferença do amor entre o casal e o amor entre pais e filhos. Entretanto, alguns pais por ainda não conseguirem realizar eles mesmos essa diferenciação, acabam tendo dificuldades em transmiti-la aos filhos

Além disto, os aspectos relacionados ao envolvimento do pai, mesmo não sendo o foco principal deste estudo, também precisam ser considerados, por serem elementos importantes para a compreensão da forma como pai reage à separação e sobre a sua experiência em relação à paternidade neste contexto. No caso dos homens, segundo Lamb (2010), após o divórcio, alguns deles conseguem manter-se envolvidos e em contato frequente com as crianças. Além disso, podem expressar o desejo de participar ainda mais da vida dos filhos, conseguindo manter uma boa relação com a ex-esposa e a sua família (Souza, Smeha & Arend, 2012; Warpechowski & Mosmann, 2012; Silva & Piccinini, 2004). Entretanto, segundo Lamb (2010), outros pais, após a separação conjugal, passam rapidamente a não fazer mais parte da vida das crianças. Todavia, Amato, Meyers & Emery (2009) destacam que a frequência de contato entre pais separados e seus filhos, nos últimos anos, tem aumentado.

Em revisão de literatura realizada por Lamb (2010), constatou-se que diversos fatores podem influenciar a frequência de contato do pai com seus filhos. Pais que viveram com eles antes da separação tendem a manter mais contato do que os que nunca foram casados com as mães das crianças. Além disso, outros fatores encontrados foram a religiosidade, a idade, o nível educacional e as condições financeiras do pai, sendo que os pais mantêm mais contato com os filhos, quando estabelecem uma boa relação com a mãe da criança. Outros achados demonstram que pais separados tem menos contato com os filhos após casarem-se novamente e terem filhos desta nova relação. Além disso, a frequência de encontros diminui também quando a mãe casa-se novamente.

Na cultura ocidental, o mais comum é que no momento da separação, o marido saia de casa e deixe os filhos com a ex-esposa (Castro, 1998; Brito, 2008). Apesar de isto não ocorrer, por muito tempo, sob o caráter de lei, quando é a esposa que realiza este movimento, deixando os filhos e a casa com o ex-marido, isto é considerado pela sociedade como se não estivesse dentro da ordem natural determinada. Entretanto, em 2008, através do 1º. artigo 1583 do Código Civil, prevista na Lei nº 11.698/2008, estabeleceu-se uma nova possibilidade, mais equilibrada, para a manutenção dos vínculos parentais com os filhos após a separação conjugal, a chamada guarda compartilhada (Silva, 2011; Arpini et al., 2015).

A guarda compartilhada consiste na *“responsabilização conjunta e o exercício de direitos e deveres do pai e da mãe que não vivam sob o mesmo teto, concernentes ao poder familiar dos filhos comuns”* (1º. artigo 1583 do Código Civil, Lei nº 11.698/2008). Sendo assim, ambos os genitores, quando é estabelecido este tipo de guarda, são corresponsáveis em todas as decisões e eventos referentes aos filhos. Segundo Silva (2011), desta forma, nenhum dos genitores ficaria com um papel secundário, como apenas provedor da pensão alimentícia ou limitado à visitas aos finais de semana. Entretanto, a autora ressalta que esta seria uma forma mais evoluída de guarda, que exigiria que os pais se responsabilizassem em deixar seus ressentimentos pessoais de lado e buscassem o interesse dos filhos.

Apesar disso, no mesmo ano de 2008, acrescentou-se uma observação à lei, modificando o artigo 1534 do Código Civil, determinando que quando não houvesse acordo entre a mãe e o pai quanto à guarda do filho, a guarda compartilhada seria aplicada sempre que possível. De acordo com Silva (2011), a lei tem o objetivo de assegurar o interesse e o bem estar da criança, a partir da ideia de que a mesma necessita de uma vinculação com ambos os pais, não podendo ser punida ao estar com uma guarda que não representa sua necessidade e sim, as dificuldades dos pais em colaborarem entre si.

A luta por seus direitos regularizados de visitação dos filhos, através da procura de Varas de Família, também são destacados por alguns autores (Silvan, 2002; Flood, 2002; Warpechowski & Mosmann, 2012), como aspectos positivos da busca dos pais por mais proximidade com seus filhos após a separação. Apesar disso, em pesquisa realizada por Arpini et al (2015) verificou-se que ainda há pouca manifestação por parte dos homens em solicitar a guarda compartilhada ou unilateral dos filhos nas instâncias judiciais, por uma falta de iniciativa em quebrar a hegemonia materna, mas também por falta de informações do próprio poder judiciário. Nos casos em que a guarda compartilhada é determinada, em pesquisa realizada por Alves, Arpini e Cúnico (2014), com famílias com esta configuração de guarda, constatou-se que, ainda assim, muitas mães permanecem com a maioria das responsabilidades. Os pais que conseguem ter uma boa experiência nesta configuração são os que já tinham um bom vínculo com o filho antes de separarem-se das mães deles.

Existem inúmeras dificuldades relatadas pelos homens na experiência da paternidade a partir da separação conjugal da mãe de seus filhos. Entre elas, segundo Zicaro & Fuentealba (2012) está a falta de reconhecimento pelo seu engajamento no cuidado dos filhos, já que tanto a mãe quanto a sociedade tem uma tendência de não valorizá-lo, legitimando a ideia de que o pai é incapaz de dar conta das questões referentes ao filho, colocando-o, de acordo com Costa & Silva (2015), apenas no lugar de provedor. Este fato, para Dantas, Jablonski & Féres-Carneiro (2004), demonstra a importância de se questionar o modelo tradicional de masculinidade, tornando-o mais coerente com as demandas advindas da emancipação feminina e dos novos papéis dentro da família.

Ainda, a situação de distanciamento físicos dos filhos, logo após a separação, pode gerar nos pais sentimentos de exclusão, ansiedade, angústia e frustração (Souza, Smeha & Arend, 2012). A vontade de participar mais do dia a dia do filho e de saber o que se passa com ele na casa da mãe também é destacado por alguns pais (Souza, Smeha & Arend, 2012; Warpechowski & Mosmann, 2012). No caso dos pais que tem mais de um filho, de relações diferentes, alguns deles expressam a vontade de poder reunir todos e que eles convivessem uns com os outros (Warpechowski & Mosmann, 2012).

Entretanto, diversos pais relatam, ao mesmo tempo, um fortalecimento dos laços afetivos com os filhos após a separação, apesar do tempo de convivência ter sido reduzido. Isto foi relatado, principalmente, nos casos em que já havia uma boa relação entre pai e filho antes do rompimento conjugal (Souza, Smeha & Arend, 2012). Em outros casos, os pais relatam um distanciamento, dizendo que a relação tinha mais qualidade antes da separação (Warpechowski & Mosmann, 2012). Além disso, alguns homens demonstram insatisfações pela forma como as mães cuidavam dos filhos, principalmente em relação aos limites, e uma crença de que as ex-companheiras irão determinar a forma como a criança vai percebê-lo como pai (Warpechowski & Mosmann, 2012).

Segundo Lamb (2010), homens divorciados com filhos passam por experiências estressantes que homens sem filhos não passam. Isto se dá pelo fato de que os pais separados experimentam diversas situações emocionalmente desgastantes de uma só vez: a separação em si, a perda da guarda dos filhos, em muitos casos, o fato de passarem a viver separados das crianças e ter que pagar a pensão alimentícia. Assim, diversos pais reclamam que a combinação de visitas limitadas durante a semana dificulta a manutenção do vínculo com os filhos (Lamb, 2010; Silva, 2011). O resultado disso é que muitos pais, acabam desenvolvendo relações com os filhos muito mais distantes, sentindo-se a vontade apenas para realizar atividades recreativas, que não são suficientes para o fortalecimento do vínculo entre a dupla. Segundo Lamb (2010), ainda poucos estudos foram desenvolvidos visando investigar o papel da paternidade como moderadora dos efeitos do divórcio em homens.

Apesar disso, diversos estudos nacionais e internacionais (Pereira, Prola & Silva, 2015; Lamb, 2010; Warpechowski & Mosmann, 2012; Ahrons, & Tanner, 2003) indicam que a proximidade entre pai e filho favorece tanto um quanto outro, de diversas formas, neste contexto. A partir desta

experiência de proximidade, diversos pais separados relatam que seu maior objetivo em relação aos filhos é ajudá-los a crescer, facilitando a sua autonomia (Ponciano & Féres-Carneiro, 2017, Schneebeli & Menandro, 2014).

Entretanto é comum se encontrar na literatura a ideia de que a mãe é a pessoa mais preparada para cuidar das crianças, demonstrando uma supervalorização materna (Schneebeli & Manandro, 2014; Ahrons & Tanner, 2003). Estas pesquisadoras discutem o fato de que os próprios homens demonstram preconceitos sobre a ideia de que as crianças devam permanecer sob a guarda do pai. Todavia, a própria reflexão realizada pelos entrevistados de Schneebeli e Manandro (2014) levou alguns participantes elaborassem sua paternidade e mudassem de ideia sobre suas próprias respostas. Além disso, os pais entrevistados também trouxeram sua preocupação sobre o distanciamento dos filhos após a separação e uma necessidade de explicar a separação para as crianças e escutá-las, utilizando uma linguagem acessível. Ainda, os pais demonstraram um receio sobre o convívio dos filhos com o novo parceiro da mãe e da interferência dele na educação das crianças.

Estas dificuldades, quando não são superadas pelos pais podem levar a uma ausência paterna ou um distanciamento do convívio com os filhos. Esta problemática aparece como uma das questões mais citadas neste contexto por diversos autores. Por exemplo, Costa & Silva (2015) destacam essa questão, principalmente, nas classes populares no Brasil, e nos casos em que não há um reconhecimento da paternidade por parte dos pais, quando ocorre uma alienação parental ou quando ocorre uma dificuldade de conciliar uma segunda união com os filhos oriundos da primeira.

Em estudo realizado por Cúnico e Arpini (2013), com pais separados com filhos com idades entre 9 meses e 9 anos, em um Núcleo de Assistência Judiciária em Santa Maria, os participantes nomearam como motivos para sua ausência do convívio com os filhos: a ausência de um projeto de paternidade, dificuldades financeiras, dificuldade em separar os conflitos envolvendo a relação conjugal desfeita com a paternidade e a falta de tempo ou de desejo de estar com os filhos. Já, em estudo realizado por Warpechowski & Mosmann (2012), com pais separados, que viviam em Porto Alegre, com filhos com idades entre 2 e 16 anos, os conflitos do pai com os avós maternos e as disputas de poder entre o ex-casal foram outros motivos encontrados para a ausência do pai no convívio com os filhos. Em pesquisa realizada por Arpini et al. (2015), com profissionais da área de Direito de Família em Santa Maria (RS), a dificuldade de relacionamento do pai com a mãe de seus filhos foi ressaltada pelos participantes que, a partir de sua experiência com casais separados, afirmaram que além do desinteresse por parte do pai em buscar ser mais presente na vida das crianças, parte desta desvinculação também pode ser incentivado por algumas mães, que não reconhecem a importância do pai na vida dos filhos.

Ao pesquisar a saúde mental de pais americanos separados e com filhos pré-escolares, William & Dunne-Bryant (2006), constataram que este pais apresentavam mais sintomas depressivos e abuso de álcool do que os pais com filhos de outras faixas etárias. Desta forma, segundo Piva (2001), é

importante considerar o quanto este sofrimento pode fazer com que nem todos os pais consigam dar a segurança de que a criança necessita nesta fase, após a separação, ao não conseguirem assumir suas funções e estabelecer um vínculo com a criança .

Na ocorrência de um distanciamento por parte do pai, após a separação conjugal, ou mesmo de uma ausência total, Falceto, Fernandes, Barantojo & Giuliani (2008), alertaram que quando isto ocorre durante a infância, pode levar ao desenvolvimento de diversas dificuldades. Algumas delas poderiam apresentar transtornos do desenvolvimento, como problemas emocionais e cognitivos e, na adolescência, abuso de drogas, transtorno de conduta e gravidez. Além disso, Bueno, Gomes e Crepaldi (2015) ressaltam que crianças sem contato com o pai podem apresentar dificuldades no ajustamento social com seus pares, tornando-se menos populares e mais insatisfeitas em seus relacionamentos. Por exemplo, segundo Paquette (2004), os meninos tem a tendência de serem mais tímidos, impacientes, dependentes, menos assertivos e participarem menos das atividades esportivas de competição. Já as meninas podem apresentar mais problemas internalizantes, enquanto os meninos tendem a apresentar mais problemas externalizantes.

Entretanto, é importante ressaltar que nem toda criança que cresce sem o pai irá desenvolver estas dificuldades e características, já que outras pessoas poderão se tornar uma referência para a criança. Além disso, outros estressores podem estar relacionados ao aparecimento destes sintomas, como fatores socioculturais e a redução da renda familiar. Ainda, o fato de a criança submetida a outros fatores em seu contexto dos quais sofre influência, como o vínculo com a mãe, as relações familiares e as condições de vida, lazer e acesso à educação também devem ser levados em consideração como uma influência no desenvolvimento da criança, além da presença do pai (Bueno, Gomes & Crepaldi, 2015).

Nas situações de separação conjugal envolvendo recassamento, em que os pais conseguem continuar tendo uma boa experiência de paternidade, a nova companheira pode passar a desempenhar uma função materna para os filhos do casamento anterior do pai, pelo menos em algumas famílias (Warpechowski & Mosmann, 2012). Em outras situações, o surgimento de uma nova companheira na vida do pai e o recasamento é apontado como fonte de maiores dificuldades por parte do homem em relação aos filhos, já que ele passa a investir emocionalmente mais na nova união, deixando os filhos do casamento antigo de lado (Grzybowski, 2007). Nos casos em que é a mãe que começa um novo relacionamento, alguns pais tem dificuldades em manter o vínculo com os filhos, pois veem o padrasto como um substituto de suas funções. As mães também podem passar a ver o pai como menos necessário, desencorajando a relação dos filhos com ele (Meggiolaro & Ongaro, 2014).

A partir do exposto, é importante pontuar que para que o pai possa vivenciar a paternidade de forma positiva é necessário que não só o homem possa desempenhar suas funções, mas também que a mãe, a família, os amigos e a sociedade possam ajudá-lo a sustentar este lugar (Padilha, 2008). Além disso, é necessário que informações, como o processo de guarda, os acordos de moradia, o apoio

financeiro, a convivência, cheguem até estes pais, ajudando-os a tomar decisões melhores após o divórcio e na relação com os filhos. Neste sentido, o apoio emocional, social e jurídico é fundamental para auxiliar o ex-casal e o pai, em especial, a se organizarem e chegarem a combinações que estejam de acordo com suas necessidades, com a dos seus filhos e com o seu contexto de vida. A partir disso, Pereira et. al., (2015) ressaltam a importância de que se estruturam serviços de apoio a esses pais após a separação, como grupos de pessoas vivenciando o mesmo contexto. Segundo Brito et. al.(2010), a troca de informações, percepções e sentimentos entre pais que vivenciam o mesmo contexto pode favorecer a construção de uma experiência de paternidade mais positiva.

1.5 Justificativa e objetivos

Como pôde ser visto acima, diversos estudos tem sido realizados investigado o papel, o lugar e as funções do pai na contemporaneidade. Entretanto, o número de estudos sobre a paternidade ainda é pequeno, se comparado aos estudos voltados à investigação da maternidade (Cabrera et al., 2000; Ramires, 1997; Parke, 1996). Em particular, os estudos sobre a paternidade no contexto da separação conjugal são menos numerosos, e, menos ainda os que focam o discurso do pai em relação à sua paternidade e sobre o lugar que ocupa em relação aos filhos (Bueno, Gomes e Crepaldi, 2015).

Além disso, os estudos realizados sobre a paternidade neste contexto têm focado mais o envolvimento paterno e as práticas parentais paternas, tanto no contexto brasileiro (Silva & Piccinini 2004; Warpechowski & Mosmann, 2012) quanto internacional (Lamb, 1999). O uso do conceito de envolvimento paterno acaba trazendo algumas limitações no entendimento da experiência da paternidade frente à separação conjugal. Para a compreensão dos aspectos subjetivos da paternidade neste contexto, seria necessário investigar outros aspectos como o desejo pelos filhos e o processo de transição em direção à parentalidade (Houzel, 2004). Isto seria de vital importância para entender que questões da experiência subjetivas destes pais contribuem para a constituição e manutenção da relação pai-filho. Além disso, o entendimento destes diversos aspectos intersubjetivos, a partir da Psicanálise merece ser investigado, tendo em vista a importância dada às relações objetivas e ao ambiente por esta perspectiva teórica.

Os estudos existentes tem retratado resultados preocupantes sobre as dificuldades apresentadas pelos pais na experiência de relacionar-se com os filhos após a separação conjugal (Scaglia, Gomes e Barbieri, 2018; Warpechowski & Mosmann, 2012; Souza, Smeha & Arend, 2012). Como foi exposto anteriormente, diversos fatores contribuem para as dificuldades relatadas na literatura que continua trazendo repercussões tanto para os pais quanto para as crianças. Por vezes, a ocorrência de uma ausência total do pai após a separação torna a situação ainda mais problemática, podendo causar transtornos do desenvolvimento, como problemas emocionais e cognitivos, além de dificuldades na socialização por parte das crianças (Falceto, et al., 2008; Bueno, Gomes e Crepaldi, 2015). Desta forma, é importante que sejam realizados mais estudos sobre o tema, levando-se em consideração

também que a paternidade e a família estão em constante modificação, e precisa ser continuamente compreendida com novos dados, adequados aos diferentes momentos (Pereira, Prola & Silva, 2015).

Além disso, a etapa do desenvolvimento dos filhos, priorizada no presente estudo, entre 3 aos 6 anos, mostra-se particularmente crítica para a paternidade, pois as crianças estão em pleno processo de desenvolvimento afetivo, rumo a dependência relativa (Winnicott, 1993/1960b), com a entrada cada vez mais acentuada do pai na vida do filho. Isto é exposto por Williams & Dunne-Bryant (2006), ao evidenciar que pais de crianças com até cinco anos apresentam mais sintomas depressivos do que pais de filhos mais velhos, demonstrando a necessidade de que se dê atenção a estes pais em um momento essencial do desenvolvimento de seus filhos.

Apesar disso, poucos estudos com foco na idade pré-escolar dos filhos foram encontrados neste contexto da paternidade e da separação conjugal. Apesar da literatura apresentar dados contraditórios ou insuficientes sobre os aspectos subjetivos da experiência paterna neste contexto, os sentimentos de exclusão, ansiedade, angústia e frustração por parte dos pais mostram-se preponderantes na maioria das pesquisas encontradas (Souza Smeha & Arend, 2012; Ramires, 1997). Além disso, apesar de alguns estudos destacarem uma melhora na percepção do pai sobre o vínculo com o filho após a separação conjugal (Souza, 2012; Silva, 2003), outros estudos destacam a dificuldade por parte dos pais separados em manterem o vínculo com a criança após a separação (Meggiolaro & Ongaro, 2014; Cúnico & Arpini, 2013; Warpechowski & Mosmann, 2012), especialmente, nos casos em que as problemáticas apresentadas anteriormente estavam presentes.

Neste sentido, o presente estudo teve por objetivo investigar, através de uma abordagem qualitativa, a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, em particular as representações e sentimentos de pais de crianças pré-escolares sobre a paternidade. A expectativa inicial era que os pais que apresentavam distância emocional com os filhos antes da separação, que tiveram uma separação conflituosa e que não mantinham um bom contato com a ex-esposa, apresentassem mais sentimento de frustração e descontentamento em relação à paternidade, podendo ter dificuldade na manutenção do vínculo com a criança, após a separação conjugal.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram desse estudo três pais, com idades entre 33 e 40 anos, com filhos(as) únicos, com idades entre três e seis anos. Todos os pais estavam separados das mães de seus filhos(as) entre 3 e 6 anos. Antes da separação, os(as) filhos(as) residiram com seus pais por, pelo menos, um ano. Com este número de participantes, buscou-se a compreensão de cada caso, sem o objetivo de se alcançar a saturação dos dados (Stake, 2006). A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas dos pais e de seus filhos. Todos os nomes utilizados no presente estudo são fictícios, visando evitar a identificação do pai e de sua família.

Tabela 1: *Características sociodemográficas dos pais, características dos filhos e dados da separação conjugal*

Caso/Pai	Idade Anos	Estado Civil	Escolaridade	Filho(a)	Idade Anos	Ex-esposa	Tempo de separação
1- Roberto	39	Divorciado	Pós-graduação	Jorge	5a 11m	Fabiana	5a
2- Fernando	33	Com companheira	Superior	Isabel	4a 11m	Letícia	1a 6 m
3- Leonardo	40	Divorciado	Pós-graduação	Rafaela	3a 7m	Camila	1a7m

2.2 Delineamentos e Procedimentos

Foi utilizado um delineamento de estudo de caso múltiplo (Stake, 2006), com o objetivo de investigar a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, em particular as representações e sentimentos de pais de crianças pré-escolares sobre a paternidade. De acordo com Stake (2006), o estudo de caso múltiplo é adequado para se estudar uma condição geral ou fenômeno, que no presente estudo foi a experiência da paternidade. Quanto à escolha dos casos, o autor sugere

que o principal critério seja a oportunidade de compreensão do fenômeno através dos casos, que podem ser inclusive heterogêneos, e não necessariamente representativos da população. No que diz respeito ao número de participantes, Stake (2006) reconhece as grandes variações existentes na literatura, e aponta para estudos de casos múltiplos com dois ou mais casos. Cabe-se ressaltar que com este delineamento não se pretendeu chegar à saturação dos dados (Stake, 2006), mas sim à compreensão da experiência da paternidade no contexto da separação conjugal.

A seleção dos participantes foi realizada a partir de indicações pessoais e de postagens na rede social Facebook. Os participantes foram informados sobre o estudo e os que preenchiam os critérios iniciais (idades entre 20 e 40 anos, filho(a) único(a), terem residido com os filhos antes da separação e a separação ter ocorrido, há pelo menos, um ano) foram convidados a participar do estudo. Com os que aceitaram, foi agendado um encontro, quando foram inicialmente solicitados a assinarem o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Anexo A) e foi preenchida a *Ficha de Dados Demográficos* (Anexo B). Em seguida, foi realizada a *Entrevista sobre a Experiência da Paternidade no contexto da separação conjugal* (Druck & Piccinini, 2017) e a *Entrevista sobre a história da família no contexto da separação conjugal* (Druck & Piccinini, 2017).

Foi realizada uma entrevista com cada participante na sala do Núcleo de Infância e Família - NUDIF do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas, por profissionais contratados.

2.3 Instrumentos

Ficha de dados Demográficos (CRESCI/NUDIF, 2011): investigou dados sociodemográficos do pai, como a idade, escolaridade, renda, estado civil, informações sobre outros filhos, configurações de moradia, situação profissional, além de informações sobre a idade, sexo e o tempo em que residiu com o filho. Cópia no Anexo B.

Entrevista sobre a paternidade no contexto da separação conjugal (Druck & Piccinini, 2017): é uma entrevista estruturada baseada em Silva & Piccinini (2002) e CRESCI/NUDIF (2011), com o objetivo de investigar a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, em particular as representações e sentimentos de pais de crianças pré-escolares sobre a paternidade. Consta de vários blocos de questões que abordam, por exemplo: aspectos do desenvolvimento da criança; a experiência subjetiva da paternidade; a qualidade do vínculo entre pai e criança; a qualidade do relacionamento entre pai e mãe. Embora estruturada, a entrevista era realizada de forma semidirigida, permitindo explorar os conteúdos na medida em que surgissem. Cópia no Anexo C.

Entrevista sobre a história da família no contexto da separação conjugal (Druck & Piccinini, 2017): esta entrevista teve o objetivo de investigar a história pregressa do pai, do ex-casal e de seu

relacionamento. Consta de vários blocos de questões que abordam, por exemplo: aspectos da conjugalidade do pai com a ex-companheira, mãe de seu filho; como se deu a separação; o relacionamento atual do pai; o relacionamento atual da mãe. Embora estruturada, a entrevista era realizada de forma semi-dirigida, permitindo explorar os conteúdos na medida em que surgissem. Cópia no Anexo D.

2.4 Considerações Éticas

Os participantes do presente estudo foram informados pela pesquisadora a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa, e através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) e decidiram livremente sobre sua participação no estudo. Desta forma, foi assegurada a autonomia dos participantes, que poderiam desistir de participar da pesquisa em qualquer etapa da mesma. A privacidade, o sigilo e a confidencialidade foram assegurados, sendo que o material obtido por meio das entrevistas e dos encontros foi identificado por um código e devidamente arquivado no Instituto de Psicologia da UFRGS. Estava também previsto que, se houvesse uma demanda de atendimento psicológico, os participantes seriam encaminhados para a Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

Este estudo adotou os princípios éticos em relação à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes, como preconizados pela Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Os riscos de participação no projeto foram mínimos e não se eram previstos riscos físicos ou psicológicos. Além disto, se o participante se sentisse desconfortável com alguma questão, este poderia optar por não responder ou deixar de participar do estudo. O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS (No. 2.468.134).

CAPÍTULO III

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados em forma de relato clínico considerando o objetivo deste estudo que foi investigar a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal. Em particular, foram investigadas as representações e sentimentos de pais de crianças pré-escolares sobre a paternidade. A escolha do relato clínico se deu tendo em vista que relatar é contar uma experiência, o que consiste em reordenar as informações de acordo com novas relações estabelecidas pelo pesquisador (Epstein, 2011).

Através do relato clínico foi possível acessar o caso e tudo o que ele envolvia (Zanetti & Kupfer, 2006), sendo fundamental para minha compreensão. Assim, pude identificar conteúdos não-verbais, inconscientes e transferenciais que surgiram durante as entrevistas, tanto dos entrevistados quanto minhas e que foram importantes para compreender o fenômeno (Mordcovich, 2011). Segundo Mordcovich (2011), além de permitir descrever o que é posto em palavras, o relato clínico captura a realidade que é exposta e que exige um pensamento metapsicológico para descrevê-la. Assim, segundo Ferrari (2011) o pesquisador poderá relatar, mas o que é metapsicológico auxiliará na explicação do material.

Desta forma, esta abordagem metodológica, não se restringe apenas ao que é dito, aos conteúdos da fala dos participantes, mas estende-se aos seus significados e ao sentido daquilo que está sendo exposto (Moura & Nikos, 2001). Portanto, a escuta, que é o principal instrumento utilizado na investigação psicanalítica, se constitui como base para a identificação de outros significados contidos nos dados e proporciona a abertura de novos sentidos para eles (Moura & Nikos, 2001).

Apesar dessa pesquisa envolver estudos de casos fora do contexto clínico, investigados através de entrevistas, o uso do relato clínico é justificado, tendo em vista o objetivo de reconstruir cada caso investigado, transcendendo o relato explícito dos pais. Assim, foi possível avançar para uma compreensão psicanalítica dos aspectos subjetivos envolvendo cada caso, tanto os manifestos, como os conteúdos não-verbais, inconscientes e transferenciais que surgiram.

Antes da construção do relato clínico, duas pessoas foram contratadas para fazer a transcrição da Entrevista sobre a paternidade no contexto da separação conjugal (Druck & Piccinini, 2017) e da Entrevista sobre a história da família no contexto da separação conjugal (Druck & Piccinini, 2017). Em um segundo momento ouvi o áudio e chequei a transcrição impressa, fazendo pequenas correções. Também me reporte às anotações realizadas logo após a entrevista e realizei assinalamentos sobre o que as falas dos pais haviam me despertado, no momento da entrevista, e também na escuta posterior do áudio. Uma nova leitura das entrevistas me permitiu assinalar alguns aspectos centrais do caso, que foram sendo reforçados em novas leituras até que cheguei a uma boa compreensão de cada sujeito.

Para fins de exposição, dividi cada caso em duas sessões: a experiência do pai antes da separação conjugal e a experiência do pai após a separação conjugal. Coletei as informações contidas nestas sessões retrospectivamente, através das entrevistas, quando os pais já estavam separados e as crianças já tinham entre três e seis anos de idade. Após o relato de cada sessão será apresentado um

entendimento dinâmico do caso. Baseei estas compreensões em eixos teóricos interpretativos à luz da literatura psicanalítica, e também examinei as semelhanças e particularidades entre os casos investigados. Para fins de exposição, será utilizado o verbo em primeira pessoa.

Os conceitos que utilizei para as interpretações foram, principalmente, o de experiência da paternidade, de Houzel (2004) e de representação parental chamadas de “esquemas-de-estar-com” de Stern (1997). O conceito de Houzel (2004) sobre a experiência da paternidade refere-se aos aspectos subjetivos e inconscientes da experiência de ser pai, principalmente, o desejo pela criança e a transição em direção à parentalidade. Já o conceito de “esquemas-de-estar-com” (Stern, 1997) diz respeito às representações parentais baseadas, principalmente, nas experiências subjetiva de estar com outra pessoa. São experiências interativas que se formam a partir daquilo que acontece internamente ao sujeito quando está interagindo. Estas experiências podem incluir fantasias, medos, lembranças da próprias infância, modelos parentais e expectativas sobre o filho.

Estes conceitos já foram utilizados em estudos anteriores (Medeiros, 2012; Henn, 2011; Silva, 2007) sobre a paternidade. Apesar de mais utilizada em estudos sobre a maternidade e com mães de bebês, incluí o conceito de Stern (1997) no presente estudo sobre a paternidade por permitir uma operacionalização da análise da experiência da paternidade, já que abarca as questões subjetivas inerentes a este processo. Além disso, parti do princípio, explicitado por Stern (1997), de que o mundo representacional do pai sofre um abalo menos intenso do que o da mãe após o nascimento do filho, necessitando de um período maior de tempo para reorganizar suas redes de esquemas. Segundo o autor, estas mudanças podem ocorrer quando a criança já tem até alguns anos de idade, como no caso do presente estudo.

Sendo assim, adaptei no presente trabalho a proposta de análise utilizada por Silva (2007), a partir dos conceitos de Houzel (2004) e Stern (1997), para o conceito da separação conjugal, com os seguintes eixos teóricos interpretativos:

1) *Sentimentos e representações do pai acerca da sua paternidade*: refere-se aos relatos do pai sobre si mesmo como pai, seus sentimentos em relação à paternidade e mudanças ocorridas ao longo do processo de tornar-se pai e nas fases subsequentes, antes e após a separação conjugal.

2) *Sentimentos e representações do pai acerca de seus filho(a) e da relação pai-filho(a)*: envolve a descrição do filho(a) na visão do pai (seu temperamento, características, capacidades e como se deu seu desenvolvimento) e os relatos do pai sobre seu relacionamento com a criança e o vínculo estabelecido entre os dois. Também foram consideradas as formas de comunicação e da interação pai-filho(a) em cada fase do desenvolvimento da criança e, antes e depois da separação conjugal.

3) *Sentimentos e representações acerca do pai sobre a ex-companheira como mãe*: inclui os relatos do pai sobre como a mãe vivenciou a gestação e a maternidade, as mudanças pelas quais passou e como o pai a descreve atualmente. Além disso, como se dão as interações atuais entre o ex-casal, na visão do pai e seus sentimentos sobre isso.

4) *Sentimentos e representações do pai acerca de sua família de origem*: refere-se aos relatos do pai sobre seus próprios pais como pais, de que forma o pai considera a família como referência, sua vivência com a família durante a infância e o apoio recebido por eles na construção de sua paternidade, inclusive, após a separação conjugal.

A seguir, apresento, separadamente, cada um dos casos investigados, expostos em duas sessões, a experiência do pai antes da separação conjugal e a experiência do pai após a separação conjugal, tomando por base os eixos temáticos expostos acima. Ao final de cada caso apresento um entendimento dinâmico. Posteriormente, apresento uma discussão geral dos casos, considerando suas particularidades e semelhanças.

3.1 Caso 1: Roberto

Experiência da paternidade antes da separação conjugal

Roberto ficou sabendo da pesquisa através de uma postagem que realizei na rede social Facebook sobre o estudo. Deixou uma mensagem informando que estava interessado em participar e marcamos a entrevista na sala do grupo de pesquisa NUDIF. Expliquei o objetivo do estudo, agradecendo sua presença. Falei de minha motivação para a pesquisa e me apresentei como mestranda e psicoterapeuta infantil.

Roberto, no momento da entrevista, tinha 39 anos. É o caçula de uma família com três filhos homens. Trabalha como advogado. Seu filho se chama Jorge e tinha 5 anos e 11 meses. O menino nasceu do casamento de Roberto com Fabiana. Ela é de outro estado do Brasil, enquanto ele é de Porto Alegre. Os dois se conheceram quando moravam no exterior. Roberto estava fazendo Mestrado, enquanto Fabiana estava de férias. Se conheceram em uma festa. Depois da festa, os dois permaneceram juntos durante duas semanas, até que Fabiana teve que retornar para sua cidade natal. O casal se manteve em contato até que, no ano seguinte, Fabiana resolver retornar para a cidade onde Roberto estava. Segundo ele, a motivação dela era apenas ficar com ele, sem ter nenhuma atividade planejada no exterior. Desta forma, Roberto diz que achou importante que ela tivesse outras atividades, lhe incentivando a estudar e auxiliando-a na inscrição do curso. Os dois vinham de origens distintas. Ela vinha de uma família com maiores recursos financeiros que a de Roberto. Assim, segundo ele,

Fabiana não tinha grandes motivações profissionais, pois vinha de uma família abastada e ainda era sustentada pelo pai.

Os dois permaneceram dois anos namorando e morando no exterior. Após este período, Roberto recebeu uma oferta de trabalho no Brasil e, a partir disso, Fabiana propôs que os dois voltassem juntos, mas com a ideia de que noivassem. Roberto relata que não queria noivar naquela época e que *“foi meio que uma imposição”*. Suas dúvidas se fundamentavam, nas dificuldades emocionais de Fabiana. Segundo ele, ela tinha um Transtorno de Humor Bipolar, apresentando alguns episódios de mania e de depressão, além de, nos momentos de crise, se automutilar. Alguns destes episódios ocorreram quando os dois viviam juntos no exterior. Desta forma, Roberto se questionava sobre a continuidade desta relação

Segundo ele, ao expor sua vontade de terminar a relação, Fabiana entrava em desespero, chegando a se cortar, em algumas ocasiões. Desta forma, ele tinha dificuldades de levar seu desejo em frente. Apesar dos problemas do casal, Roberto e Fabiana noivaram e se casaram um ano depois. Ele não fazia questão de se casar no religioso mas, por solicitação de Fabiana, acabaram realizando o casamento: *“Então, aconteceu lá o evento e foi muito feliz pra ela, que bom que deu certo naquela época”*. Os conflitos se intensificaram quando Roberto recebeu uma proposta de emprego em outra cidade. A partir disso, Fabiana expressou o desejo de parar de trabalhar quando se mudassem e que o marido à sustentasse, assim como sempre fizeram seus pais. Entretanto, Roberto não gostou da ideia. Com a insistência de Fabiana, ele acabou concordando. Entretanto, hoje avalia que a harmonia do casal só existia quando os dois trabalhavam fora de casa. Desta forma, o acordo não funcionou para ele e os conflitos se intensificaram entre eles.

Mesmo com as desavenças, o casal permaneceu mais três anos juntos, quando decidiram ter Jorge. A vinda da criança é apresentada por Roberto com o objetivo de tentar unir o casal: *“Já tava tudo muito ruim, daí o Jorge não conserta a relação, ele acaba piorando, aí termina o relacionamento”*. Neste momento, me questiono, a partir de tantas diferenças e dificuldades existentes neste par, à serviço de que este casamento foi levado em frente por Roberto? Além disso, o quão pesado é para Jorge ser o responsável por manter os pais unidos e ainda não ter conseguido cumprir este mandato?

Roberto diz que pensava em ter um filho com Fabiana, mas que ela, diferente dele, era *“fissurada”* pela ideia: *“Esse ritmo é até um pouco ditado pela mulher, né, eu acho que o cara decide pouco nisso, eu acho que meio que vai indo de gaiato nessa”*. Apesar disso, Roberto considera que a gravidez foi planejada e que o casal se organizou para a chegada do bebê. Mas, me pergunto, até que ponto Roberto seguiu seus próprios planos ou providenciou a realização dos planos de Fabiana?

Nos dois meses finais de gravidez, Fabiana informou ao marido que gostaria de permanecer na casa da mãe em sua cidade natal, em outro Estado. Durante este período, Roberto a visitava todos os finais de semana. Segundo ele, esta combinação ocorreu para que ela *“ficasse mais tranquila... era*

bastante cansativo, mas eu ia". Nesse período também, Roberto reformou o apartamento do casal para receber a mãe e o bebê, após seu nascimento, que ocorreu na cidade natal de Fabiana.

Com a combinação realizada pelo casal, Roberto demonstrou dificuldade em encontrar seu espaço na dupla mãe-bebê, antes mesmo do nascimento de Jorge, afastou-se da vinda eminente do filho, enquanto Fabiana foi se reabastecer no colo de sua mãe. Roberto não aceitou bem esta vontade da ex-esposa, por ela já ter apresentado antes uma dificuldade de afastar-se de sua família e sair do lugar de filha. Este reabastecimento também parece se relacionar com a ideia de que a gravidez é um assunto feminino, tratado entre mulheres. Por isso, a referência da mãe neste momento teve uma preponderância maior para Fabiana. Roberto, por sua vez, parece construir um ninho a partir da reforma do apartamento, permanecendo no lugar de provedor e protetor de Fabiana, e em seguida, de Jorge. A construção de um lar para o filho parece ter funcionado como uma gestação para Roberto.

Quando indagado sobre a percepção de suas respectivas famílias sobre o relacionamento, Roberto diz que a família de Fabiana sempre gostou dele e que tem um bom relacionamento até hoje. Ele atribui isso ao fato de que os pais de Fabiana o consideravam uma boa referência para a filha, cuidando de sua *"bipolaridade"* e a incentivando a se independizar. Entretanto, a família dele considerava Fabiana como *"uma âncora"* em sua vida: *"Eles achavam que eu fazia muito mais por ela, e assim é que eu me sinto, eu acho que eu ajudei muito mais ela do que ela me ajudou"*.

A gravidez ocorreu de forma tranquila, com acompanhamento médico. Sobre sua participação durante este período, Roberto diz que *"Pai é meio bobão, nunca sabe bem o que tá acontecendo mas, claro, tinha lá alguns desejos malucos que eu fui buscar no mercado 24h. Eu acho que isso é muito mais por conta do fetiche feminino (...) mas eu participei sempre, fui em todos os exames, fui junto, participei bastante, fui eu que escolhi o nome dele"*. O nome escolhido foi em função do escritor preferido de Roberto: Bernard Shaw. O casal tinha a combinação que se nascesse um menino, o pai escolheria o nome.

Neste contexto, Fabiana parece ter um domínio sobre Roberto, segundo ele, a partir dos desejos "normais" da gravidez, mas que antes já estavam presentes por sua dificuldade em sair do lugar de filha, e de Roberto em impor alguns limites. Entretanto, pode-se pensar que a realização dos desejos de Fabiana e o suporte dado por Roberto neste momento, simbolicamente, também eram a realização dos desejos de Jorge, ainda no ventre da mãe. Assim, de certa forma, este pai já estava exercendo sua paternidade nesse período.

Apesar das críticas sobre o comportamento pouco independente da ex-esposa, Roberto parece ter tido dificuldades durante todo o casamento de afastar-se deste lugar de "pai" de Fabiana. Além disso, com o comportamento de *"pai meio bobão"*, Roberto demonstra que não sabia exatamente o que fazer durante o período da gestação e acabou fazendo o que já era de seu costume: prover. Entretanto, a vinda de um filho homem, dentro do acordo do casal sobre os nomes, parece significar que o menino que viesse seria do pai, talvez pelas características em comum, como se os dois fossem

do “mesmo time” e, por isso, se entendessem. Mesmo assim, a proximidade entre os dois nesse sentido só foi ocorrer mais tarde na relação pai-filho.

Sobre como se sentia durante a gestação, Roberto diz que *“Participava ali, contemplador, porque tu nunca pode fazer muita coisa, né, tu praticamente cede a tua esposa em nome da maternidade”*. O movimento de abrir mão da esposa em função da maternidade parece relacionar-se, novamente, à falta de funções que Roberto sentia ter durante a gestação. E também, do fato de Fabiana vivenciar a gravidez de forma bastante particular, refugiando-se mais na família de origem nos momentos finais da gestação. Durante a gravidez de Jorge, os dois parecem ter apresentado dificuldades em dar conta, ao mesmo tempo, dos papéis de filhos, cônjuges e agora, de pais.

Em relação ao seu sentimento durante a gestação, Roberto complementa: *“Mas, claro, sempre participei. Nunca fui, como que é... Nunca fui carroceiro, né, o cara some do mapa, não, sempre participei bastante assim, de tudo, de tudo mesmo. Até escolher o Hospital que vai nascer, o médico, fazer todo acompanhamento, sala de parto, tudo”*. Roberto parece necessitar deixar claro que sempre foi um pai participativo. No contexto da gestação, isto pareceu ainda mais forte em seu discurso pois, na verdade, Roberto parecia necessitar da presença concreta do filho após o nascimento para vivenciar sua paternidade completa.

Roberto esteve junto de Fabiana durante o parto, mas diz que não viu o filho nascendo, preferindo permanecer ao lado da esposa, por ter medo de sangue. Quando Jorge nasceu, Roberto relata: *“As pessoas dizem que tu fica com sentimento muito eufórico. Eu fiquei feliz, claro, tu fica feliz, mas não me lembro de ter tido nada diferente de felicidade”*. E complementa: *“eu fiquei apreensivo porquê... Tu te preocupa que o procedimento seja todo bem feito. Tu fica mais preocupado que teu filho nasça bem do que exatamente extravasar tua alegria, então claro, a alegria se sucede pelos dias seguintes, não exatamente por aquele momento ali, onde tá muito mais focado que tudo dê certo”*. A característica protetora de Roberto aparece novamente nesta fala, além da necessidade de um tempo maior para se apropriar à ideia de que tinha se tornado pai.

Sobre o período da gravidez e do puerpério, Roberto diz que Fabiana não esteve bem emocionalmente.. *“Posso dizer assim que a Fabiana surtou, mas eu acho que é muito por causa da gravidez (...) a gente começou a enfrentar uma série de dificuldades por conta, eu acho que até da própria adaptação dela com a maternidade ,teve troca de medicamento, pós gravidez (...) tu suportar uma nova responsabilidade: mãe, esposa, família. Isso eu acho mexeu muito. E, claro, cobranças minhas, Daí aqui eu assumo, cobranças de ‘a gente precisa dar um jeito na vida, as coisas precisam andar, isso aqui não é mais casa de mãe’ (...) nenhuma imputação de culpa, nem nada para ela.”*. Também acrescenta que *“Isso afetou, obviamente, em mim, muita raiva pra mim, muita projeção em mim”*. Roberto, apesar de compreender as dificuldades da ex-esposa naquele momento, parece não ter encontrado maneiras de lidar com Fabiana e lhe dar o suporte necessário durante todo o tempo, também criticando sua busca de suporte na mãe.

As dificuldades do casal e a sensação de Roberto de que “*não tinha muitas coisas para fazer*” enquanto o filho fosse um bebê parecem ter permanecido durante o primeiro ano de vida da criança, quando ocorreu a separação. Tive esta percepção quando indaguei Roberto sobre sua participação durante o primeiro ano do filho: “*Trabalhava bastante, muito, claro, conta para pagar. Sempre acordei de madrugada quando precisou, depois eu até contratei uma babá para fazer isso para mim porque eu não conseguia trabalhar, então contratei uma babá*”. A partir desta resposta, me parece que Roberto entendeu que seu papel, enquanto o filho fosse ainda um bebê e permanecesse unido à mãe, seria o de prover à díade, não encontrando outras funções relevantes na relação com o filho.

Roberto também não teceu muitos comentários sobre as características de Jorge quando bebê. A sensação que tive era de que os dois não se conheciam muito bem neste período e que as crises conjugais também podem ter atrapalhado a aproximação entre os dois. Para Roberto, o que ficou marcado desta época foi o quanto se sentia exigido, com os aumentos dos gastos com a chegada de Jorge, com a fragilidade e as críticas de Fabiana e com sua própria ideia do que era ser pai, já que tinha um referencial paterna de um pai bastante tradicional e crítico. Suas outras referências também não parecem ter tido tanto impacto em sua paternidade durante o primeiro ano do filho, como o próprio pai teve.

Sua fala é bastante contraditória sobre este período, já que descreve sua participação como provedor ao mesmo tempo em que diz ter “*estudado técnicas*” para fazer seu bebê dormir à noite. “*Então quando ele chora de noite, tu na verdade nunca liga a luz, né. O que tu tem que fazer é falar com a criança, tu precisa só acalmar ele, então tu não precisa nem tirar ele do berço. Fala num tom de voz com a criança que seja confortável e ele vai voltar a dormir de novo*”. Além disso, ele relata que foi atrás de fontes que o auxiliassem nos cuidados com o filho. “*Tu vê na internet isso, se estuda, tem vários sites, Associação Americana de Pediatria. É muito interessante*”. Entretanto, também conta que, por precisar trabalhar, acabou contratando uma babá que também permanecia à noite. Desta forma, me pergunto o quanto o papel de provedor acabou se destacando mais dentro de Roberto do que o lugar de cuidador e a própria construção de um vínculo com o filho neste período? Penso também o quanto o afastamento do pai das atividades de cuidado do filho também não justificavam as reclamações de Fabiana, que Roberto não concordava, levando o casal à separação?

Roberto diz ter ficado bastante insatisfeito com o casamento e que a vinda do filho mudou a relação do casal. Entretanto, também diz que, após o puerpério, Fabiana voltou a tomar suas medicações e que, por isso, permanecia muito tempo dormindo e tinha uma baixa libido, interferindo na vida sexual dos dois. A partir disso, Roberto começou a questionar o relacionamento com Fabiana: “*Se tua mulher não se torna tua confidente, nem tua amiga e dentro de casa tem interesses divergentes, como por exemplo, eu queria juntar dinheiro, comprar meu apartamento e estabelecer uma vida, né, padrinho. Ela tinha uma vida um pouco errática. Não queria trabalhar, não se sentia muito afeita às tarefas da casa. Então eu tinha minha mulher em casa, meu filho, uma babá e uma*

empregada. Bah, eu tinha praticamente um livro ponto na minha casa para tanta gente que trabalhava lá! E, daí, eu comecei a sentir um pouco desse desconforto. Acho que a gente sabe meio quando não é, né?”.

Desta forma, este pai parece justificar o fim da relação a partir do Transtorno de Humor de Fabiana e de sua vida desregrada, se eximindo de sua responsabilidade na crise conjugal. Mas, ao mesmo tempo que, em outros momentos, consegue admitir que a chegada do bebê foi a maior causa da crise entre os dois: *“Me culpo um pouco por causa disso, por não ter tido mais paciência, de não ter tido mais tempo, de não ter esperado mais”.* A partir disso, me parece que ainda era bastante difícil para Roberto contar a história do fim de seu casamento e admitir que o plano do casal de ter um filho para conseguir ficar unido, acabou sendo, na verdade, a causa de sua separação. Além disso, admitir que também passou por dificuldades, assim como Fabiana, também parece não ter sido uma tarefa fácil para ele. Com isso, penso que o casal não conseguiu lidar bem com as responsabilidades e as mudanças de papéis dentro da família com a chegada do bebê. Assim, a chegada do filho e o seu primeiro ano ficaram marcados como uma fase muito difícil na vida de Roberto.

Roberto e Fabiana se separaram após quatro anos de casamento e sete anos de relacionamento. Apesar das diversas dificuldades que Roberto relata ter tido com a ex-esposa, no momento da separação, foi Fabiana quem saiu de casa, indo para junto de sua família em outro Estado, com o filho, quando este tinha completado um ano: *“Ela pegou e foi embora de casa, num rompante, pegou a criança e levou, então foi daí que foi a ruptura. Ela encheu o saco, a gente tava discutindo há uma semana. Eu tava tão atordoado que eu perdi o emprego, eu não conseguia nem trabalhar. Ela me ligava o dia inteiro, a gente ficava três horas no telefone no meio da tarde, para acalmar ela. Daí eu fui demitido, daí ela surtou mais ainda porque daí quem paga as contas? Veio tudo para mim: ‘porque tu é um bosta, tu é um merda, tu é um pai de merda, tu é um fracassado, tu é isso, não sei o que, bah, daí vem o pacote completo’ E daí eu já não aguentava mais ‘cara, eu tôô fazendo meu melhor’. Ela foi e nunca mais voltou”.*

Quando indagado sobre o que fez a partir da saída de Fabiana de casa, Roberto relata que deu todos os seus pertences para a ex-esposa: carro, dinheiro e apartamento, e voltou para Porto Alegre com suas roupas e mil reais na conta bancária. Ao entregar tudo o que tinha para Fabiana, Roberto parece mostrar-se culpado pelo término da relação e tem, novamente, a atitude que teve durante todo o casamento: prover à Fabiana. Isto me parece funcionar como um ganho secundário para Roberto, como um alívio de sua culpa.

Sobre a forma como se sentiu, Roberto diz que, na época *“tu te sente na merda, né, muito difícil, aí cheguei e fui morar na casa dos meus pais, com 35 anos. Meu pai não gostou da situação. Ele me mandou embora de casa algumas vezes (...) não aceitou o fato de eu ter 35 anos e estar morando na casa dele. A minha mãe contornou, segurou, segurei um ano, trabalhei feito um animal, até conseguir juntar uma grana e recomeçar as coisas. Aí, hoje, cinco anos depois, eu posso dizer*

que a coisa tá, deu certo, mas foi muito difícil". A referência paterna parece reforçar a atitude provedora de Roberto e suas culpas, ao não receber o afago do pai no retorno para Porto Alegre. Já a mãe parece vir como um contraponto ao pai, dando o suporte que o filho precisava naquela ocasião.

Durante este período na casa dos pais, Roberto relata que teve pensamentos relacionados ao fracasso. *"Fracasso é a palavra que tu repete na tua cabeça praticamente diuturnamente, fracasso, culpa, medo, desespero, ausência... bah, é kit completo! (...) Tudo ao mesmo tempo, daí tu tem que procurar emprego, ganhar dinheiro, tu tem que visitar teu filho, tu tem que achar um lugar para morar, tu tem que fazer tudo, então tudo é um fardo muito forte que tu tem que carregar. Acho que consegui sair dessa bem"*.

Experiência do pai após a separação conjugal

Roberto permaneceu durante um ano na casa dos pais para se recuperar e organizar sua nova vida, após a separação de Fabiana e da mudança para Porto Alegre. Enquanto se recuperava, Roberto relata que a distância se tornou mais um complicador na relação como filho: *"Aí teve a separação, daí ele foi pra longe, fiquei longe, contato muito, muito incipiente"*. A idade de Jorge também é destacada por Roberto, novamente, como outra dificuldade: *"Claro, porque ele não fala, ele te vê, mas tu não sabe se ele te vê, tu participa de algumas coisas, mas também não muito, né, mas tu tá sempre lá. Não posso te dizer muito porque não tinha nada, eu trocava fralda, essas coisas eu faço, mas também isso não quer dizer nada"*. Ainda sobre sua experiência como pai de um bebê, Roberto ressalta: *"Tu nunca vai poder chegar para uma criança, principalmente nessa idade, imaginar, primeiro, que ela sabe o que ela tá fazendo, segundo, que ela sabe quem eu sou e terceiro, qual é o contexto que ela tá inserida"*. Desta forma, a ideia de incompletude da paternidade permaneceu durante o primeiro ano após a separação.

Durante este período, Roberto se focou em reorganizar sua vida e encontrar novas motivações, para superar as perdas. Neste sentido, a figura da mãe e a volta ao lar parecem ter sido muito importantes para a recuperação de Roberto, mesmo com a insistência do pai em fazê-lo sair de lá. Este colo materno parece ter feito toda a diferença para que Roberto se sentisse mais forte, inclusive, para ocupar seu lugar de pai de forma diferente de antes da separação. Desta forma, penso o quanto ter sido um pouco filho foi importante para Roberto conseguir ser mais pai, após o luto do divórcio.

Após os dois anos do filho, Roberto concluiu que, mesmo com as dificuldades iniciais de compreensão e de comunicação, o tempo e o convívio ajudaram na construção de sua paternidade: *"Eu tive um casamento incompleto, mas eu continuo sendo um pai completo"*. Desta forma, a motivação para conhecer o filho e se fazer conhecer, tendo consciência de suas diferenças com a figura da mãe, e da fase de desenvolvimento do filho, parecem ter sido determinantes para que uma interação se estabelecesse, mesmo que com a distância física sempre presente. Desta forma, ele acrescenta: *"Na*

minha cabeça, paternidade precisa ser construída, porque como não existe o tempo junto e aquela identificação natural da criança na figura masculina. Tu precisa então, de uma certa forma, desenvolver intimidade, confiança.”.

A motivação de Roberto pode ser bem exemplificada com o que ele relata sobre a abertura de uma conta de e-mail para o filho, um ano após a separação, quando o menino tinha dois anos de idade: *“Fiz uma conta de e-mail para ele. Eu, diariamente, mandava e-mails, porque ele não me ouvia, ele não sabia quem eu era e eu não tinha para quem falar(...) lá que eu mando tudo, eu mando as nossas fotos, tá tudo lá desde pequenininho. (...) Eu nunca abri esse e-mail, eu tenho a senha, mas eu nunca abri, tá lá. Eu escrevo muito nesse e-mail e foi um local que eu achei para desabafar, para poder dizer para ele ‘o papai não te abandonou, nunca pense que eu te abandonei, eu sempre estive aqui desde o começo, desde o primeiro dia, desde o último dia, desde tudo, eu sempre estive aqui’. Já que eu escrevo trezentos e-mails por dia, não custa nada eu escrever um e-mail para meu filho e eu fico imaginando o dia que eu vou dar isso para ele, não sei se ele vai querer também...”.*

Roberto descreve o sentimento que o levou a escrever, em função da distância e da dificuldade de comunicação com o filho: *“tipo um ‘asmático sentimental’, sabe, que tu não consegue respirar e tu sente aquela falta, de tu não ter voz e é uma sensação agonizante (...) Ajuda a desabafar e a buscar um pouco de fôlego, e essa asma sentimental que tu sente, ‘ah’ [suspiro], aquilo ali é a bombinha”.* No e-mail, Roberto escreve textos e cartas e conta sobre seu dia. Quando o questiono sobre os motivos de escrever para o filho, além do alívio de suas emoções, Roberto diz *“Porque quando ele ver as fotos, ele vai ver que eu sempre estive lá, desde pequeno”.* O medo da ausência parece sempre assombrar a mente deste pai que tenta se assegurar de que está deixando uma boa imagem para o filho e que os dois tem um vínculo bem constituído.

Roberto ressalta que acha sua experiência paterna interessante pelas práticas que conseguiu executar ao longo do desenvolvimento do filho. Conta, inclusive, que este foi um dos motivos de participar do estudo: poder registrar estas experiências como orientações para outros pais em contextos parecidos. Entretanto, me indago o quanto poder falar sobre sua paternidade e receber a escuta de um profissional também não tem uma motivação inconsciente de aprovação e de alívio de suas culpas?

Sobre a busca por referências sobre a paternidade, após o processo de separação, Roberto diz que não chegou a buscar atendimento psicológico pelas dificuldades financeiras. Entretanto, buscou outras fontes que parecem ter sido bastante relevantes em sua experiência. *“Busquei muita ajuda em sites especializados, fóruns de homens, onde tu busca experiências de outros caras que passam pela mesma coisa e colocam tipo algumas experiências (...) Eu nunca participei ativamente, eu só lia as experiência, mas ali tu consegue tirar algumas ideias e daí, pelo menos tu vê que tu não tá sozinho”.* O suporte de outros pais a partir do compartilhamento de experiências em uma “comunidade” parece ter trazido novos recursos à Roberto, que não se sentiu mais tão sozinho. A partir disso, parece ter

conseguido se assegurar de que o que estava vivenciando também era vivido por outros pais no mesmo contexto, trazendo-lhe um alívio para suas dúvidas e angústias.

Entretanto, ele ressalta que sua principal referência afetiva é a mãe. Ela foi a responsável pela infância de Roberto ter sido feliz. *“Eu tento transpor muito porque eu lembro muito quando eu era criança, do que que eu gostava”*. As trocas afetivas entre os dois e o sentimento de gratidão ficaram marcados em sua mente e os dois permanecem até hoje muito unidos. *“Até hoje eu tenho uma ligação muito íntima com a minha mãe no sentido de que eu vou para minha casa toda semana para falar, bater papo com a minha mãe, que eu sento lá, faço companhia, levo comida, fico ajudando ela na internet. Então eu faço companhia para ela e ajudo ela, dou aula de inglês para ela, então eu tenho um pouco dessa relação mais íntima assim também da minha mãe”*.

Entretanto, a experiência com o pai foi diferente. Este sempre foi mais distante, frio e com regras muito rígidas. Também nunca concordou com as escolhas de vida de Roberto, como sua profissão de advogado e a própria separação conjugal. Preferia que o filho seguisse a profissão dos irmãos, os dois médicos, e que continuasse seu casamento. Roberto se considera o filho rebelde quando pensa nas expectativas que o pai tinha sobre ele.

Destas relações, ele carrega a ideia de que o ambiente do filho precisa ser muito afetivo, mas também que precisa ter autonomia e responsabilidade. Assim, sua preocupação em demonstrar aceitação e afeto ao filho e de ser bom exemplo masculino, também parecem se relacionar com a referência negativa do pai. *“Eu tive uma relação difícil com meu pai, porque eu sou o filho mais novo, filho de italiano, aquela coisa muito dura, não têm sentimentos, aparentemente ele tem um pedaço de basalto no coração. Então eu tento fazer com meu filho tudo que o meu pai não fez, que é o abraço, atenção”*.

Roberto compreende que carrega uma culpa da relação com o pai e um medo de repetir esta relação com o filho: *“Eu tinha muito uma preocupação do que ele sentia (...) eu me senti culpado muito tempo (...) ‘Já tenho uma relação difícil com meu pai, agora meu filho vou ter uma relação difícil?’ Então, é meio que geracional esse defeito”*. Roberto entende que as diferenças existentes entre ele e o pai também se baseiam em sua proximidade com a mãe. *“Eu sou o protegido da minha mãe. Isso, às vezes, despertava a ira do meu pai”*. O contato físico também é destacado por Roberto como algo que gostaria de ter de forma diferente com o filho do que teve com o pai. Entretanto, é importante ressaltar que, atualmente, esta relação parece ter se transformado com a maturidade de Roberto e com a idade de seu pai, tornando-os mais próximos. Segundo ele, o pai compreendeu e aceitou melhor suas escolhas. Esta aceitação lhe pareceu bastante importante para Roberto, aliviando sua culpa.

O medo da repetição é proferido por ele como uma de suas motivações para construir uma paternidade diferente. *“Medo de se repetir, de ele sentir o afastamento do pai, dele sentir raiva de mim, de ele sentir ‘meu pai me abandonou, meu pai abandonou a mãe (...) toda visita ela é precedida*

de uma certa carga de ansiedade muito grande, porque tu deposita nessa visita a tentativa que tu faz, inconsciente e consciente, de ir lá e reparar. Daí tu sempre te cobra assim". Desta forma, penso que a relação com o próprio pai funcionou como um fantasma que assombrava Roberto quando pensava em sua própria paternidade.

Apesar da relação difícil com o pai, Roberto não deixou de ter uma referência masculina em seu desenvolvimento. O avô paterno teve uma relevância em sua formação, que ele diz carregar como um exemplo para o relacionamento que gostaria de ter com Jorge. *"Aprendi todas as coisas com meu vô, que foi uma figura muito presente pra mim, assim no sentido de me ensinar algumas coisas, pai do meu pai, o Giovanni, sempre me ensinou... Ele era o cara dos ditos, né, ele sempre tinha uns ditados engraçados para me dizer*". Além dele, Roberto também cita os irmãos mais velhos como referência, especialmente o primogênito, pois observa que ele conseguiu construir uma relação muito boa com seus filhos e também, com ele mesmo, quando era mais novo. *"Ele fez o papel de pai para mim, porque ele sempre foi o que me orientou, me disse, me levou para o meu primeiro trago, me levou na primeira festa*".

Para que a comunicação entre pai e filho aconteça, Roberto diz falar seguidamente com filho ao telefone, agora que já está com quase 6 anos. Os dois costumam conversar, quase todos os dias, após o almoço. Entretanto, as ligações costumam ser desafiadoras pela idade do filho. Desta forma, Roberto diz ter criado estratégias para fazer ele falar, realizando perguntas abertas e que as respostas não fossem apenas "sim" ou "não", adequando-se à idade do menino e tendo muita paciência. *"Quais são as perguntas que tu faz para uma criança de seis anos que não sejam 'como é que foi teu dia?', 'como é que foi a escola?', então eu sempre pergunto pra ele 'o que que te fez ser feliz hoje?', 'quais foram às brincadeiras que te fizeram te sentir feliz?', 'tu sentiu algum medo hoje, filho?', 'tu te sentiu inseguro?', 'existe alguma coisa que tenha acontecido que tu queira contar para o papai que tenha te deixado feliz?', 'tem alguma coisa que tu queira contar que te deixou triste?', 'qual foi a brincadeira que tu mais gostou?', 'tu fez algum amigo novo na escola?', 'teve alguma brincadeira nova na escola que te fez sentir algum sentimento novo?'"* A paciência é referida por ele como o maior aprendizado após a separação. Roberto diz que pessoalmente os dois costumam conversar melhor e que também costuma introduzir assuntos típicos da relação entre homens, como escatologias, e sobre o cuidado com o próprio corpo.

Sobre isso, Roberto diz que acredita que sua principal função com o filho é se tornar uma figura paterna relevante, uma referência masculina, ensinando-o como são os homens. A ideia de *"fraternidade masculina"* é citada por Roberto. *"Existe uma certa irmandade entre mulheres, existe uma certa irmandade entre homens, então existe as coisas de homem e existem as coisas que os homens tratam entre eles, 'ó filho, limpa o tico"*". Além disso, diz que sua função é *"ensinar ele a ser uma pessoa honrada, seja com a mãe dele, seja com as mulheres, seja com os relacionamentos que ele tiver, seja com os amigos que ele tenha. Pra que ele não tenha relacionamento disfuncionais"*.

Roberto, a partir das experiências que teve, parece querer que o filho não repita o mesma relação que teve com Fabiana e que siga a irmandade dos homens “*honrados*”, representados pelo seu avô paterno, e não, a dos homens “*sem sentimentos*”, representados pelo seu pai.

Além disso, ao descrever o temperamento do filho, Roberto diz que o filho é tímido, mas também muito afetuoso, apesar de relatar diferenças existentes entre suas percepções sobre a criança e as de Fabiana. “*A mãe, seguidamente, fala que ele tá muito genioso, não digo birrento, mas que ele tá fazendo muito malcriação, como ela diz. Comigo ele não faz nada. Claro, porque eu sou o pai que leva, que visita, que vai no museu, no dinossauro...*”. A observação de Roberto, ao mesmo tempo que faz uma comparação entre as atividades que ele e Fabiana compartilham com Jorge, também às diferencia pelo fato de sua convivência com o filho ocorrer através de visitas pontuais, enquanto a mãe tem uma convivência diária, podendo acarretar em mais conflitos e em uma experiência diferente.

A organização das visitas ocorre a cada 50 dias. Roberto se desloca até a cidade de Fabiana para ficar com o filho, tendo uma rotina cansativa e onerosa de viagens. Mas ressalta que considera a “*constância de visitas*” mais importante do que a quantidade de visitas. “*Ele é uma criança e o tempo para ele pode ser relativo, então é importante que na cabeça dele se dê o efeito repetição*”. Após a separação, os encontros entre pai e filho costumavam acontecer em um hotel, que o pai tentava ser sempre o mesmo, para servir de referência para a criança. No entanto, a falta de um lar para os dois se tornou, com o tempo, incômoda. Sendo assim, depois de quatro anos neste formato, há um ano e meio, Roberto e Fabiana combinaram que as visitas passariam a ocorrer na casa da mãe. Durante a visita, ela permanece na casa da avó materna de Jorge. Entretanto, segundo o pai, esta combinação precisará ser revista quando Fabiana estiver em um novo relacionamento, o que parece entristecer Roberto.

Os locais de convivência, quando ocorriam em um hotel, também tiveram que ser adaptados. Por isso, o pai precisava sempre buscar programações fora deste espaço para o filho, como idas a museus e parques. A ida às shoppings também ocorriam quando não haviam outras opções, o que não agradava Roberto. Para planejar os momentos com o filho, o pai passou fazer parte de um grupo de *What's app* com dicas de programações para crianças, organizado por pais daquela cidade. Entretanto, a mudança das visitas para a casa de Fabiana trouxe outras possibilidades de interação entre pai e filho. Atualmente, Roberto e Jorge constroem seu espaço particular na casa da mãe, através de “cabanas” feitas com lençóis, que o pai aprendeu a fazer com os “*pais da internet*”. “*Eu sentia que era uma forma de ele estar em casa, mas ele não tá (...) Criar um espaço só nosso*”.

Roberto comenta que esta é a brincadeira que Jorge mais gosta de fazer com ele e que entende seu significado. “*Eu achei muito bonitinho que uma vez ele falou assim para mim ‘papai, eu vou trazer para a nossa cabana as coisas que eu mais amo e que são as coisas mais especiais para mim’, que daí era o nosso porta retrato e a bússola que eu dei*”. Esta brincadeira me parece demonstra o quanto a utilização do lúdico, na fase pré-escolar em que Jorge se encontra, foi uma boa forma de

comunicação entre pai e filho. O vínculo entre os dois e a criação de um espaço próprio foi muito bem compreendido por Jorge, que embarca na brincadeira proposta pelo pai.

Os momentos de despedida de Roberto e Jorge costumam ser bastante difíceis para os dois. O pai tem dúvidas se o filho entende que o pai irá voltar e, às vezes, isso lhe angustia. As reações do menino costumam ser diversas, dificultando a percepção de Roberto. Às vezes, Fabiana lhe conta que o menino se despediu do pai e, simplesmente, foi brincar e, em outros momentos, chora baixinho em seu quarto à noite. Roberto tenta se assegurar de que o menino entendeu que ele irá voltar, explicando várias vezes ao menino: *“o papai já vai voltar”*. Já os momentos de reencontro costumam ocorrer na escola de Jorge e são a maior alegria para os dois. O pai prefere buscá-lo nesse ambiente para já aproveitar para conversar com a professora e ver as condições da escola. A partir disso, ele relata que lhe consideram *“o pai mais chato da escola”*, mas que tem orgulho disso.

Além das idas de Roberto à cidade do filho, Jorge também já veio à Porto Alegre, sempre acompanhado da mãe. Entretanto, o pai prefere que o filho fique na casa da avó paterna enquanto Fabiana fica em um hotel, pago por ele. Ele justifica esta escolha por possuir um apartamento muito pequeno, não tendo tanto espaço para o menino se divertir e por considerar mais prático. Provavelmente, a presença da própria mãe também deve ser um fator importante para Roberto. Ter uma referência em quem se apoiar parece aliviar suas inseguranças.

No entanto, uma nova combinação com Fabiana foi realizada no ano em que a entrevista foi realizada. Neste acordo, Roberto se desloca, na sexta-feira, até a cidade da ex-esposa, apenas para buscar Jorge e, em seguida, pega outro avião para trazê-lo para Porto Alegre. Na segunda-feira, leva-o de volta à cidade de Fabiana, retornando à Porto Alegre, logo em seguida. Este acordo só foi possível, a partir do auxílio da psicóloga de Jorge, que conversou com Fabiana sobre esta possibilidade, já que ela estava bastante relutante, no início, em deixá-lo ir com o pai. A ex-esposa apresentou esta mesma dificuldade ao não permitir, inicialmente, que o menino passasse as férias e as festas de final de ano com Roberto, que chegou a ameaçá-la com um processo judicial.

O fato de Jorge estar com quase seis anos foi um fator importante, segundo o pai, para ele solicitar essas mudanças nas visitas. A idade do filho, como já dito, também foi relevante para que o pai se sentisse mais conectado com o filho e com mais segurança em sua participação. Sobre esta nova oportunidade, Roberto diz: *“Tu consegue sentir um pouco mais a paternidade, num sentido mais ‘estou em Porto Alegre, estou na minha casa, estou com o meu carro, posso levar ele para passear, conheço às atrações, sei o que fazer’.”*

Pelo número de viagens que Roberto precisa realizar para ver o filho, metade de seu salário é gasto nos cuidados com Jorge. Trinta por cento deste valor corresponde à pensão alimentícia, acordada no divórcio e os outros 20%, nos gastos com viagens e outros gastos extras. Todos os acordos do divórcio do casal e os reajustes da pensão foram realizados por Roberto, por ser advogado. Entretanto, segundo ele, a maior parte do sustento de Jorge acabou se tornando sua responsabilidade, pelas

dificuldades emocionais e financeiras de Fabiana. Apesar disso, ele diz se sentir satisfeito por poder proporcionar uma vida confortável ao filho, mesmo que com isso ele mesmo não consiga acumular muitos bens materiais como gostaria. *“Eu acho que eu jamais me perdoaria em pegar e gastar meu dinheiro tomando birita num boteco ou comprando um carro novo ou uma bicicleta ou sei lá, do que gastar com meu filho”*. Apesar do acordo firmado entre o ex-casal, segundo Roberto, a ex-esposa está sempre insatisfeita, chegando a ameaçá-lo com processos judiciais pelo reajuste da pensão, mas que depois acaba não cumprindo.

Conforme o exposto, percebe-se que as visitas e os acordos financeiros nem sempre ocorreram tranquilamente, havendo alguns conflitos entre Roberto e Fabiana, logo após a separação: *“Já teve briga, ela já me tirou ele, como moeda de troca”*. Sobre isso, Roberto, novamente, ressalta o fato do filho estar com quase seis anos como uma diferença importante: *“Quando ele era bebezinho, tudo bem, criança, bebê, a mãe insegura, um episódio traumático de separação, o divórcio demorou um ano, tudo bem”*.

Após a separação, a comunicação entre Roberto e Fabiana passou a ocorrer, principalmente, através de mensagens de celular via *What’s app* e por conversas telefônicas. As conversas ocorrem quando o ex-casal precisa trocar informações sobre Jorge. Entretanto, ainda existem conflitos quando os dois precisam tomar algumas decisões sobre o filho em conjunto. *“Ela é um pouco intransigente, ela é um pouco intolerante (...) ela é atropeladora, ela faz as coisas e faz (...) escola ela que escolhe, corte de cabelo dele, ela que escolhe. Eu acho isso uma merda, eu queria cortar diferente (...) então tu não consegue entrar em consenso”*.

A falta de consenso parece ser o fio condutor desta relação que, mesmo após cinco anos de separação, ainda carrega mágoas e críticas. A voracidade de Fabiana ainda afeta Roberto que fica desorientado. O resultado disso parece respingar na relação com o filho, já que o pai, mesmo incomodado com isso, deixa de opinar e participar de aspectos importantes de sua vida, como a escolha da escola e do corte de cabelo. A dificuldade em estabelecer limites para Fabiana durante o casamento parece afetá-lo até hoje, além da culpa que carrega, ao não querer se parecer com o próprio pai, mas também sofrer por não ser forte e provedor sempre, como lhe era exigido pelo genitor.

Apesar da fala hostil, contraditoriamente, Roberto diz que tem um bom relacionamento com Fabiana e que ela gosta de dizer que eles são amigos. Entretanto, ele logo volta ao tom anterior ao falar que esta amizade traz *“um senso menor de fracasso na vida dela”*, demonstrando um incômodo também por Fabiana estar em um novo relacionamento. *“Ela tá namorando eu acho com um cara aí, mas no fundo eu sinto que ela quer ser minha amiga, porque isso faz parecer que ela é uma pessoa normal, e eu faço esse papel também, de estar próximo lá para dizer que ‘foi só amor’, que não deu certo, então acaba ficando uma história bonita, que é melhor ser contada desse jeito...(...)”*. Apesar do tom crítico, Roberto parece concordar com esta ideia: *“Eu acho que fica melhor que essa história seja contada nessa versão, por maturidade”*.

A ideia de fracasso, apesar de Roberto descrever como superada, parece ainda estar presente. Uma competição sobre quem teve o maior fracasso com o fim da relação, sobre quem mais saiu perdendo está presente em sua fala. A amizade, neste contexto, parece difícil pois, mesmo dizendo o contrário, ainda não é considerada por Roberto como uma amizade verdadeira, mesmo que de “pai e mãe”, de cooperação à favor do filho. Na realidade, o conflito conjugal latente parece interferir na construção desta amizade, em vários momentos.

Sua descrição do acordo velado entre o ex-casal e de seu papel nesta “encenação” primeiramente, são colocados à serviço de Fabiana como uma prova de maturidade, na percepção de Roberto. Mas também, é apresentada à mim durante a entrevista quando ele, diversas vezes, traz um panorama positivo sobre a relação e depois se contradiz. Isto pode estar vinculado à sua necessidade de me provar aquilo que ele imagina que eu estava desejando ouvir: que em sua experiência, não existem conflitos na relação com a mãe de seu filho, que existe maturidade.

A partir disso, Roberto também diz não perceber uma interferência desses conflitos na sua relação com o filho e que, em diversos momentos, existe uma cooperação entre os dois à favor de Jorge: *“Ela me pergunta, participa, fica com medo de algumas coisas ‘ah, teu filho tá fazendo birra aqui, vou ligar pro teu pai’, sabe? Só que eu já falei para ela, ‘tu não fica com essa história, porque daí eu fico com a figura do punidor, sabe?’ (...) E é isso que eu não quero... (...) nunca digo que eu vou ficar brabo com ele, porque eu não assumo essa posição”*.

O fato de Fabiana colocar Roberto como o responsável pelos limites em relação ao filho parece incomodar Roberto, que relaciona esta atitude com uma paternidade tradicional, em que o pai fálico é que mantém o filho castrado na relação com a mãe (Freud, 1921/1996). Ele é enfático ao dizer que não gostaria de ser associado apenas a este papel, buscando associar sua participação à outros aspectos da vida do filho e preferindo, na verdade, dividir a tarefa de punição com Fabiana. Não se tornar parecido com o próprio pai, que assumiu esta paternidade bastante tradicional, é o que parece incomodar mais Roberto.

É importante ressaltar também que este foi o único exemplo trazido por este pai relacionado à colaboração entre o ex-casal, demonstrando, novamente, o quanto esta relação ainda é permeada de conflitos. A mãe parece não compreender ou Roberto parece não saber comunicar a magnitude de sua participação na vida de Jorge. Apesar disso, ao se preocupar em construir uma imagem positiva para o filho, o pai também tenta passar uma imagem positiva de Fabiana para Jorge, na expectativa de que ela faça o mesmo por ele. *“Eu tô trazendo para o meu time também porque eu sei que daí a criança me vê como um aliado e não como um inimigo porque, claro, teu maior medo é que teu filho te negue”*.

Além disso, a presença de um novo homem na vida de Fabiana e a ideia de continuidade de sua vida, como uma *“pessoa normal”*, parecem afetar Roberto, que tem medo de que outro homem se sobreponha à sua figura de pai, como ocorreu em sua experiência como filho. A preocupação com a segurança do filho e com as escolhas de Fabiana também é descrita por Roberto. *“Tem o outro medo,*

de ela achar um outro cara que vai refazer a figura de pai, que daí eu sempre combino, eu digo ‘olha, eu quero saber com quem tu tá saindo, não porque eu tenha ciúmes, mas muito mais porque eu tenho medo com relação à criança’, abusador sexual, violento, alcoólatra, drogado’. Roberto chegou a perguntar para o filho sobre um possível relacionamento da mãe, mas com as respostas vagas do menino, não se aprofundou muito no assunto. Com o possível namoro atual de Fabiana, ele diz que pretende perguntar novamente à Jorge sobre o namorado. A dúvida de Roberto também se apoia no fato das visitas passarem a ocorrer, novamente, em um hotel, o que o desagrada.

Sobre sua relação com outras mulheres após a separação, Roberto diz que evita se envolver emocionalmente. *“Isso eu não quis fazer até para me preservar assim, mulherada já quer casar (...) às vezes as mulheres tem essa ideia ‘bah, não, se o cara é um bom pai, vou botar um filho no cara’(...) e de fato, conheci muitas mulheres, mas não, não chegou a me despertar um senso de novo de ‘quero construir uma nova família’, porque daí me parece que é meio cristal assim, sabe”.* Roberto ainda está elaborando a concepção que tinha de casamento a partir da relação que se desfez e *“se quebrou como um cristal”.* É difícil juntar os pedaços quando eles se quebram. Também tenta elaborar a possibilidade de que Jorge tenha vindo, inicialmente, como um desejo de Fabiana, que ele precisou suprir. O receio em se relacionar com outras mulheres parece se vincular com a possibilidade de que, novamente, ele precise suprir um desejo feminino com a vinda de outra criança.

Apesar disso, Roberto conta que está namorando atualmente. Ele conta que ainda não a apresentou a namorada para filho e tem dúvida se deve apresentar e em que momento fazer isso. Este questionamento parece estar latejando em sua mente. Ao final da entrevista, quando lhe pergunto se tem alguma pergunta ou comentário a fazer, ele me faz indagações sobre esse assunto: *“Nem sei se eu apresento ela...Tem quatro meses de namoro, não sei, ela quer ser mãe muito, eu não sei em que ponto meu relacionamento tá com ela, não sei, tenho que preservar ele (...) eu não sei exatamente qual impacto isso pode ter para ele, de conhecer uma namorada e depois quando ele voltar ela já não estar mais aqui”.* Muitas coisas parecem necessitar ser pensadas e ponderadas sempre por Roberto desde a separação. Mas, ao final da entrevista, acredito que, a partir das associações livres realizadas durante o tempo em que conversamos e da minha escuta flutuante, ele faz uma reflexão e consegue chegar a uma conclusão, que parece aliviar o *“asmático sentimental”*: *“Eu acho que tá assim, num panorama geral, falando contigo aqui, eu até tô pensando assim, acho que tá indo bem, cara, acho que tá indo bem...”*.

Entendimento dinâmico do Caso Roberto

Nesta seção busco fazer um entendimento dinâmico do caso, a partir dos relatos de Roberto e de minhas impressões ao longo da entrevista, levando em consideração a literatura e considerando-se os dois períodos destacados: a Experiência da paternidade antes da separação conjugal e a Experiência

da paternidade após a separação conjugal. Nesta análise, serão seguidos, principalmente os eixos teóricos interpretativos descritos acima, sem desconsiderar outros autores psicanalíticos relevantes para o entendimento do caso: *Sentimentos e representações do pai acerca de sua paternidade; Sentimentos e representações do pai acerca do filho e da relação pai-filho; Sentimentos e representações do pai acerca da ex-companheira como mãe; Sentimentos e representações do pai acerca de sua família de origem.*

Sobre os Sentimentos e Representações de Roberto acerca de sua paternidade e acerca do filho, foi possível perceber que ele teve, aos poucos, seu mundo representacional sacudido (Stern, 1997), necessitando fazer uma reorganização psíquica após o nascimento do filho, entre o bebê imaginado e o bebê real, aquele que nasceu (Ferrari et al., 2007). Nesse sentido, o nome escolhido para o filho representa este desejo pela criança (Houzel, 2004), já que, segundo, Cramer & Palasio-Espasa (1993), este é um elemento importante na construção do bebê imaginário, representando a história, as expectativas e os desejos que os genitores tem pela criança, mesmo antes do seu nascimento. Desta forma, neste caso, o filho recebeu um lugar determinado na fantasia paterna de Roberto antes mesmo de nascer.

O nome em homenagem ao escritor preferido do pai, Bernard Shaw, me parece bastante significativa para a compreensão da paternidade de Roberto e de sua representação sobre o filho. Os escritos do autor preferido do pai apresentavam sempre um ataque à moral e às convenções, denunciando a hipocrisia da sociedade de sua época. Tinha uma personalidade marcada pelo idealismo, pela resistência e pela luta pelos direitos, compreendendo que o homem só tinha deveres consigo mesmo, não podendo se sujeitar à outros homens. Nesse sentido, o conceito de casamento também era bastante questionado pelo autor, assim como a sujeição das mulheres aos homens.

A partir desta descrição, penso que o desejo do pai pelo filho e a fantasia paterna sobre a criança fazem muito sentido quando relacionada à personalidade e à história de relacionamentos de Roberto com seus genitores. A ideia de rebelar-se contra a moral vigente, não se sujeitando ao desejo de outros homens me parece estar, explicitamente, relacionado com sua relação com a figura paterna e o Ideal de Ego (Freud, 1923/2004) do pai. Enquanto a ideia de ruptura do casamento e da luta pelo direito das mulheres parece estar relacionado à sua figura materna, que parece dominada por este pai castrador (Freud, 1921/1996). Segundo Freud (1914/2004) o narcisismo parental é o ressurgimento do narcisismo primário abandonado pelo pai na infância à partir das exigências da realidade. Desta forma, a partir do amor parental, o pai espera que o filho satisfaça seus ideais infantis nunca alcançados. Assim, penso que a paternidade para Roberto vem como uma revivência de sua conflitiva edípica, na qual o bebê vem como o depositário e seus desejos e fantasias, de rivalidade com o pai e de amor com a mãe, nas quais ele não pode realizar totalmente.

Entretanto, apesar deste desejo pelo filho, o relacionamento com a ex-esposa parece ter estado sempre pautado pelo desejo de reparação e de culpa, a partir de sua experiência como filho na relação

com o próprio pai, da qual se sentia subjugado. Desta forma, penso que, embora Roberto tenha relatado que tinha o desejo de ser pai (Houzel, 2004), me parece que, inicialmente, a presença do filho em sua vida se deu mais por uma busca pela realização dos desejos da ex-esposa. Desta forma, Roberto permanece no lugar de subjugado, agora na relação com ela, como uma compulsão à repetição (Freud, 1920/2004). Isto pode ser exemplificado pela própria concepção do filho que, segundo Roberto, ocorreu no ritmo dela. Além disso, os motivos atribuídos pelo pai, que levaram o casal a conceber o filho naquele momento, parecem estar muito ligados à solucionar os conflitos do casamento e às crises depressivas da ex-esposa, funcionando como uma “cola conjugal” (Stern, 1997). Em relação à isso, Fraiberg, Adelson & Shapiro (1994) destacam que muitos homens buscam, através da vinda de um filho, alterar e aliviar seus próprios sofrimentos.

No entanto, a partir do nascimento do filho, Roberto parece ter percebido que o bebê não estava unindo o casal, e sim, lhe trazendo ainda mais conflitos. Este afastamento, na verdade, já estava ocorrendo nos últimos meses de gestação quando Fabiana esteve em outra cidade, longe de Roberto. Segundo Stern (1997), a chegada do filho implica em mudanças na realidade e nas prioridades do casal, colocando seu mundo representacional em constante pressão para se modificar. Desta forma, a mudança do casal para uma tríade, na verdade, pode levar a ainda mais conflitos, com consequências, inclusive, para a relação pais-bebê.

No caso de Roberto, a chegada do bebê parece ter reforçado ainda mais seu lugar de subjugação, sempre à mercê dos desejos da ex-esposa, que me parece ter a representação de uma segunda figura castradora e exigente, assim como seu pai. Isto parece ter se dado muito pelo fato dela ter dificuldades em lidar com as próprias emoções, em função do Transtorno de Humor Bipolar, e por ter uma dependência financeira do marido. Este acordo não agradava Roberto que, continuamente, se sentia insatisfeito com o casamento e com a esposa, que considerava como uma âncora que o segurava, mas em função de sua história infantil, não conseguia se distanciar (Freud, 1920/2004). Desta forma, a representação de Roberto sobre o filho, inicialmente, além de representar uma tentativa falha de união do casal (Stern, 1997), também parece ter sido representado por ele como mais um capricho de Fabiana, que precisava deste “presente” do marido, como uma forma de preencher o vazio que sentia.

A partir disso, os sentimentos e as representações de Roberto pelo filho foram se construindo aos poucos, se intensificando mais após o nascimento da criança mas, principalmente, após o primeiro ano de vida de Jorge e da separação conjugal. Inicialmente, Roberto angustiava-se por não ter muitas funções durante a gravidez e puerpério, estando o bebê sob o domínio da mãe, através da relação especial estabelecida entre os dois (Stern, 1997). Assim, penso que havia um sentimento de frustração em Roberto, ao não reconhecer a paternidade e no filho a realização de seus desejos de superação do pai (Freud, 1914/2004).

A sensação de ser um mero reprodutor permaneceu até a época de sua participação nesta pesquisa, já que, na ocasião da entrevista, ele relatou sentir medo de envolver-se com outras mulheres

e ter, novamente, um filho ditado pelo ritmo materno. Segundo Cramer e Palasio-Espasa (1993), após o nascimento de um filho, o casal passa por diversos desafios psicológicos em conjunto. A partir disso, há um afastamento entre pai e mãe, por haver a necessidade de reconstruir a unidade dual com a inclusão de um novo membro na família. Entretanto, a mãe, mais do que o pai, precisa abrir mão de diversas demandas narcísicas para se voltar totalmente ao bebê, entrando em um estado de preocupação materna primária (Winnicott, 1965/2001). Isto pode ser bastante exaustivo para muitos pais, acarretando em conflitos entre o casal (Cramer & Palasio-Espasa, 1993).

Esta ideia de domínio de Fabiana em relação ao bebê ocorreu, principalmente, a partir do movimento dela de voltar-se para a mãe nos últimos meses de gestação. Roberto reconheceu, na esposa, a partir desta aproximação da mãe, uma fragilidade emocional e uma necessidade de cuidado ainda maior do que antes do nascimento do filho. Isto parece ter incomodado Roberto, que sentiu que precisava estabelecer limites à sua relação com Fabiana, a partir da chegada do bebê, e da necessidade da construção de uma nova identidade de pai. Entretanto, é importante ressaltar que o movimento de Fabiana de aproximar-se da mãe é natural para muitas mulheres, por necessitarem de um modelo de maternidade presente neste período (Stern, 1997), o que Roberto não poderia suprir. Nesse momento, também é comum que haja um afastamento das figuras paternas pela mulher. Desta forma, em muitos casos como o de Roberto, o marido acaba sendo colocado em segundo plano, chegando a ser visto, inclusive pela esposa, de forma bastante negativa (Stern, 1997). Segundo Stern (1997), é comum que casais que tiveram filhos tenham estes conflitos em função da falta de sincronia no processo de parentificação (Houzel, 2004).

Estas mudanças somadas às dificuldades emocionais anteriores de Fabiana, trouxeram uma responsabilidade maior ainda à Roberto, que sentiu-se exaurido com as exigências e reclamações constantes dela, acrescidas às mudanças inerentes à chegada do bebê. Segundo Brazelton (1988), após o nascimento de um filho, surgem novas ansiedades e preocupações nos pais diante da responsabilidade de cuidar do bebê, podendo apresentar um sentimento de inadequação. Em pesquisa realizada por Krob et al. (2009), estes sentimentos foram identificados nos pais pesquisados, assim como referido por Roberto. Foi identificada também uma ambivalência por parte dos participantes, tendo tanto sentimentos positivos quanto desagradáveis em relação à nova realidade do casal e à convivência com o bebê. Esses sentimentos podem levar alguns homens a afastarem-se da paternidade, assim como Roberto fez ao voltar-se cada vez mais ao trabalho e a outros investimentos pessoais, que não estavam podendo ser fornecidos pelo filho (Bydlowski, 2000).

Tudo isso fez com que a ex-esposa, em um rompante, retornasse totalmente ao lugar de filha (Stern, 1997), voltando à casa dos pais e desfazendo o casamento. Roberto, desesperadamente, tenta aliviar sua culpa da mesma forma que fez durante toda a relação: sendo um provedor. Isto parece ficar claro quando ele tenta suprir Fabiana e o filho com suas posses no momento da separação. Entretanto, esta função não parece ter sido o suficiente para que um vínculo maior se formasse entre pai e filho

ou para que o casamento não entrasse em crise. Assim, Roberto se viu sozinho e também desamparado, ainda construindo sua paternidade, mas agora com o desafio extra de experimentá-la sem uma companheira ao lado, e à distância.

Segundo Piva (2001), o término de um casamento representa o fim de um ideal de insolubilidade, deixando os ex-cônjuges com sentimentos de desamparo, frustração e solidão. De acordo com Abelleira (2006), esta angústia pode resultar em uma perda de identidade e de continuidade pelos indivíduos, já que a separação altera a vida dos ex-cônjuges e sua relação consigo, com o ex-companheiro, com os filhos, com as famílias de origem de ambos, com os amigos e com o entorno social. Assim o luto experimentado por Roberto logo após a separação e a sensação de frustração me parecem compreensíveis.

O fato de Roberto se relacionar com uma mulher que, antes do nascimento do filho, já representava o papel de filha para ele, merece ser destacado. Roberto, conscientemente, parece que buscava uma companheira em uma relação de iguais. Entretanto, sua falta de iniciativa em separar-se de Fabiana antes e depois do nascimento de Jorge, me parece demonstrar o quanto existia um ganho secundário (Freud, 1901/2004) em permanecer casado. Desta forma, penso que o senso de culpa que Roberto carregava, ocasionada pela ferida narcísica presente na relação com o pai (Freud, 1914/2004) parece ter sido transferido para a relação com a ex-esposa. Assim, o medo de Roberto em ser um “fracassado” aos olhos do pai, provavelmente, fez com que ele desse continuidade a um casamento problemático, em que ele precisava se doar totalmente para ser considerado bom. Com isso, inconscientemente, exercer o papel de provedor parecia ser a forma que Roberto encontrou de cumprir o mandato paterno (Freud, 1921/1996), aliviando sua culpa.

A partir disso, retomando à questão das Representações e Sentimentos do pai sobre sua paternidade, penso que, inicialmente, Roberto identificou-se com a função de matriz de apoio de Fabiana e, somente após a separação, com a de cuidador primário (Stern, 1997). Pelas dificuldades anteriores do casal e sua representação sobre a esposa, Roberto compreendeu que seu apoio se daria a partir de exigências e de um resgate de Fabiana do colo da mãe. Desta forma, mesmo identificando-se com esse lugar, Roberto reconhece que falhou ao não conseguir ser uma matriz de apoio muito eficiente para Fabiana, não compreendendo seu estado de preocupação materna primária (Winnicott, 1965/2001).

Por outro lado, Roberto fez parte de forma eficiente da matriz de apoio nos momentos em que, mesmo afastado pela esposa, compreendeu a importância de reformar o lar da família, como um ninho protegido, para aguardar a díade mãe-bebê em seu retorno, tentando construir um ambiente suficientemente bom para a família (Winnicott, 1960/1983). Este parece ter sido um exercício importante em seu processo de parentificação (Houzel, 2004), já que parece funcionar também como uma tentativa do pai em ligar-se ao filho, antes mesmo de seu nascimento (Krob, Piccinini & Silva, 2009).

Além disso, buscou garantir o sustento financeiro da família após o nascimento do filho e a satisfazer os “desejos de grávida” de Fabiana. Entretanto, os poucos momentos citados por Roberto, até o primeiro ano do filho, em que conseguiu identificar-se com o lugar de cuidador, logo foi substituído pelo lugar de provedor. Isto pode ser exemplificado com as estratégias para fazer o filho dormir à noite, citadas por Roberto que, em seguida, foram abandonadas para que uma babá contratada por ele desempenhasse estas funções com o objetivo de deixá-lo se concentrar no trabalho. Segundo Biggart & O'Brien (2010), assim como Roberto, existe uma necessidade por parte de muitos homens, que tiveram filhos, em voltar-se para o trabalho e para a busca de um ganho financeiro maior, priorizando a função de provimento em sua experiência.

Assim, como já dito, o papel de cuidador (Stern, 1997) parece ter sido melhor representado por Roberto somente após a separação conjugal. Isto parece ter sido possível a partir da retomada de Roberto ao lugar de filho, precisando de um ano na casa dos pais tendo, principalmente, a referência da mãe por perto, para recuperar-se de suas perdas. Este retorno ao colo materno parece ter auxiliado Roberto a reconhecer quais eram as suas funções de cuidado em relação ao filho. Desta forma, a mãe como sua cuidadora primária, auxiliou-o a encontrar outras formas de exercer sua paternidade, que não fossem apenas as do pai tradicional, como seu próprio pai foi (Stern, 1997). De acordo com Scaglia, Gomes & Barbieri (2018), em pesquisa realizada com pais no contexto da separação conjugal, foi observado que, assim como Roberto, outros pais buscam a própria mãe como apoio, inclusive, para mediar os encontros entre o pai e a criança. Assim, em relação a sua representação de paternidade, a separação e a aproximação com a própria mãe parece ter auxiliado Roberto e reencontrar-se.

Entretanto, também é importante ressaltar que, segundo Stern (1997) o mundo representacional do pai não sofre um abalado tão intenso quanto o da mãe a partir do nascimento do bebê. Normalmente, a reorganização da rede de esquemas do pai após o nascimento do filho necessita de um período maior de tempo para ocorrer. Isto costuma acontecer, em muitos pais, quando a criança já tem, inclusive, alguns anos de idade. Desta forma, deixar de ser apenas filho do próprio pai para ser pai do próprio filho parece ter levado alguns anos para ocorrer com Roberto. Neste contexto, segundo Stern (1997), é comum que casais que tiveram filhos tenham conflitos em função da falta de sincronia no processo de parentificação (Houzel, 2004) tanto da mãe quanto do pai, já que a reorganização de seus esquemas costuma ocorrer em ritmos diferentes, podendo ocasionar a separação conjugal por este motivo. No caso dos homens separados, o processo de construção e ressignificação da paternidade pode tornar um tempo ainda maior, principalmente, nos casos de pais de crianças pequenas (Abelleira, 2006).

Desta forma, atualmente, com um filho de quase 6 anos, Roberto parece compreender suas funções de forma diferenciada, já que desde os dois anos do filho tem se identificado mais com o papel de cuidador (Stern, 1997), se empenhado em construir um vínculo com o filho a partir disso. Assim, Roberto busca ser um modelo de identificação masculina para o filho, beneficiando-se também da

resolução edípica de Jorge (Freud, 1921/1996), tendo uma comunicação única, com assuntos em comum como, por exemplo, os conselhos que ele dava para o menino sobre seu próprio corpo. Em pesquisa realizada por Bustamente (2005) com pais de meninos pré-escolares, observou-se um sentimento de tranquilidade por parte dos entrevistados em relação à sexualidade e ao cuidado com o corpo dos filhos, se comparado aos pais de meninas. A partir desta identificação do filho com ele, Roberto parece ter passado a entender que seu papel é apresentar ao menino um homem diferente do que lhe foi apresentado pelo próprio pai. Um homem disponível emocionalmente, que não tem medo de demonstrar afeto, mas que ainda guarda um senso de responsabilidade e provisão, como os pais mais tradicionais (Stern, 1997).

Assim, Roberto, gradualmente, demonstrou estar se sentindo com mais domínio sobre o filho na relação com a mãe. A criação da cabana de lençóis na casa da ex-esposa, na brincadeira com o filho, e depois sua confiança em trazer o filho à Porto Alegre, mesmo que ainda na casa da avó paterna, parecem representar esses novos aspectos de sua paternidade. Roberto se posicionou em relação à Fabiana que, ao não estar mais em uma relação tão exclusiva com o filho, passa a ter que abrir espaço para o pai, mesmo que com relutância. Desta forma, me parece que Roberto se empenhou para construir mais espaço na relação com Jorge.

O apoio da psicóloga do filho parece ter sido muito importante para que Roberto pudesse ter a convivência e o espaço com o filho assegurados. Esta funcionou de intermediadora das combinações que precisavam ser feitas entre ele e a ex-esposa, com o intuito de traduzir a necessidade do filho de estar mais com o pai e conviver com ele em sua cidade natal e com a família paterna. Isto parece ter dado mais segurança à Roberto, que se sentiu apoiado pela psicoterapeuta do filho. Segundo Oliveira, Gastaud & Ramires (2018), em pesquisa realizada com psicoterapeutas infantis sobre a participação dos pais na psicoterapia, foi identificado que as entrevistas com os genitores proporcionaram um espaço de acolhimento, escuta e reflexão, possibilitando que eles pensassem sobre seus papéis, posições e dificuldades na sua experiência com a parentalidade. A escuta e compreensão de seus sentimentos na relação com a criança, contribui também para a superação dos sintomas e promoveu o fortalecimento dos vínculos pais-criança.

A partir disso, penso que a relação atual construída entre pai e filho apresenta elementos bastante similares aos encontrados na pesquisa realizada por Brotherson et al. (2005) sobre a conexão entre pais e seus filhos em idade escolar e pré-escolar: a sensação de conexão física e emocional do pai com a criança, a percepção de seu papel em relação às necessidades de orientação e cuidado da criança em desenvolvimento, as interações pessoais centradas no apoio e nas atividades em conjunto e as práticas de cuidado do pai em relação à criança. Da mesma forma, em estudo realizado por Paquette (2004), com pais com filhos nessa mesma faixa etária, eles relataram, assim como Roberto, que sentiam-se mais conectados com os filhos nas atividades realizadas em conjunto em um ambiente

semi-estruturado que permitia o contato físico e o compartilhamento de interesses, como por exemplo, nas brincadeiras, como da cabana de lençóis, ou no contexto de aprendizagem.

As Representações e Sentimentos de Roberto sobre sua família de origem parecem ser uma fonte importante para sua representação de paternidade. Entretanto, ele possuía referências conflitantes que também foram a causa de seu atordoamento. Ao mesmo tempo que tinha a mãe como referência, já que parece ter sido uma boa cuidadora primária (Stern, 1997; Winnicott, 1960/1983), Roberto também tinha a necessidade de cumprir os ideais paternos de um pai bastante tradicional. Segundo Stern (1997), este atordoamento é comum acontecer entre os pais contemporâneos que precisam apropriar-se do lugar de cuidador, além do de matriz de apoio, diferente da maioria dos pais de gerações anteriores, que se mantinham mais como matriz de apoio apenas. Desta forma, Roberto tinha como referência as características de uma paternidade mais tradicional (Stern, 1997), em que o papel principal do homem seria o de fazer parte da matriz de apoio, protegendo e provendo financeiramente à família. Mas em outros aspectos, buscava por conta própria uma paternidade contemporânea, em que a função de cuidado é compartilhada entre o casal (Stern, 1997).

Como já citado, a representação de “paternidade tradicional” (Stern, 1997) parece ter se constituído a partir de suas vivências com seu próprio pai, mesmo não sendo as de sua preferência. Roberto descreve o pai como um homem rígido, distante e tradicional, que não aceitou bem suas escolhas de vida, incluindo a sua separação, e seu retorno à casa dos genitores. Pensando na resolução edípica de Roberto, este pai parece ter sido encarado por ele como um castrador (Freud, 1921/1996), ao afastá-lo da mãe, da qual era bastante próximo. Entretanto, a agressividade de Roberto direcionada ao pai, a partir da angústia de castração (Freud, 1926/2004), parece não ter sido bem recebida pelo progenitor, não tolerando sua “deslealdade”.

A imaturidade e o Superego (Freud, 1923/2004) rígido do pai de Roberto não possibilitaram a construção de uma relação afetiva após a resolução edípica. Desta forma, até hoje, Roberto parece carregar marcas em seu narcisismo por não ter cumprido os mandatos do pai (Freud, 1921/1996) e não receber sua admiração. Com o nascimento de Jorge, a sombra do pai parece ter coberto Roberto ainda mais, deixando-o, inconscientemente, à mercê do Ideal de Ego (Freud, 1923/2004) que construiu a partir de sua relação objetual com esta figura primária. Deste Ideal de Ego, Roberto carrega na relação com o filho um senso de responsabilidade que, após a separação, se tornou ainda mais intenso, trazendo um sentimento de culpa e de medo de ser um pai ausente afetivamente, como o próprio pai foi.

Isto só parece ter sido reconhecido por ele quando pôde ressignificar sua paternidade ao se experimentar sozinho com o filho, aproveitando as oportunidades que seu crescimento lhe deram para aproximar-se ainda mais. Segundo Souza, Smeha & Arend (2012), após a separação, diversos pais, assim como Roberto experimentam uma melhora na relação com a criança. De acordo com as autoras, muitos pais experimentam um fortalecimento nos laços afetivos com os filhos após a separação,

mesmo com a redução do tempo de convivência. Assim, penso que houve uma extensa alteração nos vínculos e na auto-imagem do pai após a separação (Abelleira, 2006). A partir da segurança que Roberto foi adquirindo sobre sua paternidade, inclusive, foi possível uma reaproximação com o próprio pai, ressignificando também sua relação com ele e a sua experiência como filho.

Como já citado, a referência de Roberto sobre o cuidado parece ter origem em sua mãe, como modelo feminino e no avô paterno, como modelo masculino, com as quais ele sempre teve uma relação próxima. A admiração e o apoio recebido por eles no lugar de filho parecem ter feito com que ele os considerassem como modelos muito positivos na construção de sua representação de paternidade. A partir disso, me parece que Roberto tem conseguido reproduzir estas referências na relação com o filho, de forma mais leve do que vivenciou na relação com próprio pai. Estes modelos de cuidadores parecem ter sido reproduzidos também pelos irmãos de Roberto que parecem terem se tornaram os grandes representantes da “nova” paternidade para o irmão caçula (Stern, 1997).

Roberto também buscou na internet por outras referências, mais contemporâneas, através do relato de outros pais vivenciando o mesmo contexto de separação conjugal. Esta troca de experiências entre os pais é destacada em estudos realizados por Pereira, Prola e Silva (2015) e Brito, Cardoso e Oliveira (2010) como um componente importante para que se constitua uma experiência mais positiva de paternidade por parte dos homens, em diferentes contextos. Estes contatos parecem ter auxiliado o pai a validar sua paternidade, ajudando a aliviar as culpas que carregava. Além disso, o fato de escrever para o filho, também através do recurso da internet, parece representar uma forma de Roberto deixar registrado, concretamente e psiquicamente, o seu esforço e seu processo de ressignificação da experiência de paternidade e da relação com o filho. Além disso, o ajuda a assegurar-se de não ter repetido com o filho o modelo de paternidade tão temido da relação com o próprio pai.

O fato de, socialmente, haver uma tendência a considerar muitos pais separados como ausentes, como demonstrado por diversos estudos (Costa & Silva, 2015; Cúnico & Arpini, 2013; Warpechowski & Mosmann, 2012), também pode ter intensificado a necessidade de Roberto de se auto afirmar através destes registros. Além disso, a própria motivação em participar das entrevistas deste estudo parecem representar isso, ao buscar através da minha escuta uma validação e um registro de sua experiência. Esta minha percepção sobre a motivação de Roberto em participar do estudo, já tinha sido percebida em outra pesquisa com pais separados (Schneebeli & Manandro, 2014). Neste estudo, inclusive, as pesquisadoras observaram que as próprias entrevistas fizeram os pais refletirem e modificarem suas percepções sobre a paternidade e o divórcio, assim como Roberto fez ao me perguntar sobre como poderia apresentar a namorada ao filho.

Desta forma, penso que Jorge representa para o pai uma forma de ressignificar suas próprias vivências, revivendo através do filho seu narcisismo inicial em forma de amor objetal (Freud, 1914/2004). Assim, o filho torna-se membro desta cadeia geracional a partir do momento em que Roberto o reconhece e o subjetiva, através da história que viveu com seus próprios pais (Puget &

Berenstein, 1993). Entretanto, ao desejar o filho e projetar sua própria paternidade, Roberto não esperava que ela ocorresse marcada pela distância. E esta parece reforçar suas inseguranças, assombrando-o continuamente. A presença de um novo homem na vida de Fabiana também é outro fantasma de Roberto que, pela insegurança que ainda carrega, tem medo de que seu lugar de pai seja invadido por outro homem mais capacitado. Este temor do pai sobre a presença de uma nova referência paterna na vida da criança com um possível novo relacionamento da mãe, foi destacada em pesquisa realizada por Schneebeli e Manandro (2014) como bastante frequente em outros pais neste mesmo contexto.

A consciência de que precisava construir sua paternidade fez Roberto motivar-se, tentando compreender as necessidades de cada etapa do filho, as brincadeiras e sua forma de comunicação. Entretanto, ao analisar a Representação do pai sobre a relação pai-filho é importante ressaltar o quanto os retornos dados por Jorge ao pai também foram determinantes para que o vínculo se estabelecesse. Roberto não fez esta construção sozinho. Ao longo de seu desenvolvimento, Jorge deu sinais ao pai de que estava sendo compreendido. Por exemplo, quando se tranquilizava à noite com seus cuidados, quando trazia seus tesouros para a cabana construída pelos dois ou quando se mostrava, às vezes, seguro pela volta do pai e, às vezes, tristonho pela saudade pela distância física. Assim, Jorge aliviava as inseguranças do pai quando fazia isso. De acordo com Zornig (2012) e Moro (2005), a criança busca ativamente os cuidados parentais. Assim, suas respostas modelam o tipo de cuidado que lhe é oferecido, permitindo novas formas de interação de acordo com cada fase. Assim, segundo Parke (1996), a relação pai-filho deve ser vista como um processo de mão-dupla, em que um influencia o outro.

As Representações do pai sobre filho me parece terem se baseado nesta nova relação construída entre os dois, que lhe trazia muita satisfação, mas também angústia. Desta forma, estas representações foram se modificando em cada fase do desenvolvimento do menino, ao deixar de ser apenas o bebê imaginário e tornar-se o bebê real no psiquismo paterno (Cramer & Palasio-Espasa, 1993). Primeiro, Jorge parece ter sido representado como a revivência do narcisismo primário do pai (Freud, 1914/2004), depois como a “cola conjugal” (Stern, 1997), depois como o bebê dominado pela mãe até que, após o primeiro ano de vida e a separação do casal, passou a representar, novamente, um recomeço para Roberto. Assim, este pai passa a assumir o lugar que antes era de seu próprio pai, mas que, a partir de sua vivência edípica (Freud, 1921/1996) traumática, escolhe realizar diferente com o filho, resignificando-a. Na época da entrevista, Roberto descreve o filho como um menino afetuoso, mas tímido, que se interessava por ciências e por leitura, assim como ele, mas que não o desafiava, diferente da relação, descrita por Roberto, do filho com a própria mãe. Ou seja, uma relação única de respeito e identificação mútua parece ter se constituído entre os dois (Stern, 1997).

Assim, considerando-se os diversos sentimentos e representações de Roberto pelas fases pré e pós-separação conjugal, penso que sua experiência como pai foi marcada por uma reconstrução de sua

própria história. Desta forma, todos os lugares que ocupava precisaram ser ressignificados em sua vida. Principalmente, o casamento parece ter sofrido o maior impacto neste processo, pois, desde o início, pareceu estar calcado no sentimento de culpa e de responsabilidade que Roberto carregava de suas relações iniciais e que, após o nascimento do filho, se tornaram insuportáveis.

A necessidade de uma construção psíquica do vínculo com o filho e da representação sobre o que é ser pai trouxeram lembranças e sensações que, inicialmente, parecem ter atordoado Roberto. Entretanto, um recomeço parece ter sido possível, apenas após a separação conjugal, um ano depois do nascimento do filho. Assim, a reaproximação com suas origens, ao voltar-se para o colo da mãe, mesmo com a insatisfação do pai, parecem ter lhe auxiliado a passar pelo luto.

Um ano após a separação, quando o filho já tinha dois anos, parece ter surgido um novo Roberto que representava sua paternidade como uma elaboração de sua relação com os pais e que parece compreender que para se tornar pai precisaria pegar emprestado um pouco de cada um dos seus genitores e, inclusive, dos irmãos, que já tinham passado por esse mesmo processo. A busca por referências adicionais que ele passou a recorrer, contemporâneas, como a internet, também parecem ter surgido como mais um ingrediente importante na construção da paternidade.

Desta forma, apesar de todo sofrimento que experienciou, a separação conjugal parece ter auxiliado Roberto em seu processo de parentificação, já que permitiu que ele fizesse uma reelaboração de sua história necessária à construção de sua representação como pai (Houzel, 2004). Mas a segurança de que estava em uma boa direção só parece ter sido possível com os retornos do próprio filho que, ao crescer, passa a identificar-se com o pai, mesmo com a distância física, lhe trazendo muita alegria. Ainda assim, Roberto parece buscar no olhar das pessoas, como buscou no meu olhar, a aprovação, precisando sempre repetir para si mesmo: “*Acho que tá indo bem, cara, acho que tá indo bem...*”.

3.2 Caso 2: Fernando

Experiência da paternidade antes da separação conjugal

Fernando ficou sabendo deste estudo através de sua namorada Isabela, que viu a divulgação da pesquisa no Facebook e lhe perguntou se gostaria de participar. Fernando demonstrou interesse, então entrei em contato explicando a ele os objetivos do estudo. Também fiz algumas perguntas, confirmando as informações necessárias para incluí-lo na pesquisa. Marcamos a entrevista na sala do Grupo de pesquisa NUDIF na UFRGS.

Fernando, no momento da entrevista, tinha 33 anos. Nasceu em Porto Alegre, sendo o primogênito em uma família de quatro filhos, de classe média baixa. Naquele momento estava desempregado, realizando trabalho informal de motorista de aplicativos de celular. Seu último trabalho formal foi como executivo de vendas. Na ocasião da entrevista, estava planejando abrir seu próprio negócio, como barbeiro.

Fernando é pai de Isabel, de 4 anos e 11 meses, de sua união anterior com Letícia, que também era proveniente de uma família de classe média baixa. O casal se conheceu em uma festa, em Porto Alegre, onde foram acompanhados de amigos em comum. Acabaram conversando, se conhecendo e saindo juntos em outras ocasiões, até que começaram a namorar. Depois de seis meses de namoro passaram a viver juntos na casa da mãe de Letícia. Sobre este período, Fernando relata que a relação entre sua ex-esposa e sua ex-sogra sempre foi muito próxima, o que lhe causava desconforto. *“Tem muito uma coisa de mãe ali grudada que não me agrada”*. Entretanto, em menos de um ano, o casal se mudou para uma casa comprada por ele. Este foi um investimento bastante alto para o nível sócio econômico de Fernando, que precisou economizar dinheiro durante muitos anos para comprar o imóvel.

Segundo Fernando, tudo aconteceu muito rápido no relacionamento. *“Foi rapidão assim, a gente começou a namorar daí, daqui a pouco, a gente tava morando junto. Foi tudo voando”*. O casal nunca chegou a assinar um contrato de casamento. Optaram apenas pela união estável, segundo

Fernando, por questões práticas. *“A gente não chegou a casar na igreja, essas coisas. Não teve festa de casamento, nada. A gente só fez a união estável lá, pra algumas coisas assim, plano de saúde, essas coisas. Mas, senão, a gente não teria nem feito, na verdade. A gente meio que se juntou”*. A união ocorreu, pois Fernando sentia que este relacionamento seria diferente de todos os outros que teve até então. *“Eu acho que a gente tinha um relacionamento de amigo (...) Porque eu sempre tive relacionamentos muito estressantes assim, de ficar brigando. E com ela, eu não tinha isso. Então, eu achei que ‘Bah, é isso aí que eu preciso’, entendeu? Uma coisa tranquila, sabe? Tipo assim, uma mulher que não incomoda com nada”*.

Fernando conta que quando o casal estava há dois anos juntos, em Agosto de 2012, Letícia ficou grávida de Isabel. Era o primeiro filho para ambos. O casal tinha vontade de ter filhos, entretanto, a notícia da gravidez veio como uma surpresa. *“Foi um acidente, na verdade, porque ela tava trocando de pílula, e aí foi isso que aconteceu. Entre uma pílula e outra assim...e aí deu...veio a Isabel”*. Fernando conta que se imaginava sendo pai antes do nascimento da filha, mas não se sentia confiante para esta tarefa. *“Antes de ela nascer eu me imaginava mas, como sempre, eu achava que eu nunca ia ter capacidade”*. A partir disso, penso o quanto este pai parece não ter, anteriormente, construído um desejo de paternidade, necessitando reorganizar-se, rapidamente, a partir do que ele considera um acidente. Além disso, me questiono o quanto Fernando tinha condições de investir sua energia no bebê, quando seu narcisismo parece tão fragilizado.

Apesar disso, Fernando conta que vivenciou a gravidez da ex-esposa de forma muito tranquila, tentando envolver-se nas atividades que ele percebia que poderia participar. *“Eu sempre participei da gestação, eu sempre levava ela pra fazer os negócios, exame, essas coisas, sempre”*. Entretanto, mesmo participando destes momentos, Fernando não sentia, durante a gestação, que sua vida tinha se modificado tanto assim pelo fato de que seria pai. *“Eu me sentia bem, assim, eu sabia que ia ser pai e tal, fiquei feliz, só que, tipo, não muda tanto assim. O cara que disser ‘ai, mudou minha vida a gestação’. Ah, para, só se tu ficou grávido! Porque se tu não ficou grávido, não tem como. Não acontece nada contigo”*.

Mesmo assim, a existência de um novo membro na relação do casal, fez com que Fernando tentasse se conectar com a filha desde a gestação, como se buscasse um sinal de que ela, realmente, existia. *“Eu conversava com a Isabel direto da barriga ali, sempre”*. O pai sente que estas conversas foram importantes para que ele e a filha se reconhecessem após o nascimento. *“Quando ela nasceu, ela começou a chorar, eles colocaram, tipo, numa estufinha assim. Ela nasceu em Maio, tava frio, e ela começou a chorar. E aí eu conversei com ela e ela parou. Então, eu falei ‘Ah, teu pai tá aqui e tal’, peguei, ela segurou no meu dedo assim. E parou de chorar, ficou quietinha. Então, eu acho que, tipo, pelo fato de eu falar com ela sempre essas coisas assim, ela reconheceu”*.

No momento do parto, Fernando estava presente junto de Letícia. O parto normal durou doze horas, deixando a mãe exausta e irritada, inclusive com Fernando. *“Querendo me matar”*. Fernando,

assim como durante a gravidez, não sabia muito bem o que fazer durante o nascimento da filha. *“Eu fiquei ali na volta...aquela coisa, o cara não sabe muito o que fazer, o cara quer ajudar e não tem o que fazer, né? (...) Aquele dia eu tava louco”*. Durante o trabalho de parto, Letícia sentiu muitas dores, solicitando a anestesia. Porém, isso levou à queda dos batimentos cardíacos do bebê, assustando Fernando. *“Aconteceu o seguinte, ela tava com muita dor, e aí deram uma anestesia nela. E eu tava sentado ali, né. E ela lá, desde as nove da manhã em trabalho de parto. E eu ali sentado. Daí ela começou a meio dormir... E o batimento da Isabel começou a baixar. E eu tava ali. Bah, fiz um escândalo no hospital! Daí os caras foram lá, aí já botaram oxigênio assim e tal, daí começou a voltar, daí a Isabel começou a bater de novo”*.

Às 21h, os médicos solicitaram a Fernando que se preparasse para o parto, trocando de roupas e lavando as mãos. *“Daí já pegaram e me tiraram dali, ‘vai botar tua roupa lá’. Daí eu fui lá, troquei de roupa e tal, aí eles foram pra sala de parto com ela, daí deram um negócio lá que aumenta a dilatação. A gente entrou na sala de parto nove horas da noite. Eu não vou esquecer aquilo ali nunca, doze horas! Bah, me lavei todo assim, botei a mascarazinha. Quando a gente entrou na sala de parto...cinco minutos ela nasceu. Mas foi cinco minutos mesmo! Às 21:05 o cara me entregou ela assim, ó”*.

Fernando descreve seu sentimento quando viu a filha e conta que, naquele momento, pela primeira vez, se sentiu pai: *“Aí que ‘plim!’, caiu a ficha do orelhão, né. Daí eu ‘Bah... olha aqui, tenho uma filha agora!’. Ali eu vi, sabe? (...) Porque tu participa, tu vai lá, tu escuta o coraçãozinho, tu vê isso, tu vê aquilo, tu vê ultrassom, aquela coisa, tá, ok, tu vê. Mas quando o cara te larga no colo, deu. Quando largou, largou, véio, é teu, agora vai”*. A partir desta experiência, Fernando também conta que sentiu, durante o parto, que tinha salvado a vida da filha. *“A médica falou depois, ‘Bah, se tu não tivesse ido lá quando os batimentos baixaram, ia dar problema’, porque ela tava realmente...(..) Ah, mas eu tava lá”*. Esta importante experiência parece ter alimentado seu narcisismo.

A capacidade que o pai sentiu ter durante o parto também foi identificado por Fernando na própria filha, deixando-o orgulhoso. *“Daí a enfermeira voltou e disse assim ‘Essa guria aqui vai ser muito forte, ela é muito resistente, ela tem muita força’ (...) Ela não chorou! A mulher enfiou o troço na garganta dela, ela ficou serena. Disse ‘Bah, nunca tinha visto isso, ela não chorou, não fez nada, ela vai ser muito forte’”*. A partir desta experiência, Fernando parece começar a conhecer a menina e a compreender sua importância na vida dela.

Entretanto, quando voltaram para casa com a filha bebê nos braços, a realidade da paternidade se mostrou bastante desafiadora. A *“menina forte”* não queria mamar no peito da mãe, tinha cólicas intermináveis e mantinha os pais acordados e exaustos. *“Ela não mamou no peito, porque ela não quis. Ela não quis. Não tinha jeito. Ela botava a mão assim no peito e não chegava perto. Ela tinha muita cólica. E tinha que ficar acordado com ela direto. Tinha que ficar intercalando assim. Um*

pouco um, um pouco o outro, um pouco um, um pouco o outro. E ela berrava de dor! E aí tinha que tomar o leite lá não sei quê”.

A partir disso, Fernando, novamente, sentiu-se perdido sobre a experiência de ser pai. Em alguns momentos, mais confiante e em outros, sentindo-se incapaz. Durante o primeiro ano da filha, sua maior dificuldade foi nos cuidados da bebê durante o banho. Se sentia inseguro, não conseguindo realizar esta tarefa até o primeiro ano de vida da criança. *“A única coisa que eu tinha problema assim de fazer no primeiro ano ali era dar banho. Porque segura aqui com uma, outra... Eu nunca tive a manha de dar o banho, sabe. Eu nunca tive. E também, eu não acho que eu fiz muita questão de aprender talvez, né.”*. Quando Fernando diz que tinha uma *“falta de questão de aprender”* me pareceu que este pai, na verdade, estava confessando que, em alguns momentos, sucumbiu à insegurança, afastando-se dos cuidados da filha que, em grande parte, eram realizados por Letícia.

O pai relata que isto ocorreu, pois percebia que a mãe tinha mais destreza com a menina. *“Por exemplo, quando ela tinha quatro meses, a mãe dela falou assim ‘Ah, vai começar a dormir no quarto dela’, e eu ‘Não, que jeito, é muito pequena’”, ‘Não, mas ela vai ter que começar a dormir no quarto dela, porque depois acostuma a dormir aqui no quarto, e depois não sai mais’. Eu passava a noite toda acordando e indo lá olhar, sabe? Botava a mão pra ver se tava respirando, apavorado, ver se mexia aqui o peitinho. Então tipo eu sempre fui mais cagão assim, sabe? (...) Até ela começar a andar, começar a ficar mais independente assim, eu sempre fui cagão. Aí depois que ela começou a ficar mais independente, que ela andava, fazia as coisas dela, não sei quê, daí eu fui ficando mais corajoso assim, tipo ‘Ah, agora tá grande... já dá pra isso e aquilo’. E aí, eu fui meio que soltando mais pra ela as coisas”.*

Em seguida, ao refletir sobre sua experiência após o primeiro ano de vida de Isabel, o pai apresenta informações contraditórias. Em alguns momentos, diz ter participado de tudo *“Eu acho que eu sempre tentei dividir o máximo possível, entendeu?”*. Mas, em outros momentos, diz que poderia ter participado mais. *“Poderia ter sido mais, eu acho que eu deixei muita coisa pra mãe dela, sabe? Poderia ter feito mais coisas. Mas fiz, assim, fiz, dentro de uma possibilidade, fiz. Mas não... se fosse hoje eu seria diferente, com certeza”*. Fernando justifica esta contradição, por não ter muitas lembranças sobre sua experiência paterna antes da separação. Além disso, tem a tendência a comparar sua experiência nesta época, com sua experiência atual como pai. *“É tão louco assim, que tem coisas que eu não lembro, sabe? Tipo, eu não consigo... Eu tenho uma lembrança assim das coisas, mas tipo... eu trago pra minha realidade hoje, eu penso assim, ‘Bah, eu não fazia nada’, sabe? Só que eu fazia algumas coisas, só que eu trago pra realidade hoje, eu penso ‘Ah, eu nunca fui participativo’. Só que não é uma questão de não ser participativo, é que se eu comparar com agora realmente eu fazia pouco, né, porque agora eu faço tudo. Eu tenho um pouco de dificuldade de lembrar, de como que era a relação minha e dela quando eu tava morando com elas, de verdade mesmo”*.

A partir disso, penso o quanto a paternidade parece ter sido vivenciada por Fernando de forma muito insegura, contando com o apoio da ex-esposa para responsabilizar-se pela maior parte dos cuidados com a filha. A díade mãe-bebê parece ter tido um funcionamento mais eficiente, fazendo Fernando comparar-se com Letícia, conseqüentemente, reforçando nele sua ideia inicial de que seria incapaz de exercer a paternidade da melhor forma. Assim, me parece que Fernando protegeu-se desta experiência, na fantasia de proteger a filha de sua incapacidade.

O casal também modificou-se a partir da inclusão de um novo membro na família. Assim, ao mesmo tempo que Fernando experimentava dificuldades nas primeiras vivências como pai, no relacionamento com Letícia também surgiram problemas. Segundo ele, Letícia passou a focar-se muito na criança. *“Ela virou as coisas pra isso, entendeu? Acho que ela virou a chave pra isso”*. Porém, ao mesmo tempo, Fernando diz que já tinha dificuldades conjugais anteriores ao nascimento da filha. Desta forma, não consegue especificar quando os conflitos iniciaram. *“Eu não consigo avaliar isso pelo fato de, como o nosso relacionamento sempre foi assim meio frio, eu acabo achando que isso aí não interferiu, entendeu? Então eu não consigo mensurar, porque sempre teve essa coisa meio fria assim, então eu não consigo ver, sabe, tipo assim, “Ah, mudou, não mudou’ (...) Acho que mudou, mas acho que não como mudam normalmente os relacionamentos porque, normalmente, quando uma mulher tem um filho o que muda é que a mulher fica focada no filho e deixa a relação com o marido meio pra lá, né, vamos dizer. Com a gente não aconteceu, porque eu já era pra lá antes...”*.

Fernando relata que antes mesmo da gravidez, tinha a sensação de que a relação com Letícia fosse mais uma amizade do que uma relação amorosa, pela tranquilidade que sentia junto dela. *“Se eu pegasse uma amiga minha e fosse morar com ela, eu acho que seria parecido com a minha relação. Tipo assim, vou morar com uma amiga minha e, de vez em quando, a gente vai transar. Era a mesma coisa que meu casamento. Era a mesma coisa. Porque, tipo, a gente se dava bem, a gente era parceiro pra fazer os negócios, a gente fazia tudo, só que a gente era mais amigo do que homem e mulher, na verdade (...) Eu meio que entrei num automático de achar que aquilo ali era bom, assim, sabe? E era bom, não posso dizer que não era, mas não era o meu perfil, sabe?”*.

Quando Fernando descreve seu perfil, relaciono isso com as relações que ele conta ter tido antes de Letícia. Ele as descreve como estressantes e incômodas, permeadas de conflitos por, segundo ele, *“as mulheres incomodarem”*. Sendo assim, também Fernando conta que sempre teve dificuldades em permanecer com a mesma mulher por muito tempo e que o término destas relações se deu por sua infidelidade. Apesar disso, ao vivenciar uma relação diferente com Letícia, mesmo assim, ele não se sentia satisfeito, me fazendo indagar se, na verdade, a dificuldade não estava no próprio Fernando? A partir de seu relato sobre a relação de seus pais, a origem de suas dificuldades e do que foi transmitido para este filho me pareceram mais claras.

O casamento dos pais de Fernando durou 30 anos, sempre com muitos conflitos. Segundo ele, após seu nascimento e dos irmãos, a mãe passou a viver em função dos filhos, resultando em seu afastamento da relação com o marido. O pai de Fernando nunca aceitou esta mudança, passando a descontar os problemas do casamento nos filhos. Segundo ele, o pai tinha consciência do que o levou a ter conflitos com a esposa, chegando a dividir esta percepção com os filhos, depois de adultos. *“Ele chamou todos os filhos e falou assim ‘Desde que vocês nasceram, meu casamento com a mãe de vocês acabou’”*.

O pai descontava sua insatisfação nos filhos através de fortes agressões físicas e emocionais. *“O pai chegava em casa, tinha roupa pra dobrar, tinha roupa pra passar, tinha não sei quê... quantas vezes ele pegou, jogou as roupas na rua e botou fogo em tudo? Quando eu era criança, eu não lembro quantos anos eu tinha, mas ele me deu uma bola de basquete. Até hoje eu não sei como que aquela bola sumiu, eu acho que entraram, a gente mora no térreo, eu acho que roubaram ela ali de casa. Eu não sei. Porque, tipo assim, a bola desapareceu. Ele pegou todos os meus brinquedos e botou fora. Na frente de casa, que parava carro pra pegar. E eu chorei, chorei, chorei. Então tipo assim, é muito agressivo, sabe? Umassas coisas muito agressivas (...) E aí uma vez meu irmão tava chorando, meu irmão tinha dois anos, eu acho. Meu irmão tava com fome e chorando, chorando, chorando, ele pegou a mão da criança e botou dentro da polenta quente, fervendo. Então pra ti ver o tamanho da doença da pessoa! (...) E aí, sempre teve um monte de mulher pra tudo que era lado, amante aqui e ali... Aí, dizem as más línguas, que ele me levava... então eu sempre tive esse problema em relacionamento (...) E eu convivi com isso a vida inteira, desde criança. Então, eu vivia com medo, sabe? Eu vivia com medo de ‘Ah, ele vai chegar em casa, que que vai acontecer? Vai quebrar o quê, vai botar fogo no quê, vai fazer o quê?’, porque era assim que era, entendeu?”*.

Além de seu grave quadro clínico, o pai não poupou Fernando, por exemplo, de saber de seus inúmeros casos extraconjugais, inclusive, levando o filho em seus encontros amorosos. A partir desta exposição, Fernando hoje diz ter consciência de que repetiu o comportamento do pai em suas relações com as mulheres. *“Então eu sempre tive problema em relacionamento de ter um monte de mulher. Eu fui procurar tratamento psicológico por causa disso. Eu me trato com várias coisas, mas isso sempre é um assunto que entra, porque faz parte da minha trajetória de vida”*.

Sendo assim, o pai deixou uma marca em Fernando, impactando em sua autoimagem como homem e como pai. No momento atual, o filho o descreve como um contra exemplo. *“Meu pai, desde criança, ele me critica o tempo inteiro. O que eu faço, até hoje. Nada vai dar certo, nada vai funcionar, tipo, tudo que tu faz tá errado. Então eu tive uma adolescência ali onde eu queria sair, namorar, que eu passei quatro anos, três anos, sei lá, antes de eu começar a trabalhar, entre treze e dezesseis, dezessete anos ali, que eu ouvia toda semana que ele me sustentava, que eu era um merda. Então assim, já consegui até entender que isso faz parte do meu robôzinho interno aqui de achar que eu não sirvo pra nada, né? Porque vem muito disso, né? Então, de achar que talvez eu não poderia ser um*

bom pai (...) Ele é um modelo ao contrário, entendeu? (...) Que que eu trago? Eu trago medo, eu trago raiva, eu tenho uma ansiedade desgraçada, eu tenho um monte de coisa que vem disso. E que eu trato”.

Ao contrário desta percepção do pai, Fernando descreve a mãe como uma mulher que sempre foi carinhosa e presente, mas que também teve atitudes omissas em relação aos filhos. *“Eu venho de uma família onde minha mãe aguentou trinta anos o meu pai porque tinha filho (...) A mãe é o lado omissa do negócio. Omissa que eu digo é aquele lado que acha que não pode separar, aquele lado que acha que se separar os filhos vão passar fome (...) Ele fazia, ela tapava. Ele machucava, ela cuidava, entendeu? (...) Até tem essa discussão lá na minha casa, que a minha irmã diz sempre que meu pai é o problema de tudo. E eu sempre digo pra ela que o pai é o problema e quem deixou também é”.*

Apesar das dificuldades da mãe, hoje Fernando a identifica como um modelo positivo de parentalidade. *“Ela é carinhosa, ela faz tudo pela gente (...) Minha mãe sempre teve essa coisa de cuidar de nós o tempo inteiro, ela não fazia nada pra tá com os filhos, abria mão das coisas dela pra tá com os filhos, então tipo assim, eu abro mão das coisas, só que tipo, eu não tenho nenhum extremo, entendeu? Acho que isso, o meu pai e a minha mãe são extremos, assim, sabe? Eu não tenho nenhum extremo”.* A partir disso, Fernando conta que a mãe sempre o ajudou nos cuidados com a filha Isabel, antes e depois da separação conjugal, funcionando como um exemplo de cuidado.

O que me pareceu interessante é que, ao mesmo tempo, apesar de todas as vivências difíceis com o pai, Fernando diz que hoje, depois do nascimento da filha, ele consegue compreender o que o próprio pai sentia. *“Hoje eu, numa condição diferente, eu consigo entender um pouco as coisas do meu pai. Eu nunca vou entender a forma como ele fazia isso, jamais. Mas eu consigo entender o motivo que irritava ele (...) Eu consigo entender quando ele diz que quando a gente nasceu pra ele ficou uma bosta. Realmente, eu acho que ficou, porque a minha mãe focou em ser mãe e não foi mulher dele mais. Fato. Isso é fato. Isso aí é evidente e qualquer pessoa vê. Só que a forma não era agredir nós, né? A forma não era agredir ninguém, né, era tentar resolver de algum jeito, mas não era nos culpar, ou dizer que a gente isso e aquilo, entendeu? A forma era ter sido bom pros filhos, né? (...) Tipo, a culpa não é nossa, a culpa é dela. Chama ela e diz pra ela "Olha, desde...", né? Se entendam. Fica muito agressivo com os filhos esse tipo de coisa, entendeu? Que culpa têm as crianças disso, entendeu?”.*

Além disso, apesar das marcas que o pai lhe deixou, Fernando descreve a relação dos dois como a mais próxima entre os quatro filhos, deixando-o confuso. *“Só que ele sempre ajuda. Ele sempre ajuda. Então assim, eu não sei qual que é. Na verdade eu não entendo qual que é a coisa assim, entendeu? Dos filhos eu sou o melhor, eu sou o que mais me dou bem com ele, mesmo assim. Minha irmã me fala um milhão de coisas que ele fazia quando a gente era criança, de ruim, que eu nem me lembro”.*

A partir dessa descrição, Fernando chega a confessar que ainda tem esperança no próprio pai. *“Porque eu, apesar de tudo, me espelho, gosto dele, eu sou um trouxa completo, que eu digo assim, porque eu ainda tenho alguma esperança nele, entendeu? Que ninguém mais tem, mas eu tenho. Eu continuo achando que ele vai ficar diferente. É isso assim...então eu ainda tenho uma questão de acreditar nele, sabe?”* A partir disso, penso o quanto Fernando, na verdade, busca um pai diferente, mudado, que o valide e que lhe sirva de referência, principalmente quando pensa em sua própria paternidade, diferente do pai que teve que sempre o castrou e, de forma imatura, o viu como rival na relação com a esposa.

O que mais me surpreendeu no relato de Fernando é que, durante o período em que a relação dele e de Letícia esteve em crise, a de seus próprios pais também esteve. Assim, os dois casamentos tiveram seu fim em períodos muito próximos. A separação dos pais de Fernando ocorreu dois meses antes da dele. Neste período, Fernando relata que teve crises de ansiedade, chegando a consultar um cardiologista, por sentir que poderia estar tendo um infarto. *“Eu entrei em parafuso. Tive até crise de ansiedade. E aí fui pra cardiologia. Achando que ia morrer”*. Segundo Fernando, a separação dos pais se deu pelos mesmos motivos que sua separação, os casos extraconjugais do pai. *“Porque eu sou o filho mais velho. Bah, foi um inferno a separação deles pra mim. (...) eles falavam pra mim, eu ficava de intermediário, bah, foi horrível, foi a pior época, assim, sabe? E logo em seguida eu separei também, separação parecida, quase igual a forma como foi, os motivos...”*

A partir da separação dos pais, a mãe de Fernando buscou realizar coisas que não tinha conseguido durante o casamento. *“Só que daí ela guardou tudo que ela tinha pra depois de velha, infelizmente. Então tudo que ela poderia ter feito, tudo que ela poderia ter vivido...(...) Minha mãe inclusive tá estudando aqui na UFRGS. Ela passou no vestibular, com sessenta anos. Então tipo assim, ela tinha um monte de coisa e ela não fez nada. E agora ela tá fazendo, agora ela tá vivendo. Bom, antes tarde do que nunca, mas que já faz tempo que ela poderia ter, né?”* Já o pai de Fernando teve uma reação diferente. Tornou-se um homem saudoso e perdido, aos olhos do filhos. *“Aí separou da minha mãe agora, aí ele fica lá, tem até saudade da minha mãe. Só que ele não consegue nem dizer pra ela isso, sabe? Ele chegou pra mim, isso é uma forma de dizer que tá com saudade, né, mas ele chegou pra mim e falou assim “Bah, faz um ano que eu não como feijão”. Tipo, do feijão ou da véia, entendeu? Ele não sabe fazer nada, ele é uma estupidez só em pessoa”*.

A partir das vivências que teve com os próprios genitores, Fernando conta que teve casos extraconjugais em todas as suas relações. No casamento com Letícia, especificamente, as traições passaram a ocorrer apenas quando ela estava no final da gestação da filha do casal. Fernando sente que estas traições ocorreram, assim como no casamento dos pais, em decorrência da sensação de que Letícia tinha passado a ser mais sua amiga do que esposa, além de ela ter passado a se envolver mais com os cuidados da filha após seu nascimento. *“Então não aconteceu assim, tipo ‘Ah, a Letícia era assim e depois ela mudou’, não. Mas mudou porque daí eu comecei a deixar de fazer questão. Porque*

daí tinha a Isabel, daí quem mudou fui eu. Eu pensei "ah, deixa assim então, né, e tal, aquela coisa..." e foi mais ou menos nesse período ali, no final da gestação, que eu comecei a fazer merda. Na verdade, foi mais ou menos ali naquele período (...) Sei lá se foi o inconsciente. Eu comecei a ver que tipo 'porra, imagina depois do filho então'. Eu acho que eu já comecei meio que tentar ver outras coisas, assim, entendeu? Comecei a mandar currículo, né, como dizem (...) Ela ia ter outro foco, e não ia ficar cuidando tanto das coisas que eu tava fazendo, sei lá". A partir desta experiência, Fernando conta que, atualmente, ainda tem um sentimento de culpa pelas traições *"Eu achava que ela não merecia, que ela era legal comigo (...) Eu sou um cara que não acredita...que não acreditava em si mesmo"*. Entretanto, consegue compreender que sua infidelidade era fruto de sua própria insegurança, decorrente dos traumas vividos na relação com os pais, fazendo-o sabotar todos os relacionamentos que teve até então. “

Fernando parece ter tido a necessidade de ter relacionamentos extraconjugais como uma forma de afirmar-se, provando a si mesmo que era capaz, que conseguiria ter a admiração de outras mulheres, mesmo já estando em um relacionamento. Ele diz que conseguiu se dar conta disso depois que iniciou uma psicoterapia. Entretanto, me indago o quanto a insegurança que acompanhava Fernando em seus relacionamentos anteriores pode ter se tornado ainda mais intensa neste, quando ele passou a se identificar com o pai a partir de sua própria paternidade? Com sua falta de segurança com o papel de pai e com o medo de ser trocado pela filha no desejo da esposa, pai e filho tem saídas parecidas para suas angústias. Desta forma, penso o quanto a falta de participação e a insegurança de Fernando nos cuidados da filha, antes da separação, também não se relaciona com estes conflitos.

Quando Fernando e Letícia se separaram, seu relacionamento já tinha durado sete anos e Isabel estava com três anos e meio. A decisão pelo fim da relação se deu após uma tentativa de reaproximação, através de uma psicoterapia de casal. Entretanto, segundo Fernando, a ex-esposa não conseguiu superar as traições, culpabilizando o ex-marido pelo fim do casamento.. A partir disso, Fernando passou a experimentar sua paternidade em outro contexto, separado da mãe de sua filha.

Experiência da paternidade após a separação conjugal

Com a separação, Letícia saiu de casa, retornando para a casa da mãe com Isabel. Fernando permaneceu no apartamento comprado por ele. No momento da entrevista o casal estava separado há 1 ano e 6 meses. A notícia da separação foi dada para Isabel pela mãe. Segundo o pai, a menina não demonstrou nenhuma insatisfação sobre a separação dos pais, relatando, apenas para a mãe, algum incômodo. *"Na verdade, a mãe dela falou mais com ela sobre isso. De 'Ah, o pai e a mãe não tão mais namorando e tal, né, o pai vai morar em outra casa', essas coisas assim. E ela nunca pareceu chateada com isso ou triste com isso, sabe? Apesar de, às vezes, a mãe dela falar que ela fala alguma coisa assim e tal. Ela não fala pra mim, fala pra outras pessoas, mas não... tipo, nunca vi ela assim*

(...) *E nem hoje, não percebo nunca que ela acha que teria que tá junto, assim. Nunca achei. Achei que ela aceitou bem*”.

Entretanto, para Fernando a separação trouxe um impacto importante. Ele conta que passou a assumir novas responsabilidades e teve que abrir mão de muitas coisas. Desta forma, reconhece que, inicialmente, sentiu dificuldades em compartilhar sua vida com a filha nesta nova fase, não cumprindo de forma organizada os dias e horários de visitas. *“No início pra mim tava bom do jeito que tava. Porque daí ela não dormia comigo e eu não precisava me preocupar, sabe? Daí eu podia fazer todas as minhas coisas. Eu pegava ela em outro dia, na hora que dava, devolvia ela de tarde...”*.

Na verdade, os dias de visitação de Fernando só foram combinados a partir da finalização do processo de separação do casal, que ocorreu um ano e três meses após passarem a morar separados. Entretanto, havia uma combinação de que o pai buscasse a filha nos finais de semana, sempre levando-a para casa no final do dia para dormir e buscando-a, novamente no dia seguinte. Esta combinação ocorreu pela oposição de Letícia à ideia da filha dormir fora de sua casa, permanecendo com o pai. *“Ta um dia, levava ela pra casa, pegava num sábado de manhã, levava sábado de noite, pegava domingo de manhã, levava domingo de noite, não podia dormir comigo. Deus o livre!”*.

Porém, três meses após a separação, a filha demonstrou o desejo de dormir na casa do pai. Ao informar à Letícia sobre a vontade da menina, a mãe não gostou da ideia e exigiu que o Fernando levasse a filha de volta para sua casa. O pai acatou à solicitação da ex-esposa, mas ficou muito incomodado, gerando grande conflito entre os dois. Segundo ele, Isabel também ficou insatisfeita de não poder dormir com o pai. *“Eu peguei e informei pra ela que a Isabel ia dormir lá. Falei ‘Ah, a Isabel quer dormir e eu acho que a Isabel vai dormir aqui’. ‘Tu nem é louco’, eu falei ‘Não sou louco por quê? Ela é minha filha, então ela vai dormir aqui’, ‘Tu nem é louco, eu vou pra polícia pra dizer que tu sequestrou ela’. Me xingou, daí eu xinguei ela, daí a gente discutiu um monte. Daí peguei e levei a Isabel. A Isabel braba! (...)’Porque tu vai ver, ela vai dormir comigo, essa semana eu vou entrar na justiça, porque eu quero a guarda compartilhada e ela tem que dormir comigo e deu, ela é minha filha e vai dormir comigo e pronto’”*.

A partir deste conflito, Fernando buscou incluir no processo de separação uma solicitação para que a guarda de Isabel fosse compartilhada. Segundo ele, sua família se opôs à ideia, dando razão à Letícia, por não acreditarem em sua capacidade como pai de cuidar da própria filha. *“Aí foi aquela discussão ali, aí minha mãe ‘Ah, eu acho que ela tem razão’, aí todo mundo dizendo que eu não tinha razão, entendeu? Minha mãe, meus irmãos, ‘Ai, Fernando, que que tu quer? Tu não consegue!’, tipo assim, ‘Tu não vai cuidar dela’. Tipo isso, entendeu? E eu, ‘Que eu não vou? Como não vou? Vou sim, vocês são loucos, vou cuidar e pronto’”*.

Letícia e a família de Fernando parecem não ter conseguido separar os conflitos conjugais do ex-casal de sua paternidade. Além disso, especificamente, a família de Fernando parece reproduzir sempre o discurso do pai, de que o filho não seria capaz de gerenciar a própria vida e, muito menos,

a vida de uma criança. A partir disso, as traições cometidas por ele são lembradas em diversos momentos desde a separação pelos familiares, que parecem não confiar em Fernando. No entanto, mesmo assim, ele buscou seus direitos, através da solicitação pela guarda compartilhada da filha. Me parece que esta busca vem como uma forma de provar para todos e para si mesmo sua capacidade de cuidar de Isabel e de conseguir exercer sua paternidade diferente do que estava sendo previsto por sua família até aquele momento. *“Tipo assim, que que tem a ver com a guarda da Isabel a traição? Tipo, eu vou deixar de ser pai da Isabel porque eu trai a mãe dela?”*. Fernando tem o entendimento que, desde a separação conflituosa do casal, sua ex-esposa guarda muitas mágoas. *“Ficou uma coisa de uma vingança eterna parece, entendeu? Eu não vejo ela fazer alguma coisa prejudicando a filha, sabe? Mas mesmo assim, tem coisas que parece que quer me prejudicar”*. O pai tem a preocupação de que estes sentimentos da ex-esposa possam interferir no bem estar da filha. *“Às vezes parece que alguma coisa pode fazer mal pra Isabel. E aí, isso me incomoda. Porque querer que eu me rale e tal, faz parte. Agora, a partir do momento que interfere diretamente nas coisas dela, me incomoda”*.

Além da necessidade da busca pela guarda compartilhada, Fernando dá como exemplo uma situação que ocorreu em torno de seis meses após a separação. O pai, como responsável pelo pagamento da mensalidade da escola da filha, tem a combinação com a ex-esposa por solicitação dela, de que depositaria todos os meses o valor correspondente ao colégio da menina. Entretanto, em um mês, por estar desempregado, Fernando teve dificuldades em cumprir o combinado, solicitando que Letícia o autorizasse na escola como responsável financeiro, para que ele pudesse negociar estes valores diretamente com a instituição. Porém, a ex-esposa não cumpriu o combinado, pagando ela mesma a mensalidade da escola e depois informando à Fernando que ele deveria pagar os valores correspondentes à ela, imediatamente, por não ter mais dinheiro para o seu sustento e o da filha naquele mês. Letícia chegou a ameaçar Fernando com uma denúncia à justiça por este motivo. O pai ficou incomodado com esta atitude da ex-esposa, entendendo que ela tinha o objetivo de prejudica-lo através da pensão da filha: *“Se criou um conflito onde não precisa, onde eu tentei conversar (...) Ela tá com raiva, ela tem raiva e isso interfere”*.

A partir desses dois eventos, a primeira audiência do processo de separação foi bastante tensa. *“A gente tava de boas assim, né, a gente tava até falando normal depois, assim se falando. Chegamos lá, uma guerra. O lado delas era uma guerra. E a advogada só olhou pra mim e disse ‘Bah, Fernando, elas tão muito irritadas, elas tão muito furiosas’”*. Entretanto, a fala da juíza na audiência surpreendeu Fernando: *“Aí a juíza olhou o negócio e já queimou elas. ‘Guarda unilateral, doutora? A senhora é advogada de família, a senhora devia saber que isso aí não, né?’, ‘Ah, mas ele não tem condição de cuidar’, daí a juíza falou ‘Mas quem julga isso aí não é a senhora. Na verdade, ele é pai da menina, então a senhora não pode julgar se ele tem condição de cuidar ou não. Então é o seguinte, a guarda vai ser compartilhada. Duas vezes na semana e um fim de semana sim e um não’”*.

O parecer da juíza parece ter sido importante para Fernando conseguir reassegurar sua paternidade perante à ex-esposa que parece ter passado a não confiar mais nele como pai, ainda estando ressentida de suas atitudes ao longo da relação do casal. O acordo de visitas, sugerido pela juíza, foi negociado por Letícia para se adequar à rotina de Isabel, sendo acatado por Fernando. O pai diz que conseguiu se organizar para cumprir as visitas. *“Eu tinha uma agenda muito ruim. Então eu nunca sabia, eu não tinha a ideia de quando que eu ia tá aqui, quando que eu não ia. Então a gente definiu um dia, na quarta, que era pra mim poder me organizar sempre pra aquele dia. Então, eu já ia fazendo a agenda considerando que aquele dia era o dia que eu ia tá com ela, entendeu?”* Desta forma, desde a decisão judicial até o momento da entrevista, Fernando ficava uma vez por semana com a filha e nos finais de semana alternados.

Apesar do acordo sobre as visitas em dias pré-fixados, o pai relata que costuma ver a filha em outras dias da semana. Segundo ele, estas combinações tem funcionado bem na relação com a ex-esposa: *“Mesmo eu vendo ela na quarta, eu levo ela no colégio outros dias, eu vou lá, não ficou limitado, entendeu? Então, assim, se eu tenho, por exemplo, ontem eu não peguei ela, peguei ela hoje, porque hoje ela tem uma festa, daí eu vou pegar ela hoje. Então assim, com relação a isso a gente não tem atrito, ainda”*.

No entanto, em relação à pensão, o acordo não foi possível, levando o processo ao litígio. Fernando contestou que não poderia pagar os 30% referentes à pensão da filha. Antes do processo, o pai dava seu vale-alimentação de 400 reais para Letícia e outros valores menores que fossem necessários. Além disso, pagava as prestações da casa que comprou antes da separação e que, atualmente, mora. O processo foi para o litígio porque Fernando não concordou em vender os bens do casal e fazer uma divisão igualitária dos valores. *“Falei ‘Não, mas poxa, comprei a casa, tô pagando a casa sozinho, ela não tá me ajudando em nada, tô pagando tudo sozinho. Não tem que vender’”*.

No momento da entrevista o processo já tinha sido finalizado há dois meses: *“Finalizou o negócio comigo pagando o carro dela, pagando a casa que eu moro e pagando o colégio da Isabel. E todo mundo vendo ali que não dava. E eu mesmo assim aceitei. Porque eu ia dar um jeito de resolver. E eu pensei ‘Não, ela vai ter que me ajudar’, e aí não aconteceu, entendeu? Então assim, foi brigado, tá sendo brigado até hoje. A separação ela não aceitou ainda, sei lá. Então a separação só tá sendo amistosa de um lado, entendeu?”*.

Como já citado, Fernando tem a percepção de que Letícia não conseguiu separar a conjugalidade da parentalidade após a separação conjugal. Entretanto, penso o quanto Fernando também parece ter as mesmas dificuldades. O fato do acordo judicial ter lhe colocado diversas responsabilidades financeiras perante à filha parece ter lhe incomodado muito. Ademais, penso o quanto este pai, ao se sentir culpado e julgado pelas pessoas à sua volta, acabou tornando o processo judicial, assim como Letícia, em mais uma briga do casal: *“Eu acho que eu tenho responsabilidade sobre a Isabel sim, sobre o que ela come sim, sobre o que ela veste, sobre tudo. Eu tenho essa*

responsabilidade e eu não vou nunca... Só que se eu tô pedindo pra negociar é porque tem formas de fazer. Então, daí, tem que ser pros dois assim”.

Atualmente, Fernando e Letícia conversam apenas quando o pai busca a filha na casa da mãe: *“Nos últimos tempos, a gente nem se fala muito. Eu só falo com ela quando eu vou lá buscar na porta”.* Além das combinações das visitas semanais, Fernando também tenta organizar acordos com Letícia sobre os encontros nas ocasiões especiais como aniversários e Natal e Ano Novo. No aniversário da filha, Fernando tentou negociar com a ex-esposa para que a menina ganhasse uma festa única, com a família do pai e da mãe juntos.

Entretanto, apesar da concordância de Letícia, Fernando relata que não teve uma boa experiência durante a festa, pois a ex-esposa e a sua família ficaram incomodados por ele ter levado sua atual namorada na ocasião: *“Aí a gente fez o aniversário, o aniversário dela foi agora final de maio, daí a gente fez uma festa. Falei pra ela ‘Eu acho que a gente deveria fazer uma festa só, a gente deveria ter a grandeza de fazer uma festa só e não dividir’. Daí ela aceitou. Daí, eu não sei o que que aconteceu. Eu acho que, de certo, alguma coisa ofendeu ela, porque eu não ia deixar de convidar minha namorada pra festa, né? Aí tava a família toda dela, aí é só a opinião dela que conta, aí já tem interferência de outras pessoas... O que ferra sempre é a família, né”.*

A ideia de ter uma nova mulher em sua vida, por muito tempo, causou também em Fernando muitos conflitos. Estas dúvidas se relacionavam, principalmente, sobre como ele iria apresentar uma namorada para a filha. A partir do namoro com Isabela, cujo nome é bastante similar ao de sua filha Isabel, esta realidade precisou ser enfrentada: *“Na verdade assim, eu até demorei tipo um ano pra Isa conhecer a Isabel, quase. Porque eu sempre achei que ninguém tinha que conhecer a Isabel. Na minha cabeça, tinha um bagulho no meio, um bloqueio assim, ‘Como assim ela vai conhecer a minha filha, é a minha filha’, sabe? Porque eu também não tinha a ideia de, tipo assim, ter alguém e sei lá, casar de novo, era uma coisa que tipo ‘Bah, nunca mais eu vou fazer na vida’, entendeu? Só que daí as coisas foram indo pra esse lado assim, Porque o que que começou a acontecer, começou a acontecer que eu comecei a ter uma vida. E aí, eu comecei até me sentir mal pelo fato de a Isabel precisar saber também desse meu lado da minha vida, né? Porque, tipo, ela tem que saber que eu tenho uma namorada (...) A Isabela sabia da Isabel, né, e aí, ficava esse negócio, tipo assim, é como se fosse a amante sabendo da mulher, sei lá, sabe? (...) Começou a aparecer situação que tinha que tá as duas juntas, entendeu? Aí no dia do meu aniversário, que foi agora final de abril, eu peguei e passei o dia com a Isabela, depois fiquei com a Isabel. E depois na outra semana elas já se conheceram, entendeu? (...) Já tão amigas”.*

Assim, a ideia de apresentar a namorada como uma nova referência feminina para a filha, e não, como uma rival na relação com o pai, parece ter motivado Fernando a dar esse passo: *“Ela precisa de outras referências femininas também, não só a mãe e a vó. (...) Hoje a gente vai no aniversário da afilhada da Isabela, ela vai junto, então tipo ela vai conhecer a família da Isabela, então ela vai ver*

que tem outras crianças na família da Isabela também que ela pode brincar. Então, acho que esse é o objetivo: quando ela tiver comigo, ela vai tá com a gente, entendeu?”

A partir disso, Fernando observa que a menina tem se beneficiado da presença de sua namorada e que as duas estão construindo uma relação que lhe agrada muito “*A Isabela participando e tudo, tipo assim, agora ela leva a Isabel no banheiro. Ela não precisa entrar no banheiro masculino. E dá uma coisa das duas ali, elas vão conversando, elas vão se falando (...) Pra ela também poder entender, ‘Ah, se eu tiver um marido e não for legal, eu posso achar outro’. Tipo, a vida é assim, não adianta, ela tem que entender que as coisas não são definitivas, entendeu? (...) A Isabel gosta. Inclusive, semana passada agora, a Isabela foi embora no sábado, e ela ficou lá na mãe e pegou e falou assim pra mim ‘Pai, eu quero ir um pouquinho lá na casa da Isa’, daí eu falei ‘Não, filha, nós não vamos, porque a Isa vai pra casa, vai estudar’, daí ela ‘Tá, mas daí depois tu me leva lá’. Então ela gosta, assim, ela gosta que a Isa vá no carro atrás com ela. Ela gostou da Isa, se encaixou legal, sabe? Eu tava com medo, assim, eu tava apavorado, na verdade”*

Além do aniversário da filha, em outras datas especiais como o Natal, Fernando conta que a menina passou a data com a mãe e que está tentando organizar como irá acontecer nos próximos anos. “*No ano passado, como foi o primeiro ano, ela acabou ficando com tudo. Mas porque eu permiti. Eu falei ‘Não, vamos fazer o seguinte, ela passa o natal, eu pego no dia 25. Ela passa a noite, no outro dia eu pego’. E no ano novo fiz a mesma coisa. Mas eu falei pra ela ‘Eu vou fazer isso agora porque é o primeiro, né, e a gente não tá adaptado ainda a esse negócio todo’*”. Entretanto, apesar de falar sobre seu desejo de ter um acordo justo sobre estas ocasiões, Fernando também diz que irá aceitar a combinação que ficar melhor para todos e que Letícia irá escolher primeiro em quais momentos prefere estar com a filha: “*Ou vai ficar comigo, ou vai ficar com ela, ela vai ter que decidir o que que ela quer, entendeu? Por mim pode ser, por mim tanto faz. Como sempre, né (...) Como sempre pra mim tanto faz, desde que fique tudo bem pra todo mundo, pra mim tanto faz, entendeu? O meu objetivo sempre é deixar todo mundo bem. Então eu acho que é isso, assim, ela vai ter que escolher o que que ela prefere. Eu não tenho preferência, entendeu? Só quero um pra mim. Pronto, pode escolher, se tu faz questão de escolher, escolha, mas um é meu”*. Fernando, apesar de compreender que tem direitos em relação à filha, assim como a mãe, parece tentar de todas as formas evitar conflitos com Letícia. Apesar disso, também penso o quanto estar na posição de quem aceita tudo também não o ajuda a se eximir de culpas sobre o término da relação e sobre sua própria paternidade na visão das pessoas e de si mesmo como pai.

Além dos encontros combinados, pai e filha costumam se comunicar através do celular. Isabel ganhou um aparelho dos pais: “*Algumas coisas que ela não teria nesse momento (4 anos e 11 meses) ela acaba tendo, por exemplo, celular. Não era talvez o momento de ela ter um celular, mas como ela mexe e ela fala comigo bastante, daí ela tem. Então assim, em qualquer momento que ela quer falar comigo ela fala, entendeu? E, logo que dá, eu já respondo. Ela manda os áudios ali, manda figurinha,*

manda coisa que ela sabe fazer e a gente vai se falando por ali (...) É necessário pra comunicação, até pra não ficar toda hora pedindo pra mãe dela pra falar com ela, ou fazendo essas coisas. A gente não se liga, assim, a gente não fala por telefone, até porque ela ainda não... Ela é meio tímida, assim, daí ela não fala muito, ela prefere falar por ali”.

Alguns meses após a separação, Fernando saiu de seu emprego como executivo de vendas, passando a trabalhar como motorista particular por aplicativos de celular. Ele relata que antes, a rotina com a filha era mais difícil, pois tinha horários mais rígidos. Desta forma, precisava acordar muito cedo para trabalhar, tendo que despertar Isabel no mesmo horário, o que se mostrou um desafio para o pai: *“Antes era um pouco mais difícil porque durante a semana eu saia muito cedo na manhã e era difícil de acordar ela, de fazer as coisas de manhã. Então eu tinha que acordar bem mais cedo, daí ela nunca queria acordar, daí eu tinha que pegar ela do jeito que ela tava, levar ela de pijama enrolada num cobertor pra casa, porque eu não conseguia acordar ela”.* Atualmente, com a rotina mais flexível, Fernando conta que tem adaptado seus horários de trabalho aos dias que está com a filha. *“Agora, com essa rotina que eu tô, facilitou um pouco. Porque daí na quarta, por exemplo, eu começo mais cedo, paro um pouco antes e busco ela no colégio. E aí na quinta, eu vou um pouco mais tarde e vou um pouco mais à noite trabalhar. Daí como meu horário é eu que faço, eu consigo dar uma administrada”.*

Porém, no momento em que começar a trabalhar como barbeiro, Fernando conta que terá que adaptar a rotina com a filha novamente. Isto tem lhe preocupado, pois precisa se organizar para estar com a menina, apesar de entender que, independente da organização, sua paternidade e o vínculo com a filha estão assegurados. *“E agora com esse meu horário maluco aí, eu não sei como que vai ser. Eu tô abrindo a barbearia, vou ter que trabalhar sábado, todos, eu vou ter que talvez trabalhar domingo (...) Assim, eu não sei como que vai ser pra mim ver ela, como que vai ser a frequência, mas eu já consigo ter certeza que independente da frequência que for, tipo, eu sou pai dela e pronto, entendeu? Isso não vai mudar. E eu vou ter que me virar, porque eu vou ter que pegar ela, sei lá, pegar mais vezes na semana de noite, levar de manhã, vou ter que começar a levar mais no colégio do que eu levo antes”.*

A partir disso, o pai pensa em se desdobrar para adaptar sua rotina, priorizando os momentos entre os dois durante a semana, que ele observa que agradam à filha como, por exemplo, levá-la e buscá-la no colégio. *“Se eu tiver duas opções, levar ela na escola e buscar, eu vou ficar trinta minutos com ela. E eu tenho uma outra opção de pegar ela às 18:00 na mãe dela e levar ela às 22:00 pra casa. Eu prefiro levar e buscar no colégio e ficar meia hora. Eu acho que é pela importância que eu vejo que ela dá pra aquilo ali, entendeu?”.*

Entretanto, ao mesmo tempo em que se desdobra para estar com a filha, os momentos de lazer de Fernando tornaram-se diferentes. Depois da separação, ele passou a não ter a mesma disponibilidade para estar com os amigos, por exemplo. *“Eu tive que assumir e mudar muita coisa na*

minha vida quando virei pai separado. Então, eu deixei de tá com meus amigos muitas vezes. Eu digo pra eles sempre: ‘Vocês podem contar comigo um fim de semana sim e um não, e não contem comigo quarta-feira pra nada’, tipo, então a maioria já sabe disso”.

Fernando conta que esta adaptação de sua rotina ocorreu de forma gradual e que, inicialmente, como já citado, quando estava com a filha sua mente ia para outros lugares. *“Eu ficava em casa pensando que eu poderia tá em outro lugar. Vamos dizer, ah, tem alguma coisa pra fazer e eu não fui porque eu estava com a Isabel”.* Atualmente, Fernando se dá conta que a convivência foi importante para que os momentos com a filha pudessem ser incluídos em seu dia a dia. *“Eu junto com ela, na verdade, fazia aquilo ali ser bom também, melhor do que o outro lugar onde eu poderia tá, entendeu. Então tipo é um prazer pra mim aquilo ali, não é uma coisa que tipo ‘Ah, é uma obrigação e eu vou deixar de fazer tal coisa’ (...) Na verdade, quem dá a força assim pra ti manter as coisas é a convivência com ela mesmo”.*

O pai destaca que o interesse de Isabel em estar com ele foi o que lhe mostrou que esta convivência poderia ser prazerosa para os dois. *“Porque ela mostra o tempo inteiro interesse de estar comigo também, entendeu? Porque se fosse uma coisa assim, se ela não quisesse vim, que pode acontecer também, acho que daí o cara fica meio assim, entendeu? Agora comigo não aconteceu isso”.* Desta forma, penso o quanto a filha, ao longo de seu desenvolvimento, também foi criando estratégias para criar uma relação com o pai e para, conseqüentemente, validar a paternidade de Fernando. Assim, o vínculo só foi possível com a participação dos dois neste processo, como não poderia deixar de ser.

A partir disso, Fernando também foi criando uma imagem de Isabel ao longo do tempo. O pai tem a percepção de que a filha, apesar da pouca idade, é uma menina madura e tranquila. *“Ela é bem assim madura, sabe? Isso que me impressiona, porque ela aceita tranquilo. Eu tenho uma namorada, ela conhece, e gosta, e se dá bem (...) ela entendeu tudo e tá tudo certo, tudo tranquilo, ela é bem madura nesse ponto. Então eu acho que, eu vejo ela mais assim, sei lá, uma moça. Bem madura, bem assim, ela sabe as coisas, ela tem noção de tudo assim”.* Além disso, Fernando diz que costuma conversar muito com Isabel, ajudando na relação dos dois. *“Eu converso muito com ela, bastante, o tempo inteiro. Então a gente tem uma relação bem boa, eu e ela, de a gente tá sempre conversando sobre as coisas. Apesar de ela ser pequena, eu falo de igual, entendeu? Tem coisa que ela não entende, que ela fica meio assim, mas eu falo igual, eu pego e explico igual pra ela as coisas”.*

Entretanto, ao mesmo tempo, o pai relata que a filha já fez reclamações para a mãe após as visitas. Em sua percepção, isto ocorre mais por influência da ex-esposa do que por um incômodo da própria menina. *“Claro, algumas vezes uma coisinha ou outra ela dá uma reclamada de uma coisa ou outra aqui e tal, pra mãe dela. Às vezes acho que pode ser pra agradar a mãe dela, alguma coisa assim também. E não necessariamente porque ela realmente... Porque ela não aparenta não tá*

gostando, mas aí ela chega em casa e reclama, entendeu? Aí vem aquele ‘Ai, aconteceu tal coisa’, ‘Ah, ok, mas eu já tinha conversado com ela’”.

Assim, novamente, a percepção da ex-esposa interfere em sua relação com Isabel, demonstrando a dificuldade do ex-casal em separar a conjugalidade da parentalidade. Fernando, ao mesmo tempo que admite ter situações com a filha que poderiam tê-la lhe incomodado, necessitando que os dois conversassem, também diz que estes incômodos não ocorreram realmente, sendo criações da criança para agradar à mãe. É difícil saber o que realmente ocorre. Entretanto, é natural que Isabel tenha suas insatisfações ou esteja ainda se adaptando à realidade da separação dos pais, pois tinha à época apenas 4 anos e 11 meses, sendo que separação havia ocorrido há apenas 1 ano e meio. Tive a impressão durante a entrevista de que Fernando tinha a necessidade de me descrever a filha e a sua relação com ela sem conflitos ou desafios maiores, culpabilizando a ex-esposa por diversas dificuldades que ocorrem.

Minha percepção passou a fazer mais sentido quando Fernando me contou que, logo após a separação, se sentia inferior por entender que precisava aceitar todas as solicitações de sua ex-esposa. *“Tu aceita tudo, né? Tu fica numa situação inferior, de inferioridade. Porque tu é o pai, tu vai sair de casa, então como é que ela vai ficar só contigo? Como se não pudesse ficar só comigo, entendeu? Como se fosse proibido ficar só com o pai, como se o pai não soubesse fazer o que a mãe faz. Como se ela fosse perder a assistência com o pai que ela tem com a mãe, sabe?”.*

A partir disso, Fernando se compara com outros pais, considerando-se mais presente e amoroso e trazendo um entendimento de que os pais separados não são mais presentes na vida dos filhos em função de suas ex-companheiras. *“Tem muito mais mãe que separa pai de filho do que pai que se separa de filho (...) Porque assim, a mãe pega e fica ali e o cara quer entrar ‘Não dá, ah, não pode, ah isso aquilo outro, ah, não quero, ah, mas não dá pra isso, não dá pra aquilo’, só que se o cara não tiver a certeza de que ele consegue... (...) Porque a mulher não deixa o pai ver, porque a mulher complica o pai. Aí o pai, se o cara não for um maluco lunático e quiser fazer revolução, o cara já começa ‘É, né, ela tem razão. Eu não tenho condição. É, mas ela tá certa mesmo, eu não consigo nem fazer isso’, aí tu vai te afastando da tua filha ou do teu filho, entendeu? (...) Se o cara é casado, tem um filho que ele vê todo dia, quando ele separar, ele vai sentir falta e vai começar a querer ver de novo. Fato. Se a mãe começar a dificultar, o cara vai começar a sair”.*

Além disso, em outro momento, Fernando também considera o entendimento da sociedade sobre o lugar do pai nos cuidados com a criança como uma interferência em sua experiência. *“Eu acho que é uma coisa mais de sociedade mesmo do que propriamente de casal assim”.* E acrescenta que a falta de apoio da própria família também o fazia se sentir fragilizado. *“Porque todo mundo, não é só tu e não é só a ex-mulher, é a família também. ‘Ah, mas como é que tu vai ficar com ela?’, tipo, parece que tu é incapaz de tudo, entendeu? Todo mundo que fala contigo, tu é incapaz de fazer tudo. ‘Como é que tu vai ficar sozinho com ela?’, tipo, tu é um abobado, tu não consegue cuidar da tua*

filha, sabe? E aquilo ali vai te convencendo. E aí, se tu não tem a força pra ficar brigando contra aquilo, tu aceita e se afasta”.

Todas as inseguranças relatadas por Fernando me pareceram, na verdade, se basear mais na sua experiência como filho e no medo de repetir com Isabel a experiência que teve com o próprio pai, que não era emocionalmente presente em sua vida. *“É porque eu tive um pai que sempre fez tudo pra ele e nunca fez nada pros filhos. O meu pai sempre achou que, ele acha até hoje, que se eu precisar de dinheiro e ele me der ele faz a parte dele de pai (...) Eu não consigo entender como é que um cara consegue não ouvir um filho. Sério, pra mim é uma coisa assim que precisa, realmente, de um estudo aprofundado, de dizer assim, ‘Como é que tu consegue não ir ver teu filho?’, porque eu não consigo ficar três dias sem ir ver minha filha. Mas como é que o cara consegue não ir?”.*

A partir destas indagações, Fernando reflete o quanto, logo após se separar, existiu um risco de afastamento da filha por suas próprias atitudes, novamente, comparando-se com o próprio pai. *“Porque, por exemplo, quando eu tava lá no início, tinha dias até que eu ficava, tipo assim, ‘Ah, acho que nem precisa pegar hoje...’, sabe? Porque tu fazendo tuas coisas aqui e tu vai, ‘Porra, minha vida não mudou nada’, e a tendência é tu cair nisso, né? E tu não vê o prazer que o outro lado te dá, né? Tu só quer o teu prazer, teu prazer, teu prazer e achar que teu filho é uma obrigação. Se tu ficar nisso, tu tá fora, tu vai sair fora do negócio fácil. Fácil mesmo. (...) Se ele começar a sair, ele vai começar a deixar de sentir falta. E aí chega uma hora que ele não sente falta mais e aí deu”.*

Mesmo relatando tantas interferências em sua experiência e na de outros pais separados, Fernando faz questão de não pontuá-las como uma justificativa para não exercer suas funções. *“Ele precisa assumir, mesmo que a mãe dele diga que ele não consegue, mesmo que o pai dele diga que ele é um bosta, mesmo que a ex-mulher dele diga que ele é isso ou aquilo. Não importa. Ele vai ter que assumir. Senão, ele realmente, ele não vai ser, e não tem o que fazer”.*

A partir da comparação que Fernando faz com outros pais separados, me parece importante pontuar o quanto a proximidade com estes homens, passando pela mesma experiência, funcionou como um apoio para este pai. *“Eu tenho um amigo, que era meu chefe um tempo atrás, que aconteceu a mesma coisa com ele, né. Ele separou e aí, a filha dele deve tá com uns oito anos já. E eu não tinha nem filho, só que eu achava muito legal como ele era com a filha dele, entendeu? E ela tinha mais ou menos essa idade, três, quatro anos assim, mesma idade da Isabel. E eu achava muito legal assim, sabe? E eu acho que algumas coisas talvez possa ter um pouco a ver com isso que eu via dele assim. Ou as coisas que ele me falou, porque quando eu me separei a gente se falou várias vezes e tal, e ele pegou e falou essas coisas pra mim, né, ‘Cara, não te atucana, ô meu, tua filha é tua filha e vai ser tua filha e deu, não tem nem que te estressar com essas coisas’ (...) Eu até vi algumas coisas, um tempo atrás, eu li uma parte do livro do Piangers, eu fiz umas coisas assim de pai assim, pra ver como que era”.*

A partir da separação e dos conflitos com a ex-esposa, Fernando relaciona a insegurança que sente após a separação, principalmente, com a questão do tempo. Ele conta que, ao comparar o tempo que tem com a filha com o que ela tem com a mãe, sente-se em desvantagem. Esta questão parece preocupar este pai por ter medo de que a criança fique com uma impressão negativa sobre ele, a partir do discurso de Letícia e da família materna. *“Eu acho que pode ter alguma conversa familiar da mãe dela e a Isabel escute alguma coisa, essas coisas assim, isso me incomoda, entendeu? Isso me incomoda muito (...) E passa pela cabeça muito que isso possa acontecer. Essas coisas que ficam me incomodando, sabe? Porque eu fico menos tempo então, assim, é uma desvantagem pra mim, muito grande”*.

Fernando chega a dizer que Letícia e sua mãe poderiam estar realizando uma alienação parental, prejudicando a relação dele com Isabel. Ele tem o entendimento de que isto poderia estar ocorrendo pela proximidade de Letícia com a própria mãe, que fica com Isabel diversos dias da semana. *“Ali na mãe dela rola uma alienação parental muito violenta. Eu acho que tem uma tendência, desde o início assim, das coisas irem pra esse lado (...) Porque a vó fica com ela, né. Então tipo, quando a Letícia vai trabalhar, ela fica um tempo lá com a vó. Então é a vó que já fez com a filha e tá fazendo com a neta”*.

Além disso, quando questionado sobre um possível relacionamento da ex-esposa com outro homem (algo que ainda não ocorreu), Fernando diz se sentir ameaçado por esta nova referência na vida da filha. *“Pelo fato dessa minha autoestima maravilhosa, eu tenho muito medo que entre um outro cara e que a Isabel goste de ter outra pessoa, entendeu? Eu tenho isso. E não é por causa da mãe dela, eu quero que a mãe dela seja feliz lá do jeito que ela quiser. Agora eu tenho essa coisa com ela, entendeu, com a Isabel. Isso vai ser bem difícil pra mim quando acontecer”*. Entretanto, ao mesmo tempo, Fernando confessa que seu sentimento é contraditório sobre o assunto, pois também acredita que um namorado ajudaria Letícia a superar o fim do relacionamento com ele, deixando-o aliviado. *“Cada vez eu tenho mais certeza que precisa acontecer. Porque, tipo, se tivesse, essas coisas de hoje não estariam acontecendo. Ela estaria preocupada com outra coisa (...) Por ela, eu queria que ela tivesse. Pela Isabel ter contato com outro cara eu não queria”*.

Desta forma, a ideia de igualdade na relação de Isabel com cada um de seus pais é reforçada por Fernando como um ideal. *“Eu quero só ter uma igualdade. De pensar assim ó ‘Minha mãe e meu pai são iguais’, tipo assim, ‘Eu posso fazer com a minha mãe a mesma coisa que eu posso fazer com o meu pai’, só isso, entendeu?(...) É a única coisa hoje que me chateia assim, sabe? Porque, na verdade, a gente não tem essa igualdade. Eu tô dizendo em tempo de convivência, né?”*.

Assim, Fernando tem o entendimento de que, neste momento da vida da filha, sua principal função é separá-la e diferenciá-la da mãe, lhe apresentando referências diferentes sobre a vida. *“Eu sinto que eu tenho uma função, meio pela relação que eu tive, eu tenho muito na minha cabeça, uma função assim ‘Não seja igual tua mãe’, mas eu nunca falo isso pra ela, entendeu? Então acho que a*

minha principal função, de verdade mesmo, é separar ela um pouco da mãe dela, sabe? (...) Eu tenho muito essa sensação de que eu preciso mostrar uma outra coisa pra ela, sabe? Uma outra vida diferente do que ela vai ter só lá na mãe dela, entendeu?"

Fernando parece compreender seu papel de separá-la da díade, apresentando Isabel ao mundo exterior. Entretanto, na fase em que a filha se encontra, o reencontro com a mãe como figura de identificação em um momento posterior, parece assustar Fernando, que vê na filha a sombra da ex-esposa sempre presente, lembrando-o de suas inseguranças e culpas. A imagem de Isabel, no futuro, parecendo-se com a mãe leva este pai a ter a necessidade de defender-se parente à filha. Fernando parece sentir-se sempre insuficiente em suas funções, ainda tentando compreender sua paternidade em construção, também sempre com o fantasma do próprio pai pairando sobre sua mente.

A partir disso, Fernando chega a relatar que, logo após a separação, tinha a sensação de que a menina poderia esquecê-lo, novamente, colocando Letícia como a causadora deste sentimento, sempre lembrando-o de suas inseguranças *"Eu tinha a ideia de que ela ia esquecer de mim. Que ela ia esquecer que tinha pai. E aí a mãe dela nunca fez questão de ser legal comigo nesse ponto. Ela pegou uma vez e falou assim 'Ah, a Isabel perguntou quem é que vai ser o pai dela agora', tipo, eu acho que é uma coisa que eu não preciso saber, entendeu? Bah, me fez um mal desgraçado. E umas coisas assim que eu não preciso saber. E aí essas coisas foram afetando. Vai castigando um pouco, porque tu tem um convívio diário que, no início, tu não consegue achar que não conviver todo dia vai ser melhor"*.

Ao mesmo tempo, Fernando também relata que tinha medo de esquecer da filha, demonstrando o quanto também projetava este medo na menina, ao pensar que ela poderia esquecê-lo. *"Porque eu passei por algumas, no início ali, no primeiro mês, primeiras semanas, eu tive alguma tendência a, tipo, achar que tava tudo certo, que não fazia falta, pra poder esconder, sei lá... E se eu entrasse nessa viagem aí, eu teria conseguido não dar bola pra nada e ter ido embora, entendeu? (...) Eu acho que tudo que tu para de lutar, de querer, para de fazer falta. Eu acho que independente se for filho, se for mãe...Porque assim ó, a gente pega e vê aí quantas famílias que pai não fala com filho, filho não fala com mãe, mãe não fala com... Tem um monte disso. Então é porque tu deixou de procurar e aquilo ali deixou de fazer falta. Deixa, porque tu larga. É que nem terminar um relacionamento com a pessoa que tu é loucamente apaixonado. Tu ficar ali um tempo sem, daqui a pouco tu nem lembra mais que existe. Tu nem lembra, se perguntar aqui quantas pessoas tu já foi apaixonado na tua vida? Que eu achava que eu ia morrer de amor. Eu nem sei quem é mais, nem lembro. E eu acho que mesmo com filho eu acho que isso também acontece"*.

Quando Fernando cita as famílias nas quais *"pai não fala com filho, filho não fala com mãe"*, me pareceu que ele estava citando a sua própria. O fato do pai não ter lutado por ele como filho, vendo-o como um rival, fez com que esta rivalidade edípica assombrasse a mente de Fernando, que me pareceu estar sempre em conflito. Às vezes, seus pensamentos são permeados de críticas e de

tentativas de superação do próprio pai, ao tentar ser um pai melhor para Isabel. Mas, em outros momentos, o sentimento de culpa e de identificação com o pai, lhe enchem de fantasias sobre esquecimento, insuficiência e fraqueza como homem e como pai.

Sobre esta identificação, Fernando me conta sobre um questionamento que ele tinha sobre o pai e que parece também aplicar a si mesmo. *“Chega a ser estranho assim, mas até que ponto essa presença é menos nocivo que a ausência? Não quer dizer que seria a mesma coisa, mas a presença tem vezes que ela é pior”*. Este questionamento veio, segundo Fernando, a partir de uma conversa que teve com a namorada sobre as experiências que tiveram com os próprios pais. A partir disso, ele me conta que sua namorada tem servido de exemplo para ele, que a identifica com a própria filha, tendo inclusive nomes similares.

A namorada Isabela passou, quando criança, pela mesma vivência da separação dos pais que a filha de Fernando está passando. Entretanto, a experiência de Isabela com o próprio pai foi negativa, já que ele se afastou dela após a separação conjugal. Fernando, então, compara sua experiência com a da namorada, questionando-se qual seria a mais dolorida? *“Deu o acaso de eu conhecer a Isa e ela ter a ausência, né. E eu peguei e disse pra ela ‘Pensa bem, não quer dizer que seria a mesma coisa, mas a presença tem vezes que é pior. Tu ter uma referência péssima é ruim, entendeu? Então, tipo, tu deixar de ter uma referência, eu não sei, é uma coisa que faz parte, e tu vai achando outras. Agora quando tu tem uma muito ruim e ela é ‘a’ referência...”*

A partir desta fala, me parece que Fernando me confia uma questão que talvez passe por sua mente quando se vê identificado com o próprio pai. Quando ele se vê um pai insuficiente, uma *“referência péssima”* para a filha, Fernando parece pensar se sua presença não está sendo mais nociva para a filha do que sua ausência, baseando-se em sua vivência com o próprio pai. Assim, nos momentos em que diz que tinha medo de esquecer da filha ou de ser esquecido, na verdade, Fernando parece se questionar, em alguns momentos, se não seria melhor se afastar, poupando a filha do mesmo sofrimento pelo qual ele passou.

Desta forma, suas percepções sobre a relação com a filha também oscilam entre o medo de repetir com ela o relacionamento que tinha com o próprio pai, e o medo de que ela seja dominada por Letícia, assim como sua própria mãe o fez. Neste contexto, Letícia também é identificada por Fernando com seus primeiros objetos. Em algumas ocasiões, a ex-esposa tece críticas e revela as fragilidades do ex-marido, assim como o pai de Fernando o fazia. E, em outras situações, Fernando a identifica com a própria mãe, que dificultou a entrada do pai na vida dos filhos.

A partir disso, Fernando consegue expressar o fato de que não sabe como está se saindo como pai, desconfiando de sua própria capacidade. *“Eu acho que dentro do que eu poderia fazer, eu acho que dá pra dar uma nota oito. Se eu digo isso pra minha psicóloga ela enlouquece comigo, “por que oito?!”, porque eu sou muito exigente comigo (...) Eu tenho o perfil muito de inferioridade, entendeu? Então eu tenho muito assim ‘Ah, eu não sou um bom pai’”. Eu tô trabalhando isso, óbvio (...) Eu sinto,*

algumas vezes, que a minha missão tá sendo cumprida, vamos dizer, assim, mas sempre desconfiando, nunca com certeza de que realmente tá ok”.

Fernando parece necessitar dar conta de seus conflitos com seus objetos originais para aliviar suas inseguranças sobre si mesmo e sobre sua paternidade. A partir deste desafio, penso que a psicoterapia tem lhe ajudado neste processo, ao permitir que ele ressignifique algumas de suas experiências conflituosas, passadas e presentes, aliviando seu sofrimento psíquico. Ele mesmo ressalta que, desde a separação, já passou por diversas fases, que lhe permitiram sentir um pouco mais de segurança em suas funções de pai: *“Tu vai passar por todas essas fases, entendeu? Separou, essas fases todas vão passar. A primeira do ‘Não vou aguentar ficar longe, vou voltar’. Aí, daqui a pouco, aguentou, ‘Ah, acho que não vai fazer diferença, vou largar’. São fases. E daqui a pouco ‘Não, largar também não, mas como é que eu vou largar?!’, aí vem aquela coisa da responsabilidade, né?”.*

Sendo assim, novamente, Fernando enfatiza o quanto lidar com estes conflitos em sua psicoterapia tem lhe ajudado a superar cada fase. *“Então, tipo assim, é uma briga que tu tem que ficar insistindo o tempo inteiro. Eu tive que conversar muito em terapia, eu tive que entender muita coisa, eu tive que mudar muito o conceito meu sobre mim mesmo, de que eu ia ter condição, de como é que eu ia fazer. Eu tive que mudar muita coisa (...) Não é fácil. A minha psicóloga, eu não procurei a terapia por isso, eu já fazia, então a gente só foi conversando sobre essas coisas e entrando com novas coisas nas sessões”.*

A partir do nascimento da filha, Fernando conta que passou a ser mais responsável. *“Eu acho que eu era mais irresponsável, com certeza. Tu muda tua responsabilidade, muda o teu objetivo nas coisas. Com certeza, muda muito. E são pequenas coisas que tu vê que tu vai mudando, sabe, são coisas do dia-a-dia”.* Entretanto, a grande mudança interna que sentiu com a paternidade foi somente após a separação conjugal: *“Eu acho que depois que eu me separei é como se tivesse nascido de novo, entendeu? Assim, ela tivesse nascido de novo, de uma outra forma pra mim, que eu não sabia como que era. Porque tu, o homem eu acho que...eu não vou dizer 100% dos casos, mas ele acaba deixando as coisas pra mulher fazer (...) Quando tu não tem alternativa, tu tem que fazer. Tu vai vendo que aquilo ali não é ruim de fazer (...) Tu vai vendo ‘Bah, por quê que eu não fazia essas coisas? Por que eu não brincava com ela disso? Por que a gente não via filme de tarde?’, tu pensa ‘Poxa, domingo de manhã em vez de eu tá com ela ali, eu tava jogando futebol. Pô, por que que eu fazia isso? poderia ter ficado com ela’ (...) Quando as pessoas me perguntam assim ‘Ah, como é que foi e tal?’, eu falo assim, ‘Eu me separei e ganhei uma filha’”.*

A partir desta experiência, Fernando afirma que, atualmente, sente que tem um domínio maior sobre a relação com a filha do que antes. *“Eu acho que não é o que eu quero ainda, mas eu já consigo entender que aquelas coisas que eu achava de que ela não vai lembrar de mim, essas coisas que a gente, inevitavelmente pensa, já não existe. Eu sei que eu sou o pai dela e que ela sabe disso, independente do que for acontecer. E agora acho que eu consigo ter uma maturidade maior em cima*

da relação. Agora tá dominado, tá dominado (...) Claro, ainda não tem como não ficar com saudade, não querer que ela esteja perto, essas coisas não tem como, né. Agora, eu consigo entender que precisa ser assim, entendeu? Antes não, era uma loucura. E eu consigo aproveitar, né, acho que o mais importante, eu consigo aproveitar o tempo que ela tá comigo (...) Eu tenho uma visão de que eu ganhei uma filha quando eu me separei, porque a minha relação com ela mudou totalmente e ficou muito melhor. Não que eu não tinha antes, eu sempre fui muito de participar, sempre fui muito carinhoso e tal com ela, mas era diferente, entendeu? Não era eu e ela, sabe? (...) Ela vem, tá comigo, é eu e ela e pronto (...) Conclusivamente, hoje eu consigo dizer que a minha relação com ela é melhor do que eu pensava que seria”

Esta sensação de domínio, parece ter sido favorecida pela forma como Fernando se organizou para receber a filha em sua casa e no desejo de que ela se sentisse bem em seu lar. *“Fiz o quartinho dela lá em casa. Eu mesmo que fiz as coisas, a decoração toda lá é com caixa, que eu peguei as caixas, que eu não tinha como comprar as coisas. Eu comprei só a cama pra ela e o resto eu fiz tudo com caixa de feira. Então eu pintei, fiz uns negócios, coloquei as bonecas, fiz não sei o quê, então eu fiz tudo pra ela sentir que ela mora ali também, entendeu? Pra ela sentir que ela mora ali. E ela sente, então pra mim é tranquilo. E aí, às vezes, eu vou lá pra minha mãe, porque minha mãe mora mais perto, às vezes eu fico na mãe e ela sente falta de ir lá pra casa, então ela sente em casa lá, sabe?”*

O pai diz se surpreender muito por estar vivenciando sua paternidade de forma mais positiva após separação, pois imaginava que a relação com a filha se tornaria mais difícil, principalmente, pela interferência da mãe. *“Porque tu fica muito achando que ‘Ah, vou me separar e como é que vou deixar meu filho?’. Isso pra mim foi desesperador no início, sabe? (...) Porque eu não sabia o que ia acontecer. E aí a mãe dela não queria deixar ela dormir comigo, por exemplo. ‘Não, ela é muito pequena’. Esse tipo de coisa assim. E eu ‘Não, mas como?!’”*. Sobre esta situação, Fernando confessa que, inicialmente, chegou a se questionar se a percepção de Letícia não estaria correta, chegando a levar o assunto à própria psicoterapia. *“Aí, em vez de eu brigar por isso, começava a achar que ela tinha razão, sabe? (...) Mas as coisas foram se encaminhando porque eu faço terapia, né? (...) Me ajuda a dizer que ‘Não, para um pouquinho, por que que não pode?’ Tu num primeiro momento aceita tudo”*.

A mudança na percepção de Fernando sobre si mesmo parece ter sido um ponto muito importante para que ele pudesse também se reconhecer como pai nessa nova fase de vida. *“Eu não imaginava que ia ser tão assim, sabe? Na verdade, talvez quando eu me separei eu não imaginasse que eu teria tanta resistência e tanta força pra conseguir chegar onde eu cheguei agora”*. Hoje, inclusive, ele costuma aconselhar amigos que passam pela mesma experiência, assim como o aconselharam logo que se separou. *“Eu vejo como isso acontece. Tenho amigos meus ‘Cara, bah, não aguento mais, saí de casa. Bah, mas meu filho’. ‘Cara, não vai acontecer nada com teu filho. Vai ser teu filho a vida inteira. Eu acho que tu ficar casado é mais prejudicial do que tu separar, pra criança”*.

A partir disso, Fernando também observa que agora consegue também ensinar à filha que as mudanças são importantes na vida. *“Tu consegue mostrar pra ela que também nada é definitivo. Consegue mostrar que se não tá bom tu pode sair e não importa, entende? (...) tem experiências que dói de mostrar, mas tu tem que, não adianta, faz parte da vida”*.

Ainda sobre Isabel, quando conta detalhes sobre a rotina com a filha, consigo visualizar com mais clareza a forma como esta relação se estruturou na fase pré-escolar em que ela se encontra. Fernando diz que as tarefas que mais gosta de realizar com a filha são leva-la e busca-la no colégio, por observar que a filha gosta de sua presença nestes momentos. *“Eu vejo que ela tem prazer assim, ela gosta que eu leve ela no colégio. Tipo, então pra mim os momentos mais assim de prazer é quando ela me vê, lá na escola, que eu que fui buscar, e ela fica feliz que eu fui buscar, entendeu? Tipo, que ela vê ‘Ah, meu pai!’, que todo mundo vê. Eu vejo um entusiasmo dela de que ela vai lá pra casa”*.

Fernando, nestas ocasiões, percebe que Isabel tem uma experiência diferente com ele, que não tem com a mãe. Esta percepção parece gratificá-lo, sendo, inclusive, reforçada por um comentário realizado pela mãe de uma colega da filha, que os observou na saída da escola. *“Esses tempos uma mãe lá de uma coleguinha dela tava falando que, quando eu levo ela no colégio, ela fica o tempo todo comigo na entrada do colégio ali, o tempo todo, e brincando comigo. E aí, quando ela vai com a mãe dela, por exemplo, muda, entendeu? Daí ela já fica brincando com as amigas. Então, tipo, a mãe de uma amiguinha dela falou assim pra mim: ‘Tu vê, quando a Isabel vem contigo ela fica brincando contigo, e quando ela vem com a Letícia, ela fica brincando com as crianças’”*.

Desta forma, Fernando parece ter a necessidade de se diferenciar da ex-esposa, aos olhos da filha, proporcionando experiências prazerosas para a menina que a mãe, a seu ver, não proporciona do mesmo jeito. *“É uma criação de um novo perfil, vamos dizer. Porque, se não, fica muito de um jeito só, né? Ela tem, vamos dizer, ela tem duas...não duas personalidades, mas ela tem duas opções assim”*. Isto parece representar para Fernando que, apesar do vínculo existente entre mãe e filha e do maior tempo de convívio entre elas, entre pai e filha também tem se constituído uma relação especial e diferenciada.

Ainda sobre a escola, Fernando conta que valoriza muito este espaço da filha e percebe que a menina também gosta muito deste ambiente. Os estudos são muito reforçados por Fernando como algo importante que gostaria de passar para a Isabel, diferente do que teve com os próprios pais, que não valorizam tanto este espaço. Além disso, conta que, apesar de Letícia propor que Isabel estudasse em uma escola pública para que tivessem menos gastos, ele se opôs à ideia. Fernando justifica sua oposição, deixando claro que, ao valorizar os estudos de Isabel, ele tenta dar a ela as oportunidades que não teve de seu próprio pai. *“Tipo, em mim, por exemplo, bah, muito tempo já tem essa coisa do estudo dela assim, entendeu? Porque eu já acho que não tem outra forma. Então assim, desde pequena, eu já fico lendo pra ela, tentando fazer uma coisa que eu não fazia, porque eu vejo a falta que isso fez pra mim, entendeu? (...) essas coisas são de pequenininho, são nesse momento que vê que*

estudar é legal, ir pra escola é legal (...) Eu vejo que ela gosta, então eu não posso desperdiçar todo o potencial que ela tem de estudo e largar ela num colégio sem professor. Eu não posso desperdiçar essa vontade dela (...) Ela adora ir na aula, ela adora ir no colégio. E a professora diz que ela é muito concentrada”.

Apesar disso, a tarefa de levar e buscar a menina na escola, após a separação dos pais, ficou como uma incumbência da avó materna. Entretanto, Fernando conta que, um dia, foi buscar a filha na casa da mãe após a escola, mas a avó não tinha conseguido se deslocar até lá para buscar a neta. Desta forma, neste dia, Fernando se ofereceu para buscar a menina, observando o quanto ela gostou de sua presença. A partir disso, ele propôs à ex-esposa que esta passasse a ser sua incumbência. *“Todas as vezes que eu busco ela agora eu vou direto no colégio. Só aviso a mãe dela e a mãe dela manda as coisas direto pra lá, entendeu?”*. Fernando relata que não tinha ideia de que esta tarefa ajudaria a fortalecer a relação com a filha. *“E é o momento que fortalece bem a relação, sabe? (...) Eu não tinha noção, sabe? E tu pega e vai vendo que as coisas”*.

Com a experiência da psicoterapia, o pai percebeu que tem conseguido observar mais as pessoas e a compreendê-las melhor, incluindo sua própria filha. *“Agora, desde que comecei a terapia, eu comecei a analisar as pessoas, né? Começo a perceber as pessoas na rua, comecei a perceber as coisas, né? Tu vai percebendo. Então, tipo, são pequenas coisas que tu vai vendo que fazem a diferença em relações assim de pai e filho, de homem e mulher, são pequenas coisas que tu vai vendo. E aí, essas coisas tu vai vendo que faz diferença, porque ela sabe que eu tô ali, entendeu? Então, tipo assim, eu tô ali direto. Eu vou ali e fico quinze minutos, vinte minutos, mas eu estou ali inteiro, entendeu?”*

Para reforçar ainda mais a experiência prazerosa da filha na chegada à escola, Fernando passou a fazer brincadeira com Isabel e também com seus amigos, o que parece ter agradado muito à filha. *“Tipo, eu vou com ela lá no colégio. Daí, antes de entrar no colégio, ela pega bota a perna aqui e vira uma cambalhota, assim. Um negócio que ela brinca lá. Aí as crianças outras viram e quiseram fazer igual (...) eu comecei a brincar com todas as crianças. Então eu chego no colégio pra levar ela agora, eu brinco com eles todos, eu corro atrás. Então, eu vejo que ela fica feliz assim, sabe? Ela ‘Ai, pai, pega a fulana’, ‘Ô pai, faz não sei quê’. Então, tudo que eu faço com ela, ela quer que eu faça com os amigos”*.

Fernando, a partir desse relato em relação à vida escolar da filha, parece estar conectado com o momento do desenvolvimento em que Isabel se encontra, em que começa a se identificar com seus iguais e a construir amizades, que são reforçadas pelo pai. Também é importante levar em consideração o fato de que a menina, a partir da conflitiva edípica, passa a buscar a admiração e as trocas afetivas com o pai. Assim, ao permitir que a filha exiba aos colegas, orgulhosa, a admiração e a relação que o pai tem com ela, Fernando sente-se como uma referência paterna para a filha que, por sua vez, parece se sentir valorizada pelo pai.

Desta forma, a experiência de participar das atividades escolares da filha parecem ter funcionado como um recurso importante para Fernando sentir que estava exercendo melhor a sua paternidade. Sobre isso, é importante ressaltar que, logo após a separação, o pai ainda esperava que a ex-esposa lhe informasse sobre estes aspectos da vida da filha. Porém, no momento em que Letícia passou a não querer ser mais uma intermediária na relação entre pai e filha, Fernando passou a se acostumar a verificar a agenda da menina após a escola, para se inteirar deste aspecto importante de sua vida.

Atualmente, os cuidados com a escola de Isabel passaram a ser exercida tanto pelo pai quanto pela mãe. *“Eu tento participar de quase todas as coisas que ela faz. Eu vejo agenda que ela tem na escola, porque eu acho que eu não tinha esse costume, e aí agora eu tô começando a ter, de pegar a agenda, ver as coisas que tem, porque não é tudo que a mãe dela me fala, entendeu? Porque da outra vez, no ano passado, ela pegou e mandou pra mim um negócio de uma avaliação pra Isabel. E daí eu falei ‘Que avaliação é essa?’, daí ela ‘Ah, teve avaliação na escola’, daí eu falei ‘Teve avaliação? Por que tu não me falou?’, aí ela falou ‘Tava na agenda, por que tu não leu?’. E eu disse ‘Ah... então tá, beleza, tá bom, se é assim que nós vamos, se nós precisamos desse negócio aí, eu acho que é isso’. Então eu comecei a acompanhar, então eu acho que eu estou presente”*.

Ainda sobre a fase em que Isabel se encontra, Fernando analisa o que mudou na relação com a filha, além da separação, foi também o fato da menina não ser mais um bebê. Assim, o crescimento da menina é ressaltado como outro fator importante para a aproximação entre pai e filha. *“Eu não sei como que ia ser de outro jeito. Não posso analisar. Só que eu sei é que não era. Se depois ia ser assim como é, não sei, porque também ela cresceu, né? Já tá um pouquinho maior e tal. Se ia ser assim, não sei, mas não era”*. Fernando, inclusive, relata que sente ansiedade de que a filha cresça ainda mais, pois sente que se abrirão novas possibilidades na relação dos dois. *“É um exercício de compreensão de tipo ‘Não, está ok assim e é a forma como tem que ser, depois vai mudar”, sabe? E eu acho que é mais uma ansiedade minha assim, entendeu? De que ela cresça, sabe, de que ela consiga ter a noção das coisas. Só que eu não posso botar isso na frente e deixar de viver com ela nesse momento”*.

Neste momento, também conta que os dois estão tendo boa convivência, realizando diversas atividades juntos, que ele percebe serem particulares de sua relação. *“A gente é muito parceiro, assim, eu e ela, né. Me agrada assim que, de alguma forma, ela muda os hábitos e as preferências dela quando ela tá comigo. Então assim ó, ela fica muito em tablet, youtubes, não sei o quê, essas coisas, né. Que eu já meio que tento cortar o máximo possível. Então, quando ela tá comigo, a gente brinca de joguinho, a gente anda de bicicleta. Então, eu tiro dela dessa coisa mais assim de eletrônica. Pelo menos eu tento o máximo possível, né? Eu noto que ela não sente falta. Por exemplo, se ela tá comigo e ela tá fazendo alguma coisa, vendo o celular, e eu digo “Vamos andar de bicicleta?”, ela para na hora, ela não diz “não, tô fazendo...”, entendeu? Ela tá disponível na hora pra fazer outra coisa (...)*

Ela ter essa coisa de, tipo assim, é como se ‘Ah, vou lá pra casa do meu pai que, bah, na casa do meu pai é divertido’”.

Entretanto, Fernando relata ainda ter mais dificuldades em tarefas que envolvem os cuidados com o corpo da menina, como na hora do banho. Como alternativa, o pai costuma incentivar a filha a ser independente, tomando banho sozinha. *“Por ela ser menina, né, então tem algumas coisas assim que eu tenho um pouco de dificuldade. Pra dar banho nela eu tenho alguma dificuldade, então eu tô ensinando ela a tomar banho sozinha. Tô fazendo algumas coisas assim porque eu não tenho muito jeito pras coisas, entendeu? Então já tenho que começar a ensinar algumas coisas pra ela assim”.*

O momento de levar a filha ao banheiro público mostra-se também bastante complicado, pois o pai, em alguns estabelecimentos, não tem outra escolha a não ser levar a menina ao banheiro masculino, onde ele pode estar junto dela. Isto é citado como um incômodo por Fernando, que se sente desconfortável. *“Por ela ser menina, algumas coisas assim, ir no banheiro, sabe, é ruim. A gente chega num lugar ela quer ir no banheiro. Tem que levar ela no banheiro masculino. Eu não gosto, né, mas o que que eu vou fazer? Eu tenho que levar ela no banheiro masculino. Então, tipo, é ruim, sabe?”.*

Portanto, a diferença entre os sexos se apresenta como um incômodo a mais para Fernando, que reflete que não teria estas mesmas dificuldades se Isabel fosse um menino. *“Então, tipo, o fato de ser sexo diferente interfere em algumas coisas, em algumas coisinhas pequenas assim, mas que são coisas que te deixam desconfortável, entendeu?”.* Além das questões envolvendo a higiene de Isabel, Fernando também sente que precisa proteger a filha de alguns perigos por ser menina. *“Eu não sei dizer assim, mas eu, como tem muito maluco por aí, sabe, eu tenho medo, entendeu? Eu tenho medo até que, eu não sei, se daqui a pouco um amigo meu não é louco da cabeça, sabe? Essas coisas assim que tu não tem como saber das pessoas também, então fica um desconforto assim”.*

Além disso, os momentos em que precisa dar alguns limites à filha também mostram-se desafiadores. *“Ela tá muito numa fase de querer dormir junto comigo, daí eu tenho que pegar e dizer pra ela que não dá. Aí ela fica triste. Aí às vezes eu tenho que chegar num meio termo, tipo assim, às vezes ela não quer ‘Ah, não quero dormir no meu quarto’, aí eu falo ‘Mas no meu tu não vai dormir também’, daí digo pra ela ‘Então, faz o seguinte, deita lá na sala que depois eu te levo pro teu quarto’. Daí eu já aviso ela ‘Ó, tu vai dormir aqui se tu quiser, mas tu vai acordar no teu quarto, porque eu vou te levar pra lá’”.*

Sobre estes momentos, Fernando percebe que sofre quando precisa repreender a filha e que, às vezes, não consegue se impor em relação à ela. *“Eu sou muito mole. E eu acho que agora, de um tempo pra cá, eu tô tentando não ser mais. Eu sou muito molengão. Então eu pego ‘Ah, tá na hora de tomar banho’, ‘Não, não vou, não quero, não vou’, e eu ‘Tá, tá bom, tá bom’, daí quando vê ela toma banho de noite, tarde demais. Então, eu sou ruim com a questão de obrigações assim, sabe?”.* O pai justifica sua dificuldade pelo pouco tempo de convívio com a filha durante a semana. Diz que gostaria

que o tempo em que está com a filha seja agradável para os dois, sem brigas. *“Eu penso ‘Pô, eu já fico pouco com ela, daí quando eu fico vou ficar brigando com ela, porque ela não quer tomar banho, porque ela não quer isso, porque ela não quer aquilo?’ Então eu vou aceitando e vou deixando ela fazer as coisas meio do jeito dela”*. Sobre esta dificuldade, Fernando reflete também que quando se percebe sendo rígido com a filha, acaba se identificando com o próprio pai. *“Então eu tenho muita dificuldade com a rigidez, eu não sei se porque o meu pai era muito comigo, e aí eu sei como é ruim, talvez, e aí eu não quero fazer com ela”*.

Assim, novamente, Fernando cita suas sessões de psicoterapia como um auxílio importante para lidar com esse desafio. *“Foi outro caso que eu tratei bastante na terapia, a gente já tá mudando. Que é, tipo, ela tem que ter também as regras, as coisas dela, os não necessários. Daí a gente tá, tô trabalhando em cima desses não aí. Mas é difícil, é ruim (...). Ela fica triste. Aí já aconteceu de uma vez a gente brigar assim, de eu brigar e ela, na hora ficar triste e dizer ‘Eu quero ir pra casa da minha mãe’. Daí tu já amolece, então, é difícil, assim, tu fica muito a mercê do que ela quer, entendeu?”*.

Fernando conta que tem criado novas estratégias, junto à psicoterapeuta, para lidar com os momentos de oposição da filha, que ele conta que tem lhe ajudado. *“Só que agora eu aprendi algumas manhas, daí eu converso com ela antes das coisas, entendeu? Tipo, eu boto algumas obrigações pra ela quando ela me pede alguma coisa, tipo ‘Ah, vamo na pracinha’, por exemplo. Eu já chamo ela e falo ‘Olha só, a gente vai na pracinha, mas depois nós vamos voltar, tomar banho...’, tipo, eu já coloco algumas coisas que a gente vai fazer depois, entendeu? Mesmo assim, às vezes, ela não aceita, só que daí eu já tenho ‘Ó, a gente já conversou, né, que que eu te falei? Tu falou pra mim que tu ia’, então tipo eu já consigo botar ela na obrigação. Porque daí eu digo ‘Nós vamos ir, só que tu vai ter que depois voltar, tomar banho, isso, aquilo outro, não sei quê, tá bom?’, daí ela diz ‘Tá, tá bom’, ‘Tá bom mesmo?’, ‘Tá bom’”*. Fernando conta que esta estratégia tem lhe ajudado a se sentir menos culpado. *“Então, tipo, são algumas coisas que eu tô aprendendo a fazer, que é tornar uma obrigação dela com as coisas, sem parecer que eu que tô, tipo assim, dando ordem o tempo inteiro, entendeu?”*.

Além da psicoterapeuta, o pai tem buscado também referências em relação às necessidades de organização de uma rotina e de regras para a filha através da professora de Isabel. *“A professora dela tá fazendo isso também. Porque ela não tem muita noção de tempo. Ontem, hoje, amanhã, ela fala ‘Amanhã eu fui não sei aonde’, tipo, amanhã é ontem. E a professora disse que tá começando a fazer essas coisas com eles, né, que é explicar, dar rotinas, essas coisas assim pra eles começarem a aprender. E aí quando ela falou aquilo ali, foi no bimestre passado, na avaliação, ela falou aquilo ali e eu fiquei ‘Ah, claro!’, então aí eu fiquei com aquele negócio na cabeça, né?”*.

Apesar de ter dificuldades em relação ao estabelecimento de limites, Fernando deixa claro que tenta não proteger demais a filha, deixando-a explorar os ambientes, mesmo passando por adversidades, que ele considera importante para seu desenvolvimento. Nesse sentido, Fernando tenta também, novamente, ser um contraponto de Letícia, que ele considera demasiado protetora. Além

disso, as próprias atitudes de Isabel, nesta fase do seu desenvolvimento, em relação aos conflitos, mostrando-se destemida e independente, reforçam a confiança do pai. *“Eu não tenho uma questão de proteção assim, aquela maluquice assim. Eu não tenho. Acho que a mãe dela já tem. Por exemplo, acho que ela tem que ir pra rua, as crianças vão bater nela, o outro vai judiar, ela vai cair de bicicleta, vai se quebrar, eu acho que isso vai acontecer, entendeu? Então, eu não tenho uma coisa de tipo ‘Não, fica em casa, não, não sai na rua’. Às vezes tu fica brabo, né? Tem coisa que te irrita mas, tipo assim, tu tem que manter. Ela tem umas amiguinhas lá no condomínio que ela vai lá brincar e as gurias não brincam com ela, daí ela fica ‘Ah, as gurias não brincam comigo’, eu fico chateado, mas é isso aí, meu. A vida é assim, vai ter gente que não vai querer brincar contigo na vida, sabe, depois? Bah, eu fico irritado, assim, mas o que que eu vou fazer, sabe? Mas ela se vira, entendeu? Esses dias a amiguinha dela lá deu bolacha pra todo mundo e não deu pra ela. Daí ela foi lá na casa da guria, chamou a mãe dela e falou ‘Olha só, a fulana deu bolacha pra todo mundo e não de pra mim’. Não, ela se vira, ela se vira, ela não aceita o negócio assim, entendeu?”*

A confiança estabelecida entre pai e filha é exemplificada por Fernando em algumas situações do dia a dia que a criança tem receio de realizar, como experimentar novos alimentos ou andar de escada rolante. *“Eu tento dar muita confiança pra ela. Por exemplo, ela tinha medo de descer a escada rolante, ela não tem mais. Porque eu insisti, eu fui lá, eu fiz ela fazer, eu falei pra ela confiar em mim, ela foi lá e não tem mais. Tem um monte de coisa que ela não comia e que ela come lá em casa, começou a comer. Então são coisas assim que eu vejo que tá fazendo a diferença, entendeu? De eu pegar e dizer pra ela ‘Isso aqui é bom, tu come que tu vai gostar’, e ela ter a confiança de ir lá e comer e dizer ‘Ah, gostei’, entendeu? Então eu sempre procuro tirar o medo dela, sabe, de coisas pequenas, mas que são essas coisas pequenas que tu vai tirando medo pras outras, né? Então, tipo, ela vai num brinquedo da pracinha, aí daqui a pouco ela sobe, daqui a pouco ela para. Eu digo ‘Vai mais’, ‘Não, não consigo, não sei quê, eu tenho medo’, ‘Não, eu vou tá aqui, vai, eu vou te segurar, não sei quê e tal’, então essas coisas assim ela pega e vai indo”*.

Além da questão dos limites, outra tarefa citada por Fernando como um desafio neste momento de vida da filha é o momento de acordá-la de manhã. O pai conta que, antes da separação, não tinha passado por este desafio por esta ser uma tarefa de Letícia. A partir desta nova experiência, Fernando reflete sobre a ideia de que os homens não costumam se apropriar destas atividades quando a mãe da criança está presente. *“Isso é uma coisa que eu acho que o homem não é acostumado: acordar mais cedo, se organizar, acordar a criança, arrumar a criança, entendeu? Então, é uma coisa que fica muito no lado materno da relação. E é difícil mesmo, é complicado, é bem complicado. A criança não quer acordar, não quer isso, não quer aquilo, tu tem que pensar alguma coisa na hora, tu tem que, sei lá, falar alguma coisa que ela desperte, tipo ‘Ah, vamos fazer tal coisa!’, alguma coisa ali tem que fazer ela acordar e querer fazer, entendeu? Porque, se não, tu tem que botar do jeito que tá mesmo e levar. Porque é uma organização, é uma mudança de organização”*.

Fernando explica que nos momentos mais desafiadores tenta dialogar com a filha. *“Eu tenho uma coisa de sempre explicar tudo pra ela. E pra ela não ter nada assim de alguma surpresa ruim, assim, né”*. Durante estes diálogos o pai percebe que a filha o compreende. *“Ela entende. Acho que, claro, o fato de ela ter essa inteligência emocional, sei lá, não sei como dizer, facilitou bastante. Não sei, assim, ela é muito tranquila, sabe? Ela é muito inteligente, ela entende as coisas”*.

Fernando conta que esta percepção sobre a filha tem lhe ajudado a compreender, por exemplo, os momentos em que ela não demonstra sentir saudade da mãe quando está em sua casa ou dele quando está na casa da mãe. Assim, observar o comportamento da filha tem funcionado como um ótimo recurso quando Fernando se sente inseguro. *“Eu acho que ela não se importa de não tá comigo. Do mesmo jeito que ela não se importa quando tá comigo, de não tá com a mãe dela. Ela não em fala de que sente saudade da mãe dela. Eu imagino que ela não deva falar também pra mãe dela que sente saudade de mim, entendeu? Acho que isso aí foi uma coisa que eu levei forte na terapia, sabe? Que eu notava que ela não sentia minha falta. Aquilo ali me torturava. E aí, foi o que a gente conversou que foi ‘Então tu tá fazendo tudo certo. Se ela não sente tua falta é porque ela sabe que tu tá lá, porque ela confia em ti que tu tá lá, porque ela sabe que tu vai tá lá, então não precisa, não é necessidade ela sentir falta’”*.

Fernando dá como exemplo, em relação à sua conexão com a filha, uma situação em que percebeu que uma atitude da mãe fez ela[[[se sentir culpada e querer ir encontrá-la *“Eu procuro não falar que eu tô com saudade, porque uma vez aconteceu da mãe dela mandar um recado pra ela que tava com saudade e ela quis ir embora. Eu peguei e falei pra ela ‘Leticia, tenta não mandar isso, porque ela se sentiu culpada e ela quis ir embora’. Ai eu levei ela. Aquele dia eu montei num porco. Fiquei muito irritado”*.

Desta forma, a partir do vínculo estabelecido com a filha, quando pensa sobre sua paternidade no futuro, Fernando refere que o que mais espera é que a filha sinta segurança e confiança na relação com ele. O pai diz que tem esse desejo como uma forma de oferecer uma experiência para a filha que ele não teve com os próprios pais. *“Que ela tenha sempre segurança e confiança em mim de que eu vou tá ali, de que vai dar tudo certo. Porque tá recém começando, né? Muita coisa vai acontecer, ela vai passar por muita coisa aí na vida dela, sabe, e eu nunca tive, eu nunca pude conversar nada sobre nada com meu pai, minha mãe, com ninguém, eu nunca tive isso, então acho que tem muita coisa pra vim e eu gostaria, eu espero muito, que ela possa sempre ter certeza que ela pode confiar em mim e conversar comigo sobre as coisas, entendeu? De que ela pode chegar e dizer ‘Bah, pai, aconteceu isso, isso e isso’ e a gente possa conversar sobre as coisas (...) Hoje a gente tem, só que ela é uma menininha de cinco anos e é diferente, mas, tipo, é o que tá sendo criado, é o que eu tento criar, uma relação de parceria”*.

Entendimento dinâmico do Caso Fernando

Como abordado anteriormente, nesta seção busco fazer um entendimento dinâmico do caso, a partir dos relatos de Fernando e de minhas impressões ao longo da entrevista, levando em consideração os dois períodos destacados: a Experiência da paternidade antes da separação conjugal e a Experiência da paternidade após a separação conjugal. Nesta análise, serão, novamente, seguidos os eixos teóricos interpretativos descritos nas sessões anteriores, articulando-se com os autores psicanalíticos: *Sentimentos e representações do pai acerca de sua paternidade; Sentimentos e representações do pai acerca do filho e da relação pai-filho; Sentimentos e representações do pai acerca da ex-companheira como mãe; Sentimentos e representações do pai acerca de sua família de origem.*

Sobre os Sentimentos e Representações do pai sobre sua paternidade, foi possível perceber que, inicialmente, Fernando apresentava o desejo de ter um filho, imaginando a presença de uma criança em sua vida no futuro. Entretanto, não parecia ter um projeto de paternidade, já que não sentia que teria condições de dar conta desta tarefa (Szejer & Stewart, 1997). Assim, a notícia da gravidez da ex-esposa veio de forma abrupta, necessitando que Fernando se organizasse, rapidamente, frente a esta nova realidade.

Segundo Freud (1914/2004), o desejo de ter um filho representa um anseio por transmitir a vida recebida. Entretanto, para que este desejo se concretize é importante que os genitores tenham uma maturidade psíquica. Desta forma, me parece que Fernando não conseguiu desenvolver um desejo real de paternidade, antes do nascimento da filha, por possuir uma ferida narcísica que não permitia que ele revivesse seu narcisismo inicial através do amor objetal pela criança. Sendo assim, durante os primeiros anos da filha, Fernando teve representações bastante negativas sobre sua paternidade, sentindo-se incapaz, em alguns momentos, de dar conta desta tarefa.

A partir disso, também penso que durante a gestação, o mundo representacional de Fernando não parece ter sido muito abalado (Stern, 1997), já que não sentia que sua vida tinha se modificado tanto com a notícia da gravidez. O pai tentou uma aproximação da filha, mesmo ainda no ventre da mãe, quando conversava com a bebê. Entretanto, estes momentos iniciais só tiveram alguma representação de proximidade com a criança, após seu nascimento.

Segundo Brazelton (1988), as mães apresentam vantagens na comparação com os pais no período da gestação. Elas conseguem acompanhar o crescimento e os movimentos do bebê em seu ventre. Enquanto isso, os homens precisam imaginar o bebê e se preparar para a sua chegada sem contar com a mesma realidade concreta que as mulheres em sua experiência. Desta forma, alguns pais, como Fernando, fazem tentativas de se aproximar do bebê e se identificar com a esposa, buscando o estabelecimento de um vínculo com ele, mas apresentando mais dificuldades do que as mulheres, como o próprio Fernando reconheceu.

No momento do parto, apesar de ainda ter se sentido sem funções definidas, Fernando consegue funcionar como uma matriz de apoio (Stern, 1997), ao procurar a ajuda da equipe médica quando a filha corria perigo de vida. Este fato também parece ter sido importante para sua experiência

como pai (Freud, 1914/2004), como ele mesmo destacou. Segundo Lebovici (1987), a hora do parto, faz com que seja liberada uma intensa energia psíquica, que traz prazer ao pai, por ter seu primeiro contato com o filho e com a paternidade. O orgulho de ter conseguido produzir um bebê é bastante prazeroso para o pai. Desta forma, a hora em que a bebê nasceu é descrita por Fernando como um momento muito intenso, fazendo-o ter uma primeira representação de sua paternidade, permeada de alegria, mas também de um sentimento de responsabilidade que o assustava. Além disso, as circunstâncias do nascimento da filha, parecem ter auxiliado o pai a formar uma representação sobre ela. Ele a conheceu como uma menina forte, que lhe deixou orgulhoso pela forma como nasceu, serena e resistente, que parou de chorar ao ouvir a sua voz. Esse momento foi destacado por Fernando, com o nascimento dele com pai

Apesar disso, as experiências vividas na relação com Isabel nos primeiros meses em casa parecem ter assustado muito o pai, que não se sentiu confiante para cuidar da criança, percebendo-se incapaz de exercer suas funções. Com isso, a representação sobre a filha ser forte também se misturou à percepção de que ela era geniosa, exigindo atenção contínua dos pais e não aceitando, inclusive, mamar no peito da mãe, tornando a paternidade uma experiência muito difícil, na percepção de Fernando.

Segundo Brazelton (1988), após o nascimento de um filho, surgem novas ansiedades e preocupações nos pais diante da responsabilidade de cuidar do bebê, podendo apresentar um sentimento de inadequação. Em pesquisa realizada por Krob, Piccinini e Silva (2009), estes sentimentos foram observados nos pais pesquisados, assim como referido por Fernando. Foi identificada também uma ambivalência por parte dos participantes, tendo tanto sentimentos positivos quanto desagradáveis em relação à nova realidade do casal e à convivência com o bebê.

Na percepção de Fernando, a díade mãe-bebê parece ter funcionado melhor sendo que Letícia demonstrava destreza com a filha, conseguindo realizar suas funções com muito mais tranquilidade. De acordo com Stern (1997), após o nascimento do filho, alguns pais sentem-se excluídos da relação mãe-bebê, ao não ter a mesma participação que a mãe sobre a rotina, como por exemplo na amamentação.

No caso de Fernando, penso que o que parece ter ocorrido é que, além das dificuldades inerentes ao nascimento de um filho, também a ferida narcísica (Freud, 1914/2004) que ele carrega de sua experiência como filho, tornou-se dolorosa quando ele se viu tendo que exercer o papel de pai. Isto parece ter reforçado ainda mais sua insegurança, fazendo-o sentir-se desinteressado pela paternidade. Desta forma, o próprio Fernando admite que estes fatores fizeram com que ele “*não fizesse questão de aprender*”. Isto se relaciona também à minha impressão durante a entrevista de que Fernando não tinha muito a dizer sobre suas experiências durante a gravidez e os primeiros anos de vida da filha. Ele mesmo admite que elas não vinham à sua mente, parecendo distantes, como se ele relatasse sobre uma vida que não era a sua. Outras vezes, trazia informações contraditórias sobre sua

própria experiência, relatando que participava de todos os cuidados da filha e, em outros momentos, dizendo que poderia ter participado mais. Desta forma, penso que ao se apoiar na segurança e na destreza de sua ex-esposa nos cuidados com a filha, Fernando encontrou uma forma de se proteger da experiência de ser pai, que lhe demandava uma energia psíquica grande demais. Além disso, inconscientemente, Fernando protegeu também a filha de si mesmo, já que não se sentia capaz de cuidá-la e tinha medo que ela não sobrevivesse, preocupando-se, inclusive, que ela não estivesse respirando durante a noite, apesar de considerá-la uma criança forte.

A marca deixada no psiquismo de Fernando pelas experiências com seus genitores durante a conflitiva edípica (Freud, 1905/2004) parecem ser uma fonte importante de suas inseguranças e merecem sua devida atenção. Segundo Freud (1905/2004), toda criança passa por conflitos em relação aos seus sentimentos direcionados aos seus objetos originais. No caso do menino, o amor pela mãe é experimentado desde o nascimento, a partir da formação da díade mãe-bebê. Já em relação ao pai, os sentimentos tornam-se mais complexos. A partir da triangulação edípica, o menino passa a rivalizar com o pai, sentindo inveja por ele ter sido a escolha da mãe. Este conflito tem sua resolução a partir da ameaça de castração realizada pelo pai, pelos desejos incestuosos do filho em relação à mãe e pelo ódio direcionado ao próprio genitor. A partir da angústia da castração, o menino renuncia à mãe e passa a identificar-se com o pai. Desta forma, os sentimentos direcionados ao pai tornam-se bastante conflituosos, indo do ódio à admiração.

No caso de Fernando, a díade mãe-bebê é descrita por ele como uma relação bastante intensa. A mãe é apresentada como uma mulher que se anulou a partir do nascimento do filho, estabelecendo uma relação especial com ele e deixando o pai como o excluído na triangulação, desde o início. É importante ressaltar que este movimento da mãe ocorre naturalmente a partir do nascimento do bebê, quando ela entra no estado de preocupação materna primária, descrita por Winnicott (1993/1960b). Apesar de comum, este movimento parece ter se prolongado, além dos meses iniciais, na relação da mãe com Fernando, despertando a ira do pai que, provavelmente, revivendo sua própria conflitiva edípica, passou a culpar o filho pelo afastamento da esposa, vendo-o como um rival. A partir disso, passa também a ter relações extraconjugais, que me parecem ter funcionado como uma forma de demonstrar que ainda possuía o falo e, principalmente, como uma forma vingar-se da esposa, deixando-a como a excluída e preterida (Freud, 1905/2004).

A partir disso, Fernando nutre sentimentos e representações complexos sobre seus genitores. Pelo pai, ainda nutre um ódio, característico da conflitiva edípica, mas que é exacerbado pela imaturidade do genitor ao agredir e culpar os filhos pelos conflitos do casal. Ao mesmo tempo, também nutre uma culpa e uma ferida narcísica por nunca ter conseguido cumprir o ideal do pai, tendo dúvidas sobre sua capacidade em diferentes aspectos de sua vida, incluindo a paternidade. Assim, me parece que Fernando buscou, inconscientemente, igualar-se ao pai, ao ter, compulsivamente, casos extraconjugais, que lhe foram, perversamente, apresentados desde a infância pelo genitor, como uma

forma de afirmar-se. Penso que estas atuações de Fernando funcionavam como uma estratégia, inconsciente, de tentar elaborar a história dos próprios pais (Freud, 1914/2004b).

Assim, a partir do nascimento da filha, esta identificação parece ter se tornado ainda mais intensa. Como em seus relacionamentos anteriores, Fernando traiu sua ex-esposa. Entretanto, ao relatar que esta relação se configurava de forma diferente das anteriores, sem tantos conflitos, e que os casos extraconjugais iniciaram somente durante os últimos meses de gestação de Letícia, penso que estas traições tiveram elementos diferentes que merecem atenção. A proximidade da chegada da bebê, uma terceira pessoa na relação de Fernando e Letícia, parece ter acionado ainda mais sua insegurança, fazendo-o se sentir ameaçado pela chegada da filha e pelo medo de sentir a angústia vivida pelo próprio pai, agora na relação com a ex-esposa e a filha Isabel (Freud, 1905/2004). Desta forma, o sentimento de rivalidade, comum em diversos pais em relação aos seus bebês (Brazelton & Cramer, 1997) parece ter acometido Fernando.

O próprio Fernando, apesar de ainda sentir raiva do pai, admite que se identificava com o genitor em diversos aspectos e percebe que, após o nascimento da filha, conseguiu compreendê-lo melhor e ressignificar sua relação (Stern, 1997). Entretanto, sua parte infantil, ainda anseia pelo reconhecimento do pai e pelo cuidado que ele só conseguiu ter por parte da mãe. Desta forma, a genitora é identificada por ele como sua principal cuidadora e como seu principal exemplo quando pensa na própria paternidade. Mesmo assim, com a chegada da filha, me parece que Fernando também passou a ressignificar a imagem da mãe, identificando sua dificuldade de conciliar a maternidade e o casamento, a partir do nascimento dos filhos. A percepção de que Letícia tinha se voltado totalmente para a maternidade, parece vir desta experiência com a mãe (Stern, 1997).

A partir do exposto, penso que a história de Fernando com seus genitores e a separação surpreendente deles, após 30 anos de casamento, parecem ter sido determinantes para que a relação com Letícia também chegasse ao fim, dois meses depois. A similaridade encontrada por Fernando nas duas histórias e as motivações que levaram os dois casais à separação parecem tê-lo assustado, revivendo suas angústias infantis e fazendo-o identificar-se ainda mais com o pai (Freud, 1905/2004). A busca pela psicoterapia neste momento parece ter sido providencial para que Fernando pudesse se compreender e para que, mais tarde, pudesse encarar sua paternidade com outros olhos, já que, até aquele momento sua experiência como o pai lhe trazia bastante insegurança.

A partir da separação conjugal, as dificuldades de Fernando com a paternidade permaneceram. Ter que conciliar o fim do relacionamento, sua vida pessoal e profissional e a relação com a filha parecem ter sobrecarregado o pai, que não conseguia, inicialmente, encontrar espaço para a filha em sua vida. Este dilema mostrou-se bastante comum nos pais participantes de estudo realizado por Genesoni e Talladini (2009). Os autores salientam que esta angústia experimentada pelos pais contemporâneos se tornou presente a partir da participação maior dos homens no cotidiano dos filhos, passando a realizar uma divisão de tarefas mais igualitária com as mulheres. Desta forma, assim como

Fernando, muitos pais passaram a ter que administrar a vida com os filhos com a vida profissional, às vezes, não conseguindo dar conta de tudo ao mesmo tempo.

A partir disso, a necessidade de voltar-se para si mesmo, não conseguindo estabelecer uma relação objetal com a filha parecem ter permanecido, já que Fernando ainda carregava um narcisismo falho (Freud, 1914/2004), que parece ter sido reforçado pela sensação de fracasso com o fim do casamento. Desta forma, o espaço interno necessário para o estabelecimento de uma relação com a filha estava ocupado por sua história como filho e pelo luto pelo fim do casamento. Esta reação é bastante comum entre os pais separados, principalmente nas fases iniciais após a separação, já que segundo Piva (2001), o fim do casamento representa também o fim do ideal de insolubilidade, podendo deixar os ex-cônjuges com sentimentos de desamparo, frustração e solidão. No caso de Fernando, estes sentimentos parecem ter se tornado ainda mais intensos por ele estar vivenciando, ao mesmo tempo, o luto pelo seu casamento e pelo dos próprios pais. Desta forma, a carga afetiva necessária para separar a conjugalidade da parentalidade, na relação com os filhos, torna-se bastante exaustiva para os pais (Houzel, 2004)

Entretanto, é interessante observar que, apesar das dificuldades percebidas por Fernando no exercício de sua paternidade, ainda assim, a filha buscou a presença do pai, pedindo para dormir em sua casa. Este parece ter sido um momento importante no vínculo entre pai e filha, já que, a partir deste pedido, Fernando parece ter compreendido que sua presença não tinha sido esquecida. Desta forma, penso que a filha conseguiu reforçar o narcisismo do pai (Freud, 1914/2004), ao solicitar que ele estabelecesse uma relação de objeto com ela. Este retorno da filha foi essencial para que Fernando criasse uma representação positiva sobre sua relação com a criança e, inclusive, lutasse pelo seu direito de visitação na justiça. Assim, me parece compreensível que Fernando sinta que a separação o fez “*ganhar uma filha*”, já que antes o vínculo não parecia estar bem estabelecido.

Segundo Moro (2005), a criança participa ativamente da construção da paternidade. Desta forma, penso que as características pessoais da filha de Fernando, representada pelo pai como uma menina inteligente, forte e destemida, além da própria da idade da criança, parecem ter auxiliado no estabelecimento da relação e da comunicação entre os dois. A entrada na fase edípica, em que Isabel se encontra, propicia uma aproximação entre pai e filha, com a mudança do objeto de amor da filha, da mãe para o pai. Desta forma, ao observar as diferenças existentes entre o pai e a mãe, Isabel passa a admirar o pai como uma figura fálica, que pode lhe oferecer um amor diferente da mãe (Freud, 1931/1996).

Assim, quando identificou o desejo da filha por sua presença, Fernando parece ter se sentido mais confiante e autorizado a exercer sua paternidade, buscando separá-la e diferenciá-la da mãe, a partir da relação estabelecida com ele. Com isso, Fernando passou a se sentir uma referência paterna para a filha que, por sua vez, parece ter se sentido valorizada pelo pai (Freud, 1931/1996). Isto é bem exemplificado pelo genitor ao relatar os momentos em que busca a filha na escola e ela o recebe com

muito orgulho, exibindo o pai aos colegas e pedindo para ele brincar com ela e com os amigos na frente de todos. Da mesma forma, Fernando mostra-se sensível à fase em que a filha se encontra, ao compreender sua culpa em relação à mãe, tanto pelas questões edípicas da menina, que passa a ver seu primeiro objeto de amor como uma rival, mas também pelo fato de que a própria separação faz com que a criança se sinta dividida entre os pais. De acordo com Winnicott (1946/1982), as crianças de até os seis anos, como Isabel, estão passando pelas primeiras etapas de seu desenvolvimento emocional, coincidindo, segundo Williams & Dunne-Bryant (2006), com as dificuldades emocionais experimentadas pelos pais no momento da separação. Assim, o cuidado do pai com a filha, especialmente, nesta fase pré-escolar, mostra-se necessário para a superação das dificuldades encontradas pelos dois após o divórcio.

A partir desta aproximação, penso que as representações de Fernando sobre a sua relação com a filha tornaram-se mais positivas. Além dos retornos da filha, com a separação conjugal, Fernando não tinha mais a ex-esposa como intermediadora da relação e dos cuidados da menina. Assim, precisou dar conta de novos desafios, como acordar a filha de manhã, dar-lhe limites, levá-la a buscá-la na escola e, principalmente, organizar um ambiente adequado para recebê-la em sua casa. Com isso, Fernando parece ter se sentido com mais domínio e segurança sobre a relação com a filha.

A partir da separação, segundo Abelleira (2006), os separados vivenciam uma ressignificação da paternidade. O pai passa a estar sozinho no cotidiano do filho, durante as visitas, necessitando realizar mudanças no exercício de suas funções. Em especial, no caso de pais com filhos pequenos, como Fernando, o pai precisa descobrir e expressar aos filhos novas maneira de exercer as suas funções. A partir disso, penso que Fernando, assim como relatado por outros pais na literatura (Souza, Smeha & Arend, 2012), conseguiu fortalecer os laços afetivos com sua filha, após a separação, apesar do tempo de convivência ter sido reduzido.

Mesmo assim, é inevitável que algumas dificuldades ainda estejam presentes na relação de Fernando com a filha nesta fase de seu desenvolvimento, após a separação. Uma das principais são os cuidados com o corpo da menina e o senso de proteção do pai pela filha, por esta ser do sexo feminino, como já salientado na literatura em entrevistas realizadas com outros pais com filhas nesta faixa etária (Flores e Kruehl, 2013; Freitas et al., 2008; Silva & Piccinini, 2007). No caso de Fernando, estas dificuldades estão presentes, desde quando a filha era bebê, no momento do banho e nas idas ao banheiro. A partir disso, o pai parece ter encarado este conflito como uma oportunidade, conseguindo incentivar a filha a ser mais independente em seus cuidados pessoais.

Uma outra dificuldade, citada por outros pais (Zicaro & Fuentealba, 2012) e que identifiquei no discurso de Fernando foi a imagem negativa que ele percebe ainda estar presente na sociedade em relação aos pais separados. O pai diz não ter sua experiência facilitada pela sociedade ao não ter muitos banheiros masculinos adaptados aos pais com filhos pequenas e ao perceber uma expectativa social de que os pais separados tornem-se ausentes após a separação, identificando também a função de

cuidado, principalmente, relacionada à mãe e não, ao pai. Desta forma, a ideia de igualdade que Fernando expressa, não parece estar somente relacionada à rivalidade com a ex-esposa, mas também à um aspecto social importante, que pode dificultar sua experiência.

Outras dificuldades expressadas por Fernando, também presentes na literatura (Scaglia, Gomes e Barbieri, 2018); Silva, 2007), são as relacionadas ao estabelecimento de limites. O pai diz ter dificuldades em funcionar como uma figura de autoridade, principalmente, por se sentir culpado pelo pouco tempo junto com a filha durante a semana. Além disso, Fernando tece críticas à Letícia em relação ao estabelecimento dos limites e da autonomia da filha, como expressado por outros pais no mesmo contexto (Warpechowski & Mosmann, 2012). Penso que a sensação de culpa de Fernando pode estar relacionado com o seu medo de identificar-se com o próprio pai, autoritário, quando precisa dar limites à filha, sentindo-se culpado por fazer a filha se sentir da mesma forma como ele se sentia (Freud, 1921/1996). A questão do número de horas disponíveis para a filha, como já citado acima, também é uma terceira dificuldade de Fernando, que traz angústia aos pais separados (Souza, Smeha & Arend, 2012; Warpechowski & Mosmann, 2012).

Assim, penso que a representação de Fernando sobre sua relação com a filha está pautada, apesar das dificuldades, por uma sensação de recomeço, tanto para ele, como homem e pai, quanto para o seu vínculo com a filha. Entretanto, mesmo com as mudanças ocorridas após a separação conjugal, me parece que Fernando ainda apresenta o medo de repetir com a filha o relacionamento que teve com o próprio pai e, conseqüentemente, que a filha seja dominada por Letícia, assim como ele foi pela própria mãe. Esta sensação é apresentada por outros pais separados, tanto em relação ao medo do domínio da criança por parte da mãe (Warpechowski & Mosmann, 2012) quanto em relação ao medo do pai repetir com o filho o que viveu quando criança na relação com seus modelos negativos de parentalidade (Szejer e Stewart, 1997). Desta forma, a ex-esposa é representada por Fernando como uma crítica de sua paternidade, expondo suas fragilidade como seu próprio pai o fez, e também, como a mãe superprotetora, que dificulta a entrada do pai na vida dos filhos, assim como sua própria mãe parece ter sido.

A partir da representação da ex-esposa como uma ameaça ao seu vínculo com a filha, penso que Fernando também se aproximou da criança com o objetivo de rivalizar com Letícia, já que o casal tinha dificuldades, como já citado, em diferenciar a parentalidade da conjugalidade (Houzel, 2004). Desta forma, Fernando parece ter buscado seus direitos de visitação e do cálculo adequado da pensão alimentícia, como uma forma de competir com a ex-esposa, já que a separação do casal deixou um sentimento de culpa e de inferioridade. Assim, também sua percepção sobre sua paternidade e a maternidade do ex-companheira também parece ter sofrido impacto dos conflitos conjugais e das competições recorrentes entre eles, que se estenderam para depois da separação.

Estas dificuldades apresentadas por Fernando são destacadas na literatura (Puget & Berenstein, 1993), como muito características dos casais, logo após a separação. Como a separação

tinha ocorrido há apenas um ano e meio, no momento da entrevista, me parece compreensível que estes conflitos ainda não tivessem cessado entre Fernando e Letícia. Comumente o pai parece necessitar de mais tempo para adaptar-se a esta nova realidade, e para conseguir separar a conjugalidade da parentalidade. Segundo Pujet e Berenstein (1993), os cônjuges devem ter a oportunidade de expressar seus sentimentos e os motivos que os levaram à separação. Entretanto, quando isto não ocorre, é comum que haja um deslocamento destes afetos para outras instâncias, como nas disputas judiciais por bens, pela guarda dos filhos e pela pensão alimentícia.

No caso de Fernando, ele também parece aproveitar a conflitiva edípica da filha, em que há uma aproximação com o pai, como uma oportunidade de defender-se perante ela filha. A apresentação de um novo modelo feminino, representado por sua namorada parece se relacionar com esta necessidade de diferenciar a filha da ex-esposa, envolvendo-a com uma mulher diferente da mãe. Segundo Warpechowski e Mosmann (2012), esta expectativa está presente em diversos pais separados, no contexto do recasamento. Ao mesmo tempo, no caso de Fernando, a namorada também foi identificada por ele com a própria filha, por ela ter vivenciado o divórcio dos pais, assim como a menina. Os nomes similares entre as duas também parecem reforçar esta semelhança. Entretanto, a experiência negativa da namorada com o próprio pai parece assustar Fernando, que tem medo de não ser uma boa referência para a filha, decorrente da insegurança que carrega sobre si mesmo.

Assim, penso que a ideia tão citada por Fernando, de que ele pudesse esquecer da filha ou que a filha pudesse esquecê-lo, parece estar permeada, na verdade, por um sentimento de culpa, ao identificar-se com o próprio pai e lembrar-se dos primeiros anos em que a menina parecia não estar presente em sua mente. Desta forma, o questionamento que Fernando se faz: *“Até que ponto essa presença (do pai) é menos nociva do que a ausência?”*, parece representar seu medo de se tornar um pai insuficiente ou, até mesmo, nocivo para a filha como o seu próprio pai o foi. Assim, o pai se questiona se o esquecimento ou o afastamento, não seria o melhor caminho para os dois, poupando seu sofrimento.

Minha contratransferência durante a entrevista parece se relacionar com esta dificuldade de Fernando. Tive a impressão, em diversos momentos, que o pai queria apresentar sua paternidade e a relação com a filha sem conflitos ou desafios maiores, relacionando as dificuldades relatadas como decorrência do rancor de Letícia por suas traições. Entretanto, em outros momentos, tive a impressão de que a busca de Fernando em me contar sobre sua experiência tinha o objetivo de conseguir validar sua paternidade a partir do meu olhar, assim como busca no olhar de sua psicoterapeuta. Assim, as dificuldades deste pai parecem ser permeadas, como já citado, pelas marcas deixadas por sua história familiar, que o fazem buscar uma validação externa e novos modelos de identificação. Sem dúvida, a partir dos seus relatos, pode-se dizer que ele se esforçava muito por superar diversas dificuldades associadas à paternidade e se apresentava como um pai suficientemente bom (Winnicott, 1960/1983). Suas falas eram muito articuladas e parecia ter muitas reflexões sobre suas próprias experiências.

Reflexões estas que, provavelmente, estavam muito associadas à sua psicoterapia e às suas novas experiências de separação e paternidade.

Esta validação externa parece ter sido conquistada por Fernando a partir do olhar da juíza que assegurou seus direitos de visitação e da guarda compartilhada, não compactuando com o pedido da mãe de que a guarda fosse unilateral. Diversos estudos (Silvan, 2002; Flood, 2002; Warpechowski & Mosmann, 2012) destacam a importância da busca dos pais separados por esta validação e pelo olhar da justiça à sua paternidade. Além disso, o contato com outros pais separados e da leitura de livros relacionados à paternidade funcionaram como um apoio para Fernando, nos momentos em que se sentia mais inseguro, auxiliando-o a ter uma perspectiva do que estava por vir e de que sua paternidade e o vínculo com a filha estavam assegurados, apesar da separação. A troca de experiências entre os pais é destacada na literatura (Pereira, Prola & Silva, 2015; Brito, Cardoso & Oliveira, 2010) como um componente importante para uma experiência mais positiva da paternidade por parte dos homens, em diferentes contextos.

A psicoterapia individual que Fernando buscou, a partir da crise conjugal com a ex-esposa, também parece ter se configurado de suma importância para a construção de uma boa experiência de paternidade. A partir de sua relação com a psicoterapeuta, ele passou a compreender melhor sua experiência com os próprios pais, a lidar com a separação conjugal e a utilizar a psicoterapeuta como um espelho, assim como foi sua mãe, para sua experiência como pai (Winnicott, 1967/1975). Desta forma, ao ser olhado e escutado por sua psicóloga, Fernando passou a sentir-se mais organizado e confiante em relação à si mesmo, como homem e como pai. Segundo Szejer e Stewart (1997), a busca por tratamento psicológico é uma saída encontrada por diversos pais, assim como Fernando, para compreender sua paternidade e construir sua identidade.

A partir do exposto, penso que a trajetória de Fernando em relação à paternidade ainda está em construção. A experiência deste pai parece ter apresentado oscilações durante o desenvolvimento da filha. Durante a gravidez e os primeiros meses, foi permeada pela insegurança, já presente em sua história em relação à sua autoimagem, mas que parece ter se intensificado a partir do nascimento da filha. A revivência de suas experiências como filho e de sua identificação com os próprios pais parece ser a fonte destas angústias, no caso de Fernando, assim como comumente ocorre com pais primários (Oliveira & Farias, 2015). A partir do divórcio, tanto dos pais, quanto dele, ocorridas na mesma época, a insegurança parece ter se exacerbado ainda mais, dificultando, inclusive, a separação entre os conflitos conjugais com a ex-esposa e a paternidade. No entanto, a partir da aproximação com a filha na fase pré-escolar, e de sua procura pela psicoterapia e por outros modelos que validassem sua experiência, Fernando se propõe a estabelecer uma nova relação com a filha e a construir uma nova imagem como pai. Na época da entrevista, a experiência de paternidade de Fernando ainda era permeada pelo sentimento de desconfiança de sua própria capacidade, ocasionando-lhe algumas dificuldades importantes. Entretanto, o encantamento pela filha nesta fase e a nova relação que estava

sendo construída entre eles parecia estar auxiliando o processo de parentificação (Houzel, 2011) de Fernando.

3.3 Caso 3: Leonardo

A experiência da paternidade antes da separação conjugal

Leonardo ficou sabendo deste estudo através de uma postagem que realizei no Facebook. Assim, entrou em contato demonstrando interesse em participar. Após lhe fazer as perguntas necessárias para certificar sua inclusão na pesquisa, marquei um horário para realizarmos a entrevista na sala do grupo de pesquisa na UFRGS.

Leonardo, no momento da entrevista, tinha 40 anos de idade. É o caçula de uma família com quatro filhos. Nasceu em outro Estado do Brasil, mas viveu a maior parte de sua vida em Porto Alegre. É formado em Engenharia Civil. Leonardo tem uma filha chamada Rafaela que, no momento da entrevista, tinha 3 anos e 7 meses de idade. O pai conheceu Camila, a mãe de sua filha, na pós-graduação. Ela era sete anos mais jovem que ele. O encontro entre os dois ocorreu em disciplinas comuns aos cursos em que eles estavam matriculados. Leonardo, naquele momento, estava terminando um relacionamento e buscava novas possibilidades profissionais e pessoais, através da pós-graduação.

O casal tinha muitos assuntos em comum, principalmente, ligados às suas áreas de estudo. Desta forma, os dois se aproximaram e começaram a namorar. *“Foi uma coisa bem intensa, a gente tinha uma relação superboa, supersadia, a gente se curtia para caramba. Os momentos do começo mais animado, uma expectativa de conhecer alguém com uma juventude, com uma energia, com uma perspectiva, sei lá, um sonho”*.

Entretanto, Leonardo conta que os dois vinham de famílias com relacionamentos bastante distintos um do outro. *“A minha já tava mais ou menos estruturada que é uma família que não convivia, ponto. Não havia estrutura, muito pouco de convívio. Mas sempre, todo mundo, teve uma relação harmoniosa, respeitosa sempre. A família sempre foi apoio, nunca teve uma coisa de intriga, uma família saudável, mas distante, não tão próxima. E lá não. Lá eles sentavam na mesa do almoço, o pai chamava as filhas de vaca, não sei o quê, umas coisas bem degradantes”*.

A família de Camila é da Região Metropolitana de Porto Alegre mas, segundo Leonardo, durante todo o primeiro ano de namoro do casal, ela preferiu estar em Porto Alegre com ele do que ficar com a família, por não lhe agradar a forma como eles se relacionavam. *“A Camila não queria estar mais lá, então ela passava muito mais tempo aqui. Nós namoramos um ano e ela vinha todos*

finais de semana para cá. Vinha na sexta, ia embora no domingo ou na segunda bem cedo e tal, justamente, porque ela também queria se afastar de lá e eu também não gostei do que tava lá”.

De acordo com Leonardo, havia um conflito importante na história da família de sua ex-esposa. Seu avô materno demitiu o pai de Camila, não indenizando-o. A partir da demissão do pai, a filha precisou assumir as contas da família, abrindo um estabelecimento junto com seus genitores em sua cidade de origem. *“O pai dela tinha sido demitido pelo avô. Deixou com uma mão na frente e outra atrás, não indenizou, não fez nada, tipo assim, 35 anos sem indenizar. (...) A filha, a Camila no caso, que é a mais velha, teve que assumir, meio que dar um jeito, uma solução, e aí, abriu uma loja. A Camila praticamente assumiu, então no momento que ela vinha para cá, ao mesmo tempo, sábado ela não vinha mais, porque tinha a loja. Ela que fazia toda a função de administrar. O cara completamente desequilibrado. Xingava as meninas de estúpida, de burra, desconfiava, queria ver bolsas, essas coisas, uma coisa meio desorganizada. Uma pessoa, sinceramente, problemática”.*

Na percepção de Leonardo, Camila compreendia o funcionamento de sua família, buscando no relacionamento com ele uma válvula de escape. *“A Camila sabia disso, e ela já tinha me avisado disso, mas enfim, nosso contexto de relacionamento era assim, meio que aquilo lá, e ela mesma também preferia aqui”.* Leonardo conta que, em algumas ocasiões, chegou a comunicar para o ex-sogro sua insatisfação. *“Aí, na segunda, terceira vez que eu ouvi isso, eu disse: ‘Ela pode ser sua filha, educação você que dá, mas enquanto eu estiver aqui e for minha namorada, você não vai chamar assim’. Então, tu acabou de estabelecer a bronca, né? E aquilo foi se construindo enquanto bronca de relacionamento e uma cisma de ambos. E de um não querer estar mais lá (...) A mãe não falava, a mãe é tipo uma mãe muda. Um cunhado também mudo. Mas eu entendo porque ele não falava. Tudo que se falasse, o pai ia falar o contrário. Chegava a esse ponto. Larguei, não dá para conversar, ele dominava a conversa, ele sufocava”.*

Depois de um ano de relacionamento, e com o fim dos estudos, Leonardo e Camila se casaram. Apesar de sua percepção de que a ex-esposa tentava escapar do convívio com a família, Leonardo compreende hoje que ela não conseguiu, realmente, se afastar e se diferenciar de suas origens. *“Ela se manteve muito mais ao lado de algo que não era legal, entende? Eu não gostava do convívio. Parei de frequentar a casa, porque as coisas começaram a ficar bem chatas (...) a Camila é uma pessoa inteligente, só que eu acho que, às vezes, se deixa levar por um pensamento muito pequeno. Isso vem da família, entendeu?”.*

A partir do casamento, novos conflitos passaram a ocorrer entre o casal. Segundo Leonardo, indiretamente, muitos deles também se relacionavam com os valores e o funcionamento da família de Camila, das quais ele não tolerava. *“Eu sou uma pessoa muito otimista. As coisas vão dar certo! E lá sempre o copo está meio vazio ou vazio. Essa é a questão! E aquilo me incomoda, porque não dá para ser. Pelo menos, na minha ótica. E a pessoa que tá do meu lado, eu também quero alguém que seja assim, entende? (...) Eu acho que eu envelheci muito num período muito rápido e eu não queria ter*

envelhecido tanto, e eu achei que o caminho ia ser o contrário, a gente ia se rejuvenescer, ela tem sete anos a menos que eu, então já tem uma diferença de idade bem grande, né?(...) Depois que passou esse período do Mestrado, a coisa foi tomando uma proporção assim mais baixa, por exemplo, o cuidado da casa. Eu morava já uns cinco, seis anos naquele apartamento e eu tinha cuidado com tudo, aí as coisas se quebravam e ficava uma coisa assim, tipo 'Poxa, não cuida das coisas', sabe? Aí um ponto parecia que era coisa do tipo 'Ai, é só porque é teu'. Poxa, tem que cuidar das coisas, sabe? 'Isso aí tá quebrado. Vai ficar aí na sala? Bota fora, compra um novo ou sei lá, manda arrumar'. Uns cuidados assim, entendeu? Eu aprendi isso com a minha mãe, o acabamento das coisas e, pra mim, tem que ter o acabamento, sabe? (...) Mas, aí, quando ela foi morar comigo, ela trouxe na bagagem um pouco dessa desorganização, dessa coisa bagunçada. Eu não gosto''.

Apesar dos conflitos, o casal fez algumas tentativas de reaproximação, permanecendo um ano casados, sem filhos. Segundo Leonardo, o casal conseguiu melhorar seu relacionamento durante este período. Desta forma, o casal resolveu tentar engravidar por estar passando por uma boa fase no relacionamento. *“A gente tava num momento bem de se reencontrar. A gente ficou, sei lá, teve um meio ano assim, que a gente fez uma retomada da nossa relação, se aproximou bem mais, tentou tirar algumas coisas que nos incomodavam, né? E eu tava fazendo terapia, faço terapia há muitos anos, mas tinha parado, voltei, um ano e meio, dois anos na terapia, que foi uma coisa também que me ajudou. Eu tava tentando aceitar algumas coisas, tanto é, que eu troquei de terapia, de terapeuta”.*

Entretanto, Camila engravidou mais rápido do que o casal esperava, fazendo Leonardo se surpreender com a notícia. *“Então, a gente tava nessa retomada, aí a gente meio que 'Ah, então, bora ver. Todo mundo fala que leva seis meses para engravidar, quem sabe? Então, vamos parar de tomar'. Foi em comum acordo. Mas eu acho que foi no primeiro mês assim, engravidou. Foi muito rápido, tipo, 'Bah, já?! Não tinha seis meses para a gente ainda dar uma despedida de pai sem filho?'. Tipo, não, veio em seguidinha”.*

De acordo com Leonardo, a paternidade sempre esteve em seus planos, sendo vislumbrada em relacionamentos anteriores à Camila. Ele já se imaginava sendo pai de uma menina e tinha um nome em mente, Tereza. Entretanto, este nome não pôde ser dado à filha do casal, por ser o mesmo de uma amiga próxima de Camila. Desta forma, os dois planejaram, em conjunto, um novo nome para a menina. De acordo com Leonardo, esta foi uma tarefa difícil, envolvendo uma grande responsabilidade. *“Eu pensei em ter filhos com algumas namoradas, e com ela não foi diferente. Também, porque eu sempre gostei de crianças. Inclusive, eu sempre tive vontade de ter uma filha chamada Tereza. Mas aí, a Camila tinha uma amiga chamada Tereza, aí não queria homenagear a amiga, que não era tão amiga assim, tinha um ciúmes na volta ali. (...) Foi tentando nome, e tentando, nem vinha mais assim, porque pra mim Tereza é o nome que eu sempre quis, por causa do Jorge Amado e tudo mais. Gostava da ideia. Aí, a gente riscou nome, riscou, nada, nada, aí um dia 'Bah, Rafaela!', porque aí não tinha ninguém no círculo próximo, nem meu, nem dela, e sei lá, um nome*

diferente assim, porque geralmente vem uma onda de nomes iguais (...) Muito estranho escolher nome para alguém, viu? É a coisa mais louca que tem”.

Leonardo conta que a ex-esposa trabalhou na loja da família durante toda a gestação, que foi bastante tranquila. A percepção do pai é de que a vida não tinha se modificado tanto com a gravidez. *“Não mudou muito a rotina, entende?”*. Apesar da aproximação do casal, nos meses anteriores à gestação, Leonardo conta que novos conflitos passaram a ocorrer a partir da gravidez. Segundo o pai, as diferenças existentes na experiência da maternidade de sua ex-esposa e de sua paternidade gerava discussões entre o casal. Leonardo dá como exemplo situações como o consumo de cigarros ou de bebidas alcoólicas que eram um hábito do casal, antes da gravidez, mas que precisaram ser restringidos pela mãe. Entretanto, o pai não acompanhou a esposa, já que não adaptou sua rotina da mesma forma. Isto parece ter incomodando Camila, que o acusava de falta de companheirismo. *“Eu tinha parado de fumar fazia uns três anos, quando eu conhecia a Camila. Ela fumava um cigarro de noite só, de galinhagem, e eu voltei a fumar. Aí, com o lance da gestação, quando ela soube que ela tava grávida, a gente parou. Tipo, ela fumava bem pouquinho, assim, quase nada. Quando soube, ela já não fumou mais e eu parei também. Só que, como eu tava te falando, tava trabalhando e chegava sete horas, sábado, às vezes, eu jogava futebol na gestação, e já metia a cervejinha e tal. A gente se encontrava no sábado, mais à noite, eu já tinha tomado uma ceva. Ela não podia mais beber. Aí ela fica no conflito de eu não ser parceiro por conta disso. E eu entendo que, realmente, em alguns momentos eu errei, mas outros tantos não, e ela jogou toda uma carga em cima de mim por vários elementos, né?”*.

Além dos hábitos do casal, o pai conta que a escolha nos móveis do quarto da filha também gerou conflitos entre eles. Segundo Leonardo, a ex-esposa não queria investir muito dinheiro no mobiliário, deixando-o incomodado. Em sua percepção, o que antes era relevado por ele em relação aos cuidados com a casa ou com o próprio casal, quando passou a dizer respeito à filha, acabou ganhando uma nova dimensão. O pai compreendeu que era necessário um cuidado extra. Assim, os conflitos que já existiam, se intensificaram. *“Ela queria comprar uma coisa barata, tipo assim, sem acabamento e eu ficava de cara com isso! E aí, era o momento que ‘Não, agora nós dois vamos escolher, porque antes as coisas que estavam aqui, eu tinha escolhido’, digamos assim, né? As coisas, ao longo do tempo, foram discutidas, mas o quarto da Rafaela foi uma coisa mais pra ela, o baratão lá, com pouco acabamento, com coisas menos delicadas e tal, e eu ficava meio de cara com isso, teve um processo de discussão sobre isso, né. E isso não foi bacana. Deu para perceber que, sei lá, é o quarto da nossa filha! Então a gestação teve esse processo de a gente discutir em outros momentos, e aí, colocar uma posição mais dura que antes era, tipo, um isso ou aquilo que tanto faz, não tinha tanta relevância. Mas ali já tinha tomado o peso de uma outra relevância, sabe?”*.

A partir deste cuidado que o pai diz ter empregado no espaço da filha, pode-se pensar no quanto Leonardo começava a construir também a sua própria paternidade nesse processo. A necessária criação de um espaço interno para acolher este novo ser que estava chegando, e que seria de sua

responsabilidade, fez com que Leonardo quisesse cuidar da filha, assim como sua mãe o fazia, pensando nos “*acabamentos*” do ambiente, tentando torná-lo suficientemente bom para a criança. A partir disso, a percepção de Leonardo sobre sua ex-esposa como mãe também foi se construindo. Desta forma, as vivências diferentes do casal com suas famílias de origem, principalmente, sobre a representação de cuidado, parece ter feito com que eles entrassem em conflito. A “*falta de acabamento*” na família de Camila parece ter menos importância. Entretanto, Leonardo parece ter representado isso como uma falta de cuidado da mãe com a filha.

Mesmo assim, quando indagado sobre como se sentia durante a gestação, novamente, o pai conta que não se sentiu afetado por esta experiência. Isto o faz refletir o quanto foi difícil adaptar sua rotina, por não estar vivenciando nenhuma mudança concreta que necessitasse desta modificação. *“Meio assim, sem saber bem o que ia ser da vida, realmente, bem, bem pouco afetado assim. ‘Uma hora vai vir, né? Daqui a pouco tá vindo esse nenê’. Mas uma expectativa boa, porque eu sempre quis ser pai, não é uma coisa assim ‘Ó, foi sem saber’ ou ‘Não sabia o que tava acontecendo’. Não, sempre quis. Mas, assim, também sem grandes frios na barriga. A gente tava com uma vida muito normal, assim, não teve aqueles períodos de ficar em casa de repouso, não teve nada, foi uma gestação super saudável, super! Parece que não mudou muito a rotina. E eu, também não mudei muito a rotina. Depois teve um pouco dos reflexos dessa discussão. Sábado ainda tava lá jogando bola, entendeu?”*

Durante o parto, o pai conta que esta sensação permaneceu em sua experiência. Apesar de ter sentido uma grande emoção no momento exato do nascimento, Leonardo conta que não sentiu que tinha muitas funções naquele momento. *“Ah, senti coadjuvante, né? Na verdade, é isso, porque é um momento muito da mãe, é... sei lá, o momento mais mágico que tem para uma mãe. E, pra mim, eu sinto, tipo ‘Chegou a hora, agora chegou, tá aí, vamos ver o que que acontece, né?’ Mas, assim, é uma emoção muito grande, tem filmado até (...) Mas foi tranquilo, assim, me senti bem e tal, não desmaiei. Não ajuda, mas não atrapalha também!”*

Após o nascimento da filha, durante o primeiro ano de vida, o pai conta que intensificou suas horas de trabalho, passando a trabalhar das sete da manhã até às sete da noite, durante a semana. No entanto, conta que os momentos em que estava com a filha eram bastante proveitosos. Ele relata que gostava de fazer diversas brincadeiras com a menina e se sentia confiante em levar a filha para lugares públicos desde cedo. Entretanto, as diferenças com a ex-esposa, novamente, se tornaram presentes. Na percepção do pai, Camila pode ter tido uma depressão pós-parto, que ele diz não ter sido confirmada pela ex-esposa. Leonardo diz ter tido esta percepção pela mãe ter voltado demais à relação com a bebê, superprotegendo-a e dificultando o relacionamento do casal. *“A minha carga horária de trabalho era bem extensa, eu saía quase 07:00, chegava às 19:00. Era bastante trabalho mesmo. Mas, assim, quando eu tava em casa com a Rafaela era dedicação total! A gente fez muito parquinho, muita praça, muita brincadeira. Sempre participei, sempre incentivei de fazer essas coisas, sabe? E até queria mais. Ela não queria, porque ia chorar. ‘Tá, mas e se chora? Criança chora, é normal! A gente*

não vai num lugar barulhento, ela vai ficar num cantinho...’. ‘Não não quer’, entende? Aí teve uma questão que talvez tenha sido uma depressãozinha pós parto, apesar de a Camila não confirmar. Ela diz que não teve. Eu acho que sim, que teve, talvez em pequeno grau, se fechou total, ostracismo, sei lá, se fechou na relação. Tinha uma preocupação exagerada com a criança, sabe? Exagerada daí no meu ponto de vista, aí o dela é outro, diz que não. Depois ela também admitiu, a gente já conversou mais sobre isso uma outra vez, já separados, a gente meio que conversou sobre isso, e ela admitiu que deveria ter feito mais coisas mesmo, devia ter ido viajar com ela também, devia ter feito, sabe?’’.

Durante o primeiro ano, na percepção do pai, a filha tinha um vínculo mais forte com a mãe, que se tornou sua referência nos momentos de apuro. Isto é reforçado por Leonardo como um fator que dificultou a aproximação entre pai e filha. *“Nesse primeiro ano é uma coisa muito, muito materna. Assim, muito de estar com a mãe. Então, o tempo que a gente estava junto, sempre querendo a mãe, pouco o pai, não queria ficar muito com o pai. Até quando a gente se afastava, num momento que se aproximava, ela sempre queria o colo da mãe, não queria o do pai (...) na época que eu tava trabalhando até tarde, chegava quase 19:00 horas. Era um trabalho bem, bem, bem pesado. Mas, assim, chegava, era a Rafaela, Rafaela. Banho comigo, trocar roupa, botar pijama, chorou de madrugada, eu que levantava para buscar, botava no peito da mãe. Então, sempre tentei usar o meu o tempo, que fosse possível. E, finais de semana, o máximo tá com ela e tal, mas era o momento que era mais disputado com a mãe. Então, não tinha competição, assim, não era leal’’.*

A partir da intensa relação formada entre mãe e bebê, Leonardo reflete que o relacionamento do casal se tornou menos intenso. As relações sexuais se tornaram menos frequentes e os assuntos compartilhados entre os dois ficaram mais escassos. Camila falava mais sobre sua rotina de mãe, enquanto Leonardo falava sobre sua rotina profissional. Sendo assim, o pai conta que este período foi bastante difícil para ele. *“Mudou, a gente ficou um bom tempo sem ter relacionamento sexual, tipo, isso afetou muito, sabe? Isso eu acho que também tem uma participação minha, né? Mas isso, no período da gestação também já havia tido. Então foi um período longo que a gente praticamente não teve relação sexual. Isso também afeta bastante, e isso também do estar fechada. Aí, um vem da rua cheio de assunto, quem tá em casa tem pouco assunto, pouco assunto diferente daquela rotina da maternidade e tal. Então, assim, acho que muita coisa muda num relacionamento de casal, sabe? Muito mesmo! Pelo menos, no nosso aconteceu isso muito forte e, enfim, apesar de eu não ter tido nenhuma relação extra conjugal foi um peso bem duro, foi bem difícil’’.*

Apesar de compreender que este afastamento é comum entre os casais, Leonardo diz que se sentia muito frustrado neste período e ansioso por mudanças, que acabavam não ocorrendo. *“Tu acha que aquilo também é de um contexto provisório, momentâneo, de passagem, só que o tempo passa e as partes não se movem, entendeu? E aí, por mais que você faça terapia, vá buscar alguma ajuda, é difícil fazer os movimentos de mudança nesse período. Então, tem muito de impotência, de mudar a situação, entende? Não tem muito o que você converse. Uma coisa não tá mais despertando tesão em*

ambas as partes, porque ninguém mais tenta, né? Teve alguns momentos que até a Camila fez um movimento de tentar e eu não tinha vontade, e outras, eu fui tentar e ela não tava com vontade. Parece que não encaixava, em nenhum momento, e vai passando o tempo e não tem o encaixe e passa mais tempo e parece que os dois se emburram e fica pior ainda, entendeu? E é uma situação bem complicada. Eu tenho alguns amigos que a gente já conversou sobre isso e é muito comum, muito comum!”.

Desta forma, mesmo tendo a compreensão de que este panorama era bastante frequente, Leonardo não deixa de se sentir frustrado, ao comparar sua experiência com a dos seus próprios pais. Seus genitores tiveram os quatro filhos com poucos anos de diferença uns dos outros. *“Mas, é não sei como acontecia. Minha mãe com meus dois irmãos mais velhos não tem um ano de diferença. Naquela geração tinha umas coisas...”*. Além disso, o pai comparava-se ao pai que esperava ser antes do nascimento da filha, sentindo-se decepcionado consigo e com a dificuldade de aproximação com a bebê. *“Eu até estava decepcionado comigo mesmo, um pouco também com que o que tava acontecendo. Mais decepção da falta de contato que a gente tinha, conexão, apesar de ter um esforço e tal, acho que aquilo me frustrou por um período”*.

Leonardo relata que só foi compreender a depressão pós-parto da ex-esposa mais tarde, mas que hoje tem o entendimento de que isso foi o que dificultou o relacionamento do casal. *“Eu acho que ela teve um pouco de depressão pós-parto, assim, num nível muito baixo, não entra no suicídio, de matar a criança, nem nada, muito longe disso tudo, né? Mas eu acho, assim, uma coisa do fechado, isso, do se bloquear, viver a própria vida, sabe? Viver em torno da criança o tempo todo. E eu acho que isso faz uma diferença, sabe? Eu acho que a parte do casal se perdeu um pouco aí, entende?”*.

A organização da rotina e das tarefas do casal também é destacada como mais uma dificuldade. Leonardo se sentia cobrado por Camila por não estar na maior parte do dia com a filha, fazendo sentir-se culpado. *“Aí tu não tinha mais uma divisão de tarefas. Tu tinha o momento de tu ter que compensar por isso, como se eu também não tivesse trabalhado das 07:00 às 19:00, como se eu também não tivesse chegado cansado em casa, né? E enfim, então assim, desse contexto eu acho que, olhando depois, eu agia com um pensamento de recompensar o fato de ter chegado tarde (...) E isso foi uma das coisas que a gente pouco conseguiu discutir no momento. Talvez, não tenha tido tanta clareza para falar sobre isso, né?”*.

Desta forma, a separação do casal, na percepção de Leonardo, se deu pelos conflitos com a família de origem de Camila mas, principalmente, pelos afastamento do casal após o nascimento da filha. Segundo ele, a sua própria carência afetiva foi o que lhe trouxe o maior sofrimento. O fato de se considerar uma pessoa bastante carinhosa, mas que durante sua vida pouco recebeu dos outros o afeto correspondente, parece ter se refletido na relação com a ex-esposa, que passou a representar esta falta de afeto recíproco. Na percepção de Leonardo, o carinho que recebia dela parece ter sido deslocado para a filha, a partir do seu nascimento, causando descontentamento no pai. *“Foi, muito tempo, dos*

dois, meio que se apagando um pro outro, e eu tinha um sentimento de, sei lá, uma carência afetiva, assim, entende? 'Não é porque a gente tem um filho que tu não vai me dar carinho também, sabe?'. E eu tenho um jeito de ser carinhoso, entendeu? Então, assim, nunca pude cobrar muito dessas pessoas, porque eu sempre fui muito mais carinhoso com as pessoas. Isso eu aprendi a lidar. Não receber da mesma forma com que eu dou, porque nunca vai ser parelho. Tenho uma percepção que sempre dou mais, sabe? Sei lá, mas é porque eu sou muito carinhoso. Mas aquilo foi quase que, assim, esfriou total a relação”.

A carência afetiva, sentida ao longo da vida de Leonardo, parece ter sua origem nas relações iniciais com seus genitores. Ele conta que seus pais se separaram quando ele tinha treze anos. Entretanto, acredita que os conflitos entre os pais já existiam desde a sua infância. O pai é descrito como um homem muito carinhoso, mas pouco participativo já antes da separação. Após a separação, isto se intensificou ainda mais, segundo ele. Leonardo não tem lembranças do pai brincar com ele ao longo da infância, por exemplo. *“Meu pai era super carinhoso, sempre, muito amado, muito de fazer muito carinho, de abraçar, de beijar, muito, muito querido. Não é aqueles homens sérios, sisudos, não, muito pelo contrário. Mas, não é um pai que sentou para brincar comigo (...) Meu pai, na época que era casado, não era presente. Separado então, menos ainda. Mas era uma coisa do pai que era servido o prato, o pai que não brincava muito com os filhos, era um papai muito da mãe, então assim, tem uma perspectiva diferente”.*

O filho justifica esta atitude paterna dizendo que o pai o teve em uma idade mais avançada do que quando teve seus irmãos. Além disso, conta que a relação dos pais já não estava bem quando ele nasceu. Mas, principalmente, destaca que, naquela época, a paternidade era exercida de forma diferente da atual. *“Eu sou seis anos mais novo que o meu irmão mais velho, acho que ele já teve mais maduro assim, e acho, que numa relação talvez mais desgastada e tal. Eu não sei como foi a vida com os meus irmãos, mas a minha...(...) Isso tem a ver com às questões sociais que a gente tava falando que mudou muito. Então, hoje uma pessoa de 40 anos não é uma pessoa de 40 anos de 40 anos atrás, né? E isso também reflete muito na forma de interagir com o filho”.* Leonardo parece compreender as dificuldades do pai, conseguindo reconhecer também outras características do genitor das quais ele admira muito e se espelha. *“Meu pai assim, é esse tipo, mas é uma pessoa com ética, com muito caráter, honesta, então tenho muitos valores positivos”.*

A presença dos irmãos mais velhos, principalmente, o primogênito, parece ter sido muito importante para suprir a falta do pai. Especialmente, nos momentos das brincadeiras infantis. Eles se tornaram referências importantes para Leonardo, atualmente, na relação com a filha. *“Sou o caçula. Eu tive muita presença dos meus irmãos. Meu irmão mais velho e eu, a gente muito juntos, assim, a gente tem uma afinidade muito boa e ele sim eu tenho uma referência de afeto muito próximo, de brincadeira com eles, aí de brincar mesmo com todos eles, mas de pai mesmo, meu pai não foi uma pessoa muito de brincar, de fazer as brincadeiras de criança”.*

Já a mãe, é apresentada pelo filho como uma mulher que teve um grande desenvolvimento profissional, priorizando grande parte do seu tempo para a carreira em ascensão. Seis anos antes da separação dos pais, quando Leonardo tinha sete anos, a mãe viveu no exterior, em atividades associadas a sua carreira, enquanto os filhos permaneceram no Brasil. Após a separação, quando ele tinha treze anos, a mãe passou outro período fora do país, também em função de seu trabalho. Durante estas temporadas, Leonardo permaneceu com o pai e com outros familiares. *“Minha mãe foi uma pessoa que focou muito na carreira profissional dela. Foi morar tempos no exterior, morou seis anos fora antes da separação. E, depois da separação, ela morou mais um tempo fora. Então, foram uns períodos, assim, de distância mesmo. Então, assim, ela teve um foco de carreira muito forte e foi viver o mundo pra fazer coisas do âmbito profissional e pessoal dela, individual”*.

A mãe é também descrita pelo filho como uma mulher pouco afetiva. Apesar disso, Leonardo não deixa de admirá-la, por sua capacidade intelectual e pelo círculo de amigos interessantes, que circulavam pela casa da família, trazidos por ela, e que impactaram em sua formação pessoal. Esta capacidade da mãe é comparada pelo filho com o pai, que era bastante diferente dela nesse sentido. *“Minha mãe não é afetuosa (...) a gente cresceu vendo ela ler, vendo ela receber pessoas legais, conversar coisas interessantes. Meu pai não bebia, mas ela tomava um vinho com pessoas legais. Então, tinha uma atmosfera intelectual em casa, aquilo era muito bacana. Enquanto meu pai, se fosse pra ficar vendo Faustão, ficava sentado ali. Então, teve uma bagunça assim, sei lá, de formação, de informação”*. Além disso, Leonardo deixa claro que, apesar da mãe ser pouco afetiva, ela não deixa de demonstrar carinho e cuidado de outras formas, como por exemplo, na preservação dos objetos pessoais. *“Não é uma coisa sem carinho, não tem desleixo ali, entendeu? Isso, esses cuidados, ela tem. Acho que todos filhos levaram isso dela, né, desse cuidado com o acabamento das coisas, sabe?”*.

Além das características individuais dos genitores, Leonardo teceu alguns comentários gerais sobre a família, definindo-a como bastante distante fisicamente, como já citado, mas também como bastante religiosa e socialmente aberta. *“É uma família que teve uma relação espiritual sempre muito intensa, sabe, com religiosidades e tal. Uma casa que sempre teve portas abertas para as pessoas dormirem, visitas, entende? Uma coisa de convívio social muito aberto assim, porta aberta mesmo”*.

Destas experiências familiares, Leonardo conta que carrega, na relação com a filha, a afetividade do pai, as brincadeiras, da interação com os irmãos, e a intelectualidade e o cuidado com os “acabamentos”, da parte da mãe. *“A parte afetuosa e carinhosa é muito parecida, que nós somos muito parecidos. Acho que, dos quatro filhos, eu sou o que mais puxei meu pai na questão afeto, carinho e tal (...) No aspecto carinho sim, no aspecto brincar não, no aspecto brincar eu me sinto muito mais jovem do que meu pai se sentia aos 40 anos dele, entendeu? (...) E eu cresci gostando de criança, achando que a infância é uma coisa bacana, bonita. Então, assim, pra mim essa parte do lúdico, do brincar, do fazer a Rafaela se divertir é ter um sonho puro assim, né? (...) (Da mãe) Não era dela o afetuoso, mas a parte do ler as coisas, fazer os aspectos culturais, ter essa coisa mais do*

acabamento, do ensinar a dar valor ao cuidado com as coisas. Não são descartáveis as coisas, entendeu? Então, assim, tem alguns elementos que são dela. Do fazer pensar um pouco mais, não aceitar as coisas meio prontas”.

Apesar de deixar clara a sua dedicação com os cuidados da filha, as dificuldades de Leonardo em adaptar sua rotina e abrir mão de alguns hábitos permaneceu, mesmo após o nascimento da criança. Seu uso regular de álcool, por exemplo, irritava à ex-esposa, que criticava o ex-marido, considerando o consumo excessivo. O futebol e a bebida parecem ter funcionado como escapes da realidade para Leonardo, impactando em sua participação nos cuidados da filha. *“A gente tentou, ficou, discutiu. Eu fiquei um ano sem beber. Eu tomava três latinhas e ela achava um absurdo! Eu digo, ‘Poh, eu já tô dando o banho!’ Tomava uma cerveja na quarta-feira e sábado no futebol. Bebia sexta à noite também mas, assim, nada demais. Teve um evento que eu meio que chutei o balde. Fui num churrasco na casa de uns amigos lá, que não nos víamos há anos, e eu ‘Ah, então tu dirige, leva a criança’, e eu enchi os canecos. Bah, bebi até, ‘Não tenho condições de dar banho na Rafaela’. Bah, se possuiu com aquilo! Foi o momento muito ruim”.*

No segundo ano de vida, a menina passou a frequentar uma escola de educação infantil, enquanto a mãe voltou a trabalhar, modificando a rotina da família. O crescimento da menina também é destacado pelo pai, que diz que a criança passou a brincar por mais tempo. O ambiente escolar é ressaltado por Leonardo como uma nova possibilidade, onde ele poderia ser participativo. *“Depois do primeiro ano de vida, aí ela já tá maiorzinha, a Camila voltou a trabalhar, daí ela já foi para uma escolinha. Ela ficava numa escolinha aqui em Porto Alegre, só que ela tava na cidade dos pais. Aí, eu não ia trabalhar mais de carro, a Camila ia com meu carro, e então ela fazia uns horários mais acessíveis para buscar a Rafaela. Aí, tinha uma participação mais em escolinha, em casa ela já tinha um pouco mais, sei lá, de estrutura de ficar brincando mais tempo, ficar mais tempo, né”.* Apesar disso, o vínculo entre mãe e filha, ainda era observado por Leonardo como mais intenso. O fato da menina procurar mais à mãe, preferindo-a nos momentos de apuro, incomodavam o pai, que se sentia excluído. *“Eu chegava em casa, às vezes, do trabalho e queria pegar a Rafaela no colo e ela não me queria, sabe?”.*

Neste segundo ano, o pai também tentou fazer mudanças em sua rotina, como resposta às reclamações da ex-esposa. Entretanto, apesar de ter feito isso, tenho a percepção de que Leonardo não acreditava que estas mudanças eram realmente necessárias, entendendo que a maior responsabilidade pelo afastamento do casal estava na depressão pós-parto percebida por ele na ex-esposa, do que na sua dificuldade de fazer modificações internas, e em sua rotina, a partir do nascimento da filha. Os conflitos fizeram com que Camila buscasse o apoio de sua família de origem, fazendo Leonardo ficar ainda mais irritado. *“No ano seguinte, no segundo ano da Rafaela, eu fiquei um ano sem beber, entendeu? Pra mim foi ótimo, perdi 20 kg, corri, mudei meu estilo de vida total. Também entra na questão do trabalho, eu mudei também a carga de trabalho, remodelei, por quê? Porque eu fui fazer*

terapia e ela não foi. Ela queria fazer terapia de casal e eu, particularmente, não gosto da terapia de casal e não acredito na terapia de casal (...) E, ao contrário, cada vez mais também chateada, e mais revertia em prol da família, porque ela ia comentar coisas lá, devia aumentar a coisa, deixar pior a situação. Eu já não convivía mais lá mesmo, não ia, então não sabia nem o que rolava”.

A partir dos conflitos vivenciados entre o ex-casal durante o primeiro ano da filha, a ideia da separação foi levantada pelos casal após o primeiro aniversário da menina, se concretizando logo após seu segundo ano de vida. Camila passou a viver com a filha, próximo da família e de seu trabalho, na Região Metropolitana, enquanto Leonardo permaneceu em Porto Alegre. *“Nós passamos um ano antes de nos separarmos efetivamente discutindo a nossa relação e sobre a separação. Então, nós já tínhamos uma filha de um ano, e ficamos um ano discutindo o relacionamento de casal. Três meses antes de separarmos, efetivamente, nós já tínhamos decidido separar. Foi uma questão de final de ano. Final do ano, loja demanda mais, e tal. Então, a gente ficou num acordo: ‘Ok, continuamos morando juntos até virar Dezembro, e até para passar o aniversário da Rafaela, que é final de ano também. E, depois disso, a gente organiza, vê um apartamento, tudo mais. Então nesse período a gente teve muito tempo para refletir sobre como seria”.*

A experiência da paternidade após a separação conjugal

Com a separação, Leonardo comenta que se sentiu muito aliviado e livre para ter novas experiências. *“No meu primeiro momento, foi um alívio tremendo, assim, porque tem uma condição de ‘Bom, não tem fidelidade, não tem uma série de coisas, então vou retomar uma vida pessoal que, para mim, é importante”.* Segundo ele, a ex-esposa fez algumas tentativas de reaproximação, mas que foram descartadas por ele. *“’Eu acho que a gente viu que não é, não vai ter reestruturação disso, nós não vamos insistir nesse erro, porque até onde nós chegamos foi com muita discussão e muito olhar para dentro de si. Se tu não olhou suficiente, olha melhor, tenta buscar coisas que não te agradaram, porque a coisa não tava boa. Eu olhei o que não me agradou e eu entendo o porquê não me agradou. Hoje, melhor do que na época que a gente começou essa discussão’. Mas eu acho que hoje ela tá mais organizada”.*

Apesar disso, Leonardo parece ainda guardar mágoas de Camila, por ela não ter reconhecido suas iniciativas no cuidado da filha, criticando-o excessivamente, em sua percepção. *“Eu acho que ela tá se ajustando. Não sei te falar muito sobre a vida dela, mas a minha percepção é que hoje ela*

tá mais saudável do que quando separou. Mas eu acho que com a separação ela sentiu um baquezinho depois, sabe? Porque, bem ou mal, percebe que alguém dava o banho no final do dia, e ela não reconhecia. Cansado ou não, eu tava compartilhando coisas da casa. Eu cozinhava, eu sempre cozinhei, ela não cozinhava”.

A separação do casal foi realizada judicialmente. Neste momento, foi acordado que a menina iria para a casa do pai nas visitas quinzenais. Apesar disso, informalmente, o ex-casal decidiu que o pai ficaria todos os sábados e domingos com a criança, enquanto a mãe ficaria nos dias da semana. Esta combinação se deu por Camila trabalhar nos finais de semana, não podendo estar com a filha, que ficaria com a avó. Entretanto, uma nova combinação foi realizada, mais recentemente, após um ano da separação, estabelecendo que as visitas passariam a ocorrer como acordado na justiça, por solicitação do pai.

Também foi estabelecida, judicialmente, a separação dos bens do casal. Além disso, o pai, atualmente, dá 20% de seu salário, mensalmente, para a filha como pensão alimentícia. Segundo Leonardo, essas combinações ocorreram de forma tranquila. O pai foi acompanhado por um advogado, que o aconselhou a priorizar a filha nas negociações *“Eu não fiz caso. Nessas conversas que eu tive com o advogado foi muito interessante assim, ele disse: ‘Leonardo, não dá para ficar pensando muito pra lá e pra cá’, que também nunca foi minha intenção, mas eu ficava me questionando coisas. Ele falou: ‘Tudo o que tu tem que pensar é se isso aqui é bom para a Rafaela ou não. Se isso é bom para a Rafaela, não tenha dúvidas. Agora, se tu achar que pode não ser, tenha dúvidas porque tá alguma coisa mal’. Isso que ele falou foi muito importante. Então, desde lá minha cabeça tá muito tranquila”.* O pai conta também que nunca teve nenhum conflito com a ex-esposa referente à pensão da filha. *“A Camila não se queixa de nada disso. Ela sabe como tá sendo feito, tá bem claro”.*

Após a separação, Rafaela, já no final de semana seguinte, já dormiu na casa do pai. Este momento parece ter sido extremamente importante para Leonardo, que se sentiu reconhecido pela filha, validando o vínculo construído entre eles até aquele momento. Além disso, parece ter aliviado as possíveis dúvidas que o pai tinha sobre o entendimento da criança sobre aquela situação e sobre sua presença, auxiliando-o no exercício de suas funções. *“Olha, um final de semana depois da separação, ela tava no berço dela, levantou, falou ‘Papai!’ em plena escuridão às três da manhã, sabe? Tipo, e nunca falou papai! Já tinha dito, me chamava de papai, mas nunca no meio da noite, às três da manhã chamou pelo papai. Ela chamou pela mamãe sempre. Dois anos chamando ‘Mamãe!’. No primeiro fim de semana que ela vai dormir na casa do pai, diz! Isso aí foi muito emblemático. Aquilo me surpreendeu demais! Foi ‘Putz, não tem saída fácil!’, porque se ela já fez esse movimento, agora é fazer a minha parte, entendeu? Impressionante, com dois anos! (...) Há uma luz lá no fim do túnel, né? Tipo, deu para perceber o quanto a criança tem uma capacidade de entendimento de algumas coisas. E aí, é uma questão de saber lidar bem com aquilo tudo”.*

Apesar disso, em algumas ocasiões após a separação, em que ele e a filha estavam na companhia da mãe, a menina tinha preferência pela mãe. *“Depois da separação, num dos poucos eventos que a gente teve juntos assim, que foi pai, mãe e a filha, ela queria ir com a mãe, mas depois de um certo período, não tinha mais tanto isso”*. Ainda, quando está doente a menina busca pelo colo materno quando está na companhia do pai. Sobre isso, Leonardo diz compreender que existe uma diferença nas relações da criança com os seus genitores e que nesta fase, a menina ainda buscará mais pela mãe. Desta forma, apesar de entender a importância do vínculo com a mãe, parece que o pai espera que, com o crescimento da filha, haja uma aproximação ainda maior entre os dois. *“Se teve um evento assim foi o mais uma coisa de estar mais doente e aí, recorre à mãe no apuro, né? Vai ao colo da mãe. E acho que também, da minha parte como pai, é de entender que existe sim essa diferença, sabe? Não querer ser igual à mãe. Acho que não é essa a função, sabe? A função materna é muito importante, tem um papel muito, muito especial entre filhos e mãe. Talvez, com o tempo, mude mais a balança, né? Falam muita coisa disso aí, mas hoje eu vejo que ainda, uma dorzinha qualquer, ainda é muito mãe. Mas tô sabendo lidar”*.

Mesmo assim, Leonardo relata uma ocasião em que a filha estava indisposta e conseguiu comunicar ao pai o quanto valorizava o seu cuidado, demonstrando também que o que ele lhe oferecia era algo único, que ela não tinha com a mãe. Isto parece ter feito Leonardo se sentir, novamente, especial aos olhos da filha, aumentando sua expectativa de que a menina recorra cada vez mais a ele e menos à mãe. *“Esses dias andou com prisão de ventre lá. Aí, fiz uma massagem e ela disse ‘Pai, deixa eu levar esse teu creme para a mãe. A mãe não tem creme’, ‘Como não, tua mãe deve ter milhares de cremes cheirosinhos, esse aqui nem cheiro tem, filha’, daí ela ‘Não, mas essa massagem igual não tem’”*.

A partir dos retornos da filha, quando pensa sobre a separação, Leonardo diz que ela foi especialmente benéfica para seu vínculo com a menina. Ao questioná-lo sobre o que mudou em seu relacionamento após a separação, o pai diz que *“Tudo. Se criou, na verdade (...) depois do momento de separação, teve essa criação desse vínculo, da gente descobrir o que gosta de fazer, o que a gente faz juntos, do que a gente é capaz de fazer juntos”*. O pai acrescenta que passou a conhecer melhor a filha, admirando suas capacidades e sentindo-se importante em sua vida, sem precisar estar sendo comparado com a mãe a todo tempo. *“Ela é corajosa, ela é destemida, entende? Ela anda em roda gigante nem tá aí com a altura! São coisas bacanas, estar conhecendo a personalidade do teu filho, ver o quanto tu pode influenciar positivamente, né? (...) Tu não tem que estar medindo todo o tempo a perspectiva da outra parte, da mãe, entende? (...) Acho que a separação fez muito bem, assim, no sentido de a gente ter a oportunidade para fazer isso, sabe?”*

Também, o fato do processo de separação ter acontecido de forma organizada, de comum acordo e sem se prolongar demasiadamente é visto como vantajoso pelo pai. *“Eu tô muito feliz com a separação também pelo ponto de vista da Rafaela, sabe? (...) eu vou no portão na casa dos pais da*

Camila buscar ela, e ela vem correndo, morrendo de saudades e a gente fica três dias juntos até entregar na porta da aula ali, ela tá comigo, sabe? Eu acho que isso foi muito importante. Vou te dizer, não postergar essa separação foi algo muito relevante (...) não seria nada bom preservar a relação por conta de um filho. Então, assim, a separação eu acho que deu a oportunidade de, mais cedo, se estabelecer uma conexão com a Rafaela e a gente ter nossa própria relação, sabe?”

No entanto, o pai destaca que sente falta de saber mais sobre o dia a dia da filha, especialmente, das atividades escolares, sentindo-se em desvantagem na comparação com a mãe da criança. *“Eu sinto falta de não ter contato com coisas desse tipo, entendeu? Coisas mais da dinâmica da escola, do que ela tá aprendendo, então daqui a pouco surge uma música que ela começou a cantar e eu nem sabia que ela tinha começado a cantar, aí quando vê, já tá desenvolvido, sabe?”*

Sobre este aspecto, Leonardo parece perceber uma competição entre ele e a ex-esposa para participar das atividades da filha, dando como exemplo de uma situação específica envolvendo a escola”. *“Tinha, nas quintas-feiras, uma sacola literária que vinha, e nos finais de semana que eu pegava. Mas a mãe não tava mandando. Pelo menos, teve duas vezes que não mandou e segunda-feira tinha que mandar. ‘Ah, mas é que ela já tinha feito e tal’, só que ‘Não, só um pouquinho, final de semana com a Rafaela tu me manda a sacola no final de semana, que a gente vai fazer essa sacola em casa’, ‘Mas é que...’. Claro, era uma mais divertida! Ela mandou umas e as legais ela não mandava! Ela deu uma roubadinha no jogo, entendeu?”*

Quando critica estas atitudes da ex-esposa, em seguida, Leonardo parece ter a necessidade de se justificar, reconhecendo que a mãe cuida de aspectos mais cotidianos da vida da menina que ele não participa. Desta forma, ele entende que, assim como ele, a ex-esposa também quer participar de outras partes mais divertidas da vida da filha. *“Mas ok, ela tava passando, lavando calcinha miniatura da guria todo dia, tem uns méritos. Vou dar uma cancha para roubar, mas falei com ela “‘Pô, fiz um acordo e ficou combinado!’”*

Apesar de mostrar-se muito consciente de sua realidade, pode-se pensar que Leonardo carrega uma culpa por não estar presente no cotidiano da filha, dando um destaque maior para a mãe nos momentos de tomar as decisões pela menina, por exemplo, ou de compreender quando ela tenta dominar demais a filha, apesar de deixa-lo irritado. Entretanto, o pai tenta deixar claro que os aspectos que acha muito importantes, como a saúde da filha, ele costuma debater mais com a mãe da criança. *“Vou ser bem sincero, porque eu acho que eu deixo muito mais o poder na Camila de tomar algumas decisões, ou nas discussões se os dois são muito contrários um ao outro, eu cedo. Eu cedo, porque eu acho que tem uma parcela de esforço muito maior no dia a dia. (...) por exemplo, eu gostaria que a Rafaela fizesse alguma coisa tipo uma piscina, natação ou alguma escolinha, alguma atividade extra classe, entendeu? Isso eu pagaria, não é a questão do financeiro. Só que nessa conversa com a Camila, ela já disse que ‘Não, não é o momento, ela é muito pequena. Eu teria que me organizar para fazer essa logística e eu não estou com tempo ou querendo fazer isso’. Então, decisão tomada, ponto.*

Mas alguns questionamentos eu faço. A médica receita uma medicação lá, eu digo ‘Bah, mas ela já vinha tomando?’, entende?’.

Apesar de compreender que a ex-esposa tem uma convivência maior com a filha no dia a dia, o fato da menina acabar convivendo mais com a família da mãe do que com a sua, parece ainda incomodar Leonardo, como antes da separação. A educação da filha parece ser uma grande preocupação para o pai, que não aprova o comportamento da família materna. *“Uma outra questão é parte da educação, do tempo que ela fica na casa dos avós dela. O pai da Camila fala muito palavrão, fala coisas desse tipo. Inclusive, já conversei com a mãe sobre isso, e ela entende que sim, diz ela que já falou com o pai, mas o pai não vai resolver porque não resolveu com as filhas. Então, assim, eu sinto falta de ter uma proximidade até para resguardar um pouco mais”.*

A partir disso, Leonardo identifica que suas principais funções com a filha são: garantir a sua educação, transmitindo à ela seus valores familiares, e permitir que ela seja uma pessoa autônoma. *“Olha, eu acho que a questão da educação é o elemento principal, sabe? É poder transmitir alguns valores que são meus, que vieram da minha família, de pessoas que, pra mim, também tem uma importância muito grande. Eu acho que isso é o meu principal papel. No mais, eu acho que a Rafaela vai fazer as escolhas dela, e se eu souber transmitir as coisas, espero que sejam as melhores também para ela. Também pretendo que ela tenha autonomia, assim, de ter as opiniões, os gostos e as decisões, entende?’.*

Atualmente, Leonardo conta que a filha compreende melhor a separação, dizendo que tem duas casas, uma do pai e outra da mãe. Nos dois ambientes a menina tem seu próprio quarto e brinquedos. *“Ela tem duas casas, a casa dela com o papai, a casa dela com a mamãe, tipo não é na casa do papai e lá na casa dela, não, ela tem o seu quarto, suas coisas, né, ela tem os seus brinquedos (...) Ela sabe os endereços dos dois, todinho assim, ela fala, ‘Qual endereço da tua casa com a mãe?’, ‘Ah, é tal’, ‘E a da casa com o papai?’, ela sabe os endereços!’.*

O pai observa que nas duas casas a menina tem experiências diferentes, brincando e interagindo com cada um deles de uma forma única. *“São diferentes a forma de brincar, a forma de interagir. Ela conta das viagens, ela fala. É interessante que hoje, conversando um pouco com a Camila, as brincadeiras e alguma coisa que a gente assiste junto, ela assiste comigo e não assiste com a Camila e ao contrário também”.* Além disso, reflete que sua experiência como pai também se diferencia da experiência da ex-esposa como mãe. Leonardo tem a percepção de que acaba ficando com as melhores partes da convivência, como o lazer, enquanto a mãe, fica com os cuidados do dia a dia, deixando-a mais cansada. A partir disso, o pai compreende que a mãe lide com a saudade de outras formas, passando a opinar mais nos cuidados da filha quando ela está com ele, por exemplo.

Para aliviar a angústia da mãe, Leonardo costuma enviar gravações de áudio da filha para a mãe, quando eles estão em seus encontros quinzenais. *“Em geral a gente grava um áudio, compartilha alguma coisa. A mãe é uma pessoa aberta, assim, me dou bem com ela, não tenho problema nenhum.*

A gente compartilha algumas coisas, eu bem mais que ela, né, em termos de mandar as fotos, porque ela sofria muito com aquela coisa de ficar os dias afastado. (...) É diferente o sentimento de pai e mãe, eu acho que tem uma diferença bem grande. (...) Eu acho que tem um palpitar materno, que nós não temos. Mas é diferente, eu acho que...eu vejo também alguém que tá lá toda a semana, passa todo uma lida diária, que é um cotidiano. Completamente diferente do meu (...) Muito cotidiano, muito rotineira, e as minhas imagens, geralmente, são coisas mais divertidas.

Ainda sobre as diferenças, Leonardo comenta que, em sua percepção, quando a filha está com ele, tem a oportunidade de conviver em uma casa mais organizada e com limites claros, que ele acredita que ela não tem na casa da mãe. Com isso, Leonardo parece querer demonstrar uma atenção e um cuidado mais assertivo de sua parte, comparando-se com o ambiente oferecido pela ex-esposa. A partir disso também, ele percebe que a menina acaba manipulando os dois ambientes à seu favor. Isto parece demonstrar o quanto o pai compreende o comportamento da filha nesta fase. *“Ela vai com uma carga diferente demais, do linguajar, de ver as coisas, da organização, do cuidar, pensa alguém dizendo o tempo todo ‘Não, não dá pra quebrar’. Enfim, coisas do cuidado. É muito diferente, porque na outra casa as coisas são sem perna, sem braço, sem cabeça, mas ninguém repõe. Ela percebe essas diferenças, ela sabe dessas diferenças, ela também já tá aprendendo a jogar um pouco com isso em prol dela contra a gente, sabe? Ela tá criando uma malandragem. Tem que ficar esperto. Ela tá sabendo utilizar. Tem que ficar esperto, tem que delimitar os limites”.*

Leonardo também comenta que acredita que a filha se adaptou bem à ideia de ter pais separados por ter muitos colegas na escola cujas família vivem no mesmo contexto. *“Eu acho que é um contexto social muito diferente, que os pais separados eram mais raridade no passado. Hoje em dia, não é tanto. As amigas da Camila tem algumas separadas, então assim, ela convive um pouco com essa realidade lá”.* Outro fator destacado por ele como facilitador foi a idade da criança, que viveu a experiência da separação dos pais com apenas dois anos de idade. *“Eu acho que fazer numa idade cedo assim, acho que tem a ver com isso assim também. Sei que é um fenômeno comum, né, por isso o recorte dessa pesquisa não é por nada, talvez tenha mais gente nessa faixa”.*

Apesar disso, Leonardo conta que a filha tinha parado de usar as fraldas 8 meses, quanto estava com 2 anos e 10 meses, mas que ainda tinha alguns escapes de xixi, especialmente, na escola, ou logo depois de se despedir do pai após o final de semana juntos. Leonardo mostra-se bastante sensível, compreendendo que esta era uma forma que a filha encontrou de demonstrar sua saudade. Assim, o pai passa a nomear este sentimento à filha, conversando com ela antes de deixá-la na escola, para tranquilizá-la. *“Depois que eu levo ela, nesses dias, geralmente, ela tem uns escapes de xixi, sabe? E nos outros dias não tem. Ai, eu vou conversando muito, antes da chegada, de que ‘O papai tá sempre junto, que não é porque o papai tá indo embora’...coisas desse tipo. E que ela converse com a professora, peça para fazer xixizinho, ‘Não tem problema, daqui a pouco a gente vai se ver de novo, né?’ Mudei a forma de entregar”.*

É importante lembrar, que os pais de Leonardo são divorciados e que a separação ocorreu quando ele tinha treze anos. Desta forma, ele mesmo viveu a experiência que a filha estava vivendo, embora em idades muito diferentes, mas tendo a percepção de que era possível ter uma vivência positiva neste contexto, em sua percepção. Assim, ele leva isto em consideração, juntamente com os retornos que a filha lhe deu logo após a separação, para chegar esta conclusão. *“É viável isso, ter uma criação bem saudável, eu fui criado por pais separados, então, eu sei disso”*.

Para o pai, a menina tem se desenvolvido rapidamente nos últimos tempos, fazendo-o admirá-la cada vez mais. *“É uma menina muito doce, muito carinhosa, muito meiga. Mudou bastante nos últimos, meio ano até, mas ela sempre foi muito carinhosa e muito meiga”*. Quando compara o vínculo com a filha antes e depois da separação, Leonardo diz que os dois se aproximaram mais após o divórcio, passando a realizar algumas atividades juntos que não faziam antes e a construir uma nova rotina. Além disso, compreende que suas características pessoais, de gostar de crianças e de brincar podem ter facilitado essa aproximação entre os dois. *“O primeiro ano foi inacreditável, muito melhor do que eu imaginava, muito mais fácil do que eu imaginava. Gosto muito de criança, me dou muito bem com criança, então isso pra mim já não é uma dificuldade, estar com a Rafaela e fazer as coisas com a Rafaela. Gosto de brincar com ela, estar no tempo dela. Pra mim é uma coisa bem natural. Gosto da coisa lúdica, então ela se diverte, a gente se diverte junto, a gente tem bons momentos”*.

Estar longe da mãe parece também ter facilitado o vínculo entre pai e filha. Sem o gerenciamento de Camila, Leonardo se sente com um domínio maior sobre a menina, podendo tomar decisões por conta própria, o que tem lhe deixado bastante. Desta forma, pode-se pensar que o vínculo forte entre mãe e filha parece ter dificultado a aproximação do pai, que se sentia excluído, perdendo seu lugar de marido pela atenção que a ex-esposa dava ao bebê, e também perdendo seu lugar de pai. A abertura de um espaço para esta relação, além da mãe, parece ter sido benéfica para os dois. *“Foi surpreendente, por exemplo, porque a gente fez esse primeiro ano de natação e desde o início a mãe tinha algumas ‘Ah, porque vai isso, vai aquilo’...como eu tava no meu momento, eu tinha um pouco mais de gestão sobre a coisa, então pra mim ficou mais fácil, ter a minha própria decisão sobre algumas coisas, né? E foram momentos que a gente foi criando mais vínculo, o vínculo foi impressionante como se fortaleceu, sabe?”*.

As ocasiões em que pai e filha frequentavam à natação também se tornou um momento para Leonardo fortalecer sua relação com a própria mãe que, atualmente, vive em Porto Alegre sempre foi bastante distante do filho. *“A gente criou uma rotina que foi a seguinte: quando eu buscava todos finais de semana, a gente fazia a aula de natação que era às onze horas. Então eu ia pra casa da Camila, pegava ela, já ia com a mochila pronta, ia pro clube, fazia natação e a natação era justamente nuns horários mais críticos (...) nós tivemos mais uma proximidade em volta da coisa da água e tudo mais, só que ela tava moída, com fome e na sonolência total. Ir para restaurante, ainda com dois anos, ainda usava fralda e tal, era o caos, não tinha como. Aí, também aconteceu da minha mãe se*

dispor a nos receber pro almoço na casa dela. Isso fez também a gente se aproximar mais. Eu tava te falando, tem a coisa de família meio distante, não se liga e tudo mais, mesmo morando próximo eu não tinha uma relação muito próxima com a minha mãe e acabou proporcionando isso também. Então, a minha mãe, nos sábados, virou o ponto do almoço. Deu essa proximidade com a avó. E a Rafaela encantada na avó. Então, eu tenho um mega apoio da minha mãe, tipo, nessa parte desse almoço de sábado. Permaneceu até hoje. E ela conta com isso, ela fica questionando se vai ter ou não vai ter. E a alimentação da minha mãe com ela é todo um processo. A cozinha volta a ser um ponto de referência, assim, porque lá ela também tem esse envolvimento da cozinha, com a Rafaela junto e da casa”.

A aproximação com sua própria mãe neste momento de sua vida parece estar sendo importante na experiência de Leonardo. A mãe passa a se tornar uma referência e a fornecer um ambiente seguro para que o filho possa experimentar sua paternidade. Isto parece surpreender o pai, que começa a reconhecer na mãe, atitudes e características que ela nem sempre tinha com ele em sua infância e também outras, que ele não esperava que ela tivesse na relação com a neta. A partir disso, Leonardo parece admirar ainda mais a mãe e chega a fazer planos para o futuro, imaginando as interações entre avó e neta e os aprendizados que a filha poderá ter desta relação. *“Minha mãe não é afetuosa, apesar de ela estar tentando resgatar algumas coisas, então ela também gosta de fazer esse vínculo, né? (...) Para a Rafaela, ver como ela tem habilidade de contar histórias e ela tem uma habilidade de cativar por uma coisa mais pensante, sabe? E ela não é muito afetuosa, impressionante, mas com a Rafaela ela se torna! Vem, desperta isso nela! Isso é interessante, sabe? Mas ela não é das avós de ficar fazendo cafuné, fazendo não sei o que. Ontem, por exemplo, ela passou o dia com o reparo de um colete (da neta) que eu cheguei lá e tava todo com desfeito. Ela bordou, fez o negócio e passou o dia na função. Não tocou na Rafaela, não tocou em ninguém, sabe? Tipo assim, mas ela tava entretida em algo que ela ia dar para Rafaela. Vem com todo um carinho, toda uma preocupação (...) talvez, não seja o momento de a gente interagir tanto nessa, nessa dimensão intelectual, talvez ela tenha que crescer um pouquinho mais para ter essa capacidade cognitiva e tal, de discutir um pouquinho mais. Mas, com certeza, vai ser um lugar que vai ter muita influência da minha mãe, porque é dela isso, não do meu pai”.*

O fato da filha ser uma menina também é destacado pelo pai como algo que não lhe trouxe grandes dificuldades. *“Mesmo sendo menina, não sendo menino, o ambiente dela pra mim é uma coisa tranquila. Até porque eu nunca fiz uma coisa muito forçada, o rosinha, as coisinhas femininas e tal, não, o que a gente tiver a fim de brincar a gente brinca, o que for para fazer, a gente vai fazendo”.* Apesar disso, o pai destaca que os momentos em que precisa levar a filha em banheiros públicos são bastante complicados por diversos banheiros masculinos não disporem de trocador de fraldas ou então, de um banheiro familiar.

Esta situação fez com que Leonardo, inclusive, parasse de frequentar o clube onde ia com a filha, por não dispor destas facilidades para os homens. *“A primeira coisa que eu faço é primeiro olhar o banheiro, onde que fica, coisas que tu sabe que vai ter emergência. (...) A gente foi no mercado público depois do museu, então teve uma correria para ir naquele banheiro podre do mercado público, né? E tu não pode sentar a menina no vaso, então tem todos esses desafios, assim, mais que a menina também tem em relação ao menino. Se fosse um menino faria de pé o pipizinho dele e bora, mas a menina tem algumas coisas mais particulares que tem que ter alguns cuidados, então assim, também é um universo que não me pertencia”*.

Para esta tarefa, novamente, o pai contou com a ajuda de sua própria mãe, relatando que, até adaptar-se a esta nova realidade, passou por situações cômicas. *“Teve uma discussão muito engraçada sobre ‘Mãe, olha aí, não limpou a Rafaela!’ e ela respondeu ‘Meu filho, tu vai discutir com uma mãe que se limpa há 70 anos?!’. Tipo assim, foi muito engraçado, a gente deu muita risada. ‘Tá bom, tá bom, retiro o que eu disse’ [riso]. Minha mãe pensou: ‘Quê que esse fedelho sabe da vida!’, né?”*.

Quando pensa em outras referências femininas na vida da filha, o pai reflete sobre a presença de uma nova companheira. Leonardo conta que apresentou apenas uma mulher para a menina até hoje, com quem se envolveu afetivamente por pouco tempo. Esta pessoa foi apresentada para ela como uma amiga do pai. Ele justifica este cuidado pelo fato de que considera os relacionamentos muito complicados nos dias de hoje. *“Ela vai ter uma relação comigo de um pai que, talvez, encontre um alguém feminino, e que não é a mãe dela e aí é um outro cenário, né? (...) Então, é bem complicado assim, tanto é que das pessoas que eu conheci, me relacionei, à curto ou mais longo prazo, não apresentei. Para não dizer ninguém, uma pessoa foi comigo num zoológico. Mas, assim, bons amigos. Ela não viu isso como relacionamento e isso foi uma única vez. E, depois disso, eu também repensei e nem isso tem mais, entende? Mas não teve, não me viu beijando ninguém, não, sabe? Porque eu acho que é um resguardo”*.

Da mesma forma, Leonardo diz se preocupar com os homens com quem a ex-esposa possa se relacionar, esperando que a mãe de sua filha seja feliz, dando um bom exemplo para a menina, mas que tenha cuidado em sua escolha, para que não prejudique Rafaela. O pai conta que nunca soube, concretamente, sobre algum namorado de Camila, mas que tem suas suspeitas. *“E eu não me meto nas questões de relacionamento, tanto que até eu me preocupo que ela encontre alguém e seja feliz com outro alguém, porque acho isso importante pra ela. A questão de ser mulher, ser amada, amar. A Rafaela precisa ter referência materna feliz nesse ponto, entendeu? E eu quero isso. Que ela seja feliz e consiga mostrar isso para a Rafaela, né? (...) Ela tem que ver a mãe naquele ponto de vista. Mas, talvez, um anseio meu, uma preocupação, é quem assume esse papel e de que forma se relaciona também com a Rafaela, né? Porque hoje em dia os relacionamentos já estão tão difíceis”*.

A organização dos dias que a menina ficava em sua casa também parece ter facilitado o processo de adaptação do pai, pelo menos durante o primeiro ano após a separação, em que este

esquema de visitas ficou estabelecido. Como a mãe trabalhava nos finais de semana, a criança passava a semana na casa da mãe e todos os finais de semana na casa do pai. Segundo Leonardo, isto facilitou a aproximação dos dois. *“Na verdade, tem dois momentos muito claros. Enquanto eu estive casado, a gente morava juntos e quando nos separamos, as relações foram mudando de contexto. No primeiro ano depois de separado, eu tinha todos os finais de semana com ela, ficava sábado e domingo todos, então foi um ano, quase todos os finais de semana. Conseguimos fazer aula de natação juntos, coisa desse tipo e foi um processo de eu aprender a ter os momentos com ela, tipo, finais de semana cozinhar, coisas assim mais eu e ela, e foi um período bem próximo assim”*.

O pai percebe também que esta adaptação   nova realidade foi possível graças à compreensão da filha. Segundo ele, ela compreendeu suas dificuldades, principalmente, em relação   nova rotina. *“Acho que ela entende minhas dificuldades como pai. Ela consegue ser, às vezes, compreensiva, sabe? Quando, às vezes, ‘Não, filha, a gente tem que pensar em um jeito que vai d  certo’. Ela é compreensiva e entende bem”*.

Apesar de observar que a combinação dos dias em que a filha ficava em sua casa tenha sido benéfico para o vínculo entre os dois, Leonardo conta que a partir do início daquele ano, após 1 ano da separa o uma nova rotina foi combinada entre os genitores. Rafaela passou a ir para a casa do pai em finais de semana alternados, como tinha sido acordado judicialmente. Este novo acordo se deu em função do pai sentir-se sobrecarregado, não tendo finais de semana para cuidar de outros aspectos de sua vida, como relacionamentos, mas, principalmente, pelo fato de a mãe de Rafaela nunca ter um final de semana para estar com a filha. *“Teve dois fatores. O primeiro que, no ano passado, eu não tinha finais de semana para dormir até tarde, por exemplo, porque eu trabalhava durante a semana e buscava ela no sábado de manhã cedo. Então, assim, o sábado era de acordar cedo, às sete horas da manhã com ela e segunda eu trabalho. Então, não tinha um dia. Eu não tinha um final de semana para ter um relacionamento com outra pessoa, n , poder viajar, coisas assim. Mas, até então, não era um grande problema, não tinha nenhuma pessoa, ainda não tenho. Não era uma coisa muito preocupante pra mim (...) Então, assim, e bom, surgiu essa questão, conversei com a mãe e a mãe entendeu que pra ela também seria bom porque ela também não tinha um final de semana todo”*.

Entretanto, a ideia inicial de Leonardo, com esta nova organização, era também que a filha permanecesse com ele na sexta-feira à noite, depois de buscá-la na escola, até Segunda-feira de manhã, quando ele a deixaria na escola. Até aquele momento, a menina permanecia de sábado de manhã até domingo de noite, dormindo apenas uma noite por semana com o pai. O genitor sentia falta de uma convivência maior com a filha, passando, inclusive, pelas dificuldades normais do convívio que ele não estava podendo experimentar. *“Eu pegava ela finais de semana, mas era sábado e levava no domingo, era uma noite s . Aí eu sentia falta de ter mais noites, mais momentos, assim, da dinâmica, até para dar um tempo maior, porque a cada chegada era todo um processo de reorganiza o, de se*

reencontrar e tal. Precisava um pouquinho mais de tempo, assim, pra gente passar um perrenguezinho, superar o perrenguezinho e tal”.

Inicialmente, a mãe concordou com a proposta do pai. Entretanto, após uma viagem em que pai e filha permaneceram cinco dias juntos em outra cidade à passeio, a mãe não se sentiu bem estando afastada da filha, voltando atrás em sua decisão. Isto causou um conflito entre o ex-casal: *“No primeiro momento, ela aceitou. E depois eu viajei, fiquei cinco dias com ela, fizemos inúmeras viagens, e ela sentiu muito. Na volta, ela disse que não ia querer mais esse pré-acordo. Daí eu um pouco cedi, mas depois ela disse que, pelo fato de eu ter cedido, então já tava feito o negócio. A coisa foi numa conversa até em tom de buscar um advogado, isso da parte dela, mas eu não acredito que tenha que resolver ali, entendeu? Hoje eu acho que ela talvez até se arrependa. Enfim, mas ela também não admite (...) Querida que eu buscasse no Sábado e levasse na Segunda ou na Sexta e levasse no Domingo (...) Tá um processo de reorganização dessas questões. Acho que ela vive um outro momento hoje, talvez ela repense, pense diferente...(...) Infelizmente não consegui mas, pelo menos, eu tô tendo um contato nesses dois finais de semana, no levar pra escola ou no buscar pelo menos uma vez”.*

Além desta situação, Leonardo também conta outra situação conflituosa, em que ele pediu à ex-esposa para mudar o final de semana em que ficaria com a filha para outro em que seu pai estaria em Porto Alegre, para que ela pudesse estar com o avô. Entretanto, a mãe foi irredutível, fazendo com que o pai se sentisse bastante frustrado. Apesar disso, ele comenta que as combinações sobre férias e datas comemorativas, até aquele momento, tinham funcionado muito bem entre o ex-casal. *“Não tem nenhuma dureza com nada disso, eu e a Camila gente tem, é muito no bom senso, né. Mas, teve um evento agora que ficou meio estranho, por exemplo. Veio o meu pai pra Porto Alegre, ele mora longe, e a Rafaela tem muito pouco contato, diferente dos avós daqui dela, que moram na mesma cidade, passam o sábado todos juntos e a maioria dos dias no final do dia juntos também. E aí, eu tentei buscar a Rafaela, só que era o final de semana que não estaria comigo, e eu recebi um não, redondão. Eu digo, ‘Poxa, meu pai não tá aqui nunca, vai passar vinte dias, é a oportunidade de ela passar um pouquinho mais com meu pai e ela foi intransigente!’ E aí, eu lamentei muito porque meu pai é senhor de idade, tem dois AVC’s e não sei o quanto mais ela pode ver ele, enfim. Mas tá na regra do jogo, faz parte, infelizmente faz parte”.*

Esta rotina, estabelecida judicialmente, é citada como uma das maiores dificuldades de Leonardo neste momento. A falta de tempo de realizar as tarefas de forma mais tranquila deixam o pai bastante cansado, fazendo-o se preocupar com a relação estabelecida com a filha nestes momentos. *“Acho que a segunda-feira, o café da manhã correndo para ter que ir até a Camila, deixar ela e voltar a tempo no trabalho, porque chego quase dez horas, isso, às vezes, me deixa inquieto assim, e um pouco mais estressado. E aí, eu acho que reflete até na forma com que a gente faz a dinâmica. Hoje, por exemplo, chegou uma hora que eu disse: ‘Bah, filha, serve a comida aí, que eu vou tomar um*

banho’, mas ela seguiu, sabe? Mas, ao mesmo tempo, eu fico ‘Poxa, ela tava no meu colo, a gente tava comendo juntos e tal...’”. Além disso, a necessidade de impor limites à filha, também é destacada por ele como uma situação que não lhe agrada *“Ela faz umas artes e isso me deixa também, às vezes, chateado, mas faz parte ela fazer arte e tal”*.

Apesar da frustração, o pai consegue validar o vínculo estabelecido com a filha em seus encontros. *“A nossa relação, apesar de ser curta, ela é muito intensa, assim, porque a gente passa esse tempo todo juntos e fazendo coisas bacanas”*. Desta forma, o medo que o pai sentia de que houvesse um afastamento entre os dois quando os encontros passassem a acontecer quinzenalmente acabou não se concretizando. Novamente, Leonardo reforça o fato de que o crescimento da filha auxilia na aproximação dos dois e na adaptação ao contexto de separação dos pais. O pai observa que a filha já consegue expressar suas emoções de forma mais madura, facilitando a comunicação. *“Esse período agora, de quinze em quinze dias, eu achei que talvez ia ter um pouco mais de afastamento por conta do distanciamento dos encontros, mas eu vejo que não. Assim, ela também já deu uma crescida, ela já tá com três anos e meio assim, muda muito a personalidade, já tem algumas opiniões. Ela não chora por saudades, mas ela diz que tá com saudades da mãe e na casa da mãe diz do pai, sem ter que fazer um choro, entende? Então é muito diferente.*

Ademais, Leonardo conta que encontrou estratégias para conseguir se comunicar com a filha e ser compreendido. O pai tenta não infantilizar demais a criança, expressando-se com as palavras corretas e confiando na capacidade da menina de entendê-lo. Ele conta, inclusive, que a comunicação estabelecida com a filha já foi elogiada pelas pessoas, que se surpreendem pela forma como ocorrem as conversas entre eles. *“Eu falo, eu converso muito com ela e converso num tom, assim, como eu tô conversando com você agora, né? A gente não fica nos ‘inhos’ da vida, não. (...) Em Curitiba, a gente tava num shopping, aí eu entrei numa livraria. Ai a gente comprou um livrinho do Hulk, e ela adora o Hulk. Aí, eu tava conversando com ela, assim, conversando sobre o Hulk, sobre as coisas, café, fazer pintura e tal. E umas meninas tavam sentadas na mesa do lado, de costas, eu nem tinha visto, aí elas: ‘Com licença, achei muito interessante o jeito que você conversa com sua filha, porque geralmente a gente tá vendo pais conversando com as crianças tipo ‘nhenhenhe’, ‘taltaltal’ e tu não fala nada disso’. E, de fato, a gente usa muito pouco. E ela sabe falar também, ela tem expressões. Mas algumas coisas ela faz num modo infantil mesmo, que é o natural. E a gente aprende a ver alguns sinais assim também no convívio, que nem precisa dizer mais nada já”*.

Quando reflete sobre as atividades que mais gosta de fazer com a filha, Leonardo conta que o espaço da cozinha é especial para eles, já que tem muitas experiências e aprendizados juntos neste ambiente. O pai parece passar para a filha valores que são importantes para ele a partir desta atividade: *“Eu gosto de cozinhar com ela, eu gosto de colocar ela na cozinha, assim, eu gosto de fazer. Acho que a cozinha é um lugar bonito, assim, de se ter um convívio de pai e filho porque, são atividades que requerem disciplina, requerem criatividade, requerem envolvimento, tem que ter um trabalho de*

equipe. Então, acho que são coisas bem importantes para a criação dela, e para a nossa relação de convívio, sabe? E a gente tem feito bons pratos. Dia dos pais saiu um bolo bem bacana”.

Os momentos de brincadeiras são muito destacados por Leonardo como momentos prazerosos entre pai e filha, que tem ajudado a fortalecer o vínculo entre eles. O pai se orgulha de sua capacidade de brincar com a filha, usando sua criatividade e a imaginação da criança. As brincadeiras parecem funcionar como um recurso importante também para que o pai consiga organizar a rotina da filha, tornando as tarefas do dia a dia mais atrativas para a criança. *“Eu acho que a minha criatividade, a inventividade, eu entro numa brincadeira. Desde ela sentar no vaso, fazendo às necessidades dela, ela pede para eu sentar na frente dela e contar histórias, coisas do tipo. E a gente viaja, a gente tá lendo um livro, lê três vezes o mesmo livro, porque tipo, ela abre as páginas e mexe as bocas, sabe, pop ups, que chama, os livrozinhos. Aí é uma vaquinha, um cachorro, um gato e um rato, e aí a gente viaja naquilo no final de semana inteiro e cada vez entra uma história nova e assim, é o momento que eu sei que ela vibra demais na história. Às vezes ela diz ‘Pai, quero tomar banho’, mas não é pelo banho, mas porque ela sabe que depois ela vai para cama para a gente dormir, e a gente vai brincar com aquilo. Então, no contexto, isso é bem interessante. Tu vê a vibração dela, ela gargalha na cama assim, sabe, gargalhadas lindas!”.*

Antes das visitas da filha, o pai costuma de preparar, vendo se está faltando algo na geladeira e estando sempre em contato com o grupo de mães da qual participa no Facebook para se informar das atividades disponíveis para crianças nos finais de semana. O pai conta que encontra outros pais também nestes grupos, apesar de, oficialmente, serem grupos voltados para a maternidade. Além disso, entra em contato com amigas através do *Whatsapp* para estar informado de outras atividades. *“Ah, eu acho que a casa dá uma vida, né? Sabe, é toda uma expectativa, as coisas que vão estar na geladeira, que que nós vamos preparar...tive que entrar no Facebook do grupo de mães para ver a programação de fim de semana, essas coisas, né. Tem muitos pais que estão lá dentro também (...) A casa fica viva, né, ela toma posse de todos os cantos da casa, mexe tudo, a gente molha a planta, faz o que for possível fazer em casa”.*

O pai parece estar muito conectado à fase do desenvolvimento em que a filha se encontra, o que parece estar facilitando o vínculo com a criança e a sua experiência como pai. Esta percepção aguçada do pai também o ajuda a perceber os momentos em que a filha não está bem e quando são os momentos melhores para eles interagirem, organizando sua rotina. Leonardo dá como exemplo as ocasiões em que a menina está irritada por estar com sono. O pai consegue se dar conta de que esta é uma situação natural, sem ofender-se ou irritar-se com a filha. *“Ela tem os horários de sono. Eu vejo que ela tem momentos que é bem nítido, assim, o cansaço dela. Coloca ela numa energia muito tensa, assim com tudo. Então assim, tudo que tu fizer, não vai funcionar igual, entendeu? Não vai agradar ela. Então, são dois horários que, pra mim são bem claros. Se ela fizer um sono à tarde melhora. (...) Até cumprir algumas regras ela cumpre, cumpre bem. Mas, nesses horários assim, com esse sono, ela*

não vai cumprir. E geralmente ela apronta algumas artes, justamente, por estar nesses horários, nesses sonos, nesse cansaço”.

Ainda, a hora de guardar os brinquedos é destacado pelo pai como um momento que ele percebe que desagrada a filha, tornando esta tarefa um pouco mais cansativa para os dois. O pai parece conhecer bem as estratégias que funcionam para convencer a filha a realizar esta tarefa e as que não funcionam: *“A hora do guardar, geralmente, ela não é muito participativa, mas eu tento colocar ela pra participação, mas acho que guardar coisas talvez não seja um forte dela (...) Guarda, guarda, vai para o beleléu! Não adianta nada. Geralmente, segunda-feira, fica muita coisa pelo caminho em casa”.*

A alimentação também foi outra dificuldade citada por Leonardo, principalmente, nos momentos iniciais após a separação. O fato de precisar ir à restaurantes com a filha sozinho, fazia o pai se atrapalhar em alguns momentos, pela menina ainda ser muito pequena. Assim, o pai precisou criar estratégias com a filha para lidar com estas situações. *“A questão da alimentação era uma coisa mais difícil. Levar ela para comer fora também num período, ela era muito pequena para servir, lidar com as coisas, e ela não parava muito quieta. Mas, hoje, a gente já organizou algumas coisas da comida. Eu deixo ela na mesa, eu posso servir, o garçom fica meio de olho. Ou a gente, quando viaja, procuro lugares que sirvam à mesa, daí a gente pode comer junto”.*

Além dos momentos de encontro entre pai e filha quinzenalmente, Leonardo conta que tentava, logo após a separação, telefonar ou fazer chamadas de vídeo para a filha durante a semana. No entanto, o pai conta que a menina não gostava desta forma de comunicação. Isto o deixava frustrado, pensando que existia alguma problema na relação da filha com ele. O pai chegou, inclusive, a comparar sua comunicação com os pais e os irmãos, bastante distantes, com o contato com a filha, compreendendo que não queria que isto se repetisse em sua relação com ela. Quando Leonardo percebeu que isto ocorria também na relação com sua ex-esposa e que esta era apenas uma questão da fase em que filha se encontrava, o pai se tranquilizou e desistiu dos contatos telefônicos. *“O primeiro ano que era um momento que eu ficava todos os finais de semana, eu tentava ligar até no meio da semana, inclusive ligava. Só que ela não gosta de telefone, nem no vídeo, ela não para, não vê, chora no colo da mãe dizendo que não quer falar. Então, assim, no começo eu me frustrava muito com isso, ‘Puxa, não quer falar comigo’, sabe? Sofria até um pouco. Depois eu fui entendendo também. Alguns momentos eu fiz a mesma ligação com a mãe e ela também não queria falar, então tu percebe que não é uma relação direta contigo, é mais o meio que não é aquilo. Eu vi que ela melhorou um pouco com isso, mas continua não querendo, assim, ter esse contato. Então eu também deixei de fazer um pouco esse contato e eu acho que isso eu sinto falta. Eu vim de uma família que não se liga, é uma família de pessoas que não se ligam por telefone. Ligação do WhatsApp foi uma forma brilhante de tentar aproximar a família, digo pais, irmãos, pai e mãe, pais e filhos e tal, todo mundo, é uma coisa meio coletiva isso, e então assim, eu não queria que minha filha tivesse isso, entendeu? Eu quero que ela*

tenha os canais sempre abertos, tenha uma possibilidade grande. Mas acho que não é o momento ainda dela fazer esse tipo de conexão por telefone ou por vídeozinho”.

Leonardo relata que sua vida mudou completamente depois de ser pai, fazendo com que se preocupasse mais com sua estabilidade profissional e financeira, inclusive, abrindo mão de possibilidades interessantes de trabalho em outras cidade, porque precisaria estar longe da filha. *“Um filho é uma coisa que a gente não tem ideia do que vai ser um ser desses na vida da gente, é impressionante! Eu trabalhei dois anos, tava trabalhando em um hospital, sai do hospital, fiquei agora uns quatro meses sem trabalhar e a perspectiva de não ter trabalho é a que mais me incomoda, pelo fato da Rafaela, não por minha causa. E as outras questões de avaliar as oportunidades de trabalhos em outros lugares. Isso, realmente, fecha às portas praticamente, por não querer estar longe, no meu caso. E isso aconteceu muito claro e muito pacífico assim, tipo, algo que não tinha nem uma dúvida sobre... Não vou para outro Estado, fiz uma consultoria fora nesse período, mas assim, a possibilidade de não estar pelo menos quinze dias passando um tempo bom com a Rafaela... não, não fechava mais, não fecha mais isso, entende? Tem uma perspectiva completamente diferente. Minha vida não é uma vida só, mas uma vida contextualizada, com uma filha, com uma criança né?”.*

Além disso, as atividades que realizava nos finais de semana também tiveram que passar por adaptações após a separação. O futebol que antes trazia conflito na relação com a ex-esposa, precisou ser cancelado, pois ocorria nos dias em que Rafaela estava com o pai. Sobre isso, Leonardo reflete que muitos de seus amigos também estão passando pela mesma situação. *“Deixei de fazer coisas que eu fazia aos sábados, né? Jogar futebol com uma turma de amigos de 20 anos, parei de ir, mas é um mal que pega todos os pais do grupo, foi muito engraçado”.*

Estes encontros com o grupo de amigos, apenas de ter trazido muitos conflitos no relacionamento com a ex-esposa, tem um papel muito importante na vida de Leonardo. Quando pensa em um modelo de paternidade, ele logo responde que são os amigos, que são pais. O pai conta que se identifica com diferentes facetas destes pais, alguns mais destemidos, outros mais protetores, e que lhe dão apoio e exemplos práticos que lhe auxiliam no exercício de suas funções. Esta referência parece ter sido muito relevante na construção da paternidade de Leonardo e do vínculo com a filha. *“A gente tem um grupo de amigos da faculdade, que todos, mais ou menos, foram pais na mesma época. Assim, meio que casamos juntos, meio que tivemos os filhos juntos, e a gente tem um grupo dessas cinco pessoas (...) Só que é muito engraçado, enquanto um não sai de casa, enrolado em plástico bolha, não pode nada, o casal se excluiu da comunidade. Com o Flávio, outro amigo, com uma criança com dois, três meses já tava num avião indo para Miami, ficando em hotel, dando banho de piscina no piázinho. Numa escala assim, eu tô lá no meio. Então assim, nas referências de pai eu vejo muito do Cláudio, da coisa mais protetiva, assim, de cuidado. E vejo da autonomia que o Flávio proporciona do viajar, do fazer, do provar coisas diferentes. Eu vejo dos dois lados, tem coisas que eu gosto de ver e que acho positivas assim, entendeu?”.*

Atualmente, Leonardo refere que se sente mais feliz, seguro e organizado, conseguindo se desafiar a realizar atividades com a filha, que antes se sentia inseguro, como por exemplo, viajarem juntos. Além disso, tem conseguido encontrar tempo para estar sozinho, o que ele compreende ser importante também. *“Hoje eu me sinto muito feliz com a dinâmica com a Rafaela bem estruturada. Não tem insegurança nenhuma. Por exemplo, agora eu já tô com a ideia de a gente viajar, ficar num resort, sei lá, em Alagoas, sabe? Em beira de praia uns dez dias. Assim, não sei como vai ser uma viagem mais longa, porque eu viajei com ela já até Curitiba, duas vezes de avião, e ela super se comportou bem, super se saiu bem. Então, não tenho medo de levar ela um pouco mais longe. São pequenos planos que hoje me fazem pensar nisso, sabe? Então, minhas férias já vou pensando como é que vão ser os dias com a Rafaela e as minhas férias sozinho. Agora a pouco eu passei doze dias sozinho na Bahia, viajando bastante, curtindo bastante, coisas que eu não teria feito e fui muito feliz. Eu voltei feliz demais de lá, e me reencontrei com coisas boas, sabe?”*

Ao avaliar sua paternidade, Leonardo mostra-se orgulhoso do pai que tem conseguido ser, contando que costuma receber retornos muito positivos das pessoas à sua volta: *“Acho que tô fazendo um papel bem bacana, assim, muitas pessoas ficam encantadas da forma que eu me envolvo e sou dedicado, meus feedbacks são muito bons”*. Apesar disso, em alguns momentos, recebe comentários das pessoas que o surpreendem negativamente, pois parece desautorizar as funções que ele desempenha, identificando-as mais como funções exclusivas das mulheres: *“Tem pessoas que dizem ‘Meu, tu tá louco, sozinho, cadê a tua esposa? Quem tá cuidando da tua filha?!’ ‘Como assim quem tá cuidando dela?!’, entende? Mas é que também tenho uma característica destemida assim, tem que sair, fazer alguma coisa. Vai fazer e o dar errado no máximo é roupa suja, um choro de fome, mas aí se resolve, né?”*

A partir disso, Leonardo me conta os motivos que o fizeram participar deste estudo, dizendo que se considera um caso muito particular, podendo servir de exemplo para outros pais passando pelo mesmo contexto. Relata que tem observado os pais à sua volta, com o mesmo perfil, e percebe que faltam ambientes de escuta e de compartilhamento de experiências entre eles. Desta forma, sugere que estes espaços possam ser criados como, por exemplo, através das redes sociais ou de aplicativos para celular que conectem os pais, para falar sobre sua paternidade. *“Eu acho que um dos motivos de eu me interessar pela pesquisa é que eu acho que é muito importante falar um pouco da paternidade nesse momento, sabe? No contexto social, no contexto de relacionamentos, porque, claro, são particularidades. Eu sei que eu sou uma particularidade. Eu sei que a Camila também é uma particularidade, né? Porque se a gente for pegar grupos de diferentes classes sociais, ambientes de relacionamentos, tudo mais, muda muito tudo isso que tá sendo perguntado e as respostas, né? Mas eu acho que tem um grupo de pais que tem esse mesmo perfil, sabe? E eu vejo cada vez mais esses pais querendo mais presença também e mais espaço também, sabe? Eu sinto muita falta disso nos lugares, um pouco mais de atratividade para os pais também. Não sei, também nunca fui pesquisar*

nada, mas o simples fato de estar num grupo de Facebook, procurar pais e não se encontrar... e tu ter que entrar num grupo de mães, é sinal de que não há uma mobilização. Não sei se é por vergonha ou porque são poucos, não sei onde é que estão escondidos. Tão no grupo de mães, né? (...) Talvez criando um grupo, ou então um aplicativo...”.

Quando pensa no futuro, Leonardo imagina a filha crescida, acompanhando-o em novos programas e em aventuras pelo mundo. *“Olha, espero continuar sendo assim, sabe? Eu tenho uma vontade muito grande de ir à Machu Picchu com ela. Já fui à Machu Picchu e eu não vejo a hora de ela ficar um pouquinho maior, tipo, ter seus 12 anos por aí e brincar um pouco de aventureira com o pai, e curtir essas coisas, sabe? Ou de ela ter um pouquinho mais de seis anos, para a gente ir mais ao cinema e ao teatro, fazer coisas um pouquinho mais de outra realidade. Eu já imagino isso, eu já fico sonhando com essas coisas, sabe? Pensando em coisas que seriam bacana de mostrar para ela, sabe, e botar minha perspectiva”.*

Entendimento dinâmico do Caso Leonardo

Nesta seção busco fazer um entendimento dinâmico do caso, a partir dos relatos de Leonardo e de minhas impressões ao longo da entrevista, levando em consideração os dois períodos destacados: Experiência da paternidade antes da separação conjugal e Experiência da paternidade após a separação conjugal. Nesta análise, serão, novamente, seguidos os eixos teóricos interpretativos descritos nas sessões anteriores, articulando-se com os autores psicanalíticos: *Sentimentos e representações do pai acerca de sua paternidade; Sentimentos e representações do pai acerca do filho e da relação pai-filho; Sentimentos e representações do pai acerca da ex-companheira como mãe; e Sentimentos e representações do pai acerca de sua família de origem.*

Sobre os Sentimentos e Representações do pai sobre a paternidade, pode-se dizer que esta experiência já fazia parte dos planos de vida de Leonardo, sendo vislumbrado em diferentes relacionamentos em que se fez presente. Mesmo antes disso, durante a infância, o pai conta que as brincadeiras que tinha com os irmãos o fizeram ter uma imagem muito positiva sobre as crianças, fazendo-o querer reviver estas experiências na relação com sua própria filha no futuro. Segundo Stern (1997), a construção destas representações sobre o bebê, muito antes de seu nascimento, fazem parte do processo de tornar-se pai. Da mesma forma, Houzel (2001) destaca que a transição em direção à parentalidade também inicia muito antes da chegada do bebê. Desta forma, Leonardo já tinha uma projeção de seu futuro como pai, antes mesmo do nascimento da criança. A partir disso, o desejo pela filha também já estava presente em sua mente, conseguindo imaginá-la como uma menina, inclusive, nomeando-a de Gabriela (Szejer e Stewart, 1997).

A escolha por este nome, baseado em uma obra de Jorge Amado, pareceu bastante interessante para a compreensão também das Representação do pai sobre a filha. A personagem em questão faz

parte da cultura popular brasileira, sendo identificada como uma mulher livre, desejada, que se opõe à moral vigente, sempre indo atrás de seus desejos e de seu prazer (Decker & Alvarenga, 2018). Segundo, Cramer, B.G. & Palasio-Espasa, F. (1993), a escolha do nome é um elemento importante na construção do bebê imaginário, já que ele representa a história, as expectativas e os desejos que os genitores tem pela criança, mesmo antes do seu nascimento. Desta forma, neste caso, a filha já recebeu um lugar determinado na fantasia paterna.

Em minha percepção, Leonardo escolhe o nome Tereza muito em função de seus Sentimentos e Representações acerca de sua própria mãe. Esta foi apresentada por ele como uma mulher diferenciada para sua época, que “*foi viver o mundo*”, indo atrás de seus desejos, tornando-se uma pessoa interessante e bem relacionada aos olhos do filho. Esta caracterização feita por ele sobre a mãe parece bastante similar à representação da personagem em questão. Assim, o nome da filha representa para Leonardo o desejo de transmitir para a próxima geração o que recebeu na relação com a mãe, como parte de uma cadeia geracional. Isto só foi possível a partir da maturidade psíquica de Leonardo que, ao fazer esta transmissão, revive seu narcisismo inicial em forma de amor objetal na relação com a filha (Freud, 1914/2004).

A partir da referência da mãe, parece que Leonardo também passou a buscar uma companheira que refletisse em sua personalidade as vivência que ele teve com ela. O momento em que ele conhece a ex-esposa Camila é marcado por um desejo pelo novo, voltando-se principalmente para aspectos relacionados à intelectualidade e ao investimento no âmbito profissional. Neste contexto, o enamoramento pela ex-esposa é descrito por ele muito pautado pelas trocas intelectuais. Segundo Freud (1921/1996), isto ocorre com muitos meninos, a partir da resolução edípica, quando ele passa a identificar-se com o pai, desejando assim possuir uma mulher como a mãe.

Entretanto, é importante ressaltar a peculiaridade deste caso. Na experiência de Leonardo como filho, a mãe parece ter exercido, de forma significativa, mais a função paterna do que a materna. Ao passo que o pai parece ter exercido mais a função materna do que a paterna. Desta forma, pensando na resolução edípica de Leonardo, parece que ele teve uma identificação forte com sua mãe, principalmente, no que diz respeito aos aspectos intelectuais e à abertura para o mundo social. Porém, ao mesmo tempo, não deixou de desejar-la, buscando uma companheira com estas mesmas características (Winnicott, 1958/2012).

Já o pai de Leonardo, também parece ter sido uma figura de identificação para ele, principalmente, no que diz respeito às trocas afetivas e carinhosas, que lhe servem de exemplo na relação com a filha atualmente. Entretanto, a função de interditor não é descrita por Leonardo como sendo característica do seu pai. A mãe é identificada por ele exercendo este papel, ao abrir-se para novas possibilidades profissionais, deixando, inclusive, o filho para ir atrás destas oportunidades. Assim, o sentimento de carência de Leonardo parece advir disso. A mãe ao mesmo tempo que o cuida, também se retira (Winnicott, 1958/2012).

Assim, ao fazer parte de uma família com características mais contemporâneas, em que tanto o pai quanto a mãe exercem as funções materna e paterna, a resolução edípica de Leonardo se diferencia dos sujeitos oriundos de famílias com configurações mais tradicionais, em que a igualdade não está tão presente (Stern, 1997). Blestcher (2016), ao pensar nas famílias atuais, pontua esta questão, destacando que, na verdade, os sujeitos não se identificam com o objeto real, e sim, com os enunciados e as representações simbólicas e libidinais provenientes de suas relações com os adultos. Assim, Leonardo identificou na mãe tanto representações de cuidado quanto de limites, enquanto no pai, a representação de cuidado parece ter se destacado mais.

A partir destas representações sobre seus pais e de sua própria vivência da separação deles durante a adolescência, pode-se pensar que Leonardo já tinha uma representação positiva sobre a experiência da paternidade neste contexto. Além disso, por vir de uma família em que tanto a mãe quanto o pai exercem funções diversas, não sendo identificadas como papéis femininos ou masculinos, houve uma autorização em sua experiência de que ele pudesse exercer essas funções com sua filha, com mais tranquilidade e segurança. Desta forma, o ambiente familiar, mesmo que com suas falhas, pela distância física entre os membros, parece ter fornecido representações muito significativas para a experiência de Leonardo como pai. Assim, como ressaltado por Solis-Ponton (2004), o modelo empregado pela família de origem se tornou referência para o pai, funcionando como um organizador de suas representações de mundo, de si mesmo e do ambiente, auxiliando-o no seu processo de parentificação (Houzel, 2001).

Desta forma, a partir de suas experiências com seus objetos originais, Leonardo passa a formar um casal com Camila, com o entrecruzamento de dois Édipos, de histórias, ideais e mitos familiares diferentes. Segundo Puget & Berenstein (1993), ao unir-se o casal precisa formar um psiquismo compartilhado. Entretanto, no caso de Leonardo, as diferenças entre o casal e entre as famílias de origem parecem ter dificultado este processo. Com isso, a excitação pelo reconhecimento, inconsciente, da própria mãe na companheira também foi permeado pelo estranhamento pelas diferenças entre eles. A família, com características mais contemporâneas, de Leonardo é apresentada por ele como mais distante e exogâmica, abrindo-se mais para o convívio social e não tendo a necessidade de um convívio tão frequente entre si. Já a família de Camila é apresentada como um núcleo bastante endogâmico, tendo pouca abertura à novas referências e mantendo um modelo infantil de comportamento (Puget & Berenstein, 1993).

A partir disso, o casal fez tentativas de formar um vínculo de aliança, mas tem dificuldades em superar os limites egóicos de cada um (Puget & Berenstein, 1993). Isto é exemplificado por Leonardo a partir dos conflitos que ele apresentou com o ex-sogro, seu consequente distanciamento da família da ex-esposa e sua expectativa de que ela se afastasse também. Além disso, o enamoramento inicial de Leonardo, que viu a própria mãe refletida na ex-esposa, com a convivência, dá lugar ao desapontamento, ao perceber que ela não desempenhava as mesmas funções de cuidado que sua

genitora, não se importando com os “*acabamentos*”. Principalmente, a escolha do nome da bebê do casal parece ser bastante simbólico desta dificuldade de Leonardo em abrir mão de seus ideais para a filha, advindos de suas experiências dele mesmo como filho. O nome Gabriela, que representava a história individual de Leonardo, precisou ser descartado para que fosse possível a construção de um nome escolhido pelos dois como casal. Este processo parece ter causado sofrimento à Leonardo que não conseguia identificar a filha com outros nomes.

Neste contexto, pode-se pensar que a filha veio como uma tentativa de união do casal e de superação de suas diferenças, sendo representada como uma “cola conjugal” (Stern, 1997). Desta forma, parece que Leonardo tinha expectativas de que, a partir da inclusão de um bebê na estrutura conjugal, as diferenças existentes entre os dois se tornariam menos intensas, finalmente, sendo possível a formação de um eu conjugal (Puget & Berenstein, 1993).

Entretanto, apesar de desejada, a gravidez, inicialmente, é encara por Leonardo com surpresa. Estes sentimentos ambivalentes do pai, dividindo-se entre o desejo pela criança e o desejo por manter a relação dual com a ex-esposa, já foi destacado por Lebovici (1987) como bastante comuns na experiência dos pais. Com isso, ao longo da gestação o pai contou que não sentiu sua realidade se modificar tanto, não sentindo que precisava fazer adaptações em sua rotina e em seus hábitos da mesma forma que a ex-esposa. Segundo Brazelton (1988), por não contarem com a mesma realidade concreta que as mães, que sentem os movimentos e o crescimento do bebê em seu ventre, muitos pais, assim como Leonardo, tem dificuldades de imaginar e se preparar para a chegada do bebê real. Stern (1997) também ressalta este fato, dizendo que o mundo representacional do pai é menos violentamente sacudido, levando um tempo maior para reorganizar suas múltiplas redes de esquemas. Desta forma, durante a gravidez e o parto, Leonardo construiu uma Representação sobre si mesmo como pai “*coadjuvante*”, sem tantas funções naquele momento, se comparado com a mãe.

Além dos conflitos pela dificuldade de apropriação de Leonardo à ideia da presença do bebê, as diferenças encontradas por ele entre a ex-esposa e o seu ideal de mãe parece ter se exacerbado mais ainda após a gravidez. O pai tinha a expectativa de que Camila seguisse seu modelo parental (Szejer & Stewart, 1997). Quando ela não corresponde a este desejo, desempenhando a função materna de forma diferente de sua mãe, o pai passa a representá-la como uma mãe insuficiente, que constitui um ambiente falho para a filha do casal, ao não se preocupar com os “*acabamentos*” (Winnicott, 1960/1983).

Apesar disso, a luta do pai para que a filha tivesse um cuidado materno e um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1960/1983), pautado por suas próprias referências, também pode ser pensado como um exercício importante no seu processo de parentificação (Houzel, 2001). A “construção do ninho” em que a bebê se sentisse amparada parece representar uma tentativa do pai em ligar-se à ela, antes mesmo de seu nascimento (Krob, Piccinini & Silva, 2009).

Após o nascimento, durante o puerpério, novos conflitos entre o casal ocorreram e se intensificaram em função da diferença entre as experiências dos dois em relação à parentalidade (Houzel, 2001). Segundo Leonardo, a ex-esposa formou uma díade com a bebê, afastando-se dele e preocupando-se demais com a filha. Já ele, voltou-se ainda mais ao trabalho, tendo momentos de interação apenas à noite com a bebê, como por exemplo, na hora do banho e desempenhando funções recreativas. Segundo Cramer e Palasio-Espasa (1993), após o nascimento de um filho, o casal passa por diversos desafios psicológicos em conjunto. A partir disso, há um afastamento entre pai e mãe, por haver a necessidade de reconstruir a unidade dual com a inclusão de um novo membro na família.

Além disso a mãe, mais do que o pai, precisa abrir mão de diversas demandas narcísicas para se voltar totalmente ao bebê, entrando em um estado de Preocupação Materna Primária (Winnicott, 1965/2001). Isto pode ser bastante exaustivo para muitos pais, acarretando em conflitos entre o casal (Cramer & Palasio-Espasa, 1993). Segundo Stern (1997), é comum que casais que tiveram filhos tenham estes conflitos em função da falta de sincronia no processo constituição da paternidade. Isto pode ser exemplificado pelas discussões que os dois tiveram a partir das adaptações necessárias à chegada da filha. O fato de ter que parar de fumar, de beber e de ter um convívio social mais frequente parece ter sido bastante difícil para Leonardo, fazendo com que a ex-esposa o acusasse de falta de companheirismo por não acompanhá-la nestas mudanças. Ele só foi conseguir fazer isso após os dois anos da criança, mais com o objetivo de cessar os conflitos do casal do que, como uma adaptação necessária à construção de sua identidade como pai ou para suprir as necessidades da menina.

Assim como no caso de Leonardo, existe segundo Biggart & O'Brien (2010), uma necessidade por parte de muitos homens, que tiveram filhos, em voltar-se para o trabalho e para a busca de um ganho financeiro maior, priorizando a função de provimento em sua experiência. Desta forma, a angústia do pai em conciliar a criação dos filhos e a vida profissional ao mesmo tempo, faz parte da experiência de diversos pais (Genesoni & Talladini, 2009). Além disso, segundo Paquette (2004), muitos pais sentem-se mais identificados com as interações que envolvem o contato físico, as brincadeiras e o contexto de aprendizagem do que com outras funções. O pai entrevistado parece ter se identificado com as funções citadas, especialmente até o segundo ano de vida da filha. Durante este período, Leonardo parece ter se gratificado mais nos momentos em que interagiu com a filha destas formas, do que em outros contextos.

No caso de Leonardo, a sensação de ser um “*coadjuvante*” também ocorre muito em função de uma desidealização da experiência da paternidade. Desta forma, há um sofrimento por ter dificuldades em transpor seus investimentos do bebê imaginário para o bebê real (Stern, 1997). Ou mesmo, da paternidade imaginária para a paternidade real. Além disso, o reconhecimento de que a filha não conseguiu unir o casal (Stern, 1997), na verdade, aumentando os conflitos entre eles, fez com que ficasse exacerbado o sentimento de abandono no casal, necessitando que Leonardo criasse novas representações sobre a filha e sobre o próprio casamento.

Ademais, o maior sofrimento do pai decorreu, principalmente, de sua dificuldade em movimentar-se de sua identidade de filho para uma identidade de pai. A díade mãe-bebê parece tê-lo feito lembrar os momentos de carência afetiva na interação com seus pais durante a infância. Desta forma, com a presença da filha parece ter reavivido sua identificação com as imagens boas e más de seus próprios pais (Stern, 1997), fazendo-o identificar na esposa, a mãe que não estava presente em diversos momentos para ele ou o pai pouco participativo. Assim, a filha também fica representada como uma rival edípica, que lhe separa da companheira (Cramer & Palasio-Espasa, 1993).

O fato de Leonardo ter um pai descrito como “*papai muito da mãe*” também não parece tê-lo auxiliado no processo de construção de sua identidade como pai. É importante ressaltar que o genitor do entrevistado se diferencia dos pais tradicionais (Stern, 1997) por ser uma referência afetiva, conseguindo expressar bem as suas emoções para o filho. Entretanto, o aspecto infantilizado do pai, descrito por Leonardo, como um homem que era servido pela própria esposa e que não se apropriava totalmente dos cuidados com os filhos, parece não ter auxiliado Leonardo em sua própria experiência de paternidade. Segundo Pereira, Prole & Silva (2015), a experiência de ter um pai cuidadoso e participativa é uma referência muito importante para os pais contemporâneos. No caso de Leonardo, parece que os aspectos em que o pai não conseguiu suprir ao filho, puderam ser supridos por seus irmãos mais velhos, que já eram pais, em um contexto mais contemporâneo. Além disso, os cuidados mais práticos e formais, como a educação e a preocupação com o ambiente concreto e os “*acabamentos*” parecem ter tido como referência a mãe que, como já citado, foi uma figura de identificação importante para o filho.

Quando o pai tentava se abastecer afetivamente em outros ambientes, como no grupo de amigos, ou tentava se desligar de sua angústia, através da bebida, isto era criticado pela ex-esposa, fazendo-o se sentir frustrado com sua paternidade. Segundo Szejer (2002), esta busca por fugir de casa ou divertir-se em outros lugares é bastante comum no processo de parentificação, já que a ambivalência e a angústia experimentadas pelo homem podem leva-lo a este tipo de descompensação.

Desta forma, além das dificuldades de Leonardo com suas expectativas sobre a paternidade e com reativação de memórias infantis a partir do nascimento da filha, também o lugar do pai como matriz de apoio da mãe parece ter sido insuficiente (Stern, 1997). O fato de a ex-esposa vê-lo negativamente, irritando-se ou superprotegendo a filha, afastando-o do convívio dela e da criança, parece ter exacerbado o sentimento de exclusão do pai. Esta sensação é destacada por Brazelton (1988) como bastante comum entre os pais primíparos durante o puerpério (Brazelton, 1988).

A percepção do pai de que isso ocorreu em função da ex-esposa ter passado por uma depressão pós-parto é um fato muito importante a ser considerado ao avaliar sua experiência. Este estado da mãe pode ter tornado ainda mais negativa a representação de Camila sobre Leonardo como pai e dele mesmo sobre sua paternidade e a maternidade da ex-esposa. Segundo Stern (1997), durante o primeiro ano de vida, o pai precisa desempenhar uma função apoiadora, sustentando e estruturando a díade

mãe-bebê, fazendo parte da chamada matriz de apoio. Entretanto, existem funções que o pai não consegue desempenhar. Ele não pode funcionar como um modelo para a mãe, pois ele é tão inexperiente quanto ela. Além disso, de acordo com Stern (1997), o genitor só consegue saciar em parte a necessidade de *holding* psicológico da mãe, que precisará buscar figuras maternas para satisfazer a outra parte.

No contexto da depressão pós-parto, alguns pais tem dificuldades de dar conta desta tarefa na relação com a esposa, por irritarem-se com as oscilações de humor e as cobranças, sentindo-se impotentes e frustrados (Silva, 2007). Segundo Silva (2009), as crises conjugais também são bastantes comuns neste contexto, especialmente, quando já existiam dificuldades no relacionamento do casal antes do nascimento do bebê. Desta forma, as crises anteriores se tornam mais intensas no contexto da depressão pós-parto. Parece que Leonardo teve problemas em reconhecer as dificuldades pelas quais a ex-esposa estava passando, só conseguindo compreender sua depressão pós-parto após a separação conjugal. Assim, suas tentativas de ajudá-la, adaptando sua rotina e hábitos de acordo com as solicitações dela acabaram falhando. Além disso, a busca de Camila pela referência materna, retornando à família de origem, também foi criticada por Leonardo, que não compreendeu a necessidade natural da ex-esposa pelo colo materno neste período (Stern, 1997).

A partir do exposto, é compreensível a sensação de alívio de Leonardo a partir da separação conjugal, representando uma oportunidade para um recomeço. Com isso, ele teve a oportunidade de construir novas Representações sobre sua paternidade e sobre a relação com a filha nesta nova fase. Parece que, principalmente, com a participação ativa da filha, que inclusive buscou o pai na ausência da mãe, Leonardo conseguiu ressignificação sua experiência de paternidade (Houzel, 2001), criando novas Representações sobre si mesmo como pai.

Vários autores tem destacado que a criança busca ativamente os cuidados parentais (Zornig, 2012; Moro, 2005). Assim, suas respostas modelam o tipo de cuidado que lhe é oferecido, permitindo novas formas de interação de acordo com cada fase. Assim, segundo Parke (1996), a relação pai-filho deve ser vista como um processo de mão-dupla, em que um influencia o outro. Quando a filha grita “*papai!*” na madrugada da primeira noite em que estão juntos, após a separação conjugal, Leonardo entendeu este chamado como um reconhecimento de sua existência como pai no espaço interno da filha.

Assim, a organização das visitas após o acordo do divórcio também parece ter sido importante para que o pai pudesse testar sua capacidade de estar com a criança, sem a referência materna presente. Desta forma, ele ter aceitado estar com ela durante todos os finais de semana no primeiro ano após a separação parece ter auxiliado na construção de representações mais positivas sobre sua capacidade como pai. Além disso, permitiu que ele criasse Representações mais consistentes sobre a filha. Esta percepção de que pode haver melhora na relação entre pai e criança após o divórcio, já foi destacada na literatura (Souza, Smeha & Arend, 2012). Segundo as autoras, muitos pais experimentam um

fortalecimento nos laços afetivos com os filhos após a separação, mesmo com a redução do tempo de convivência. Nos casos em que isso ocorre, assim como no de Leonardo, já havia uma boa relação com as crianças antes do rompimento conjugal.

Assim, houve uma extensa alteração nos vínculos e na auto-imagem do pai após a separação (Abelleira, 2006). Neste contexto, o fato do genitor ter buscado psicoterapia antes e depois do divórcio merece ser pontuado como um facilitador na experiência dele depois do divórcio. Segundo Puget e Berenstein (1993), quando os cônjuges não tem a oportunidade de expressar seus sentimentos sobre o rompimento, não conseguindo compreender os motivos que os levaram à ruptura, existe o risco de que estas emoções possam ser deslocadas para a relação com os filhos e para disputas sobre visitas e pensão alimentícia. Quando isto ocorre, a conjugalidade e a parentalidade não conseguem ser diferenciadas (Houzel, 2004). No caso de Leonardo isto não parece ter ocorrido com tanta intensidade, já que, mesmo com alguns conflitos pontuais, os ex-cônjuges conseguiram entrar em acordo, tendo uma relação de colaboração.

No entanto, o período intenso de convivência com a menina logo após a separação, parece ter tido repercussões na vida social de Leonardo que, apesar de perceber a importância dos momentos com a filha, buscou também equilibrar sua rotina com momentos particulares, em que pudesse estar com os amigos, envolvido no trabalho ou em encontros amorosos. Segundo Puget e Berenstein (1993), a saída ou a diminuição da frequência de interação em alguns contexto sociais após a separação é um estressor a ser considerado. Assim, a busca de Leonardo pela retomada destes espaços também faz parte da construção de sua representação como pai e de sua relação com a filha. A compreensão de que ele não estaria bem nas visitas se não tivessem estes momentos longe da filha durante a semana, parecem ser preocupações importantes do pai para a manutenção do vínculo com a menina.

Além da aproximação entre pai e filha após a separação, sem a presença da mãe, o fato de Rafaela ter apenas 3 anos e 7 meses no momento da entrevista para o presente estudo, parece um ponto que merece destaque. Nesta fase, o pai tem percebido a menina mais próxima dele em momentos que antes não percebia. Isto é exemplificado por ele com a situação em que a filha teve uma prisão de ventre e buscou a massagem do pai, como algo único e especial, que a mãe não poderia suprir. E também, quando contou dos escapes de xixi nas ocasiões em que a filha tinha que se despedir dele na entrada da escola. Apesar disso, Leonardo ainda percebe a filha oscilante, às vezes, ainda buscando a mãe com frequência. Com isso, o pai tem a expectativa de que com o crescimento de Rafaela, haja uma aproximação ainda maior entre os dois. A busca por interações que evoluem um desenvolvimento cognitivo maior na criança, como no contexto de aprendizagem formal, também parecem ser esperadas pelo pai com o crescimento da filha. Isto é destacado por Paquette (2004), como uma expectativa comum entre os pais, por sentirem uma aproximação maior com a criança nestes contextos.

A partir do relato do pai, pode-se pensar que Rafaela começou a perceber as diferenças sexuais entre seus genitores entrando, neste momento, na conflitiva edípica ao admirar-se com os atributos do pai, apesar de ainda manter características mais anais, envolvendo o controle das fezes (Freud, 1931/1996). A prisão de ventre e os escapes de xixi, em que ela pede pelo pai parecem representar uma tentativa de elaboração da menina sobre a separação dos pais. A partir disso, ela busca o genitor como companheiro para compreender a realidade e à si mesma, considerando as fezes e o xixi como seus produtos e a massagem do pai como um *holding* (Winnicott, 2012/1960).

Assim, a partir do vínculo constituído em etapas pré-edípicas com o pai, Rafaela está tendo a oportunidade agora de compartilhar de momentos entre os dois, separada da mãe, buscando-o como seu objeto de amor. Mesmo os momentos de “deslealdade”, em que a menina intercala períodos com o pai e outros com a mãe, parecem estar sendo bem compreendidos por Leonardo atualmente, apesar de já terem lhe causado tristeza em fases anteriores. Segundo Winnicott (1988), o pai precisa estar maduro o suficiente nesta fase para compreender as experimentações da criança. Além disso, no caso da menina, a “deslealdade” pode trazer o sentimento de insegurança por ela estar se afastando de seu primeiro objeto de amor, ao contrário dos meninos. Assim, o fato de o pai estar mais seguro com sua paternidade, representando-a de forma mais positiva para si mesmo, parece ter sido extremamente importante na fase do desenvolvimento em que a filha se encontra.

A partir disso, também os momentos em que precisa estabelecer limites à filha parecem estar sendo bem compreendidos por Leonardo. Quando ele relata sobre os momentos em que a menina testa os pais, tentando manipular os dois ambientes à seu favor, o pai parece entender a necessidade da filha de experimentar-se nesta fase e neste novo contexto. Desta forma, os momentos em que a menina utiliza sua agressividade, desafiando-o, o pai consegue compreender o seu papel em relação à filha sem angustiar-se, conseguindo entender que ela faz isso como uma forma de elaboração da separação e do momento do desenvolvimento em que se encontra (Winnicott, 1946/1982).

Com a separação e a construção de novas representações de paternidade e da relação com Rafaela, o pai também conseguiu construir novas representações sobre ela como pessoa. Ela é descrita como uma menina destemida, carinhosa, doce e compreensiva. Parece que Leonardo conseguiu reconhecer estes aspectos na personalidade da filha pelo vínculo estabelecido entre os dois, fazendo-o orgulhar-se pelas características da filha, como fruto da convivência com ele. Desta forma, parece que a representação de Leonardo sobre si mesmo, como um pai que se desafia, que não se assusta com o choro da filha e que cuida dela mesmo sem a presença da mãe o auxiliou no reconhecimento das características da criança após a separação. Sobre este processo, Stern (1997) diz que há uma reconstrução contínua das representações dos genitores sobre a criança a partir das interações que ocorrem entre eles.

Primeiro, há a representação antes do nascimento, com o bebê imaginário. Depois, a partir do parto, ocorre a reconstrução desta representação no convívio com o bebê real. Mas no caso de

Leonardo, pode-se pensar que, após a separação conjugal e a entrada da filha na conflitiva edípica, houve uma terceira reconstrução, quando pai e filha puderam estar mais próximos. Neste contexto é importante ressaltar também que, de acordo com Stern (1997), o pai leva um tempo maior, se comparado à mãe, para reorganizar suas redes de esquemas. No caso dos homens separados, o processo de construção e ressignificação da paternidade pode tornar um tempo ainda maior, principalmente, nos casos de pais de crianças pequenas (Abelleira, 2006).

Apesar da proximidade emocional maior com a filha, o pai ainda se sente em desvantagem em relação ao tempo e ao acesso às informações importantes do dia a dia da criança, como as atividades escolares. A vontade de saber o que se passa na casa da ex-esposa e, principalmente, saber sobre as interações que a filha tem com a família materna também trazem uma ansiedade extra para Leonardo. Os sentimentos de exclusão e de frustração apresentados pelo pai, além da vontade de estar mais presente na rotina da filha, já foram destacados em estudos recentes como emoções frequentes experimentadas por pais neste contexto (Souza, Smeha & Arend, 2012; Warpechowski & Mosmann, 2012). A insegurança apresentada por Leonardo de que sua ex-esposa encontre um novo companheiro, que possa assumir um lugar de importância na vida da filha ou que possa lhe trazer prejuízos, também é frequente em outros pais neste mesmo contexto (Schneebeli e Manandro, 2014).

As críticas que Leonardo tece à ex-esposa, que já estavam presentes antes da separação, também permanecem nesta fase, apesar do pai demonstrar também culpa ao fazer isso, já que entende que a mãe é responsável pela maioria dos aspectos relacionados à filha. Desta forma, o pai parece sempre estar em um dilema entre manter sua presença, mesmo entrando em embates com a ex-esposa sobre os aspectos referentes à filha, ou reconhecer-se no lugar do excluído, que não pode interferir nos aspectos relativos à menina, em função do pouco tempo de convivência. Isto parece ser doloroso para Leonardo, pois o coloca no mesmo lugar do terceiro excluído de antes da separação, quando mãe-bebê formavam uma díade (Rosa, 2009).

Desta forma, o pai tem uma Representação da mãe de sua filha como alguém mais capacitado pela convivência maior com a criança e, principalmente, pelo vínculo forte que foi criado entre as duas, da qual o pai inveja. Esse sentimento já foi destacado em outro estudo com pais separados (Warpechowski & Mosmann, 2012). Segundo Brazelton e Cramer (1992), o desejo masculino de ter um filho baseia-se no desejo de igualar-se à mãe. Desta forma, um dos maiores desafios para os homens no processo de transição em direção à parentalidade é abdicar deste desejo, assim como o desejo de ter uma relação com os filhos igual ao tipo de relação que ele possuía com a própria mãe. Assim, o pai precisa construir uma nova relação, única, que não se configura da mesma forma que a existente entre mãe-bebê.

Entretanto, assim como Leonardo, alguns homens sentem inveja das mães de seus filhos, não admitindo ser excluídos deste vínculo. No presente caso o pai já tinha este sentimento antes da separação, levando o casal a ter diversos conflitos decorrentes disso. Segundo Soifer (1980), quando

a inveja em relação à companheira ocorre de forma inconsciente, muitos pais experimentam sentimentos de hostilidade, indiferenças e rejeição pela sensação de se sentirem excluídos. No caso de Leonardo, no contexto da separação conjugal, houve uma continuação destes sentimentos, acrescidos dos conflitos conjugais, que ainda estão em processo de elaboração, já que a separação se deu há apenas 1 ano e 7 meses, antes da sua participação na entrevista.

Desta forma, assim como quando estavam casados, o pai em alguns momentos se sente afastado da filha e com a preocupação de estar em desvantagem aos olhos da menina. Isto pode ser exemplificado pela situação que Leonardo conta sobre o “saco de letras”, em que ele entra em disputa direta com a ex-esposa por este momento com a criança, sentindo-se lesado por ela. As funções que o pai pode atribuir como suas, como por exemplo, a educação da filha, a garantia de sua autonomia e a transmissão dos valores familiares paternos, também pode relacionar-se com esse desejo de separar a relação entre mãe e filha, invejada por ele, procurando trazer a filha para um pouco mais perto de si (Soifer, 1980). Assim, apesar das disputas entre Leonardo e a ex-esposa não terem sido tão frequentes, envolvendo diretamente a pensão ou a guarda da filha, ainda assim, estão presentes alguns resquícios na relação do casal parental dos aspectos que os levaram à separação, dificultando a separação entre conjugalidade e parentalidade (Houzel, 2004).

Para dar conta dos novos desafios que se apresentaram a partir da separação, principalmente, envolvendo a reorganização da rotina, houve uma interessante aproximação de Leonardo com a própria mãe. Com isso, ele começa a perceber aspectos novos na personalidade da mãe, transformando suas representações sobre ela. Desta forma, a mãe o auxilia a exercer sua paternidade através de seu apoio e exemplo (Stern, 1997). No contexto da separação conjugal, com o afastamento entre o casal parental, em diversos casos, a avó paterna fica com a função de mediar o encontro entre o pai e a criança (Scaglia, Gomes & Barbieri, 2018).

No caso de Leonardo, parece que a surpresa dele em perceber a mãe exercendo estas funções se dá pelo fato, já citado, de que sua mãe era mais identificada por ele com a função paterna, do que a materna. Desta forma, quando a mãe mostra-se disponível para outros papéis, Leonardo sente-se cuidado como filho e apoiado em seu processo de parentificação (Houzel, 2001). A

proximidade com a própria mãe também parece ter beneficiado o pai nos desafios concretos, como as idas ao banheiro e a compreensão das diferenças anatômicas, referentes aos cuidados de uma filha menina. Mesmo assim, Leonardo relata não ter apresentado muitas dificuldades sobre isso, o que pode estar associado ao fato de já possuir características, usualmente maternas, bem internalizadas (Winnicott, 1964/2012b).

Outros modelos importante na experiência de Leonardo sobre a paternidade são o grupo de amigos, que também passaram pela separação conjugal tendo filhos pequenos. O pai parece construir sua identidade paterna a partir da referência dos amigos, fazendo-o se sentir mais seguro, inclusive favorecendo, em sua percepção, o vínculo com a filha. Esta troca de experiências entre os pais é

destacada na literatura (Pereira, Prola e Silva (2015) e Brito, Cardoso e Oliveira (2010) como um componente importante para que se constitua uma experiência mais positiva de paternidade por parte dos homens, em diferentes contextos.

A própria motivação para a participação neste estudo, explicitada por Leonardo, parece demonstrar o quanto estas trocas foram importantes para ele, fazendo-o querer validar e registrar, através da minha escuta, e do presente estudo a sua experiência. Esta percepção já tinha sido relatada em outro estudo com pais separados (Schneebeli & Manandro, 2014), em que as pesquisadoras perceberam, inclusive, que as próprias entrevistas fizeram os pais refletirem e modificarem suas percepções sobre a paternidade e o divórcio, o que acredito que também possa ter acontecido com Leonardo, tendo em vista seu envolvimento durante a entrevista.

Apesar disso, a presença de comentários negativos, desautorizando suas ações como pai, identificando-as mais com as mulheres do que com os homens, esteve também presente na experiência de Leonardo, a partir de comentários feitos por algumas pessoas. Esta falta de reconhecimento sobre seus esforços no cuidado com os filhos e a percepção de que as mulheres desempenham melhor estas funções já foram destacada em estudos presentes na literatura como fonte de sofrimento para alguns pais separados, como aconteceu com Leonardo (Costa & Silva, 2015; Zicaro & Fuentealba, 2012).

A partir destas reflexões, pode-se pensar que a experiência de Leonardo como pai, inicialmente, foi permeada de idealizações. O desejo por uma companheira e uma filha que tivessem características que se assemelhassem à sua própria mãe parece ter servido, inicialmente, como uma oportunidade de elaboração do pai em seu lugar de filho. O fato de fazer parte de uma família com configurações e lugares diferenciados, especialmente, entre o casal parental, parece ter, ao mesmo tempo, facilitado e dificultado a experiência de Leonardo em diferentes aspectos. O conflito entre desejo e identificação na relação com a mãe o fez desejar dar uma filha para ela, inconscientemente, como retribuição pela vida recebida (Freud, 1910/1990). Entretanto, a identificação o fez buscar uma relação similar à que ele teve com ela, na relação com a filha, também por identificar-se com o próprio pai, muito amoroso.

Porém, parece que as diferenças de origem do casal, com famílias muito diferenciadas, e o fato do vínculo inicial entre mãe-bebê ter se constituído mais forte, fez Leonardo sentir-se muito inseguro, não compreendendo seu lugar e invejando a própria esposa, ao se sentir excluído. Desta forma, Leonardo não conseguiu desempenhar muitas funções dentro da matriz de apoio, também pela depressão pós-parto vivenciada pela ex-esposa, que ao encontrar-se regredida, buscou o apoio da própria mãe. A revivência de suas experiências como filho e de sua identificação com os próprios pais parece ser a fonte destas angústias, no caso de Leonardo, sendo comum também em outros pais primíparos (Oliveira & Farias, 2015).

A partir da separação, parece que Leonardo sentiu-se autorizado a exercer a função materna (Winnicott, 1964/2012b), que não conseguia pelos sentimentos suscitados pelo vínculo mãe-bebê, por

sua ambivalência em relação à paternidade, a partir da presença do bebê real, e pelas diferenças existentes entre o ex-casal. O que parece ter sido determinante para que houvesse esta mudança foram os retornos dados pela filha, fazendo o pai se sentir reconhecido, auxiliando-o a reconhecer-se também como pai. O fato do pai ter buscado referências que o apoiassem neste processo, como a psicoterapia, as trocas com os amigos e a reaproximação com a mãe parecem ter sido diferenciais para que Leonardo se sentisse mais seguro e feliz sendo pai. A partir disso, novas representações foram criadas sobre a relação com a filha e sobre a personalidade da menina, que favoreceram o processo de reorganização de sua rede de esquemas (Stern, 1997).

O crescimento da filha, permitindo uma comunicação mais clara e a oportunidade para novas atividades compartilhadas, também parece ter favorecido a aproximação entre os dois, já que a menina passou a identificar o pai como um terceiro sujeito e não mais como só fazendo parte do ambiente (Winnicott, 1993/1960b), fazendo sua experiência como pai se tornar mais rica. Pelo pouco tempo em que a separação se deu, parece que Leonardo conseguiu reorganizar-se com bastante facilidade. Apesar disso, é natural que ainda hajam resquícios de conflitos com a ex-esposa e que o sentimento de exclusão, anterior à separação, ainda esteja presente. Questões concretas, como o tempo de convivência, a distância física e a presença de um novo homem na vida da mãe, inerentes ao contexto da separação conjugal, fizeram o pai sentir-se inseguro e preterido, comparando-se em alguns momentos com a ex-esposa. A partir do exposto, fica-se com a impressão de que o processo de parentificação de Leonardo ainda está em processo, a partir do novo contexto de separação conjugal, e do desenvolvimento da filha, permitindo uma ressignificação de sua própria história, suas representações sobre si mesmo, sua família e sua relação com a filha, exigindo uma redefinição de sua identidade e funções.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO GERAL

O presente estudo investigou a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, em particular as representações e sentimentos de pais de crianças pré-escolares sobre a paternidade. No capítulo anterior foram apresentadas as especificidades de cada um dos três casos analisados. No presente capítulo serão priorizadas as semelhanças e particularidades entre os casos, com relação as experiências de paternidade antes e após a separação conjugal, as quais serão discutidas a partir dos eixos teóricos interpretativos, descritos no capítulo anterior: *Sentimentos e representações do pai acerca de sua paternidade; Sentimentos e representações do pai acerca do filho e da relação pai-filho; Sentimentos e representações do pai acerca da ex-companheira como mãe; Sentimentos e representações do pai acerca de sua família de origem*, serão discutidos à luz da literatura psicanalítica

De modo geral, os resultados do presente estudos apoiaram parcialmente as expectativas iniciais de que os pais que apresentavam distância emocional com o filho antes da separação, que tiveram uma separação conflituosa e que não mantiveram um bom contato com a ex-esposa após o divórcio, apresentariam mais sentimento de frustração e descontentamento em relação à paternidade. Na verdade, quando isto aconteceu, nos três casos, foi porque estes sentimentos, já estavam presentes antes da separação conjugal, resultando em dificuldades no estabelecimento do vínculo com a criança, inclusive desde o seu nascimento. No entanto, após a separação conjugal, apesar de alguns destes sentimentos permaneceram, a relação com a criança se tornou mais próxima, auxiliando na reorganização psíquica do pai em relação à sua paternidade. Isto pode ser melhor explicitado, retomando a seguir conjuntamente os três casos investigados, destacando os principais achados de cada um dos eixos interpretativos.

Em relação aos *Sentimentos e representações do pai acerca de sua paternidade*, pode-se dizer que os três pais deste estudo passaram por mudanças significativas em suas vidas, necessitando realizar uma reorganização psíquica após o nascimento dos filhos. Desta forma, parecem ter passado pelo que é denominado por Stern (1997) de reorganização da identidade. No entanto, este processo parece ter ocorrido com muito mais intensidade, nos três casos, após a separação conjugal. Isto pode ter ocorrido pois, segundo alguns autores (Klaus, Kennel & Klaus, 2000; Lebovici, 1987), as situações adversas como os conflitos conjugais podem influenciar na vivência dos pais em relação à paternidade. Antes do divórcio, os três pais pareciam ter sua libido mais ligada a seus objetos internos, ao vínculo com sua família de origem e aos conflitos conjugais (Cramer & Palasio-Espasa, 1993), do que depositada no próprio filho/a. Porém, é importante ressaltar que as dificuldades em identificarem-se com o papel paterno podem ser explicadas também pelo fato de que o processo de reorganização da identidade dos homens, costuma ocorrer ao longo de um período mais extenso, podendo se processar ao longo dos primeiros anos da criança (Stern, 1997). Desta forma, tanto a separação quanto o

crescimento dos filhos parecem ter auxiliado os pais do presente estudo em seu processo de parentificação (Houzel, 2004).

Em dois casos (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo) parece ter havido um desejo explícito pela criança, antes mesmo de sua concepção, a partir da construção de um bebê imaginário, representado pelo nome escolhido para os filhos. Segundo Szejer e Stewart (1997), o desejo de ter um filho consiste na projeção imaginativa do futuro da criança, enquanto o projeto de ser pai consiste na forma como o homem se vê como pai no futuro. Neste sentido, de acordo com Cramer e Palasio-Espasa (1993), a nomeação da criança representa a história, as expectativas e os desejos que os genitores tem por ela, antes do seu nascimento. Nos dois casos (Caso 1 e Caso 3), os nomes escolhidos parecem ter representado o desejo de que os filhos pudessem satisfazer seus ideais infantis na relação com suas figuras parentais, já que, segundo Freud (1914/2004), o narcisismo parental é o ressurgimento do narcisismo primário ressignificado pelo pai durante a infância à partir das exigências da realidade.

No Caso 1 (Roberto), o nome do filho parece representar a revivência de sua conflitiva edípica, na qual o bebê vem como o depositário de seus desejos e fantasias, de rivalidade com o pai e de amor com a mãe (Freud, 1914/2004). No Caso 3 (Leonardo), o nome parece ter representado também sua conflitiva edípica. Entretanto, neste caso, o nome escolhido pelo pai parece representar o seu desejo de que a filha se parecesse com sua mãe, que era representada por ele tanto como um objeto de identificação quanto de desejo.

O projeto de paternidade parece ter ficado mais claro no Caso 3 (Leonardo), já que o pai relata que já se imaginava sendo pai, em relacionamentos anteriores, imaginando-se desempenhando, principalmente, funções recreativas, ao se visualizar brincando com a filha da mesma forma que ele brincava com os irmãos quando criança. Assim, este pai pôde reatualizar, na relação com a filha, as suas fantasias da infância e do cuidado parental que teve na relação com suas primeiras referências (Zornig, 2010; Cherer, 2014).

Em pesquisa realizada por Cherer (2014), sobre a experiência da paternidade em pais primíparos, assim como no presente estudo, constatou-se que na constituição da paternidade, o homem passa por uma viagem psíquica em que são ressignificadas diversas vivências da infância e da relação com os objetos originais, da qual fazem parte conteúdos recalçados e não elaborados. Assim, pode-se considerar que, mesmo antes do nascimento dos filhos, dois pais do presente estudo (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo) já apresentavam sinais de uma revivência destes conteúdos ao constituírem seu desejo pelos filhos.

Entretanto, no Caso 2 (Fernando), o desejo pela filha não ficou tão claro. Mesmo o pai tendo relatado ter se imaginado com uma criança no futuro, sua imaturidade psíquica decorrente dos traumas vividos na relação com seus genitores, parece não ter permitido que ele pudesse reviver seu narcisismo primário em forma de amor objetal (Freud, 1914/2004). Desta forma, pode-se pensar que não houve

a construção de um desejo real pela filha nem um projeto de paternidade antes de seu nascimento, já que havia uma ferida narcísica que o fazia não se sentir em condições de dar conta desta tarefa (Szejer & Stewart, 1997). O fato da gravidez neste caso ter sido a única não planejada entre os três casos do presente estudo, parece representar bem os conflitos maiores apresentados por este pai, na comparação com os outros dois.

Apesar das diferenças encontradas nos pais entrevistados em relação ao desejo pela criança e ao projeto de paternidade, o período da gravidez de suas ex-esposas parece ter sido bastante nebuloso para todos eles. Segundo Brazelton (1988), isto ocorre com alguns pais por terem dificuldades de imaginar e de se prepararem para a chegada do bebê real, ao não contarem com a mesma realidade concreta que as mães, que sentem os movimentos e o crescimento do bebê em seu ventre. Além disso, de acordo com Genesoni & Tallandini (2009), é a partir da presença física do bebê, após o nascimento, que a paternidade parece se instaurar de modo mais evidente. Isto pode ser exemplificado no Caso 1 (Roberto), em que o pai disse ter se sentido como um “*mero reprodutor*” e no Caso 3 (Leonardo) como um “*coadjuvante*” se comparado à relação mãe-bebê. Já no Caso 2 (Fernando), o pai faz algumas tentativas de se aproximar do bebê e se identificar com a esposa, buscando o estabelecimento de um vínculo, ao conversar com a filha quando estava na barriga de sua ex-esposa. Ele relata que estas conversas foram importantes para que ele se sentisse reconhecido pela filha após seu nascimento. Entretanto, mesmo assim, o pai reforçou a sensação de que sua vida não tinha se modificado tanto com a gravidez, assim como os outros pais estudados.

Apesar das dificuldades apresentadas, é importante ressaltar que dois pais (Caso 2, Fernando e Caso 3, Leonardo) relataram terem estado presentes nas consultas médicas e ultrassonografias durante a gestação de seus filhos. Além disso, em dois casos (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo), durante a gravidez, os pais buscaram construir em seus lares, um ambiente organizado e protetivo, como um “*ninho*” em que seus bebês pudessem se sentir amparados após o nascimento. Isto pode ter representado uma tentativa dos pais de se ligarem aos filhos, antes mesmo de seus nascimentos (Krob, Piccinini & Silva, 2009). Nesse sentido, esses pais fizeram parte da matriz de apoio (Stern, 1997) e conseguiram sustentar um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1960/1983) para a díade mãe-bebê quando se envolveram desta forma durante a gestação.

Particularmente, em um dos casos (Caso 1, Roberto) além dos conflitos conjugais, já presentes nos três casos estudados antes e durante a gravidez, a fragilidade emocional da ex-esposa, diagnosticada com Transtorno de Humor Bipolar, parece ter causado uma desestabilização emocional maior neste pai durante a gestação, o puerpério e o primeiro ano de vida do filho. Isto parece ter refletido no momento em que o casal se separou pela primeira vez, durante os últimos meses de gestação, permanecendo em cidades diferentes. Segundo a revisão de Esteves (2012, durante a gravidez, mulheres que já tem histórico de Transtorno Bipolar, correm o risco de experimentar episódio depressivos e maníaco, principalmente, decorrentes da interrupção da medicação. Desta

forma, o planejamento familiar antes da gravidez e o apoio familiar e de profissionais de saúde mental são essenciais neste período. No entanto, o suporte familiar, necessário às mulheres nessas condições, torna-se difícil por seus sintomas causarem sentimentos de angústia e sobrecarga, especialmente no companheiro, que também está passando por uma reorganização psíquica a partir do processo de parentificação (Houzel, 2004).

Durante o parto, dois pais (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo), referiram, novamente, terem se sentido sem funções naquele momento. Entretanto, os dois descrevem a sensação de felicidade, sendo que, especificamente, no Caso 1 (Roberto), o pai mencionou sentimento de apreensão, principalmente, em relação à ex-esposa. No Caso 2 (Fernando), embora inicialmente, o pai também se sentiu sem muitas funções, a partir de sua atitude, quando algumas complicações ocorreram durante o parto e ele passou a demandar atenção da equipe médica, ele parece ter representado aquele momento como o primeiro em que experimentou um sentimento de paternidade (Brazelton & Cramer, 1992). Desta forma, o pai parece ter conseguido desempenhar bem a função de matriz de apoio (Stern, 1997), ao proteger a díade mãe-bebê, naquele momento. Em estudos realizados sobre a experiência da paternidade durante a gravidez e o puerpério (Medeiros, 2012; Silva, 2007), assim como no presente estudo, os pais destacaram que, durante o parto, tiveram sentimento de alívio e satisfação após o nascimento do bebê.

Apesar disso, durante o puerpério, os três pais parecem ter passado por dificuldades, no reconhecimento de suas funções parentais frente ao bebê real, sentindo-se excluídos da díade mãe-bebê. Especificamente, no Caso 2 (Fernando), o pai também relatou sentimentos de inadequação em relação à paternidade. Segundo Brazelton (1988), após o nascimento de um filho, surgem novas ansiedades e preocupações nos pais diante da responsabilidade de cuidar do bebê, podendo apresentar este sentimento de inadequação. Em estudos empíricos realizados sobre a experiência da paternidade nos primeiros meses de vida do bebê (Cherer, 2014; Krob et al., 2009), estes sentimentos, assim como o de ambivalência, também foram observados nos pais participantes, que tinham percepções tanto positivas quanto desagradáveis em relação à nova realidade do casal e da convivência com o bebê.

A revivência de suas experiências como filhos e de suas identificações com os próprios pais parecem ter sido as fontes destas angústias, nos três casos, sendo comum também em outros pais primíparos (Oliveira & Farias, 2015). Neste sentido, especialmente, o sentimento de exclusão parece ter sido o mais doloroso para os pais, que se viam sem tanta participação na rotina do bebê, se comparados às suas ex-esposas. Isto parece ter acarretado conflitos entre os casais. O que pode ocorrer em função da falta de sincronia entre mães e pais em seu processo de parentificação (Houzel, 2004).

De acordo com Winnicott (1985/1965a), o pai, inicialmente, faz parte do ambiente, assim como auxilia na sustentação deste ambiente. Desta forma, a boa relação entre o casal e a presença apoiadora do pai em relação à mãe, que se encontra regredida, no estado de preocupação materna primária (Winnicott, 1985/1965a), é essencial para que mãe e bebê se sintam seguros (Winnicott,

1965/2001). Nos casos estudados, diferentes aspectos parecem ter dificultado a experiência dos pais neste sentido. Por exemplo, no Caso 1 (Roberto), como já citado, o Transtorno de Humor Bipolar de sua ex-esposa parece ter exacerbado as dificuldades do pai em seu processo de parentificação (Houzel, 2004). No Caso 2 (Fernando), a ferida narcísica (Freud, 1914/2004) que o pai carregava das experiências traumáticas de violência vivenciadas na relação com o próprio pai parece ter sido a fonte de sua angústia. Desta forma, o pai não conseguia sentir-se capacitado para a paternidade nem dar o suporte necessário à ex-esposa.

Já no Caso 3 (Leonardo), o sentimento de inveja em relação à ex-esposa parece ter sido preponderante. De acordo com Soifer (1980), quando a inveja em relação à companheira ocorre de forma inconsciente, muitos pais experimentam sentimentos de hostilidade, indiferenças e rejeição pela sensação de se sentirem excluídos. A díade mãe-bebê parece tê-lo feito lembrar os momentos de carência afetiva na interação com seus pais durante a infância, fazendo-o identificar na ex-esposa, a mãe que não estava sempre presente ou o pai pouco participativo. A partir disso, o pai não conseguiu desempenhar muitas funções dentro da matriz de apoio, nem ter uma representação muito positiva sobre sua paternidade (Stern, 1997). Neste caso em específico, a depressão pós-parto materna parece ter causado ainda mais sofrimento para o pai que, passou a se irritar com as oscilações de humor e as cobranças da ex-esposa, sentindo-se impotente e frustrado, o que corrobora achados de Silva (2007) com pais neste contexto.

A partir disso, é importante ressaltar que nos três casos estudados os pais sentiram que a ex-esposa voltou-se demasiadamente ao bebê, não conseguindo conciliar a maternidade com o casamento, mesmo após o primeiro ano de vida da criança. Especialmente, nos Casos 1 e 3 (Roberto e Leonardo), as dificuldades emocionais das ex-esposas e a percepção de que eram “*superprotetoras*” parecem ter complicado a aproximação do pai nos momentos em que se mostravam disponíveis a compartilhar com elas a função de cuidadores (Stern, 1997; Winnicott, 1960/1983). Nos dois casos, os pais relataram também terem sido percebidos de forma negativas pelas ex-esposas. De acordo com Winnicott (1965/1985), é a mãe que possibilita ao pai se relacionar com seu bebê. Assim, quando estes sentimentos negativos estão envolvidos, a abertura para o pai torna-se mais complicada.

Estes achados corroboram com diversos estudos sobre a paternidade (Krob et al., 2009; Vieira et al., 2014; Cherer et al., 2018), em que os pais também relataram terem se sentido “impedidos” por suas esposas de terem uma aproximação maior com o bebê, permanecendo no lugar de coadjuvantes. Como discutido por Cherer et al. (2016), isto pode ter dificultado a experiência dos pais, assim como ter reforçado a ideia de que é a mulher quem deve cuidar dos filhos, fazendo os pais exercerem mais a função de provedores, em uma configuração de paternidade mais tradicional (Stern, 1997) do que gostariam.

A partir das dificuldades e conflitos experimentados, nos três casos do presente estudo, desde o nascimento dos filhos até a separação conjugal, os pais buscaram diferentes estratégias para afastar-

se desta realidade. Especialmente, em dois casos (RobertoLeonardo), os pais buscaram aumentar suas horas de trabalho, ausentando-se do lar durante quase todos os dias da semana. Segundo Biggart & O'Brien (2010) a partir do nascimento do bebê, existe uma necessidade por parte de muitos homens, em voltarem-se para o trabalho e para a busca de um ganho financeiro maior, priorizando a função de provimento em sua experiência. Entretanto, os conflitos conjugais exacerbados após o nascimento dos filhos, também pode ter feito com que estes pais buscassem o trabalho como uma válvula de escape. Segundo (Bydlowski, 2001), os sentimentos ambivalentes experimentados pelos pais em relação à paternidade podem fazer com que eles se afastem do lar e da díade mãe-bebê, voltando-se a outros aspectos de suas vidas que lhes trazem mais gratificação, como o trabalho e a vida social.

Especificamente, no Caso 3 (Leonardo), a manutenção da vida social e o aumento no uso de bebidas alcólicas parece demonstrar um sofrimento maior neste pai, que vivenciava a depressão pós-parto da esposa e o aumento nos conflitos conjugais. Já no Caso 2 (Fernando), o afastamento do pai da díade mãe-bebê se deu a partir dos casos extraconjugais, estabelecidos por ele, e que iniciaram nos últimos meses de gestação da ex-esposa. Segundo Szejer (2002), esta busca por fugir de casa ou divertir-se em outros lugares é bastante comum no processo de parentificação, já que a ambivalência e a angústia experimentadas pelo homem podem levá-lo a este tipo de descompensação.

Em relação ao tempo de convívio com o filho antes da separação, não foram encontradas diferenças expressivas na experiência dos pais nos três casos. No Caso 1 (Roberto), em que a separação se deu quando o filho tinha apenas um ano de idade e no Caso 3 (Leonardo), quando a filha tinha dois anos, a proximidade com a mãe ainda estava muito forte, assim como os conflitos conjugais, não permitindo que os pais tivessem uma avaliação muito positiva de sua paternidade nestes períodos. Já no Caso 2 (Fernando), mesmo tendo se separado quando a filha tinha três anos e meio de idade, o pai relata que só conseguiu se sentir pai após a separação, já que antes se sentia muito inseguro com a paternidade, o que sugere que não conseguia estabelecer uma relação objetal com a filha (Freud, 1914/2004). Isto parece muito evidente quando o pai disse que "*ganhou uma filha*" somente após a separação conjugal. Da mesma forma, nos outros dois casos (Roberto e Leonardo) esta sensação de que a experiência da paternidade se tornou muito melhor a partir da separação esteve presente. Entretanto, é importante ressaltar que a constituição desta nova autoimagem e do fortalecimento do narcisismo paterno (Freud, 1914/2004) foi se dando aos poucos. Por exemplo, no Caso 1 (Roberto), durante o primeiro ano após a separação, o pai experimentou sentimentos de fracasso e desamparo em relação a todos os aspectos de sua vida, incluindo a paternidade. O pai tinha a impressão de que viver separado do filho, poderia lhe trazer dificuldades maiores em seu processo de parentificação (Houzel, 2004). De acordo com Abelleira (2006), a angústia decorrente da separação conjugal pode resultar em uma perda de identidade e de continuidade pelos indivíduos, já que ela altera a vida dos ex-cônjuges e sua relação consigo mesmo, com a ex-companheira, com os filhos, com as famílias de origem, com os amigos e com o entorno social.

No Caso 2 (Fernando), as dificuldades após a separação parecem ter decorrido dos problemas em conciliar o fim do relacionamento, sua vida pessoal e profissional e a relação com a filha. O pai se sentia sobrecarregado e ainda inseguro em relação à paternidade. Desta forma, o narcisismo falho (Freud, 1914/2004), que já carregava, parece ter sido reforçado pela sensação de fracasso com o fim do casamento. O fato da separação, neste caso, ter ocorrido havia apenas 1 ano e 6 meses, quando de sua participação no estudo, é um importante ponto a se notar. Desta forma, este pai ainda apresenta dificuldades na constituição de sua autoimagem como pai e tinha sentimento de insegurança e culpa, também decorrentes de suas vivências como filho, diferente, por exemplo, do Caso 1 (Roberto), em que a separação havia ocorrido há 5 anos.

A partir do exposto, pode-se pensar que em ambos os casos (Roberto e Fernando), os pais apresentaram dificuldades em separar, inicialmente, a conjugalidade da parentalidade, influenciando em suas percepções sobre si mesmo como pais. Segundo Houzel (2004), a carga afetiva necessária para fazer esta separação torna-se bastante exaustiva para alguns pais. Nesta direção Piva (2001), destaca que o fim do casamento representa também o fim do ideal de insolubilidade, podendo deixar os ex-cônjuges com sentimentos de desamparo, frustração e solidão.

Já no Caso 3 (Leonardo), a sensação de alívio após a separação parece ter sido a mais predominante, apesar aparecer com o passar do tempo um aumento na competição com a ex-esposa pelos cuidados com a filha. No momento da separação, este pai parece ter se diferenciado dos outros dois pais deste estudo, por ter conseguido se organizar e se fortalecer mais rapidamente após a separação conjugal, mesmo tendo se separado há apenas 1 ano e sete meses. Isto parece ter se dado pelo fato do divórcio, neste caso, não ter sido tão conflituoso como nos outros casos, se dando de comum acordo entre o casal e ocorrendo de forma mais organizada, inclusive, com uma data estabelecida para isto ocorrer. Em estudo realizado por Lamb (2010), ele constatou que, os homens que tomaram a iniciativa para que a separação ocorresse tenderam à adaptar-se mais facilmente à nova realidade do que aqueles que não tiveram essa iniciativa, o que foi corroborado pelos achados do presente estudo.

A partir do fortalecimento dos laços afetivos com os filhos, diversos pais retratados na literatura passam por uma extensa alteração em sua autoimagem após a separação conjugal (Abelleira, 2006). Em estudos realizados com pais separados (Souza, Smeha & Arend, 2012; Silva, 2003), esta impressão dos pais também foi destacada, principalmente, decorrente da melhora na relação com a criança. Neste sentido, nos três casos do presente estudo, o reconhecimento dos filhos em relação aos pais após a separação parece ter sido muito importante para o fortalecimento do narcisismo parental (Freud, 1914/2004).

Além disso, o crescimento das crianças também parece ter favorecido os pais se sentirem mais seguros com sua experiência de paternidade, no momento em que se percebiam com mais funções em relação às crianças, além de novas possibilidades de comunicação, por exemplo, através dos

brinquedos. Desta forma, o papel de cuidador (Stern, 1997) parece ter sido melhor desempenhado pelos três pais após a separação conjugal.

Para além destes fatores, vários outros parecem ter contribuído para que os pais estudados tivessem sentimentos mais positivos sobre a paternidade e construíssem novas representações sobre si mesmos como pais e sobre a relação com os filhos após a separação. Estes fatores serão melhor explorados nos próximos eixos teóricos interpretativos que serão apresentados a seguir.

Em relação aos *Sentimentos e representações do pai acerca do filho e da relação pai-filho*, como já citado, inicialmente, os três pais tiveram dificuldades em construir representações positivas sobre sua paternidade, fazendo com que tivessem esse mesmo problema ao representar o bebê ou a relação pai-filho. Em dois casos (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo) como já dito, os pais revelaram possuir desejo pelo bebê imaginário (Brazelton, 1988), que viria como uma forma de satisfazer os seus desejos infantis na relação com as figuras primárias (Freud, 1914/2004). Entretanto, o momento escolhido para a concepção dos filhos também parece colaborar com a compreensão das representações dos pais sobre eles. No contexto dos pais citados (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo)), ter um bebê parecia estar muito mais ligado à solução dos conflitos conjugais, representando-o como uma “cola conjugal” (Stern, 1997). De acordo com Fraiberg, Adelson & Shapiro (1994), muitos genitores buscam, através da vinda do bebê, alterar e aliviar seus próprios sofrimentos, representando o filho como uma solução para suas dificuldades. Nos dois casos, já haviam conflitos importantes entre os casais que pareciam buscar uma conciliação através da vinda da criança.

Entretanto, a partir do nascimento dos bebês, uma realidade diferente da idealizada por estes pais se impôs. A mudança do casal para uma tríade, na verdade, parece ter trazido ainda mais conflitos, possivelmente, trazendo consequências para as relações pais-bebês (Stern, 1997). No Caso 1 (Roberto), após o nascimento, o filho parece ser representado como uma tentativa falha de união do casal (Stern, 1997) e como um presente para a ex-esposa, a fim de preencher o vazio emocional dela, ocasionado por seu Transtorno de Humor Bipolar e também do próprio casal, pelos conflitos recorrentes.

Já no Caso 3 (Leonardo), o fato do nome escolhido pelo casal não ter sido o idealizado pelo pai para a filha, parece ter trazido dificuldades para ele reconhecer o bebê imaginário no bebê real (Ferrari et al., 2007; Stern, 1997). Além disso, assim como no Caso 1 (Roberto), a tentativa de união do casal através do bebê também falhou, já que a aproximação entre mãe-bebê o fez, na verdade, se sentir “*abandonado*”, assim como se sentia, em alguns momentos, na relação com seus próprios genitores na infância. Assim, a filha também parece ter ficado representada como uma rival edípica, que o separava da mãe (Cramer & Palasio-Espasa, 1993).

No Caso 2 (Fernando), como já dito, o pai nem relatou representações claras sobre a criança, nem um projeto de paternidade. Desta forma, a partir de uma gravidez não planejada ou desejada, o

pai teve dificuldades em representar a filha e a relação que gostaria de estabelecer com ela. Nesta direção, o estudo realizado por Medeiros (2012) com pais de bebês, destacou que isto se constituiria em um agravante nas dificuldades do pai na reorganização de seus esquemas representacionais. No entanto, no momento do parto, a partir das complicações que ocorreram e foram sendo superadas, o pai parece ter criado uma primeira representação importante sobre a filha, considerando-a como um bebê forte, sereno e resistente, que o deixava orgulhoso. Além disso, conseguiu representar uma boa relação entre os dois, quando ele diz que ela conseguia reconhecer sua voz, após o nascimento, porque já conversava com ela quando estava na barriga da mãe. Novamente, no estudo realizado por Medeiros (2012), a pesquisadora ressalta que a experiência do pai durante a gravidez facilita a sua preparação psicológica para a chegada do bebê e a construção de novas representações a partir da paternidade.

No três casos do presente estudo, mesmo com o crescimento da criança, enquanto ainda estavam casados, os pais parecem ter tido dificuldades em representar de forma mais positiva sua relação com os filhos ou nomear características marcantes das crianças até que a separação ocorresse. Como já citado, em dois casos (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo), a sensação de estarem “impedidos” pelas ex-esposas de uma aproximação maior com os filhos, além dos conflitos conjugais e dos aspectos intrapsíquicos inerentes à construção da paternidade, parecem ter dificultado as interações dos pais com seus bebês. Já a insegurança do pai no Caso 3 (Fernando) parece ter sido a fonte destas dificuldades. Segundo Stern (1997) as interações são essenciais para a construção de representações do pai sobre o bebê e para o vínculo entre eles. Desta forma, a maioria delas se estabeleceu apenas após a separação. A partir do afastamento dos conflitos conjugais, então sim, foi possível pensar que o desenvolvimento da criança possa ter tido grande influência para que as interações entre pais e filhos se tornassem mais ricas.

Assim, pode-se pensar no quanto os conflitos conjugais e não a separação conjugal, como era a expectativa inicial, parecem ter dificultado a experiência dos pais estudados, a construção de representações sobre os filhos, dificultando também o relacionamento entre eles. Esta informação já tinha sido evidenciada na literatura em outros estudos com pais separados (Scaglia, Gomes & Barbieri, 2018; Weissmann, 2009), em que constatou-se que as diferentes configurações familiares podem facilitar ou não a relação entre os indivíduos, sendo a qualidade das relações mais determinante do que os lugares ocupados na estrutura familiar.

Como já citado, o tempo de convívio com os filhos antes da separação não parece ter sido tão determinante para a melhora ou piora da experiência dos pais com a paternidade. Desta forma, independentemente do tempo de convivência, os conflitos conjugais, entre outros fatores, parecem ter dificultado a aproximação entre pais e filhos antes da separação. Entretanto, após a separação, foi relatada uma diferença na experiência dos três pais em relação à idade em que os filhos se encontravam. No Caso 1 (Roberto), o pai teve dificuldades na comunicação com o filho, que tinha apenas um ano quando ele se separou. Com o vínculo materno ainda bastante forte nesta fase,

acrescido da distância física, tendo em vista que o pai se mudou para outro estado após a separação, o pai conta que as interações nesta fase eram bastante insipientes. A experiência deste pai mostra-se diferente de outros pais com filhos de um ano mencionados na literatura (Cherer et. al. 2018), que relatam uma proximidade com a criança e a percepção de que existiam mais possibilidades de interação nesta idade do bebê, se comparado às idades anteriores. A partir disso, pode-se pensar o quanto a separação, a distância física e os conflitos entre o casal parental podem ter interferido na percepção do pai do Caso 1 (Roberto), já que ele se diferencia dos pais estudados por Cherer et. al. (2018), que eram casados com as mães de seus bebês, com quem tinham uma boa relação.

A partir do crescimento do filho, quando este tinha dois anos, o pai no Caso 1 (Roberto) passa a encontrar mais possibilidades de relacionamento com ele. Além do crescimento da criança, como já dito, a reorganização do pai durante o primeiro ano após a separação parece ter tido grande influência nisso. O pai passa a ter sua própria casa, saindo da casa de seus genitores e passa a utilizar como recurso um e-mail criado para o filho, na qual ele interage como se estivesse falando com a criança. O registro das interações, dos sentimentos e da história entre pai e filho parece ter auxiliado muito o processo de paternidade deste pai, permitindo que novas representações sobre o filho fossem possíveis. A partir dos dois anos da criança, o pai também ressaltou a importância do crescimento do filho para as interações entre os dois, sentindo que o menino passou a considerá-lo como uma referência paterna.

Segundo Winnicott (1985/1965a), a partir da fase de dependência relativa que ocorre até os dois anos e meio da criança, o pai entra na vida do filho como um terceiro indivíduo. Nesta fase, o bebê já tem uma ideia de unidade e de separação de sua mãe. Esta é uma etapa anterior ao Complexo de Édipo. A agressividade e as experimentações da criança presente nessa fase antecipam e preparam a situação edípica posterior. Assim, nessa etapa, o ambiente precisa fornecer uma segurança social à criança para que possa construir suas fantasias e sinta uma solidez na qual possa, inclusive, desferir sua agressividade, sem sentir ter causado uma destruição total. Este vínculo forte fornece a base natural para a resolução da triangulação edípica em fases posteriores. Desta forma, pode-se pensar que o pai no Caso 1 (Roberto), ao observar a separação inicial entre a díade mãe-bebê, pode ter se sentido mais autorizado a se fazer presente, tendo a possibilidade de um registro psíquico do filho em sua mente, à medida que o menino começou também a reconhecê-lo. Nesse sentido, segundo Parke (1996), a relação pai-filho deve ser vista como um processo de mão-dupla, em que um influencia o outro.

Diferentemente do Caso 1 (Roberto), o pai do Caso 3 (Leonardo) parece ter se beneficiado da separação para a construção de uma relação com a filha, por ela já ter dois anos de idade quando o divórcio ocorreu, já estando na fase de dependência relativa (Winnicott, 1985/1965a). O momento citado por ele como determinante para o reconhecimento de sua existência no espaço interno da filha, foi quando após a separação, ela o chama na primeira noite em ela foi dormir na casa dele e os dois estavam sozinhos. Isto foi muito representativo e parece ter sido muito importante para que o pai

pudesse criar novas representações sobre si mesmo como pai, sobre a filha e sobre a relação estabelecida entre eles (Stern, 1997).

Entretanto, este pai se diferencia dos outros por, no momento da entrevista ter uma filha mais jovem, com apenas 3 anos e 7 meses. Desta forma, a menina parece estar recém entrando na conflitiva edípica, ao perceber as diferenças sexuais entre seus genitores, admirando-se com os atributos do pai, apesar de ainda manter características anais, envolvendo o controle das fezes (Freud, 1931/1996). A partir disso, o pai no Caso 3 (Leonardo), mostrou-se inseguro em alguns momentos em relação às interações com a filha, não compreendendo totalmente os motivos de, às vezes, ela buscar ainda à mãe. Apesar disso, parece ter uma boa representação sobre a menina e sobre a relação entre os dois, quando compreende os motivos dela pedir a massagem na barriga, quando está com saudades dele, nomeando este sentimento à ela. Assim, pode-se considerar que este pai, apesar da idade da filha, cumpria uma função de *holding* (Winnicott, 2012/1960), depois de ter constituído uma representação mais positiva da relação entre os dois. A partir disso, o pai passou a caracterizar a filha como uma menina destemida, carinhosa, doce e compreensiva.

Diferente dos outros casos, o pai no Caso 2 (Fernando), por ter se separado quando a filha já tinha três anos e meio, parece ter conseguido se sentir mais confiante em relação a si mesmo como pai e ao relacionamento com a filha, especialmente, pela menina nesta idade já conseguir pedir, por exemplo, para dormir em sua casa, três meses após a separação conjugal.

Neste caso, o fato da menina já estar na conflitiva edípica (Freud, 1905/2004) parece ter facilitado a aproximação entre os dois, alimentando também o narcisismo parental do pai (Freud, 1914/2004). Assim, como já destacado na literatura (Zornig, 2012; Moro, 2005), a criança busca ativamente os cuidados parentais. Com isso, suas respostas modelam o tipo de cuidado que lhe é oferecido, permitindo novas formas de interação de acordo com cada fase.

No Caso 1 (Roberto), depois de cinco anos da separação, na época do estudo, com um filho de quase seis anos, ele parecia estar vivenciando uma experiência parecida com o do Caso 2 (Fernando), com uma adiantada resolução edípica do filho (Freud, 1921/1996), permitindo que ele tivesse uma representação mais clara sobre o menino, encontrando, inclusive, pontos similares entre os dois. Assim, o filho é descrito como afetuoso, tímido, respeitoso, interessado por ciências e por leitura, assim como ele. Nesta fase, novas interações estão sendo possíveis, a partir do momento em que o menino parece ter passado a ver o pai como um modelo de identificação masculina. O pai exemplificou este aspecto ao relatar as conversas que tem com o filho sobre os cuidados com o próprio corpo ou sobre escatologias, que ele considera típicos da relação dos meninos com seus pais. Estas interações são ressaltadas por Bustamente (2005) como aspectos que trazem tranquilidade aos pais, que se sentem mais seguros em desempenhar determinados cuidados com o corpo dos meninos ou a debater assuntos como a sexualidade, se comparados aos pais de meninas.

Este diferencial foi encontrado, especialmente, nas representações sobre a relação do pai com a filha no Caso 2 (Fernando). Este pai relata ter um senso de proteção em relação à ela, por ser menina, tendo dificuldades ao manipular o corpo da filha no banho, desde quando ela era um bebê. Além disso, dois pais (Caso 2, Fernando e Caso 3, Leonardo) contaram que sentem dificuldades nos ambientes sociais quando precisam levar as filhas aos banheiros públicos, que nem sempre possuem espaços familiares, por onde circulam tanto homens quanto mulheres. Com isso, pode-se pensar o quanto, apesar das mudanças sociais ocorridas na dinâmica familiar e no desempenho dos papéis parentais, isto nem sempre tem sido absorvido pela sociedade (Cúnico & Arpini, 2013). Desta forma, é importante se pensar se as possibilidades dadas aos homens estão de acordo com as responsabilidades que fazem parte do exercício da paternidade ativa e o quanto, por exemplo, o fato de nem sempre terem banheiros públicos disponíveis aos pais com filhos pequenos, não reforça a ideia de que estes espaços não são necessários para pais, já que apenas a mãe é considerada, muitas vezes, como a responsável pelos cuidados iniciais dos filhos.

Além do relato sobre as dificuldades com os banheiros públicos, esta percepção foi destacada diversas vezes pelos pais no presente estudo. No Caso 3 (Leonardo), o pai ouviu comentários negativos de pessoas que se surpreenderam com o fato dele cuidar sozinho da filha ou de viajar com ela para outras cidades sem uma companhia feminina, desautorizando o exercício das funções maternas pelo pai ao identificá-las como, essencialmente, femininas. Da mesma forma, este pai criticou o fato de que os únicos grupos que encontrou nas redes sociais, que tinham informações sobre atividades para as crianças ou sobre orientações sobre os cuidados infantis, eram identificados como “grupo de mães”, tendo de fato, em sua maioria, mulheres. Especificamente, em relação aos pais separados, no Caso 2 (Fernando), o pai relata que, ao não encontrar espaços adaptados às suas necessidades, sentiu como se as pessoas já esperassem que os pais neste contexto fossem ausentes, não necessitando destas mudanças nos ambientes, como por exemplo, os banheiros, por não manterem sua presença na vida dos filhos. A partir destes relatos, pode-se pensar no quanto esta falta de expectativas positivas por parte da sociedade em relação aos pais não pode intensificar os sentimentos de insegurança nos pais em relação à paternidade e de domínio dos filhos por parte das mães. Esta falta de reconhecimento sobre seus esforços no cuidado com os filhos e a percepção de que as mulheres desempenham melhor estas funções já tinham sido destacados na literatura como fonte de sofrimento em alguns pais separados (Costa & Silva, 2015; Zicaro & Fuentealba, 2012).

A partir das dificuldades encontradas nos cuidados com a filha, o pai no Caso 2 (Fernando) contou que utilizou esta sua insegurança como uma oportunidade de incentivar a filha a ser mais independente, sem precisar tanto de seu auxílio com a higiene pessoal, conseguindo cuidar do próprio corpo sozinha. Este incentivo à autonomia dos filhos foi destacada por todos os pais participantes, assim como em outros estudos com pais separados (Ponciano & Féres-Carneiro, 2017, Schneebeli &

Menandro, 2014). Os pais parecem relacionar a necessidade de autonomia da criança, neste contexto, especialmente, à uma necessidade de separação da criança da mãe.

Outra estratégia encontrada foi a busca por modelos femininos nos cuidados com as filhas, como o pai do Caso 3 (Leonardo), que relatou ter contado com a ajuda de sua mãe, especialmente, nos momentos em que precisava cuidar do corpo da filha. Desta forma, a mãe serviu como referência em relação a alguns cuidados com o órgão sexual feminino. As dificuldades citadas em relação ao cuidado das meninas, já tinham sido salientadas na literatura, em entrevistas realizadas com outros pais com filhas pré-escolares (Flores e Kruehl, 2013; Freitas et al., 2008; Silva & Piccinini, 2007). No contexto dos pais separados, a referência da avó paterna é ainda mais destacada, funcionando como apoio e como modelo para os filhos (Scaglia, Gomes & Barbieri, 2018).

Após a separação conjugal, nos três casos do presente estudo, os pais parecem ter se beneficiado dos momentos de interação sozinhos com os filhos, sem a presença de suas ex-esposas. Desta forma, a formalização da guarda compartilhada e dos dias de visitas parece ter sido importante para que os pais se sentissem mais respeitados e confiantes em relação à paternidade e ao relacionamento com os filhos. A partir disso, pode-se pensar no quanto, especialmente, no Caso 2 (Fernando), a validação do direito dos pais de compartilhar os cuidados dos filhos com suas ex-esposas de forma igualitária, não funcionam como um retorno social importante para que os pais sintam seus direitos assegurados e sua experiência paterna reconhecida. A luta por direitos regularizados de visitação dos filhos, através da procura de Varas de Família foi destacada por diversos estudos (Silvan, 2002; Flood, 2002; Warpechowski & Mosmann, 2012), como aspectos positivos da busca dos pais por mais proximidade com seus filhos após a separação, levando em consideração também a necessidade da criança de vinculação com ambos os pais ao longo de seu desenvolvimento (Silva, 2011).

Nos momentos de interação, durante a fase pré-escolar, a utilização de elementos lúdicos e a participação nos espaços de aprendizagem, como a escola, parecem também ter sido recursos importantes na experiência dos pais do presente estudo, fazendo-os se sentirem mais próximos dos filhos e também conhecendo-os mais a fundo. Isto pode ser exemplificado no Caso 1 (Roberto), com a brincadeira com a cabana de lençóis, no Caso 2 (Fernando) com as brincadeiras na entrada da escola com a filha e com seus amigos e, no Caso 3 (Leonardo) com as viagens que pai e filha fizeram juntos. Desta forma, como já citado, houve uma melhora expressiva nos sentimentos e nas representações dos pais sobre a relação com seus filhos após a separação, como já relatado na literatura no mesmo contexto (Souza, Smeha & Arend, 2012). O fortalecimento dos laços afetivos parece ter permitido que os pais criassem novas representações sobre os filhos, após a separação conjugal, como já tinha sido observado em pais separados entrevistados em outros estudos (Pereira, Prola & Silva, 2015; Lamb, 2010; Warpechowski & Mosmann, 2012; Ahrons, & Tanner, 2003).

Apesar disso, a questão do tempo e da distância é destacada pelos pais como complicadores para a relação com os filhos. Por exemplo, no Caso 3 (Leonardo), o pai ressaltou que ainda se sentia excluído, em alguns momentos, como antes da separação, sentindo falta de conviver mais com a filha no dia a dia. Além disso, a culpa por não estar mais presente diariamente na vida da criança foi destacado pelos três pais. Estas dificuldades já tinham sido ressaltadas em outros estudos com pais separados como fonte de sofrimento neste contexto, quando comparado ao período anterior à separação (Warpechowski & Mosmann, 2012). A partir da separação conjugal também novos *Sentimentos e representações do pai acerca da ex-companheira como mãe* se constituíram. Em dois casos (Roberto/Leonardo), as representações das ex-esposas como mães já eram bastante negativos, mesmo antes do nascimento dos filhos. Por exemplo, os conflitos conjugais no Caso 1 (Roberto) parecem ter decorrido das oscilações de humor da ex-esposa e da posição subjugada do pai. Já no Caso 3 (Leonardo), os conflitos parecem ter ocorrido em função das diferenças existentes entre o casal e suas origens. Assim, estas dificuldades dos ex-casais parecem ter se refletido na imagem que os pais tiveram das ex-esposas como mães.

Durante a gravidez, o pai do Caso 1 (Roberto) observou um aumento da fragilidade emocional da ex-esposa, fazendo com que se reforçasse sua representação dela como uma filha. Desta forma, ele se sentia exaurido por precisar constituir uma representação de si mesmo como pai de seu filho, ao mesmo tempo, que tinha que exercer uma função de cuidado em relação à ex-esposa (Stern, 1997). Durante o puerpério, quando a mãe estava no estado de preocupação materna primária (Winnicott, 1965/2001) e ficava mais regressiva, esta representação do pai sobre ela parece que se tornava ainda mais intensa, não permitindo que ele participasse de forma efetiva da matriz de apoio da mãe (Stern, 1997), aumentando também os conflitos entre o ex-casal. Estes sentimentos e representações do pai parecem ter permanecido desta forma durante todo o primeiro ano de vida do filho, fazendo, inclusive com que a ex-esposa pedisse a separação por não se sentir apoiada pelo ex-marido.

Da mesma forma, no Caso 3 (Leonardo), a falta de apoio do pai foi apontada pela mãe desde a gravidez, já que ela esperava que ele abrisse mão de alguns hábitos, acompanhando-a na gestação e após o nascimento da filha. No entanto, o fato do pai já tê-la representado, desde a gravidez, como uma mãe insuficiente, comparando-a com o seu modelo materno, ao não se preocupar com os “*acabamentos*” da mesma forma que sua mãe o fazia, parece ter gerado conflitos entre o casal. Além disso, as diferenças existentes entre as famílias dos dois parece ter feito com que o pai representasse sua ex-esposa com as mesmas características que a família dela, muito diferente da sua. Assim, neste caso, a mãe parece ter sido representada pelo pai como alguém que não poderia exercer uma função materna para seu filho (Winnicott, 1958/2012).

Isto parece ter se tornado ainda mais intenso pelo fato da ex-esposa, segundo o pai do Caso 3 (Leonardo), ter desenvolvido uma depressão pós-parto. Desta forma, a busca pela referência materna e pelo lugar de filha, se tornou ainda mais necessária para a ex-esposa, reforçando a representação

negativa do pai sobre ela (Stern, 1997). As oscilações de humor e as cobranças da ex-esposa parecem ter irritado também o pai, que se sentia impotente e frustrado com a relação conjugal e com a paternidade nesta fase. Segundo Silva (2007), estas dificuldades são bastante comuns entre os pais, cujas mulheres tem depressão pós-parto. Desta forma, as crises conjugais também mostram-se bastante frequentes neste contexto, principalmente, quando já existiam conflitos antes do nascimento do bebê.

Especificamente, na experiência deste pai (Caso 3, Leonardo), pode-se pensar no quanto as suas expectativas em relação à sua paternidade, assim como à maternidade de sua ex-esposa também não estavam pautadas por seus modelos parentais, que se diferenciavam dos pais dos demais casos. Por ter um pai que parece ter exercido em sua infância, com maior frequência, a função materna e uma mãe que era bastante identificada pelo filho com a função paterna, o pai parece ter idealizado sua experiência como pai e de sua ex-esposa como mãe seguindo estas mesmas possibilidades. Assim, parece ter esperado ter mais espaço para exercer outras funções, inserindo-se na relação mãe-bebê, assim como esperava que sua ex-esposa seguisse o padrão de sua mãe, abrindo espaço para ele e não estabelecendo uma relação tão próxima com o bebê. De acordo com Rosa (2009), o pai consegue desempenhar a função materna quando possui, dentro de si, aspecto materno internalizado a partir de sua experiência com alguém que exerceu uma função materna nas fases iniciais de sua vida. Assim, podem-se encontrar tanto mães mais paternas quanto pais mais maternos, possibilitando um desenvolvimento igualmente saudável para o bebê (Rosa, 2009). No caso do pai do Caso 3 (Leonardo), durante a sua infância, esta função foi desempenhada por ambos os genitores. Entretanto, ao relacionar-se com uma mulher que vinha de uma configuração familiar mais tradicional (Stern, 1997), o pai parece ter se frustrado pela ex-esposa não conseguir cumprir seus ideais e ainda ter estabelecido uma relação mais próxima com a filha, da qual ele parecia ter inveja. Segundo Soifer (1980), quando a inveja em relação à companheira ocorre, de forma inconsciente, muitos pais experimentam sentimentos de hostilidade, indiferenças e rejeição pela sensação de se sentirem excluídos.

Assim, nos dois casos (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo), os conflitos parecem ter se tornado intensos entre os casais, pelo fato das mães, como já citado, terem estabelecido uma relação com os bebês muito intensa, não permitindo a entrada dos pais no compartilhamento dos cuidados. Assim, pode-se pensar no quanto a fragilidade emocional das esposas, no Caso 1 (Roberto), em função do Transtorno de Humor Bipolar e no Caso 3 (Leonardo), em função da depressão pós-parto, foi mais significativa para a construção de representações e sentimentos negativos dos pais em relação às ex-esposas como mães, influenciando na experiência dos pais com a paternidade como um todo. A partir disso, pode-se refletir no quanto estas dificuldades contribuíram para que estes casais se separassem quando os filhos ainda eram bebês.

Diferentemente, no Caso 2 (Fernando), as representações e sentimentos do pai sobre a ex-esposa como mãe parecem ter se constituído de outra forma bastante positiva durante a gravidez, o

puerpério e os primeiros anos de vida da filha. Ele a descreve como sendo bastante segura e tranquila nos cuidados com a criança, surpreendendo o pai por ela conseguir, por exemplo, deixar a filha dormir em sua própria cama nos primeiros meses de vida. Apesar disso, os traumas vivenciados pelo pai, na relação com seus genitores, parecem ter sido revividos no relacionamento com a ex-esposa a partir do nascimento da filha, fazendo-o ter representações negativas sobre ela, a partir destas vivências. Assim, neste caso, o sentimento de exclusão do pai, parece ser mais decorrente de uma ferida narcísica (Freud, 1914/2004), do que pelas dificuldades apresentadas pela ex-esposa ou pelas expectativas do pai sobre ela.

O fato da crise conjugal de seus próprios genitores ter ocorrido, justamente, no período logo após o seu nascimento, em função do pai sentir-se preterido pela esposa à favor do bebê, parece ter feito com que ele carregasse uma culpa que foi transferida para a relação com sua ex-esposa e a filha. Desta forma, ao identificar-se com o próprio pai, Fernando parece ter passado a rivalizar com a filha, tendo sentimentos hostis direcionados à ex-esposa. Esta rivalidade e a revivência de questões edípicas após o nascimento do bebê são ressaltadas por Brazelton e Cramer (1997) como comuns na experiência de alguns pais. Os casos extraconjugais e a, conseqüente, crise no relacionamento parecem ter decorrido disso.

A partir da separação conjugal, os sentimentos e representações dos três pais sobre as ex-esposas como mães se tornaram mais negativos. Em dois casos (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo), isto já estava presente antes da separação, se tornando mais intenso após o casal se separar. Já no Caso 2 (Fernando), os sentimentos e representações negativos sobre a ex-esposa se deram após a separação, em função do rancor, que o pai diz que a ex-esposa carrega, após suas relações extraconjugais. Vale destacar que este foi o único caso em que o processo do divórcio ocorreu sob litígio. A partir disso, o pai parece ter um misto de culpa e ressentimento pela ex-esposa, tendo medo que ela o represente de forma negativa para a filha a partir de sua história conjugal. Esta crença de que as ex-companheiras irão determinar a forma como a criança vai perceber o pai já foi destacado em outro estudo com pais separados como uma fonte de sofrimento após o divórcio (Warpechowski & Mosmann, 2012).

O fato das representações sobre as ex-esposas como mães, nos três casos, terem decorrido de problemas conjugais, parece demonstrar que os pais ainda tem dificuldades em separar a parentalidade e a conjugalidade (Houzel, 2001). Segundo Pujet & Berenstein (1993), após a separação, os ex-cônjuges devem ter a oportunidade de expressar seus sentimentos e os motivos que os levaram à se separar. Entretanto, quando isto não ocorre, é possível que haja um deslocamento destes afetos para outras instâncias, como nas disputas judiciais por bens, pela guarda dos filhos e pela pensão alimentícia, como ocorreu no Caso 2 (Fernando).

Apesar das representações e sentimentos negativos dos pais sobre suas ex-esposas, os pais parecem ter conseguido preservar os filhos, aparentemente, não deixando estes conflitos influenciarem suas representações sobre os filhos ou sobre a sua relação com eles. Sobre este dado, é interessante

observar que dois pais (Caso 2, Fernando e Caso 3, Leonardo) buscaram psicoterapia individual após a separação e um deles (Caso 1, Roberto), buscou as orientações da psicoterapeuta do filho. Em estudos realizados com psicoterapeutas tanto de adultos (Szejer & Stewart, 1997) quanto de crianças (Oliveira, Gastaud & Ramires, 2018), foi observado que estes espaços de acolhimento podem proporcionar aos pais a oportunidade de refletir sobre seus papéis, posições e dificuldades na sua experiência com a parentalidade, podendo auxiliar na superação de sintomas e no fortalecimento do vínculo pais-criança. Desta forma, pode-se pensar no quanto a procura pelo atendimento psicológicos pode ter auxiliado estes pais a fazer a separação entre a conjugalidade a parentalidade na relação com os filhos, apesar de ainda possuírem representações e sentimentos negativos sobre suas ex-esposas.

Além disso, a participação de dois pais (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo) em grupos nas redes sociais e no *Whatsapp*, assim como leituras de livros sobre paternidade, no terceiro... outro pai(Fernando), com o compartilhamento sobre experiências de outros pais separados, sobre atividades para as crianças e sobre o desenvolvimento, parecem ter ajudado os pais a se sentirem mais seguros. Além disso, as trocas com os amigos que vivem o mesmo contexto da separação, em dois casos (Caso 2, Fernando e Caso 3, Leonardo) parecem ter sido extremamente importantes para que os pais conseguissem construir uma identidade paterna, lidar com os conflitos com as ex-esposas e conseguir estabelecer um vínculo com os filhos. Esta troca de experiências entre os pais é destacada em estudos (Pereira, Prola & Silva, 2015; Brito, Cardoso & Oliveira, 2010) como um componente importante para que se constitua uma experiência mais positiva de paternidade por parte dos homens, em diferentes contextos.

Os sentimentos negativos que os pais apresentaram após a separação foram, principalmente, em relação à sensação de exclusão e à impressão de não estarem tendo as mesmas oportunidades que as ex-esposa de conviver com a criança, em função do pouco tempo de convívio durante a semana ou da distância física, no Caso 1 (Roberto), em que o filho vivia em outro estado do Brasil e no Caso 3 (Leonardo), em que o filho vivia na Região Metropolitana de Porto Alegre. Assim, o medo de ser considerado um pai ausente pelo filho, quando comparado à mãe, parece presente, especialmente em dois casos (Caso 1, Roberto e Caso 2, Fernando). Além disso, o clima de competição entre o ex-casal parece bem claro no Caso 3 (Leonardo), quando entraram em disputa pela atividade escolar (“saco de letras”) do filho. As diferenças encontradas em relação à educação que os filhos recebem na casa das mães também foram destacadas por todos os pais como dificuldades, principalmente, relacionadas aos limites. Estas impressões e sentimentos já tinham sido demonstrados em outros estudos encontrados na literatura sobre paternidade e a separação conjugal (Souza, Smeha & Arend, 2012; Warpechowski & Mosmann, 2012).

Além disso, também foi ressaltado por dois pais (Caso 2, Fernando e Caso 3, Leonardo) o sentimento de insatisfação com a interferência da família materna da criança na educação e nos cuidados dos filhos. Em especial, no Caso 2 (Fernando), o pai chegou a relatar o medo de que a mãe

fizesse uma alienação parental, influenciada por sua família de origem. Estas percepções também já tinham sido destacadas por outros pais na literatura que vivenciaram este mesmo contexto (Warpechowski & Mosmann, 2012). Este sentimento de insegurança parece também se relacionar com a possível presença de um novo companheiro na vida de suas ex-esposas, que possa assumir um lugar de importância na vida dos filhos ou que possa lhes trazer prejuízos, como também destacado na literatura (Schneebeli e Manandro, 2014). Nos três casos estudados esta ameaça de um novo homem na vida dos filhos também esteve presente, da mesma forma em que a presença de uma nova companheira em suas vidas também foi apresentada por eles como uma oportunidade de apresentar um novo modelo feminino para os filhos, que não fosse apenas a mãe. Esta é uma expectativa bastante comum entre os pais separados, quando se casam novamente (Warpechowski & Mosmann, 2012).

Finalmente, sobre os *Sentimentos e representações do pai acerca de sua família de origem*, pode-se dizer que estas parecem ter sido as fontes principais para a construção das representações de paternidade dos três pais participantes. Segundo Cramer & Palasio-Espasa (1993), assumir o papel parental implica na revivência das identificações boas e más do pai com seus próprios pais. Assim, a forma como o pai irá vivenciar sua paternidade dependerá da qualidade de sua identificação com as figuras parentais durante a infância.

No Caso 1 (Roberto), a referência da mãe como sua cuidadora primária (Stern, 1997; Winnicott, 1960/1983) parece ter contribuído para a sua identificação com a função de cuidado, após a separação conjugal. Neste sentido, o retorno à casa dos genitores, especialmente, ao colo de sua própria mãe, resgatando o seu lugar de filho, ao longo do primeiro ano após o divórcio, parece ter sido muito importante para o pai se reencontrar e passar a se identificar com a função de cuidador (Stern, 1997) do próprio filho, a partir de seu modelo materno. O fato dos encontros entre pai e filho, quando este estava em Porto Alegre, ocorrerem na casa de seus genitores, também parece refletir esta segurança que a própria mãe parecia passar para o pai. Este achado corrobora com o estudo de Scaglia, Gomes & Barbieri (2018), realizado com pais no contexto da separação conjugal, e que os pais entrevistados também disseram ter buscado a própria mãe como fonte de apoio e como referência.

Esta busca pelo apoio materno também foi observado no Caso 3 (Leonardo), após a separação, em que o pai se surpreendeu por observar a mãe exercendo esta função, apoiando-o e servindo de referência em relação à função de cuidado, o que não ocorria de forma tão evidente em sua infância. Segundo Cramer & Palasio-Espasa (1993), quando o homem se torna pai ocorre uma mudança na forma dele relacionar-se com seus genitores, assumindo uma posição mais igualitária. Isto parece ter ocorrido, especialmente no Caso 3 (Leonardo) em que a mãe já havia sido mais identificada por ele com a função paterna, tendo dificuldades em ser afetiva e preocupando-se mais com a sustentação do ambiente concreto, do que com o estabelecimento de um vínculo de amor com o filho durante a sua infância. Desta forma, a mãe é representada, neste caso, antes da separação, como um objeto, ao mesmo tempo, de desejo e de identificação, ao exercer a função materna mas, mais evidentemente, a

função paterna (Winnicott, 1960/1983). O sentimento de carência que o pai diz ter sentido ao longo de sua infância, na relação com seus genitores, parece ter tido uma elaboração, após a separação conjugal, quando ele contou com o apoio da própria mãe em seu processo de parentificação (Houzel, 2004), observando-a ser mais afetiva e exercendo a função materna com a neta e, ao mesmo tempo, com ele.

Em dois casos (Caso 1, Roberto e Caso 2, Fernando), o pai identifica a própria mãe como a cuidadora primária (Stern, 1997; Winnicott, 1960/1983) e como seu modelo para o exercício das funções de cuidado na relação com a filha. No entanto, após a separação, os pais neste caso, parecem ter ressignificado suas representações em relação à própria mãe, identificando sua dificuldade em abrir espaço para o marido na relação com o filho. Assim, na percepção de um dos pais (Caso 2, Fernando), a atitude de sua mãe contribuiu para o afastamento de seu próprio pai, tendo repercussões em seu narcisismo primário (Freud, 1914/2004) e na sua experiência de paternidade (Houzel, 2004), já que o pai passou a se identificar com o genitor após o nascimento da filha. Com isso, o sentimento de rivalidade, comum em diversos pais em relação aos seus bebês (Brazelton & Cramer, 1997) parece ter acometido esse pai (Caso 2, Fernando), como uma repetição do que ocorreu com o próprio pai quando ele era o bebê. Isto parece ter repercutido em toda a sua rede de esquemas representacionais (Stern, 1997), trazendo-lhe sofrimento.

Em relação às representações dos pais sobre seus próprios pais, em dois casos (Caso 1, Roberto e Caso 2, Fernando), o genitor foi representado como um interditor de suas relações com as mães durante a infância, exercendo a função paterna (Winnicott, 1965/1985b). No entanto, nos dois casos, a imaturidade e o Superego (Freud, 1923/2004) rígido dos pais, não parecem ter possibilitado a construção de uma relação afetiva após a resolução edípica. Desta forma, os pais nos dois casos parecem carregar marcas em seu narcisismo por não terem cumprido o mandato paterno (Freud, 1921/1996), não recebendo sua admiração.

No Caso 1 (Roberto), isto pode ser exemplificado pelo momento em que o pai retorna para a casa de seus genitores e é bastante criticado pelo próprio pai, que não reconhece seu sofrimento pela separação. Já no Caso 2 (Roberto), isto fica ainda mais evidente pelos relatos de violência que o pai sofria durante a infância pelas mãos do próprio pai, que chegou a dizer, diretamente, aos filhos: “*Desde que vocês nasceram, meu casamento com a mãe de vocês acabou*”. Apesar disso, também nos dois casos citados, houve uma reaproximação com os próprios pais após o nascimento de seus filhos, permitindo uma ressignificação destas relações, assim como ocorreu no Caso 3 (Leonardo) na relação com a própria mãe.

Ainda, neste caso (Caso 3, Leonardo) a relação com o próprio pai era representada por ele, principalmente, pelas trocas afetivas e pelo valores que ele lhe passou, de ética e de caráter. Desta forma, ele é identificado como um pai diferente dos outros, de sua época, por ter sido sua principal referência afetiva (Stern, 1997). Segundo Pereira, Prole & Silva (2015), a experiência de ter um pai

cuidadoso e participativo é uma referência muito importante para os pais contemporâneos. No entanto, neste caso, a imaturidade do pai, que era representado como bastante ausente em alguns momentos da vida do filho não parecem tê-lo auxiliado quando teve que exercer as funções de cuidado na relação com a própria filha. Neste caso, a paternidade dos irmãos, parece ter sido uma referência mais forte para o pai do Caso 3 (Leonardo), do que o próprio pai. Isto parece ter ocorrido da mesma forma no pai do Caso 1 (Roberto), que via, especialmente, o irmão mais velho como sua principal referência de paternidade.

Nos dois casos (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo), os pais vivenciaram a separação dos próprios pais. Entretanto, isto parece ter sido sentido e representado de formas diferentes por cada um deles. Por exemplo, no Caso 3 (Leonardo), o pai representou a experiência de separação dos pais durante a sua adolescência de forma bastante positiva, não se sentindo prejudicado por isso. Esta vivência parece ter funcionado como uma autorização para que ele também se separasse quando foi necessário, sem se sentir tão culpado por pensar que estaria prejudicando a filha por isso. Pode-se pensar, portanto, que houve uma autorização em sua experiência, para que ele se separasse com mais tranquilidade e segurança. Desta forma, o ambiente familiar, parece ter fornecido representações muito significativas neste sentido para a experiência do pai como pai (Solis-Ponton, 2004).

Apesar de ter se tornado cada vez mais comum, a separação conjugal ainda pode ser representada como uma afronta a uma prescrição de continuidade do casamento estabelecido pela sociedade (Puget & Berenstein, 1993). Desta forma, no Caso 2 (Fernando), a dificuldade em separar-se, segundo o pai, vinha deste ideal familiar e social, que não poderia ser quebrado dentro de seu núcleo familiar. Assim, o pai parece só ter se sentido autorizado a separar-se quando os próprios pais tomaram esta mesma decisão sobre o seu casamento. Porém, a similaridade encontrada por ele nas duas histórias e as motivações que levaram os dois casais à separação, a partir de casos extraconjugais, parecem tê-lo assustado, revivendo suas angústias infantis e fazendo-o identificar-se ainda mais com o próprio pai (Freud, 1905/2004). Isto só parece estar sendo superado por ele, a partir do momento em que buscou outros modelos parentais que pudessem fazê-lo se diferenciar desta referência do pai.

Desta forma, nenhum dos pais entrevistados consideraram os próprios pais como bons modelos de paternidade, considerando-os insuficientes para servirem-lhes de referência. O pai no Caso 3 (Leonardo), chega a dizer que *“hoje, uma pessoa de 40 anos não é uma pessoa de 40 anos de 40 anos atrás, né? E isso também reflete muito na forma de interagir com o filho”*. Desta forma, assim como já ressaltado na literatura (Silva, 2007; Silva, 2003), isto pode ter ocorrido em função dos pais observarem falhas em seus próprios pais, ou em função de uma mudança cultural, em que, atualmente, se exige dos pais uma postura diferente.

Apesar deste desejo dos pais, até a separação conjugal, o modelo que parece ter sido utilizado por eles foi o de um pai bastante tradicional (Stern, 1997), que exerce mais a função paterna do que a materna (Winnicott, 1965/1985b), mesmo no Caso 3 (Leonardo), em que as funções eram mais

distribuídas entre seus genitores. Desta forma, assim como no estudo realizado por Scaglia, Gomes e Barbieri (2018) com pais em diferentes configurações familiares, foi percebida uma ambivalência por parte dos entrevistados sobre suas reais funções com os filhos. Em seu discurso, ao esmiuçar os detalhes de sua experiência com a paternidade, especialmente, quando existia a referência feminina da ex-esposa, antes da separação, os pais pareciam ter dificuldades em compreender o que deveriam fazer, sentir ou pensar a partir deste novo lugar em que estavam inseridos.

Assim, além das representações já destacadas neste estudo, que influenciam a experiência e as representações do pai como pai, também é interessante se pensar nas representações que não são baseadas em interações e sim, em eventos culturais ou históricos nunca experienciados diretamente pelos pais, mas representadas em termos de narrativas ou transgeracionalmente. Com isso, os ideais e os padrões culturais também devem ser levados em consideração quando se pensa na experiência dos pais separados atualmente. Segundo Stern (1997), o poder da mídia, por exemplo, na formação de representações sobre quem é a mãe e o bebê, mas também sobre quem é o pai e como, idealmente, ele deveria ser e agir também deve ser levado em consideração.

A partir disso, pode-se pensar nas motivações que levaram os pais a participar do presente estudo no sentido de registrar e validar sua experiência com a paternidade. Nos três casos, os pais pareceram querer se auto afirmar através desta pesquisa, mostrando-se como pais que tiveram vivências, essencialmente, positivas mas, ao mesmo tempo, demonstrando vários receios. No Caso 1 (Roberto), o receio maior parece estar relacionado com a distância física, fazendo-o ter medo de ser considerado um pai ausente. Pode-se pensar que aohaver uma tendência na sociedade de considerar muitos pais separados como ausentes (Costa & Silva, 2015; Cúnico & Arpini, 2013; Warpechowski & Mosmann, 2012) isto parece reforçar ainda mais a necessidade de autoafirmação do pai. Isto parece estar relacionado também à necessidade que ele tinha de registrar as experiências do filho com ele, através do e-mail que ele criou e passou a usar, como já citado.

Já em dois casos (Caso 2, Fernando e Caso 3, Leonardo), a necessidade de validação parece estar relacionada à um clima de competição deles com as ex-esposas, da qual, em diversos momentos, sentem-se em desvantagem. Desta forma, registrar suas experiências positivas e buscar os meus retornos, nos três casos parece vir como uma forma dos pais se defenderem perante às suas evidentes dificuldades antes e depois da separação com a paternidade e com a relação com seus filhos. Esta necessidade já havia sido evidenciada em outros estudos com pais que haviam se separado (Schneebeli & Manandro, 2014). Os autores também referiram que as próprias entrevistas serviram para que os pais pudessem refletir e modificar suas percepções sobre a paternidade e o divórcio, o que também acredita-se que ocorreu com os pais do presente estudo também possa ter alcançado.

Por fim, os relatos do presente estudo revelaram que, de forma geral, mesmo apresentando distância emocional com os filhos antes da separação conjugal, tendo separações conflituosas e dificuldades no contato com as ex-esposas após o divórcio, os pais conseguiram estabelecer uma boa

relação com os filhos após a separação, apesar de ainda apresentarem sentimento de frustração e descontentamento com alguns aspectos da paternidade.

A partir do exposto, pode-se pensar que diversos fatores dificultaram ou favoreceram a experiência dos pais no contexto da separação conjugal. Os aspectos que dificultaram envolveram, especialmente, a necessidade de reorganização psíquica dos pais, que tinham sua libido mais ligada a seus objetos internos e ao vínculo com sua família de origem (Cramer & Palasio-Espasa, 1993) do que depositados nos filhos. Assim, a revivência de seu narcisismo primário e da conflitiva edípica com seus objetos originais (Freud, 1914/2004) trouxeram sofrimento aos pais, já a partir de suas escolhas conjugais, que eram bastante conflituosas mas, especialmente, a partir do nascimento dos filhos. Desta forma, os pais tiveram dificuldades em fazer surgir um narcisismo parental a partir de seu narcisismo primário, por ainda apresentarem aspectos mal resolvidos do período em que sua identidade estava organizada no lugar de filhos (Stern, 1997).

A falta desta elaboração parece ter sido a fonte da desorganização psíquica dos pais, que tiveram um sofrimento considerável, especialmente, nos dois primeiros anos de vida dos filhos. Desse modo, apesar de terem a expectativa de vivenciarem a paternidade de forma diferente de suas figuras parentais, a paternidade nunca estava de acordo com os seus ideais, seguindo um modelo mais tradicional do que gostariam (Stern, 1997).

Estas dificuldades parecem ter se tornado mais acentuadas a partir dos conflitos conjugais, que se deram pelos transtornos emocionais apresentados pelas ex-companheiras (Caso 1, Roberto e Caso 3, Leonardo), que não permitiam que os pais exercessem, conjuntamente, a função materna (Winnicott, 1965/1985b). Mas, especialmente, em todos os casos, pelas representações negativas sobre as ex-companheiras a partir do nascimento dos filhos, quando eram transferidas as vivências com as figuras parentais para a relação conjugal (Freud, 1921/1996). Estas situações adversas podem ter influenciado na vivência dos pais com a paternidade, antes do divórcio (Klaus, Kennel & Klaus, 2000; Lebovici, 1987).

Apesar disso, o que parece ter ocorrido também é que, assim como muitos homens (Stern, 1997), os pais entrevistados no presente estudo, precisaram de mais tempo para reorganizar sua identidade a partir da chegada do bebê real, quando comparado com suas ex-companheiras, que já realizaram este processo desde a gravidez (Brazelton, 1988). Desta forma, o afastamento dos conflitos conjugais e da figura materna, com a separação, e o crescimento e as trocas afetivas com os filhos parecem ter sido facilitadores no processo de parentificação (Houzel, 2004). Assim, a busca da criança pelos pais e o reconhecimento que os pais sentiram com isso, parece ter auxiliado na criação de novas representações no psiquismo paterno, que foi ainda mais favorecido pelas novas formas de interação que foram sendo criadas ao longo do crescimento dos filhos (Zornig, 2012; Moro, 2005). Desta forma, a entrada na fase pré-escolar e na fase edípica parece ter favorecido a experiência dos pais, diferentemente, das etapas anteriores em que a mãe parecia ser a principal referência de cuidado.

Outro fator facilitador da experiência dos pais após a separação foi a procura, através das redes sociais e dos grupos de amigos de novas referências, mais atuais, que os auxiliassem. Isto parece estar respaldado na valorização social do pai que participa tanto das tarefas de cuidado quanto de provisão e que estabelece uma relação afetiva com os filhos. Desta forma, assim como outros pais encontrados na literatura (Cherer, 2014; Silva, 2003), os pais do presente estudo buscaram se diferenciar dos modelos paternos tradicionais (Stern, 1997), através destas novas referências presentes no meio social e na cultura, como uma forma de fazer se constituir seu narcisismo parental (Freud, 1914/2004). Neste sentido, a aproximação com seus genitores e a ressignificação das relações estabelecidas com eles na infância também funcionaram como facilitadores, fazendo parte de uma matriz de apoio do pai, após a separação conjugal (Stern, 1997). Além disso, a busca pelo atendimento psicológico por parte dos três entrevistados merece destaque, já que parece ter sido um grande diferencial na experiência destes pais, o que muitas vezes, não está presente na experiência de pais em condições semelhantes, fazendo a vivência da paternidade e da relação com os filhos ocorrer de forma bastante diferenciada (Szejer & Stewart, 1997; Oliveira, Gastaud & Ramires, 2018).

Apesar da boa relação estabelecida com os filhos e da criação de novas representações sobre a experiência de ser pai, é importante lembrar que os pais ainda apresentaram sentimento de frustração e descontentamento com alguns aspectos da paternidade após a separação conjugal. Os principais aspectos envolveram a dificuldade de separação entre a conjugalidade e a parentalidade. Isto parece interferir em seus sentimentos e representações sobre a ex-esposa como mãe e em suas representações sobre a paternidade, em dois dos pais entrevistados (Caso 1, Roberto e Caso 2, Fernando). Assim, o clima de competição entre os ex-cônjuges, o medo de ser representado de uma forma negativa pela criança e o sofrimento por não conseguir envolver-se no dia a dia da criança, pela distância ou pelo tempo reduzido das visitas, parece trazer dificuldades para os pais, corroborando outros estudos relatados na literatura (Schneebeli & Manandro, 2014; Souza, Smeha & Arend, 2012; Warpechowski & Mosmann, 2012). Além disso, a falta de reconhecimento social e familiar por seu engajamento, muitas vezes, não atribuindo a função materna à figura do homem, acrescido à falta de adaptação dos ambientes sociais aos pais de crianças pequenas foram outras dificuldades importantes na experiência dos pais entrevistados.

Antes de finalizar, é importante destacar algumas questões metodológicas envolvendo o presente estudo, entre elas, possíveis limitações. Primeiramente, destaca-se o fato de que a investigação da experiência da paternidade de pais separados foi realizada através de duas entrevistas, sujeitas às limitações inerentes a este instrumento, especialmente, quando o estudo tem por objetivo investigar tanto questões conscientes quanto inconscientes dos relatos dos participantes. Apesar das análises terem sido realizadas com a utilização do relato clínico, as entrevistas não ocorreram em um contexto clínico, com mais de um encontro com cada pai. Neste formato, seria possível um entendimento mais abrangente dos conteúdos destacados pelos participantes.

A abordagem utilizada permitiu investigar retrospectivamente as experiências passadas e o quanto elas foram se alterando antes e após a separação dos pais. E como não poderia deixar de ser, muitas das situações relatadas aconteceram há muitos anos e dependeram de lembranças, várias delas com conteúdos conflituosos o que acaba afetando sua recordação. Seria interessante se novos estudos conseguissem acompanhar longitudinal pais que estão iniciando o processo de separação, o que permitiria que se tivesse outros elementos para a compreensão das experiências mais próximo do momento em que aconteceram.

O fato dos participantes apresentarem um nível sócio-econômico médio ou alto, terem nível superior e terem realizado atendimento psicoterápico individual ou terem seu o filho acompanhado por psicólogo infantil, também acabaram afetando suas experiências no de separação, com todas as singularidades que estas situações impuseram. Pode-se pensar que pais com outras condições sociais ou educacionais apresentariam experiências diferenciadas com a paternidade após a separação conjugal. Em particular, o acesso à psicoterapia de dois pais do presente estudo, provavelmente contribuiu para que lidassem melhor e/ou com menos sofrimento, com todas as situações envolvendo o processo de separação e passassem por um processo de elaboração de suas experiências, podendo relata-las de forma mais positivas, do que ocorre com pais sem psicoterapia.

Cabe destacar a pronta resposta de vários pais, que atenderam ao convite para participar do estudo. Entretanto, dos dez pais que entraram em contato, quatro tiveram que ser excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão e outros três, por serem de outras localidades, não aceitando realizar as entrevistas por meio eletrônico. Desta forma, os pais escolhidos foram os que se adequaram as critérios de inclusão e que demonstraram maior interesse e motivação em participar do estudo. Apesar disso, suas respostas podem ter incorrido em elevada desejabilidade social, o que também foi salientado em outro estudo com pais separados (Silva, 2003), que ressaltou o fato de que os pais que não estivessem tendo uma boa experiência com a paternidade, dificilmente aceitariam participar de um estudo sobre este tema.

Apesar destas eventuais limitações metodológicas, o uso de estudos de caso e de uma abordagem qualitativa permitiu compreender profundamente cada um dos casos (Stake, 2006). As entrevistas individuais possibilitaram conhecer a experiência dos pais separados, reconhecendo semelhanças e particularidades entre os casos, contribuindo para o entendimento sobre o tema do estudo. A utilização da entrevista sobre a história da família, além da entrevista sobre a experiência da paternidade também permitiu que se conhecesse aspectos intergeracionais de sua experiência. Ressalta-se o fato das entrevistas serem bastante extensas e permitirem um aprofundamento de várias questões, apesar de também terem eventualmente cansado os participantes, e interferido em suas respostas. Isto poderia ser minimizado se elas tivessem sido realizadas em dois encontros.

Por fim, a utilização do relato clínico como método de análise merece destaque especial, por ter permitido que aspectos subjetivos e até inconscientes emergissem através da associação livre e da

escuta flutuante da pesquisadora. Estes aspectos são inerentes à compreensão da experiência humana e mesmo não sendo ditos diretamente pelos participantes puderam ser traduzidos e nomeados como parte da experiência paterna.

Considerações finais

O objetivo do presente estudo foi investigar a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, em particular as percepções e sentimentos de pais sobre a paternidade desde a gestação até a idade pré-escolar de seus filhos. Os resultados revelaram diversas particularidades entre os casos estudados, mas também semelhanças em suas experiências com a paternidade. Os pais do presente estudo passaram por um processo de reorganização de sua identidade (Stern, 1997) a partir da inclusão dos filhos em suas vidas, trazendo-lhes o sentimento de satisfação, mas também de sofrimento, frustração e culpa. Desta forma, os pais passaram por um complexo trabalho psíquico em que tiveram que deslocar-se do lugar de filhos e apropriar-se da identidade de pais, com toda a complexidade e dificuldades que esta tarefa exige. Este processo mostrou-se ainda mais exaustivo por se dar em meio a conflitos conjugais, que traziam ainda mais sofrimento aos pais, fazendo-os se afastarem do lar e do cuidado dos filhos, ao não conseguirem construir representações positivas sobre a experiência da paternidade como um todo.

Com a separação e o distanciamento dos conflitos conjugais, os pais puderam ter experiências particulares com os filhos, podendo construir novos sentimentos e representações sobre a paternidade a partir dos retornos das crianças, que passaram a busca-los também como seus cuidadores primários (Winnicott, 1960/1983). Apesar da boa relação experimentada pelos pais deste estudo na relação com seus filhos, especialmente na fase pré-escolar, após a separação conjugal, os pais relataram muito sofrimento pela distância física, pela sua dificuldade em se incluir e se inteirar do dia a dia da criança e, especialmente, pelas dificuldades em separar a conjugalidade da parentalidade, sem falar nos conflitos em torno das decisões relativas aos filhos e em função das frequentes comparações com as ex-companheiras. Neste sentido, cabe destacar a importância da rede de relações que deram apoio aos pais do presente estudo, podendo ser considerada sua matriz de apoio (Stern, 1997) no processo de tornar-se pai, que ainda encontrava-se em construção. Contribuiu para este processo, o apoio familiar, do grupo de amigos, das instâncias judiciais, as mídias sociais e os profissionais de saúde mental, que os pais tiveram contatos, que foram essenciais para que eles conseguissem, pelo menos em parte, lidar elaborar suas angústias em relação à paternidade e à separação conjugal, propiciando representações mais positiva sobre a relação com seus filhos.

Neste sentido, os achados do presente estudo poderão contribuir para que os profissionais que acompanham e atendem à pais vivenciado a separação conjugal com filhos pré-escolares, possam compreender os complexos e difíceis sentimentos que eles experienciam no processo de separação

conjugal envolvendo em especial filhos pequenos, e que envolvem a reorganização psíquica, relacional e social destes homens na sua experiência da paternidade. A partir das experiências compartilhadas pelos pais do presente estudo espera-se que outros pais, sintam-se compreendidos e possam estejam também abertos para compartilhar suas dificuldades e sofrimento com profissionais que possam escutá-los e acompanhá-los, o que contribuirá não só para o seu bem estar e do seus filhos, mas também para a relação pai-filho.

Através de uma escuta sensível e da compreensão de como os pais sentem e entendem a paternidade, no contexto da separação conjugal, levando-se em consideração tanto os aspectos conscientes quanto os subjetivos e inconscientes, é que será possível implementar acompanhamentos e intervenções que facilitem uma experiência mais enriquecedora da paternidade. Por fim, cabe ressaltar a importância de se disponibilizar intervenções preventivas voltadas aos pais, no contexto da separação conjugal, entre elas psicoterapia, que como evidenciado em dois casos do presente estudo, ajudou os pais na expressão de seus sentimentos sobre a paternidade e o relacionamento com os filhos. Além disso, acompanhamentos e intervenções em espaços em que os pais separados circulam, como o ambiente escolar dos filhos ou através de recursos tecnológicos, como foi utilizado pelos pais do presente estudo, podem ser importantes para que os pais possam compartilhar suas experiências uns com os outros, reduzindo o seu sofrimento psíquico, ajudando na constituição da paternidade e na relação pai-criança .

REFERÊNCIAS

- Abelleira, H (2006). Divórcio y violência em los vínculos familiares. *Subjetividad y Procesos Cognitivo*, 9, 16-33.
- Aberastury, A & Salas, E. (1984). *A paternidade: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ahrons, C. & Tanner, J.L. (2003). Adult children and their fathers: Relationship changes 20 years after parental divorce. *Family Relations*, 52, 340-351.

- Amato, P.R., Meyers, C.E. & Emery, R.E. (2009). Changes in nonresident father contact between 1976 and 2002. *Family Relations*, 58, 41-53.
- Alves, A.P., Arpini, D.M. & Cúnico, S.D. (2014). O exercício dos papéis parentais na guarda compartilhada. *Psicologia e Argumento*, 32(79), 61-70.
- Arpini, D.M., Pilecco, M.B., Cúnico, S.D., Alves, A.P. & Smaniotto, A.C. (2015). Paternidade em questão: o ponto de vista de acadêmicos de direito. In: Goetz, E.R. & Vieira, M.L. (Org.) *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp.125-138). Curitiba: Juruá.
- Biggart, L. & O'Brien, M. (2010). UK Father's long work hours: career stage of fatherhood? *Fathering*, 8(3), 271-275.
- Blestcher, F. (2016). El psicoanálisis interpelado por las sexualidades disidentes: pontualizaciones para uns clínica antipatriarcal y posheteronormativa. *Sig: Revista de Psicanálise*, 5(9), 105-117.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000100006>
- Bradley, E. Hofferth & Lamb, 2000
- Bradley, E., Mackenzie, M & Boath, E (2004). The experience of first-time fathers: a brief report. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 22(1), 45-47.
- Brazelton, T.B (1988). *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton. T.B. & Cramer, B.G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brito, L.M.T., Cardoso, A.R. & Oliveira, J.D.G. (2010). Debates entre pais e mães divorciados. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(4), 810-823.
- Brito, L.M.T (2008). Alianças desfeitas, ninhos refeitos: mudanças na família pós-divórcio. In: Brito, L.M.T. (Org.) *Famílias e separações: perspectivas da psicologia jurídica* (pp. 17-48). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Brotherson, S.E., Dollahite, D.C. & Hawkins, A.J. (2005). Generative fathering and the dynamics of conections between fathers and their children. *Fathering*, 3(1), 1-28.
- Bueno, R.K. & Vieira, M.L. (2014). Análise de estudos brasileiros sobre o pai e o desenvolvimento infantil. *Psicologia Argumento*, 32(76), 151-159.
- Bueno, R.K., Gomes, L.B. & Crepaldi, M.A. (2015). A importância do pai no desenvolvimento da criança. In: Goetz, E.R. & Vieira, M.L. (Org.) *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp. 95-108). Curitiba: Juruá.
- Bustamante, V. (2005). Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: Um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 393-402.

- Bydlowski, B. (2001). O olhar interior da mãe grávida: transparência psíquica e representação do objeto interno. In: *Novos olhares sobre a gestação e a criança até os 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: L.G.E, p. 205-214.
- Cabrera, N.J., Tamis-LeMonda, C.S., Bradley, R.H., Hofferth, S. & Lamb, M.E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Castro, I.P. (1998). A relação dos filhos menores com os pais após a ruptura da tradicional convivência familiar: uma ótica sociojurídica. In: Silveira, P. (Org.). *Exercício da paternidade* (p. 217-223). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ceccarelli, P.R. (2007). Novas configurações familiares: mitos e verdades. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 89-102.
- Cherer, E.Q (2014). *Tornar-se pai: a experiência subjetiva da paternidade no sexto mês e ao final do segundo ano de vida do bebê*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Cherer, E. Q., Ferrari, A. G., & Piccinini, C.A. (2016). A amamentação e o desmame no processo de tornar-se pai. *Estilos da Clínica*, 20(1), 1-18. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p12-29>
- Conselho Nacional de Justiça (2015). *Pai presente e certidões* (2ª. Edição). Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/destaques//arquivo/2015/04/b550153d316d6948b61dfbf7c07f13ea.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde (2012). *Resolução N° 510 de 07 de abril de 2016*. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Costa, L.A.F. & Silva, E.N.P (2015). Compreendendo a conjugalidade no mundo contemporâneo. In: Bastos, A.C., Moreira, L.V.C., Petrini, G. & Alcântara, M.A.R. *Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade* (p. 419-442), Curitiba: Juruá.
- Coutinho, H.R.B. & Morsch, D.S. (2006). A paternidade em cuidados intensivos neonatais. *Revista SBPH*, 9(1), 55-69.
- Cramer, B.G. & Palasio-Espasa, F. (1993). *Técnica psicoterápicas mãe-bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cúnico, S.D. & Arpini, D.M. (2013). O afastamento paterno após o fim do relacionamento amoroso: um estudo qualitativo. *Interações Psicologia*, 17(1), 99-108.
- Dallos, R. & Nokes, L. (2011). Distress, loss, and adjustment following the birth of a baby: a qualitative exploration of one new father's experiences. *Journal of Constructivist Psychology*, 24, 144-167.
- Dantas, C., Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia*, 14(29), 347-357.

- Decker, D.V. & Alvarenga, L.F.C (2018). A visão psicanalítica de Freud no romance “Gabriela, cravo e canela”. *Revista de experiências anômalas*, 1(2), 233-243.
- Dessen, M.A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 201-219.
- Dupuis, J. (1989). *Em nome do pai: uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eggbeen, D. J. & Knoester, C. (2001). Does fatherhood matter for men? *Journal of Marriage and Family*, 63(2), 381-393.
- Epstein, R. (2011). El relato y la realidad. In: M. Vorchheimer (Coord.) *XXXIII Simposio Annual: Relatos de la clinica*. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires.
- Esteves, M.M.B.S.S (2012). Transtorno mental na gravidez (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto.
- Fägerskiöld, A. (2008). A change in life as experienced by first-time fathers: a brief report. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 22(1), 45-47.
- Falceto, O.G., Fernandes, C.L., Baratojo, C. & Giuliani, E.R.J. (2008) Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. *Revista de Saúde Pública*, 42(6), 1034-1040.
- Ferrari, A.G., Piccinini, C.A. & Lopes, R.C.S. (2007). O bebê imaginado na gestação: aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 305-313.
- Ferrari, A.G., Piccinini, C.A. & Lopes, R.C.S (2013). Atualização do Complexo de Édipo na relação com o bebê: evidências a partir de um estudo de caso. *Estudos de Psicologia*, 30(2), 239-24
- Ferrari, H. (2011). Qué nos enseña Freud acerca del relato clínico psicoanalítico. In M. Vorchheimer (Coord.), *XXXIII Simposio Anual: relatos de la clínica*. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires.
- Flood, M.G. (2012). Separated father and the ‘Fathers Rights’ movement. *Journal of Family Studies*, 18(2-3), 231-241.
- Flores, G. & Kruehl, C.S. (2013). A experiência da paternidade em famílias monoparentais masculinas. *Disciplinarum Scientia*, 14(2), 211-228.
- Fraiberg, S., Adelson, E. & Shapiro, V. (1994). Fantasmas no quarto do bebê: uma abordagem psicanalítica dos problemas que entram a relação mãe-bebê. *Revista CEAPIA*, 7, 12-34.
- Freitas, W.M.F., Silva, A.T.M.C, Coelho, E.A.C, Guedes, R.N., Lucena, K,D,T, & Costa, A.P.T. (2009). *Revista Saúde Pública*, 43(1), 85-90.
- Freud, S. (1996). *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e históricas*. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol I. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1893).
- Freud, S. (1910). *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I)*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1996).

- Freud, S. (1996). *Psicologia das massas e análise do ego*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 18, 89-179), Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 89-179 (Original Publicado em 1921).
- Freud, S. (1996) *Sexualidade feminina*. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1931)
- Freud, S. (2004). *Fragmentos da análise de um caso de histeria*. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1901).
- Freud, S. (2004). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (2004a). *À guisa da introdução ao narcisismo*. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (2004b). *Recordar, repetir e elaborar*. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (2004). *Além do princípio de prazer*. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, Vol. XVIII (Original publicado em 1920).
- Freud, S (2004). *O ego e o id*. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (2004). *Inibições, sintomas e angústia*. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1926).
- Genesoni, L. & Tallandini, M. (2009). Men's Psychological Transition to Fatherhood: Na Analysis of the Literature, 1989-2008. *Birth: Issues in Perinatal Care*, 36(4), 305-318.
- Gomel, S. & Matus, S. (2011). *Conjecturas psicopatológicas: clínica psicoanalítica de família y pareja*. Buenos Aires: Psicolibro Ediciones.
- Greenberg, M., & Morris, N. (1974). Engrossment: the newborn's impact upon the father. *American Journal Orthopsychiatric*, 44(4), 520-531. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1939-0025.1974.tb00906.x>
- Grzybowski, L.S. (2007) *Parentalidade em tempos de mudanças: desvelando o envolvimento parental após o fim do casamento*. (Tese de Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Guzzo, K. (2011). New fathers' experiences with their own fathers and attitudes toward fathering. *Fathering*, 9(3), 268-290.
- Halle, C., Dowd, T., Fowler, C., Rissel, K., Hennessy, K., MacNevin, R., & Nelson, M. A. (2008). Supporting fathers in the transition to parenthood. *Contemporary Nurse*, 31(1), 57-70.

- Henn, C.G. (2011) A experiência e a prática da paternidade na adolescência: estudo longitudinal da gestação ao primeiro ano de vida do bebê (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In: L, Solis-Ponton (Org.). *Ser pai, ser mãe, parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio* (pp.47-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Iaconelli, V. (2007). Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 10(4), 614-623.
- Jardim, A.M.S. & Costa, NR.A. (2009). O reflexo da nova paternidade em um posto de saúde. *Investigação*, 9(1), 7-16.
- Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a Psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Klaus, M.H., Kennell, J.H. & Klaus, P.H. (2000). *Vínculo: Construindo as bases para um apego seguro e para a independência* (M.R. Hofmeister, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Krob, A., Piccinini, C.A. & Silva, M.R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.
- Lamb, M.E. (2010). *The role of the father in child development*. 5a. Edição. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Lamela, D., Castro, M. & Figueiredo, B. (2010). Pais por inteiro: avaliação preliminar da eficácia de uma intervenção em grupo para pais divorciados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 334-344.
- Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Martini, T. A. D; Piccinini, C. A. ; Gonçalves, T.S.R. (2010). Indicadores de síndrome de couvade em pais primíparos durante a gestação. *Aletheia*, 31, 121-136.
- MacAdam, R., Huuva, E., & Berterö, C. (2011). Fathers' experiences after having a child: Sexuality becomes tailored according to circumstances. *Midwifery*, 27(5), 149–155. doi: <https://doi.org/10.1016/j.midw.2009.12.007>
- Medeiros, F.G. (2012). Paternidade no contexto da prematuridade: da internação do bebê ao 3º. Mês após a alta hospitalar. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Meggiolaro, S. & Ongaro, F. (2014). *Non-resident parent-child contact after marital dissolution and parental repartnering. Evidence from Italy*. Paper presented at the European Population Conference. Budapeste.
- Mordcovich, N. (2011). Una contribución a la idea de “relato”. In M. Vorchheimer (Coord.), *XXXIII Simposio Anual: relatos de la clínica*. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires.
- Moreno, J (2014). *La infancia y sus bordes*. 1ª.ed. Buenos Aires: Paidós.
- Moro, M.R. (2005). Os ingredientes da parentalidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8(2), 558-573.

- Moura, A., & Nikos, I. (2001). Estudo de caso, construção de caso e ensaio metapsicológico: da clínica psicanalítica à pesquisa psicanalítica. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, 13, (140/141), 69-76. Disponível em: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/140_141_08.pdf
- Núcleo de Infância e Família/Universidade Federal do Rio Grande do Sul - NUDIF/CRESCI (2011). *Entrevista sobre a paternidade*. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Unpublished instrument.
- Núcleo de Infância e Família/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – NUDIF (2011). *Ficha de Dados Demográficos*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Oliveira, A.G. & Farias, C.P. (2015). A transmissão psíquica e a construção da paternidade. In: Goetz, E.R. & Vieira, M.L. (Org.) *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp.139-148). Curitiba: Juruá.
- Oliveira, A.G. & Silva, R.R. (2011). Pai contemporâneo: diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. *Psicologia Argumento*, 29(66), 353-360.
- Oliveira, L. R. F., Gastaud, M., & Ramires, V. R. R. (2016). Participação dos pais na psicoterapia psicanalítica de crianças. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 18(2), 201-222. Recuperado de http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=203
- Padilha, C.C. (2008). Quando o pai vira réu por alegação de abandono afetivo. In: L.M.T. Brito (Org.) *Famílias e separações: perspectivas da psicologia jurídica* (pp. 187-217). Rio de Janeiro: UERJ.
- Palkovitz, R. & Palm, G. (2009). Transitions within Fathering. *Fathering: A Journal of Theory, Research, Practice about man as fathers*, 7(1), 3-22.
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219.
- Parseval, G. D. (1986). *A parte do pai*. (T. C. Stummer, Trad.). Porto Alegre: L&PM.
- Parke, R.D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge: Harvard University Press.
- Pereira, C.R.R., Prola, C.A. & Silva, S.L. (2015). O pai se separa da mãe, e dos filhos? A relação pai-filho(s) após a separação conjugal. In: Goetz, E.R. & Vieira, M.L. (Org.) *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp. 149-171). Curitiba: Juruá.
- Piccinini, C. A., Levandowski, D. C.; Gomes, A. G.; Lindenmeyer, D., & Lopes, R. S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(3), 373–382. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000300010>
- Piva, A. (2001). Os vínculos nas novas estruturas familiares. In: Graña, R.B. & Piva, A.B. *A atualidade da Psicanálise de crianças: Perspectivas para um novo século*. (pp. 265-270). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ponciano, E.L.T. & Féres-Carneiro, T (2017) Conjugalidade, parentalidade e separação conjugal: repercussões no relacionamento pais e filhos (as). *Psicologia em Estudo*, 22(2), 277-287.

- Premberg, A.; Hellström, A.L. & Berg, M (2008). Experiences of the first year as father. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22(1), 56-63.
- Pujet, J & Berenstein, I (1993). *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ramires, V.R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Porto Alegre: Record.
- Rosa, D.C. (2009) O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza Humana*, 11(2), 55-96.
- Roudinesco, E (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Scaglia, A.P., Gomes, F.K.T.M. & Barbieri, V. (2018). Paternidade em diferentes configurações familiares e o desenvolvimento emocional da filha. *Psico-USF*, 23(2), 267-278.
- Schneebeli, F.C.F & Menandro, M.C.S. (2014). Com quem as crianças ficarão? Representações sociais da guarda dos filhos após a separação conjugal. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 175-184.
- Silva, D.M.P. (2011). *Mediação e guarda compartilhada*. Curitiba: Juruá.
- Silva, M.R. (2003). Sentimentos sobre a paternidade e envolvimento paterno de pais que residem e pais que não residem com seus filhos (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Silva, M.R. (2007). Paternidade e depressão pós-parto materna no contexto de uma psicoterapia breve pais-bebê (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Silva, M.R. & Piccinini, C.A. (2002). Entrevista sobre a paternidade e o envolvimento paterno. Porto Alegre: Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Unpublished instrument.
- Silva, M.R. & Piccinini, C.A. (2004). O envolvimento paterno em pais não-residentes: algumas questões teóricas. *Psico*, 35(2), 185-194.
- Silva, M.R. & Piccinini, C.A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Shirani, F. & Henwood, K. (2011). Continuity and change in a qualitative longitudinal study of fatherhood: relevance without responsibility. *International Journal of Social Research Methodology*, 14(1), 17-29.
- Solis-Ponton, L. (2004). A construção da parentalidade. In: Solis-Ponton, L. (Org.) *Ser pai, ser mãe, parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio* (pp. 29-40). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Soares, N.F.G. (2014). *George Bernard Shaw: Tradução de Getting Married e breve análise biobibliográfica*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto.
- Soifer, R. (1980). *Psicologia da gravidez, parto e puerpério*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Souza, K.S.M, Smeha, L.N. & Arend, J.C. (2012). A relação entre pai e filho(s) após a separação conjugal. *Barbarói*, 37, 7-29.
- Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis Case studies*. London: The Guilford Press.
- Stern, D (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Szejer, M. (2002) Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento. In: Corrêa Filho, L; Corrêa, M. & França, P. (Orgs.) *Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: Saúde Perinatal, Educação e Desenvolvimento do Bebê* (pp.188-204). Brasília: L.G.E. Editora
- Szejer, M. & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vieira, M.L., Bossardi, C.N., Gomes, L.B., Bolze, S.D.A., Crepaldi, M.A. & Piccinini, C.A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.
- Wallerstein, J.S. & Kelly, J.B. (1998). *Sobrevivendo à separação: como pais e filhos lidam com o divórcio*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Warpechowski, A. & Mosmann, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*, 20(1), 247-260.
- Weissmann, L (2008). *Família monoparentais: um olhar psicanalítico* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- William, K. & Dunne-Bryant, A. (2006). Divorce and adult psychological well-being: Clarifying the role of gender and child age. *Journal of Marriage and Family*, 68, 1178-1196.
- Winnicott, D.W (1946b). Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil In: Winnicott, D.W. *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan (Trabalho original publicado em 1982).
- Winnicott, D.W. (1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: D.W., Winnicott. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).
- Winnicott, D. W. (1983). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. Em D. W. Winnicott (Org.), *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (1985a) E o pai? In D.W. Winnicott. *A criança e o seu mundo* (pp.127-133).6ª.ed. Porto Alegre: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Winnicott, D.W. (1985b). O que entendemos por uma criança normal? In: D.W. Winnicott. *A criança e o seu mundo* (pp. 140-147), 6ª. ed, Porto Alegre: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Winnicott, D. W. (2012). Teoria da relacionamento paterno-infantil. In: D.W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação* (pp.38-54). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (2012). Distorções do ego em termos de verdadeiro e falso *self*. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1958).

- Winnicott, D. W. (2012). A capacidade para estar-só. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 31-37. (Trabalho original publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (1988). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago
- Winnicott, D. W. (1993a). O que irrita? In: D.W. Winnicott. *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (1993b). Dizer “não”. In D. Winnicott. *Conversando com os pais* (2.^a ed., pp. 27-48). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (2001). O relacionamento inicial da mãe com o filho. In *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 21-28). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965)
- Winnicott, D.W. (2012a) O recém-nascido e a sua mãe. In: Winnicott, D.W. *Os bebês e suas mães* (pp.29-42). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1964).
- Winnicott, D. W. (2012b). A mãe dedicada comum. In: *Os bebês e suas mães* (pp. 1-11). 4.ed. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1964).
- Zanetti, S. A. S., & Kupfer, M. C. M. (2006). O relato de casos clínicos em psicanálise: um estudo comparativo. *Estilos da Clínica*, 11(21), 170-185. Doi: 10.11606/issn.1981-1624.v11i21p170-185.
- Zicavo, N.M. & Fuentealba, A.V (2012). Resignificando la paternidade, crianza y masculinidad em padres post divorcio. *Revista IIPSI*, 15(2), 115-127.
- Zornig, S.A.J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470.
- Zornig, S.A.J. (2012). Construção da parentalidade: Da infância dos pais ao nascimento do filho. In: Piccinini, C.A. & Alvarenga, P. *Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.17-34.

ANEXO A

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos de coleta de dados do presente projeto de pesquisa que busca investigar a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, em particular as percepções e sentimentos sobre o vínculo pai-filho. Serão realizadas entrevistas individuais com o pesquisador. Os dados obtidos serão utilizados somente para fins de pesquisa, conforme o objetivo apresentado. O local das entrevistas, número de encontros e sua duração serão combinados entre o pesquisador e os participantes. A coleta de dados será organizada sem custo aos participantes.

Acredita-se que as entrevistas permitirão aos participantes refletirem acerca de suas percepções e sentimentos relacionados à paternidade no contexto da separação conjugal e que isso poderá trazer algum benefício para eles. No entanto, visto que serão abordadas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, os participantes poderão ser encaminhados para a Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a esta pesquisa, assim como poderei obter tais esclarecimentos com a equipe de pesquisa. O presente projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia, rua Ramiro Barcelos 2600, pelo telefone (51) 3308-5698. Minha participação é voluntária e terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo a mim. Todos os dados coletados serão arquivados na sala 111 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade. Tenho ciência de que uma via deste documento será fornecida a mim.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são o Prof. Cesar Augusto Piccinini e a mestrande Carolina Milner Druck, que poderão ser contatados pelo Tel: (51) 3316-5058 ou através do e-mail carolina_druck@hotmail.com. Endereço para contato: Rua Ramiro Barcelos, 2600/sala 111 – Bairro Santa Cecília – Porto Alegre.

Eu, _____, concordo em participar deste estudo.

Data: ____ / ____ / _____

Assinatura do pesquisador

Assinatura do participante

ANEXO B

FICHA DE DADOS DEMOGRÁFICOS (CRESCI/ NUDIF, 2011)

Eu gostaria de algumas informações sobre você:

-Nome:.....

-Data de Nascimento:

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):
- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não
- Estado Civil: () casado () separado () solteiro () viúvo () com companheira
- Local de nascimento?
- Onde viveu a maior parte da vida: () capital () cidade do interior () Zona rural (vila, sítio) Município:.....
- Trabalha fora? () sim () não () desempregado
- O que faz (ia)?..... Horas/dia: Dias/semana:
- Não trabalha há meses
- Viveu por quanto tempo com o seu filho e a mãe dele?
- Há quanto tempo não vivem mais juntos?

Filho

- Nome:
- Data de Nascimento:
- Idade:.....
- Sexo:.....
- Endereço para contato:.....
- Cidade:..... CEP:..... Telefone:.....

ANEXO C

Entrevista sobre a paternidade no contexto da separação conjugal
(Druck & Piccinini, 2017, adaptada de Silva & Piccinini, 2002 e CRESCI/NUDIF, 2011)

- I. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com o teu filho/a:
(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...
1. Como tu descreverias o jeito do/a (*nome*) hoje? Como é lidar com ele/a?
 2. Era como tu imaginavas? (*se não era*) O que está diferente?
 3. Tu sentes que consegue entender o que o/a (*nome*) expressa?
 4. Pensando agora nas tarefas que tu tens assumido com relação a/ao (*nome*) :

a) *Que coisas tu mais gostas de fazer com ele/a? Por quê?*

b) *Que coisas tu menos gostas de fazer com ele/a? Por quê?*

5. O que tu achas que mais agrada ao (*nome*) quando ele/a está contigo? Por quê?
6. E o que mais desagrada o/a (*nome*) quando ele/a está contigo? Por quê?
7. Como tu lidas com a tua rotina pessoal e a rotina como pai?
8. O quê tu acha que o/a (*nome*) mudou na tua vida?

II. Eu gostaria que tu me falasses dos teus encontros com o/a (*nome*)

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Com que frequência tu te encontras com o/a (*nome*)?
2. Vocês tem um esquema de visitas? Como são esses encontros?
3. O(a) (*nome*) costuma ir na tua casa?
(Se sim) Como tu sentes quando ele(a) vai na tua casa?
(Se não) Tu gostarias que ele(a) fosse na tua casa? Como tu te sentes de ele não ir?
4. Por quanto tempo vocês costumam ficar juntos? O que tu achas deste tempo?
5. E como ficam os encontros nas datas importantes, como aniversários, Natal...?

III. Eu gostaria que tu me falasses se tu ajudas financeiramente o(a) (*nome*)

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Tu pagas pensão? Como tu te sentes com isto?
2. Tu dás mais alguma ajuda financeira para o(a) (*nome*)?
3. Esta ajuda é determinação da justiça ou é por livre vontade tua?
4. A (*nome da ex-companheira*) do(a) (*nome*) tem feito alguma reclamação sobre a tua contribuição financeira?

IV. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu relacionamento com o(a) (*nome*).

(Caso não tenha mencionado) Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. O que tu achas do relacionamento de vocês dois?
2. Tem alguma coisa que tu gostarias que fosse diferente?
3. Tu te consideras um pai próximo do (*nome*)? Por quê?
4. Como tu te sentes não morando com o(a) (*nome*)?
5. O que tu consideras mais negativo nesta situação?
6. Tu mencionarias algo positivo?
7. Alguma coisa mudou no teu relacionamento com o/a (*nome*) após a separação?
(Se sim) O quê mudou? Como tu te sentes com isso?
8. Daqui para frente, o que tu esperas do teu relacionamento com o(a) (*nome*)?
9. Qual tu achas que é a tua função com o teu filho?

V. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre os momentos de separação do/a (*nome*).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

1. Como tu te sentes quando não estás com o(a) (*nome*)?
2. E como ele(a) se sente?
3. Como são os momentos em que vocês se reencontram?
4. Como ele(a) reage? Como tu te sentes?

V. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como tu estás te sentindo como pai neste momento?
2. Tu te imaginavas sendo pai? Imaginavas que seria assim?
3. Tu estás tendo alguma dificuldade? *(Se sim)* Qual?
4. O quê mais te agrada em ser pai?

5. Como tu te vê ou te descreves como pai nesse momento?
6. Tu pensas em alguém como modelo de pai? Quem seria?
7. Como ele é/era como pai?
8. Tu evitas algum modelo de pai que tu já conheceste?
9. E o teu pai, como ele era contigo? O que tu lembras?
10. O teu jeito de cuidar e se relacionar com o teu filho/a é parecido ou diferente do dele?
11. E a tua mãe, como ela era contigo? O que tu lembras?
12. O teu jeito de cuidar e se relacionar com o teu filho/a é parecido ou diferente do dela?
13. Como tu achas que as pessoas te veem como pai?

VI. Tu achas que a experiência da separação conjugal afetou a forma como tu tens vivenciado a tua paternidade?

(*Se sim*) Em que aspectos tu achas que afetou?

1. Que aspectos negativos para a paternidade, você poderia destacar? Como tu te sentes com isto?
2. E teria algum aspecto positivo para a paternidade que você poderia destacar? Como tu te sentes com isto?

XII. Tu gostarias de fazer mais algum comentário a respeito dos assuntos que a gente conversou?

ANEXO D

Entrevista sobre a história da família no contexto da separação conjugal
(Druck & Piccinini, 2017b, adaptado de Lopes, Silva, Dornelles & Piccinini, 2007)

I. Eu gostaria que tu me contasses um pouco da história do teu relacionamento com a (*nome da ex-companheira*)

(*Caso não tenha mencionado*): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como vocês se conheceram?
2. Como foi o namoro de vocês? Vocês casaram?
3. Vocês moraram juntos por quanto tempo? Como tu descreverias o relacionamento de vocês neste período?
4. Como a tua família e a dela viam o relacionamento de vocês dois?
5. Quanto tempo durou o relacionamento de vocês até a separação?
6. Como tu te sentias enquanto estavas neste relacionamento?

II. E como foi para você ter filho com a (*nome da ex-companheira*)?

(*Caso não tenha mencionado*): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Tu já pensavas em ter filho com a (*nome da ex-companheira*)?
2. Quantos filhos vocês tiveram?
(*Se tiveram mais de um filho focar no filho de até 6 anos*)
3. A gravidez foi planejada?
4. Como foi a gestação? Como foi a tua participação durante a gestação?
Como tu te sentias neste período?
5. Como foi o parto? Tu assististe o parto? Como tu te sentiu quando o/a (*nome*) nasceu?
6. Como foi tua participação durante o primeiro ano de vida do (*nome*)?
7. Como foi tua participação depois do primeiro ano de vida do (*nome*)?
8. Como tu imaginavas que seria ser pai?

III. Eu gostaria que você me falasse sobre o relacionamento com a (*nome da ex-companheira*) após a chegada do/a (*nome*).

(*Caso não tenha mencionado*): Poderia falar sobre:

1. Houve alguma mudança no relacionamento de vocês após a chegada do/a (*nome*)?
(*se sim*) Quais mudanças?
2. Como você se sentiu em relação a isso?
3. Como a (*nome da ex-companheira*) se sentiu com estas mudanças?

IV. Eu gostaria que tu me contasses como se deu a separação de vocês.

(*Caso não tenha mencionado*): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Vocês recorreram à justiça?
2. Como tu te sentiste com a separação? E como tu estás te sentindo hoje em dia?
3. Como tu achas que a tua ex-esposa se sentiu com a separação?
4. Como foi a reação do(a) (*nome*) quando vocês se separaram? Como se sentiu?
5. E como tu achas que ele(a) se sente com isso hoje?
6. Ele tem dito alguma coisa sobre o fato de vocês morarem cada um em uma casa?
7. Como tu achas que o(a) (*nome*) se sente não morando contigo?
8. Ele/a já comentou algo sobre isto alguma vez?

V. Eu gostaria que tu me contasses sobre o teu relacionamento com a (*nome da ex-companheira*) após a separação.

1. Como tem sido o relacionamento de vocês?
2. Como vocês se comunicam? Com que frequência?
3. Como vocês tomam as decisões em relação ao/a (*nome*)?

4. Tem havido dificuldades?

(Se sim)

5. Quais dificuldades? Como tu te sentes com isso?

6. Tu achas que estas dificuldades interferem na tua relação com o/a *(nome)*?

VI. Atualmente, tu estás casado ou vivendo com outra pessoa?

(Se sim): Eu gostaria que tu me falasses da relação do(a) *(nome)* com a tua companheira.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como é a relação do(a) *(nome)* com a tua esposa/companheira?

2. Tu achas que a tua relação com ele(a) mudou depois do teu envolvimento com ela?

(Se sim) O que mudou? Como te sentes com isso?

3. O quê o/a *(nome)* pensa da tua companheira? Como tu te sentes com tudo isto?

4. A tua companheira costuma cuidar do(a) *(nome)*. Como ele fica quando ela cuida dele/a?

Como tu te sentes?

5. A tua companheira tem filhos? Como tu descreverias a tua relação com teu filho e com teu enteado?

VII. E a *(nome da ex-companheira)* está casada ou vivendo com outra pessoa?

(Se sim)

1. Como ficou a tua relação com a *(nome ex-companheira)* desde que ela está nesta nova relação?

2. Como é a relação do/a *(nome)* com o esposo/companheiro dela?

3. Ele/a costuma cuidar do/a *(nome)*. Como ele fica quando ele cuida dele/a? Como tu te sentes?

4. Tu tens alguma preocupação com o fato dele estar se envolvendo nos cuidados do/a *(nome)*?

(Se sim) Quais as tuas preocupações?

VIII. Tu gostarias de fazer mais algum comentário a respeito dos assuntos que a gente conversou?

UFRGS - INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experiência da paternidade no contexto da separação conjugal: percepções e sentimentos sobre o vínculo pai-filho

Pesquisador: CESAR AUGUSTO PICCININI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81667618.0.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.468.134

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa qualitativa que busca analisar a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal. Participarão deste estudo cinco pais, com idades entre 25 e 45 anos, que tenham um filho com idade entre três e cinco anos e que estejam há um ano separados das mães de seus filhos. Antes da separação, os filhos deverão ter residido com seus pais. A separação do casal não deve ter ocorrido sob litígio judicial. Será utilizado um delineamento de estudo de caso múltiplo.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo deste estudo é investigar, através de uma abordagem qualitativa, a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, em particular as percepções e sentimentos sobre o vínculo pai-filho.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os pesquisadores referem que a pesquisa apresenta risco mínimo e, em caso de algum desconforto, os participantes serão encaminhados a um serviço de atendimento psicológico. Benefícios:

Os pesquisadores consideram que as entrevistas beneficiarão os participantes ao possibilitar a reflexão sobre percepções e sentimentos relacionados à sua paternidade.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

UFRGS - INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 2.468.134

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os participantes responderão a uma entrevista sobre a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, cujas respostas serão analisadas através de análise temática qualitativa. Participarão desse estudo cinco pais, buscando, assim realizar a compreensão de cada caso, em profundidade, sem o objetivo de alcançar a saturação dos dados. Será utilizado um delineamento de estudo de caso múltiplo (Stake, 2006), com o objetivo de investigar a experiência da paternidade no contexto da separação conjugal, em particular as percepções e sentimentos sobre o vínculo pai-filho. As entrevistas serão realizadas preferencialmente em uma sala do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ou em outro local escolhido pelos pais, sendo gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Além da entrevista, será utilizada uma Ficha de dados Demográficos (CRESCI/NUDIF, 2011). A seleção dos participantes será feita através de contatos pessoais dos pesquisadores e por intermédio de psicoterapeutas infantis particulares ou clínicas-escola e escolas de Educação Infantil que atendam crianças com pais separados. Os pais indicados pelos profissionais serão informados sobre o estudo e convidados a participar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE encontra-se redigido em linguagem adequada, contendo as informações referentes aos objetivos e aos procedimentos metodológicos da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de projeto bem qualificado em todos os níveis, atendendo aos requisitos éticos conforme a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1033369.pdf	02/01/2018 21:28:42		Aceito
Outros	compesq.pdf	02/01/2018 21:27:09	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	02/01/2018 21:09:42	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	tcle.pdf	02/01/2018 21:08:04	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

UFRGS - INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 2.468.134

Ausência	tcle.pdf	02/01/2018 21:08:04	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	02/01/2018 20:49:33	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	02/01/2018 20:49:15	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	02/01/2018 20:47:18	CESAR AUGUSTO PICCININI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 17 de Janeiro de 2018

Assinado por:
Clarissa Marcell Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br